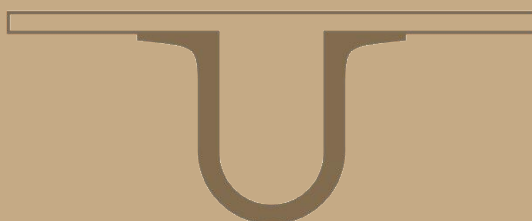




UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Vera Margarida Coimbra de Matos

O MUSEU DO CARAMULO

CONSTITUIÇÃO DO NÚCLEO ORIGINAL DA COLEÇÃO

Dissertação de Mestrado em Património Cultural e Museologia, ramo Museologia,
orientada pela Professora Doutora Irene Vaquinhas, apresentada ao Departamento de
História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra

Setembro de 2019

FACULDADE DE LETRAS

O MUSEU DO CARAMULO CONSTITUIÇÃO DO NÚCLEO ORIGINAL DA COLEÇÃO

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	O Museu do Caramulo
Subtítulo	Constituição do Núcleo Original da Coleção
Autor/a	Vera Margarida Coimbra de Matos
Orientador/a(s)	Doutora Irene Maria de Montezuma de Carvalho Mendes Vaquinhas
Júri	Presidente: Doutor João Paulo Cabral de Almeida Avelãs Nunes Vogais: 1. Doutor Fernando António Baptista Pereira 2. Doutora Irene Maria de Montezuma de Carvalho Mendes Vaquinhas
Identificação do Curso	2º Ciclo em Património Cultural e Museologia
Área científica	Museologia
Especialidade/Ramo	Museologia
Data da defesa	09-10-2019
Classificação	19 Valores



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



RESUMO

O Museu do Caramulo. Constituição do Núcleo Original da Coleção

Abel de Lacerda fundou o Museu do Caramulo em 1953, na Estância Sanatorial do Caramulo, um empreendimento médico especializado no tratamento da tuberculose pulmonar, criado por iniciativa do pai, Jerónimo de Lacerda. Não possuindo uma coleção pessoal ampla que lhe servisse de base, decidiu constituir o espólio museológico através da recolha de doações de obras de arte junto de colecionadores privados, de empresas e de artistas. Criou, assim, uma instituição ímpar, não só pelo processo de constituição da coleção, na base de múltiplas doações, e pelo local de instalação, distante dos centros urbanos, mas também por ser o único museu em Portugal que reuniu expoentes nacionais e estrangeiros da arte moderna e contemporânea com obras de arte antiga, artes decorativas e objetos arqueológicos.

Nesta investigação demonstramos como a sensibilidade artística de Lacerda, a sua preocupação com a salvaguarda do património e a relação de amizade e/ou profissional que criou com colecionadores, antiquários, artistas, intelectuais, críticos de arte e as altas esferas políticas e financeiras contribuíram para a criação do núcleo genésico da coleção, constituído entre 1953, ano da fundação do Museu, e 1959, ano da inauguração do edifício-sede. Neste contexto, analisamos a quantidade, a tipologia e a abrangência cronológica e geográfica das obras de arte doadas, os critérios de seleção aplicados na aceitação de doações, o carácter do Museu, as ideias de Abel de Lacerda sobre o colecionismo e o património, como idealizou o projeto museológico e como atuou para alcançar os objetivos traçados. Com efeito, ao instalar o Museu num espaço de tratamento da tuberculose, visou não só salvaguardar o património artístico nacional, por cuja proteção legal se bateu enquanto deputado na Assembleia Nacional, mas também converter a Estância Sanatorial do Caramulo, da qual era diretor administrativo, num centro produtor de arte e num destino turístico, garantindo a sua sobrevivência na Era pós-sanatorial.

Palavras-chave:

Museu do Caramulo, Abel de Lacerda, colecionismo privado, Estância Sanatorial do Caramulo, museus privados.

ABSTRACT

Museum of Caramulo. The Formation of the Collection's Original Nucleus

Abel de Lacerda founded the Museum of Caramulo in 1953, in the Caramulo's Sanatorium Complex, a medical establishment specialized in the treatment of the pulmonary tuberculosis, created by his father, Jerónimo de Lacerda. Since he didn't own a large private collection that would allow him to create the Museum on his own, he gathered several collectors, artists and enterprises to whom he asked to donate a piece of art. By doing so, he managed to create an unique cultural institution not only by gathering several donations to the rising collection, that he managed to exhibit apart from the urban centers, but also because it was the only museum in Portugal that assembled national and international contemporary and modern artists alongside with works of art from the Middle Ages till the 19th century, decorative arts and archeological objects.

With this investigation we aim to demonstrate how Lacerda's artistic sensibility, his concerns about heritage's protection, alongside with the relationships he nurtured with collectors, antique dealers, artists, art critics and very well connected politicians played an important role in the creation of the collection between 1953, the museum's opening year, and 1959, when it was settled in the new building. We, thus, analyze, in one hand, the number, the category, the geographical provenance and the chronology of the art works collected, and, in the other hand, the selection criteria for the acceptance of the donations, the museum's identity, Lacerda's ideas about collecting and heritage and how he foresaw the project and acted in order to achieve his goals. In fact, he created the museum not only to protect the national artistic heritage – a fight that he also took as a representative at the National Assembly –, but also to transform the Sanatorium Complex into a cultural center, devoted to the creation of art, and, therefore as a touristic destination. By doing so, he intended to ensure the Caramulo's survival in the post-sanatorial Era.

Keywords:

Museum of Caramulo, Abel de Lacerda, private collecting, Caramulo's Sanatorium Complex, private museums.

Índice

Índice de documentos	III
Índice de figuras	IV
Índice de quadros	V
Índice de gráficos	VI
Índice de imagens	VII
Siglas e abreviaturas	VIII
Agradecimentos	IX
INTRODUÇÃO	1
Objeto de estudo	1
Objetivos	2
Estrutura	3
Metodologia	4
Fontes	5
1. REVISÃO CRÍTICA DA BIBLIOGRAFIA	7
2. PARA UMA CONTEXTUALIZAÇÃO	17
2.1. O panorama museológico no Estado Novo (1930-1960)	17
2.2. A classificação do Museu do Caramulo	25
2.3. O «museu dos particulares»: exemplos de proximidade	28
3. ABEL DE LACERDA, O COLECIONADOR FUNDADOR	33
3.1. O contexto familiar	33
3.2. Uma extensa rede de contactos	37
3.3. Um homem de sensibilidade artística	41
3.4. O colecionador	48
4. O CARAMULO, A «MAIS LINDA SERRA»	54
4.1. Os «bons ares» das Paredes do Guardão	54
4.2. A Estância Sanatorial do Caramulo	59
4.3. Do tratamento da tuberculose ao turismo cultural	65

5. OS ANTECEDENTES	71
5.1. A tradição expositiva na Junta de Turismo do Caramulo	71
5.2. A «Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela»	74
5.3. Abel de Lacerda, legislador do património artístico	78
6. O MUSEU DO CARAMULO	85
6.1. A inauguração	85
6.2. A Fundação Museu do Caramulo	89
6.3. O culto das Belas-Artes no projeto museológico teorizado	93
6.4. Um edifício construído de raiz	99
6.5. O acolhimento pela sociedade: análise de públicos	105
7. A CONSTITUIÇÃO DO NÚCLEO ORIGINAL DA COLEÇÃO	108
7.1. A ação de Abel de Lacerda	108
7.2. Os colaboradores	116
7.3. Os doadores	121
7.4. Que coleção foi possível constituir?	125
8. A CONTINUIDADE: UM MUSEU DE ARTE E DO AUTOMÓVEL	134
CONCLUSÃO	143
FONTES E BIBLIOGRAFIA	149
ANEXOS	
I. Dicionário biográfico	174
II. Documentos	183
III. Figuras	217
IV. Quadros e gráficos	223
V. Imagens	241

Índice de documentos

<i>Documento 1</i> – Sanatórios e casas de saúde da ESC (1922-1952)	183
<i>Documento 2</i> – Cronologia das visitas governamentais ao concelho de Tondela (1945-1957)	184
<i>Documento 3</i> – Corpo do art.º 5º, do Decreto-lei n.º 38.906 à Lei n. 2.065	193
<i>Documento 4</i> – Moção aprovada pela Assembleia Nacional após o debate sobre o «Aviso Prévio sobre a Situação dos Museus, Palácios e monumentos Nacionais»	194
<i>Documento 5</i> – Estatutos da Fundação Museu do Caramulo (1956)	195
<i>Documento 6</i> – Corpos gerentes da Fundação Museu do Caramulo (1954-1960)	199
<i>Documento 7</i> – Relação dos doadores do Museu do Caramulo (1953-1959)	200
<i>Documento 8</i> – Relação dos doadores do Museu do Caramulo com as obras de arte doadas (1953-1959)	205

Índice de figuras

<i>Figura 1</i> – Esquema do local de implantação do Museu do Caramulo	217
<i>Figura 2</i> – Esquema da planta do R/C do edifício do Museu do Caramulo: anteprojeto	218
<i>Figura 3</i> – Esquema da planta do 1º andar do edifício do Museu do Caramulo: Anteprojeto	219
<i>Figura 4</i> – Esquema da planta do R/C do edifício do Museu do Caramulo: projeto	220
<i>Figura 5</i> – Esquema da planta do 1º andar do edifício do Museu do Caramulo: projeto	221
<i>Figura 6</i> – Esquema da planta da cave do edifício do Museu do Caramulo: projeto	222

Índice de tabelas

<i>Tabela 1</i> – Despesas da JTC por categoria e por ano com o Museu do Caramulo (1953-1956)	223
<i>Tabela 2</i> – Cômputo geral das despesas da JTC e percentagem dos dispêndios com o Museu do Caramulo (1953-1956)	223
<i>Tabela 3</i> – Despesas da JTC, por categoria e por ano, com o Museu do Caramulo (1953-1959)	224
<i>Tabela 4</i> – Despesas da JTC com o Museu do Caramulo (1953-1969)	224
<i>Tabela 5</i> – Subsídios atribuídos para a construção do edifício-sede do Museu do Caramulo	225
<i>Tabela 6</i> – Subsídios recolhidos pelo Museu do Caramulo (1953-1959)	225
<i>Tabela 7</i> – N.º de visitantes (1953-1968)	226
<i>Tabela 8</i> – Evolução do n.º de doadores por anos (1953-1959)	227
<i>Tabela 9</i> – N.º de doadores por país (1953-1959)	228
<i>Tabela 10</i> – N.º de doadores residentes em Portugal por localidade (1953-1959)	229
<i>Tabela 11</i> – Doadores residentes em Portugal por concelho (1953-1959)	231
<i>Tabela 12</i> – Doadores provenientes do concelho de Tondela por localidade (1953-1959)	233
<i>Tabela 13</i> – Distribuição do número total de objetos doados pelo conjunto dos Doadores	234
<i>Tabela 14</i> – Objetos doados pela família Lacerda por anos (1953-1959)	235
<i>Tabela 15</i> – N.º de objetos doados por anos (1953-1959)	237
<i>Tabela 16</i> – N.º de objetos doados por categoria e anos (1953-1959)	238
<i>Tabela 17</i> – Obras de arte contemporânea e moderna, doadas por categoria (1953-1959)	240

Índice de gráficos

<i>Gráfico 1</i> – N.º de visitantes (1953-1968)	226
<i>Gráfico 2</i> – Evolução do n.º de doadores por anos (1953-1959)	227
<i>Gráfico 3</i> – N.º de doadores por país (1953-1959)	228
<i>Gráfico 4</i> – N.º de doadores residentes em Portugal por localidade (1953-1959)	230
<i>Gráfico 5</i> – Doadores residentes em Portugal por concelho (1953-1959)	232
<i>Gráfico 6</i> – Doadores provenientes do concelho de Tondela por localidade (1953-1959)	233
<i>Gráfico 7</i> – Número de objetos doados pela família Lacerda (1953-1959)	235
<i>Gráfico 8</i> – Número de objetos doados pela família Lacerda por anos (1953-1959)	236
<i>Gráfico 9</i> – N.º de objetos doados por anos (1953-1959)	237
<i>Gráfico 10</i> – N.º de objetos doados por categoria (1953-1959)	238
<i>Gráfico 11</i> – N.º de objetos doados por categoria e anos (1953-1959)	239
<i>Gráfico 12</i> – Obras de arte contemporânea e moderna, doadas por categoria (1953-1959)	240

Índice de imagens

<i>Foto 1</i> – Jerónimo de Lacerda e Margarida de Lacerda, pais de Abel de Lacerda, após o casamento, em março de 1919	241
<i>Foto 2</i> – Abel de Lacerda, anos 1950	241
<i>Foto 3</i> – Pergaminho-mensagem que acompanhava a Medalha de Ouro da ESC	242
<i>Foto 4</i> – Casa da Criança Eng.º Cancela de Abreu, em Sabugosa	242
<i>Foto 5</i> – Monumento ao General Carmona, em Sabugosa	243
<i>Foto 6</i> – Monumento ao General Carmona, em Sabugosa	243
<i>Foto 7</i> – Uma das duas placas que assinalaram os limites da ESC	243
<i>Foto 8</i> – <i>Ex-libris</i> do Museu do Caramulo	244
<i>Foto 9</i> – O primeiro objeto da coleção de Abel de Lacerda: uma chávena da Vista Alegre	244
<i>Foto 10</i> – Parte da coleção particular de Abel de Lacerda, exposta nas divisões da sua residência, no Caramulo	245
<i>Foto 11</i> – Parte da coleção particular de Abel de Lacerda, exposta nas divisões da sua residência, no Caramulo	245
<i>Foto 12</i> – Parte da coleção particular de Abel de Lacerda, exposta nas divisões da sua residência, no Caramulo	246
<i>Foto 13</i> – Panorâmica das Paredes do Guardão	246
<i>Foto 14</i> – Panorâmica das Paredes do Guardão antes da ESC, com a Pensão Caramulo em segundo plano	247
<i>Foto 15</i> – Panorâmica das Paredes do Guardão antes da ESC, com o Grande Hotel Montanha	247
<i>Foto 16</i> – Panorâmica aérea parcial da ESC, anos 1950	248
<i>Foto 17</i> – Um dos bairros residenciais da ESC	248
<i>Foto 18</i> – Um dos bairros residenciais da ESC	249
<i>Foto 19</i> – Uma das ruas da ESC	249

<i>Foto 20</i> – Parque Jerónimo Lacerda, na ESC	250
<i>Foto 21</i> – Avenida Jerónimo Lacerda, na ESC	250
<i>Foto 22</i> – Grande Hotel do Caramulo em meados dos anos 1920	251
<i>Foto 23</i> – Galeria de cura no Grande Sanatório	251
<i>Foto 24</i> – Galeria de cura no Grande Sanatório, com o ecrã de cinema no fundo, anos 1930	252
<i>Foto 25</i> – Sanatório Montanha	252
<i>Foto 26</i> – Sanatório Santa Maria	253
<i>Foto 27</i> – Santório Dr. Monteiro Carvalho	253
<i>Foto 28</i> – Sanatório Salazar	253
<i>Foto 29</i> – Santório Infantil Dr. Manuel Tapia	254
<i>Foto 30</i> – Pavilhão de Cirurgia	254
<i>Foto 31</i> – Capela de Nossa Senhora da Esperança	255
<i>Foto 32</i> – «Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela», na JTC	255
<i>Foto 33</i> – «Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela», na JTC	256
<i>Foto 34</i> – «Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela», na JTC	256
<i>Foto 35</i> – Edifício onde o Museu do Caramulo ficou instalado entre 1953 e 1959 ...	257
<i>Foto 36</i> – Sala de exposição no edifício provisório do Museu do Caramulo	257
<i>Foto 37</i> – Sala de exposição no edifício provisório do Museu do Caramulo	258
<i>Foto 38</i> – Sala de exposição no edifício provisório do Museu do Caramulo	258
<i>Foto 39</i> - «Exposição das obras de arte do Museu do Caramulo» (1956), no SNI, em Lisboa	259
<i>Foto 40</i> – Exposição «Portugal e o Oriente» (1957), no SNI, em Lisboa	259
<i>Foto 41</i> – Construção do edifício-sede do Museu do Caramulo	260
<i>Foto 42</i> – Claustro do Convento da Fraga (século XVIII), integrado no edifício-sede do Museu do Caramulo	260

<i>Foto 43</i> – Hall de entrada do edifício-sede do Museu do Caramulo	261
<i>Foto 44</i> – Uma das salas de exposição permanente no edifício-sede do Museu do Caramulo	261
<i>Foto 45</i> – Uma das salas de exposição permanente no edifício-sede do Museu do Caramulo	262
<i>Foto 46</i> – Galerias do edifício-sede do Museu do Caramulo com a exposição de automóveis antigos	262
<i>Foto 47</i> – Inauguração do edifício-sede do Museu do Caramulo	263
<i>Foto 48</i> – Abel de Lacerda e Salvador, com a aguarela doada pelo pintor	263
<i>Foto 49</i> – Abel de Lacerda com Pablo Picasso assinando o quadro que doou ao Museu do Caramulo	264

Siglas e abreviaturas

APFAL – Arquivo Particular da Família Abel de Lacerda

Art.º – Artigo

BAFCG – Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian

CMT – Câmara Municipal de Tondela

Cx. – Caixa

D. – Dona

DGESBA – Direção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes

Doc. – Documento

Dr. – Doutor

Eng.º – Engenheiro

ESC – Estância Sanatorial do Caramulo

FAJL – Fundação Abel e João de Lacerda

FAL – Fundação Abel de Lacerda

FCG – Fundação Calouste Gulbenkian

FCG/BA – Fundação Calouste Gulbenkian / Biblioteca de Arte

Foto – Fotografia

Fl./fls. – Folha

FMC – Fundação Museu do Caramulo

GNR – Guarda Nacional Republicana

IANT – Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos

JTC – Junta de Turismo do Caramulo

LRS – Luís Reis Santos

MC – Museu do Caramulo

MEN – Ministério da Educação Nacional

MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga

MNAC - Museu Nacional de Arte Contemporânea

N.º – Número

P. – Página(s)

SACOR – Sociedade Anónima de Combustíveis e Óleos Refinados

SONAP – Sociedade Nacional de Petróleos

SNI – Secretariado Nacional de Informação

Sr. – Senhor

UN – União Nacional

Agradecimentos

Para o bom termo desta investigação, contámos com a colaboração de várias pessoas às quais manifestamos um encarecido agradecimento.

Um muito, muito obrigado ao Dr. Miguel de Lacerda, pela amabilidade e prontidão com que sempre nos acolheu, pela documentação disponibilizada e pelos extraordinários relatos que fez da vida do seu pai, Abel de Lacerda.

Ao Eng.º Tiago Patrício Gouveia e ao Dr. João Maria de Lacerda, ambos da Direção da Fundação Abel e João de Lacerda, agradecemos o acolhimento que deram à investigação e o acesso ao arquivo desta instituição.

À Dr.ª Maria Mayer, da Casa-Museu António Medeiros e Almeida, agradecemos a tocante presteza com que nos aprestou com conhecimentos e documentos.

À Dr.ª Ana Barata e aos funcionários da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian que nos acompanharam e à Dr.ª Mafalda Aguiar, do Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, agradecemos o profissionalismo, a paciência para responder aos nossos inúmeros e-mails e as facilidades concedidas para localizar e aceder à documentação.

Estendemos o mesmo agradecimento ao Dr. Luís Montalvão, do arquivo do Museu Nacional de Arte Antiga, que tão amavelmente respondeu a todas as nossas solicitações.

Agradecemos à Dr.ª Maria José Carvalho, da Biblioteca Geral do Instituto Nun'Álvares, as informações cedidas sobre o jovem estudante Abel Lacerda.

Agradecemos ainda ao Pe. António Júlio Trigueiros SJ, diretor da revista *Brotéria*, historiador e professor, a partilha de informações obtidas nos seus estudos genealógicos sobre a família materna de Abel de Lacerda, os Castro Alves, e à Dr.ª Teodora Marques, da Casa-Museu Anastácio Gonçalves, por toda a colaboração cedida.

À nossa Orientadora, Professora Doutora Irene Vaquinhas, muito agradecemos a dedicação, a aprendizagem, as palavras de alento e o caminho encontrado.

À família. Sempre uns para os outros.

Introdução

Principiava o outono, no ano de 1953, quando o Museu do Caramulo abriu ao público. Cinco meses tinham decorrido desde que a ideia da criação de um «Museu dos Particulares» foi lançada pelo seu fundador, o empresário, político e colecionador Abel Maria Castro de Lacerda (1921-1957)¹. O Museu do Caramulo constitui um caso particular no contexto museológico português não só porque o núcleo inicial da coleção – aquele que foi reunido pela influência e ação de Lacerda – foi formado através das doações por ele recolhidas com esse fim, junto de colecionadores, de artistas ou de organizações, mas também pela celeridade com que o projeto foi concretizado e pelo número e qualidade das obras de arte que foram doadas. São estes factos claros indicadores do bom acolhimento do projeto na fase de implementação, da confiança suscitada pelo seu promotor, assim como da sua capacidade de concretização.

Objeto de estudo

O nosso objeto de estudo é um museu orgânico no sentido em que foi projetado com todas as componentes que lhe permitissem funcionar como polo de descentralização cultural e de desenvolvimento local, neste caso, através do incremento do fluxo turístico. Este último ponto é importante porque o Museu foi instalado na Estância Sanatorial do Caramulo, local onde era feito o tratamento da tuberculose desde os anos 20 do século XX e cuja direção administrativa Abel de Lacerda exercia desde 1945, por morte do pai, Jerónimo de Lacerda, diretor clínico e o seu grande impulsionador. Com cerca de 25 instituições de tratamento, entre sanatórios e casas de saúde a funcionar em simultâneo, Abel de Lacerda sabia que a Estância, a maior do género na Península Ibérica e uma das maiores da Europa, entraria em estagnação seguida de retração com o desenvolvimento da cura química da tuberculose, descoberta em meados dos anos 1940. Dar continuidade à utilização daquela cidade da saúde como estância turística era, portanto, a estratégia de Lacerda, a médio prazo, e o museu constituía o seu ponto de partida, circunstância que evidencia a vertente cultural que pretendia incutir.

As coleções do Museu do Caramulo são também objeto de estudo nesta investigação. A heterogeneidade é a palavra de ordem, remetendo para o ato genésico subjacente: heterogeneidade de doadores (em idade, género, nacionalidade, profissão, etc.), de categorias, de cronologias e de proveniência geográfica, transformando-o num museu de implantação regional com alcance nacional, para citar Reynaldo dos Santos. Cronologicamente, este estudo

¹ Vide fotografia 2, no anexo V.

é balizado pelos anos 1953, ano da fundação, e 1959, ano da inauguração do edifício almejado por Lacerda para albergar as coleções.

Objetivos

Conhecemos o Museu do Caramulo desde há muitos anos. Com ele partilhamos o mesmo local de fixação: o concelho de Tondela. Há, por isso, razões de afetividade e de proximidade que explicam a sua escolha como objeto de estudo². Há também, e sobretudo, uma grande necessidade de compreender como foi possível criar de raiz um museu dentro dos elevados padrões museológicos da altura e com uma coleção de valor artístico e histórico numa região interior de montanha quando os acessos, escassos, eram morosos e o panorama nacional museológico evidenciava grandes falhas teóricas e legislativas em termos de salvaguarda do património. Este é, certamente, o grande objetivo que pretendemos alcançar com a investigação que desenvolvemos. A par deste posiciona-se um outro: dar a conhecer o núcleo original da coleção do Museu do Caramulo através da análise dos princípios filantrópicos, práticos e museológicos que estiveram na sua génese, os quais foram sendo praticados ao longo da vida do museu. Em termos específicos, podemos sintetizar os nossos objetivos em três temáticas: 1) explicar porque Abel de Lacerda decidiu criar um museu e até que ponto influenciou a sua identidade; 2) identificar e justificar os recursos humanos e materiais que foram utilizados para a concretização do projeto; 3) analisar qual foi a reação da sociedade a este projeto museológico, seja por parte dos doadores, seja por parte dos visitantes e do público local.

Subjacente a estes objetivos está um rol de interrogações que colocámos para decompor a realidade histórica e interrogar as fontes utilizadas. Porque foi o museu criado num espaço destinado à cura da tuberculose? Haverá traços da biografia e da personalidade de Abel de Lacerda que permitam compreender esta abordagem? Em que indicadores se baseou para partir para a concretização de um projeto arrojadíssimo? Houve alguma concretização prévia neste sentido? E onde? À luz da legislação coeva, como era classificado o Museu do Caramulo? Como era apresentado à sociedade e aos doadores? Como era feita a comunicação entre a instituição e o exterior? Quem eram os doadores? O que doavam? Testemunham estas doações o gosto artístico vigente? Entre a classe alta e burguesa conservadora ou entre as vanguardas? Em termos de identidade, a coleção reunida evidencia alguma sistematização em termos de

² Começámos a estudar o Museu do Caramulo no âmbito de um trabalho de investigação para o seminário «História e Missão dos Museus», integrado no mestrado Património Cultural e Museologia, ano letivo 2017/2018, e lecionado pela Professora Doutora Irene Vaquinhas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Vide MATOS, Vera – *O núcleo original da coleção do Museu de Arte do Caramulo*. 2018. Acessível na Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal.

critério de seleção? Transmite uma visão monopolizadora de Abel de Lacerda? O que distingue o Museu do Caramulo? Existem iniciativas similares em Portugal e/ou no estrangeiro? O que representou este Museu quando foi criado? Teve algum impacto na definição da museologia portuguesa? Terá passado por alguma evolução assinalável no referente à temática das coleções? Fizeram-se ajustamentos face ao projeto inicialmente idealizado? Quem ou quais foram os grandes coadjuvantes, entre pessoas coletivas singulares ou coletivas, privadas ou públicas? Quais foram os modelos seguidos? São, por conseguinte, muitas as perguntas que constituem o pondo de partida e o eixo questionador deste estudo.

Estrutura da dissertação

A resposta a estas e outras questões desenvolve-se ao longo dos oito capítulos que constituem a estrutura desta dissertação, seguidamente sumulados. Os primeiros quatro destinam-se a fazer a contextualização da temática em si. No capítulo I, fazemos uma revisão crítica da bibliografia produzida sobre o Museu do Caramulo, sobre o fundador, sobre o ato de colecionar e a formação de coleções de arte em Portugal, sobre os conceitos de colecionador, coleção e colecionismo e sobre a transferência de coleções do âmbito da fruição privada para o do usufruto público. O segundo capítulo corresponde a um exercício de contextualização histórica do processo de criação do Museu do Caramulo no referente ao panorama museológico, em Portugal, nos anos 50 do século XX, à sua classificação tipológica e aos exemplos similares e/ou que mais aproximam aos princípios subjacentes à sua criação. Segue-se uma biografia de Abel de Lacerda (capítulo 3), onde refletimos sobre o seu contexto familiar, bem como sobre a rede informal de conhecimentos e de contactos de que dispunha, seja por herança familiar, seja por mérito próprio, inquirindo-se igualmente sobre o tipo de colecionador que era. No quarto capítulo fazemos algumas considerações sobre a Estância Sanatorial do Caramulo, o local de implantação do Museu, e sobre os planos, acalentados a partir dos anos 1950, para a reconversão desta estância de tratamento da tuberculose numa estância de turismo, quando a descoberta da cura química da doença tornou obsoleto o tratamento na base da sanatorização, logo, a vintena de edifícios ali destinados a este fim.

No capítulo 5, fazemos uma análise dos acontecimentos que estarão na base da criação do Museu do Caramulo. O objetivo é evidenciar que, antes da sua abertura, era concretizada na Estância Sanatorial do Caramulo, através da Junta de Turismo do Caramulo, criada em 1937, uma programação cultural assente em exposições de arte e de fotografia, conferências e concursos literários. Explicamos também que o projeto museológico partiu de uma experimentação prévia, a qual consistiu na realização da «Exposição de Arte Sacra do Concelho

de Tondela», no ano de 1951. O sucesso obtido com este evento e a inventariação das obras de arte então conseguida criou o alento necessário à concretização do projeto museológico. Referimos ainda a atuação de Abel de Lacerda, nos anos 1950, enquanto deputado pelo distrito de Viseu na Assembleia Nacional, no âmbito da produção legislativa relativa à proteção do património artístico nacional.

No capítulo seguinte (sexto), analisamos o processo de desenvolvimento do Museu do Caramulo, desde a sua fundação, em 1953, até à inauguração do edifício sede, em 1959. Abordamos, assim, o edifício provisório onde foi instalado e a criação da Fundação Museu do Caramulo, entidade gestora do museu. Analisamos também o projeto museológico então teorizado em torno do conceito de «culto das Belas-Artes» e materializado na arquitetura do edifício-sede, construído de raiz, nas exposições temporárias e nas atividades culturais desenvolvidas. Fazemos ainda a análise de públicos do museu para compreender como foi acolhido pela sociedade.

A análise da constituição do núcleo original da coleção é feita no sétimo capítulo. Explicamos o que entendemos por «núcleo original da coleção» e analisamos o movimento de doações, ou seja, a ação dos particulares, e a atuação de Abel de Lacerda na constituição deste núcleo, fazendo uso dos contatos que possuía entre colecionadores, antiquários, artistas e críticos de arte, os quais genericamente designamos por colaboradores. Identificamos quem foram os doadores e que objetos doaram, quais foram os critérios de seleção de objetos para a coleção aplicados pela direção do Museu do Caramulo e que coleção/coleções foi possível constituir em termos numéricos, de tipologia, de valor histórico e patrimonial, de abrangência cronológica e geográfica e dos artistas representados.

Por fim, no capítulo 8, evidenciamos o compromisso de continuidade assumido pela família, pelos amigos e pelos doadores em relação ao Museu do Caramulo após a morte precoce de Abel de Lacerda, aos 36 anos, num acidente de viação, a 7 de julho de 1957. Salientamos ainda como este compromisso de continuidade se expressou através do acolhimento de um núcleo novo, constituído por automóveis, velocípedes e motociclos antigos, recolhido por João de Lacerda, irmão de Abel. Este núcleo foi instalado num edifício próprio em 1970, tornando-se no primeiro museu do automóvel português, razão pela qual fazemos a sua contextualização no âmbito do colecionismo de veículos antigos em Portugal e no estrangeiro.

Metodologia

Em termos metodológicos, a problematização dos assuntos é desenvolvida seguindo uma linha mais sincrónica do que diacrónica, porquanto pretendemos correlacionar o projeto

museológico de Lacerda com a sua atuação simultânea, enquanto deputado à Assembleia Nacional, diretor administrativo da Estância Sanatorial do Caramulo e presidente da Junta de Turismo do Caramulo, ao nível da proteção do património artístico nacional e da conversão daquela Estância num centro turístico de montanha, dotado com um forte núcleo cultural. A investigação combina, portanto, uma perspetiva interpretativa, de cariz qualitativo, com uma perspetiva analítica, de cariz quantitativo. No primeiro caso, centra-se nas questões «como» e «porquê», fazendo-se uma análise holística a partir do estudo das partes, em interação. Para o efeito, incluímos na perspetiva de observação, centrada no Museu do Caramulo e no núcleo original da coleção, uma abordagem biográfica no referente a Abel de Lacerda, enquanto sujeito ativo na constituição de ambos, interligando-se elementos da sua vida e do seu pensamento com o desenvolvimento do projeto museológico. Este exercício permitiu também criar conteúdo para construir o *dicionário* biográfico, colocado em anexo, onde incluímos as personalidades de maior relevo ligadas ao Museu. Relativamente à investigação analítica de cariz quantitativo, esta assentou no tratamento estatístico de dados relativos ao número e à tipologia de objetos doados, bem como ao número e proveniência dos doadores, para maior perceção do processo de formação da coleção.

A metodologia seguida assenta na triangulação das fontes orais, impressas e manuscritas, recolhidas através de entrevistas semiestruturadas e da investigação documental, as quais são confrontadas entre si e com a bibliografia compulsada para comparar dados, infirmar/confirmar conclusões e lançar hipóteses.

Fontes

Relativamente ao conjunto documental sobre o qual assentou esta investigação, importa referir que há alguma bibliografia sobre o Museu do Caramulo e sobre a ação de Abel de Lacerda. Não obstante, devido à forma sintética e fragmentada como estes assuntos são abordados, a consulta de fontes primárias revela-se de suma importância. Daqui decorre a diversidade do núcleo documental analisado, o qual é constituído pelo que segue: a) atas da Fundação Museu do Caramulo e da Fundação Abel de Lacerda; b) correspondência de Abel de Lacerda; c) documentação relativa às doações de obras de arte ao Museu do Caramulo; d) publicações editadas pelo Museu – o *Boletim*, a *Relação de obras de arte oferecidas* e os *Relatórios e Contas*; e) documentação relativa aos subsídios cedidos pela Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) para a concretização do projeto museológico; f) recortes da imprensa nacional e estrangeira recolhidos pela família de Abel de Lacerda relativos ao Caramulo e ao Museu; g) imprensa local, nomeadamente, a *Folha de Tondela* e os *Ecos da Serra*; h)

correspondência e artigos de divulgação produzida pelos colaboradores de Lacerda relativa ao Museu do Caramulo; i) *Diários das Sessões* da Assembleia Nacional referentes à atividade parlamentar de Abel de Lacerda e l) planos de atividade e orçamentos da Junta de Turismo do Caramulo.

A recolha documental foi feita nas seguintes instituições: Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa; arquivo do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa; arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; Arquivo Distrital de Viseu; Biblioteca Municipal Tomás Ribeiro, Tondela; Casa Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó Santos, Cascais; arquivo da Casa-Museu António Medeiros e Almeida, Lisboa; arquivo da Casa-Museu Anastácio Gonçalves, Lisboa; arquivo da Fundação Abel e João de Lacerda, Caramulo, e arquivo particular da família de Abel de Lacerda, Caramulo.

Sublinhamos também, pela sua importância, as informações recolhidas oralmente, em vários encontros, junto do Dr. Miguel de Lacerda, primogénito de Abel de Lacerda. Foram longas conversas que fluíram naturalmente, interligando-se as minhas questões, previamente trabalhadas e selecionadas, com as memórias e conhecimentos do Dr. Miguel de Lacerda. Informações adicionais foram também obtidas por correio eletrónico. Tentámos ainda entrevistar a Senhora D. Maria Madalena Castro Alves de Lacerda, viúva de Abel de Lacerda. Com grande pena, o seu frágil estado de saúde não o permitiu.

Foi-nos ainda cedida documentação sobre a família Castro Alves, no interior da qual casaram Jerónimo de Lacerda, o pai de Abel de Lacerda, e o próprio Abel, pelo Padre António Júlio Trigueiros SJ, historiador e diretor da revista *Brotéria*, entre cujos temas de investigação se encontra a genealogia daquela família.

1. Revisão crítica da bibliografia

Embora haja algumas referências, a bibliografia disponível sobre do Museu do Caramulo e a constituição da respetiva coleção é sintética e fragmentada. O mesmo é válido no referente ao seu criador, Abel de Lacerda, a nível biográfico e da sua ação.

O Museu do Caramulo é um museu privado fundado em 1953. Importa, por isso, fazer a contextualização da sua criação no panorama museológico coevo. Não tendo ainda sido feita tal análise, apoiámo-nos num conjunto bibliográfico direcionado para a história da museologia portuguesa. Cristina Pimentel debruçou-se sobre o «sistema museológico português», temporalmente balizado entre os anos 1833 e 1991, analisando as condições político-sociais e ideológicas que condicionaram o desenvolvimento da estrutura organizacional e administrativa sobre a qual os museus operam em Portugal³. Isabel Martins Moreira escreveu um livro muito útil para esta investigação e que se intitula *Museus e Monumentos em Portugal (1772-1974)*⁴. A sua utilidade advém, em grande parte, dos levantamentos estatísticos relativos ao período 1929-1974 sobre o número de museus existentes em Portugal continental, o número de visitantes e o volume de receitas e de despesas. É também importante pela forma pedagógica, direta e documentada estatisticamente com que percorre temáticas centrais na história da museologia portuguesa, tais como a tipologia dos museus e a busca de um museu-modelo.

Já Sérgio Lira é autor de uma bibliografia importante e pertinente sobre a museologia portuguesa durante o Estado Novo, tanto no seu aspeto teórico-prático como legislativo. Salientamos os artigos «Museus no Estado Novo: continuidade ou mudança?»⁵ e «O Estado Novo de 1945 a 1974. A ditadura nacionalista e a prática legislativa relativa aos museus: cristalização e mudança»⁶, assim como a sua tese de doutoramento, *Museums and temporary exhibitions as means of propaganda: The portuguese case during the “Estado Novo”*, realizada na Universidade de Leicester⁷. Para uma reflexão sobre os museus regionais, tipologia onde o Museu do Caramulo se inseriu originalmente, destacamos o artigo de Henrique Coutinho

³ PIMENTEL, Cristina – *O sistema museológico português (1833-1991). Em direção a um novo modelo teórico para o seu estudo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2005.

⁴ MOREIRA, Isabel M. Martins – *Museus e monumentos em Portugal (1772-1974)*. Lisboa: Universidade Aberta, 1989.

⁵ LIRA, Sérgio – Museus no Estado Novo: Continuidade ou mudança? In CUSTÓDIO, Jorge, coord. – *100 Anos de património. Memória e identidade*. Lisboa: IGESPAR, 2010, p. 187-197.

⁶ LIRA, Sérgio – O Estado novo de 1945 a 1974. A ditadura nacionalista e a prática legislativa relativa aos museus: cristalização e mudança. In CABRAL, Alcinda, ed. – *(Re)Visão das ditaduras europeias da segunda metade do séc. XX*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2002, p. 57-64.

⁷ LIRA, Sérgio – *Museums and temporary exhibitions as means of propaganda: the Portuguese case during the Estado Novo*. [Em linha]. Leicester: University of Leicester, 2002. Tese de doutoramento. [Consult. 15 janeiro 2019]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/2381/31140>>.

Gouveia intitulado «Acerca do conceito e evolução dos museus regionais portugueses desde finais do século XIX ao regime do Estado Novo», onde é feita uma análise de cariz histórico e conceptual muito útil para uma contextualização⁸.

Abel de Lacerda quis que o Museu do Caramulo ficasse conhecido como o «museu dos particulares», forma que encontrou para evidenciar a força motriz que partira da iniciativa privativa, fundeada, como sublinhava, na generosidade⁹. Com um acervo constituído por objetos doados por particulares para usufruto e deleite do público, o museu era considerado como um caso ímpar. Para fazermos a análise crítica desta afirmação contámos com algumas obras genéricas sobre o colecionismo e a formação de coleções privadas cujo usufruto transitou para o domínio público. O trabalho que se destaca é a tese de doutoramento de Adelaide Duarte, intitulada *Da coleção ao museu. O colecionismo privado de arte moderna e contemporânea em Portugal na segunda metade do século XX*¹⁰. É uma referência muito sólida para a nossa investigação pela proximidade do objeto estudado. Duarte analisa quatro coleções de arte privadas que foram doadas a museus, nomeadamente a de José Augusto França, a de Manuel de Brito, a de José Berardo e a de António Cachola. A coleção de arte do Museu do Caramulo é formada por pedaços de múltiplas coleções privadas que entraram, através da doação e da exibição no seu espaço, para a esfera pública. O trabalho de Duarte é ainda importante pelas matérias abordadas em jeito de contextualização do processo pelo qual aquelas quatro coleções se tornaram públicas, tais como a definição dos conceitos de colecionador, colecionismo e coleção, o ato de colecionar no século XX, tanto em Portugal como a nível internacional, e os mercados de arte nacionais e internacionais. A suportar as conclusões da autora, está uma muito completa lista de referências bibliográficas, úteis como ponto de partida para qualquer estudioso do tema.

João de Lacerda, irmão mais novo de Abel de Lacerda, é autor de um dos quatro textos que localizámos sobre este último. Intitula-se «Abel de Lacerda: fundador do Museu do Caramulo»¹¹. É um texto breve e factual, onde constam informações biográficas e informações,

⁸ GOUVEIA, Henrique Coutinho – Acerca do conceito e evolução dos museus regionais portugueses desde finais do século XIX ao regime do Estado Novo. *Bibliotecas, arquivos e museus*. Lisboa. Vol. 1, n.º 1 (janeiro/junho 1985), p. 147-184.

⁹ *Relação de obras de arte*. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda - Museu do Caramulo, 1959, p. 5.

¹⁰ DUARTE, Adelaide – *Da coleção ao museu. O colecionismo privado de arte moderna e contemporânea em Portugal na segunda metade do século XX. Contributos para a história da museologia*. [Em linha]. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2012. Tese de doutoramento. [Consult. 30 novembro 2018]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10316/21153>>. Em 2013, a tese foi publicada pela Caleidoscópio com o título *Da coleção ao museu: O colecionismo privado de arte moderna e contemporânea em Portugal*.

¹¹ LACERDA, João – Abel de Lacerda: fundador do Museu do Caramulo. In GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord. – *Coleção da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, 2003, p. 1-2.

algo subjetivas, sobre o projeto museológico, o surgimento da ideia, os colaboradores, a constituição de um regime jurídico e a sua continuidade após a morte precoce de Abel de Lacerda num acidente de viação, em 1957¹². J. M. Tavares Castilho é o autor do segundo artigo. Trata-se, na verdade, de uma entrada no dicionário biográfico dos deputados à Assembleia Nacional, publicado sob o título *Os deputados à Assembleia Nacional (1935-1974). Biografia e carreira parlamentar*¹³. Abel foi deputado pelo círculo de Viseu entre 1949 e 1957, facto que explica a existência desta referência. Não obstante algumas incorreções¹⁴, é importante pela síntese da sua atividade na Assembleia Nacional, centrada na educação, no turismo e na salvaguarda do património artístico. Constitui, pois, um útil ponto de partida para compreender não só o seu pensamento ao nível da cultura, do colecionismo, da proteção do património e da situação dos museus portugueses nos anos 1950, mas também como, porquê e com que objetivo desenvolveu o projeto museológico no Caramulo. Muito recentemente, Raquel Henrique da Silva escreveu a entrada «Lacerda, Abel» no *Dicionário quem é quem na museologia portuguesa*¹⁵. É um texto curto que abarca o contexto familiar, os contactos na alta sociedade portuguesa, a ideia de fundar o museu e os apoios que recolheu para o efeito. Na verdade, não acrescenta nada de novo aos outros textos, porém, tem o grande mérito de colocar o nome de Abel de Lacerda num dicionário sobre a museologia nacional, realçando o valor da sua contribuição para o desenvolvimento da mesma. Por fim, a jornalista Ana Soromenho, do semanário *Expresso*, publicou um artigo de investigação sobre a vida de Abel de Lacerda enquanto fundador do Museu do Caramulo¹⁶. Para o efeito, conversou com a sua viúva, com sobrinhos netos e outros familiares próximos e consultou documentos fornecidos pela família. O resultado foi um artigo rico em informações, pouco correntes na bibliografia, e que demonstra a personalidade jovial, perspicaz e empreendedora de Abel. Nele faz ainda referência à ação de João de Lacerda como continuador e engrandecedor do Museu do Caramulo.

¹² *Ibidem*. O projeto museológico do irmão João de Lacerda, para além de continuar o, integrou no Museu uma coleção de veículos antigos (BARROS, Pedro Corrêa de – João Lacerda: O Continuidor da Obra. In GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord. – *Coleção da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, 2003, p. 3-4).

¹³ CASTILHO, J. M. Tavares – Lacerda, Abel Maria Castro de. In *Os deputados à Assembleia Nacional (1935-1974). Biografia e carreira parlamentar*. [Em linha]. [Consult. 18 abril 2018]. Disponível em WWW: <URL: http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/DeputadosAN_1935-1974/html/index.html>.

¹⁴ A data de nascimento é 9 e não 29 de janeiro; foi diretor administrativo da Estância Sanatorial do Caramulo e não da Estância Termal do Caramulo e a inauguração do Museu do Caramulo foi a 27 de setembro de 1953 e não a 20 de junho de 1959, data que corresponde à inauguração do edifício construído de raiz para albergar o museu.

¹⁵ SILVA, Raquel H. da – Lacerda, Abel de. In FERREIRA, Emília; MONTEIRO, Joana d'Oliva; SILVA, Raquel Henriques da, coord. – *Dicionário Quem é quem na museologia portuguesa*. [Em linha]. Lisboa: IHA da Nova/FCSH, 2019. [Consult. 1 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: https://institutodehistoriadaarte.files.wordpress.com/2019/03/dicionario_quemquem.pdf>, p. 171-173.

¹⁶ SOROMENHO, Ana – Caramulo: A vontade de um sonhador. *Expresso: Revista Única*. Lisboa. N.º 1622 (29 novembro 2003), p. 28-31.

Uma faceta muito importante da personalidade de Lacerda foi a sensibilidade artística e a grande paixão pelas antiguidades, tornando-o num dos colecionadores portugueses de renome na década de 1950. Novamente, não há uma reflexão documentada e consistente sobre a sua coleção e que a decomponha em interesses/preferências, origens, critérios seletivos ou mercados de aquisição. Contudo, em 1959, Irene Quilhó publicou, na revista *Colóquio*, um artigo de cinco páginas, intitulado «A coleção de arte de Abel de Lacerda». Apesar de meramente enumerativo dos objetivos expostos em algumas das salas da residência particular, no Caramulo, é importante porque permite perceber quais eram as suas preferências, de resto, em sintonia com as tendências que caracterizaram o colecionismo da média/alta burguesia portuguesa até aos anos 1960¹⁷. Neste ponto, é de referir o artigo de Luís Urbano Afonso, «Caraterísticas e tendências do mercado leiloeiro português nos últimos anos», onde faz uma caracterização generalista dos objetos-tipo visados pelos colecionadores da média /alta burguesia durante o Estado Novo e no âmbito da qual menciona, a par de outros, o nome de Abel de Lacerda¹⁸. Já Iolanda Pereira, na dissertação de mestrado *Portugal e os bens culturais deslocados durante a II Guerra Mundial*, refere muito genericamente que o critério aplicado por Abel de Lacerda na seleção dos objetos, para o museu e para a coleção privada, assentava num critério primordial: a elevada qualidade estética¹⁹. Tenta também explicar a origem do gosto pelo colecionismo, situando-a uma propensão inata, ou seja, desenvolvida por sua própria iniciativa e não herdada²⁰.

Tentámos levar mais além o reduzido conhecimento sobre o colecionismo de Lacerda. Para isso foi fundamental um conjunto de autores que escreveram sobre os tipos de colecionadores existentes, sobre os motivos que levam alguém a colecionar, sobre os fins que os colecionadores pretendem alcançar e sobre os diferentes colecionismos possíveis. María Dolores Jiménez-Blanco e Cindy Mack, no livro *Buscadores de beleza. Historias de los grandes coleccionistas de arte*²¹, escrevem sobre a «arte de colecionar arte», percorrendo e

¹⁷ QUILHÓ, Irene – A coleção de arte de Abel Lacerda. *Colóquio: Revista de Artes e Letras*. Lisboa. N.º 4 (julho 1959), p. 20-25.

¹⁸ AFONSO, Luís Urbano – Caraterísticas e tendências do mercado leiloeiro português nos últimos anos. In FERNANDES, Alexandra, AFONSO, Luís Urbano, coord. – *Os leilões e o mercado da arte em Portugal. Estrutura, história, tendências*. Lisboa: Scribe, 2012, p. 10.

¹⁹ PEREIRA, Iolanda Cristina Barreira – *Portugal e a questão dos bens culturais deslocados durante a II Guerra Mundial. Conjunturas, factos, protagonistas e o atual estado da arte*. [Em linha]. Vol. I. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2014. Dissertação de mestrado. [Consult. 6 março 2018]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10451/20596>>, p. 66.

²⁰ *Idem*, vol. II, p. 178. A autora baseou a sua conclusão na entrevista feita a Tiago Patrício Gouveia, sobrinho-neto de Abel Lacerda e diretor do Museu do Caramulo.

²¹ JIMÉNEZ-BLANCO, María Dolores; MACK, Cindy – *Buscadores de beleza. Historias de los grandes coleccionistas de arte*. Barcelona: Editorial Ariel, 2007.

analisando o perfil de 21 colecionadores de todo o mundo, ativos nos séculos XIX e XX. A personalidade e o estilo de cada um é sintetizada pelas autoras na máxima que melhor os representa e é a partir dela que encontramos colecionadores aos quais Abel de Lacerda se aproxima, como John Pierpont Morgan, um colecionador de coleções; Louisine Havemeyer, colecionadora por amor à arte; Archer Milton Huntington, o colecionador com uma missão, ou Duncan Phillips, o colecionador esteta. Outro autor importante é Krzysztof Pomian, filósofo e historiador de arte. Numa entrevista dada a Philippe Piguet, discorre sobre as características que se identificam num colecionador, distinguindo dois tipos: o colecionador-inovador, aquele que antevê o valor antes de todos e que identifica os objetos passíveis de serem reconhecidos como dignos colecionáveis, e o colecionador-seguidor, aquele que segue o anterior, enraizando tendências²². Abel de Lacerda pertence simultaneamente aos dois tipos, no primeiro porque se lança no colecionismo de arte moderna e contemporânea quando era incipiente em Portugal e no segundo porque era, claramente, dono de um gosto conservador, como se verifica não só na coleção exposta nas salas da casa do Caramulo, mas também na arquitetura e interiores da mesma. Frederik Baekeland escreveu bastante sobre os aspetos psicológicos ligados ao colecionismo. No artigo «Psychological aspects of art collecting»²³, faz a distinção entre colecionador e acumulador, assente no criticismo da atuação do primeiro, e defende que o colecionismo parte da satisfação de uma necessidade estética e de um ímpeto criativo, a par de um desejo de conhecimento do passado e de erudição, muito embora esteja também presente um comportamento competitivo face a outros colecionadores, com quem concorrem pelos melhores objetos, pelos melhores preços, pela melhor coleção e, no topo, pela imortalidade do seu nome, decorrente da qualidade da coleção que foi aceite por e é exibida em museus. Colecionar é, em suma, como defendem Brenda Danet e Tamar Katriel, no artigo «No two alike: play and aesthetics in collecting»²⁴, um jogo com regras claras e precisas que é alimentado pela tensão entre a racionalidade e a paixão, num binómio complementar que tende a levar à completude da coleção.

Relativamente à constituição do núcleo inicial da coleção do Museu, isto é, aquele que é constituído por doações reunidas por Abel de Lacerda, não localizámos nenhum estudo que se debruçasse especificamente sobre o assunto como um todo. Todavia, a obra *Coleção da*

²² POMIAN, Krzysztof – De la collection en général, et de l'œil du collectionneur en particulier [entretien par Philippe Piguet]. *L'œil. Magazine internationaux d'art*. Lausanne. N.º 468 (janvier-février 1995), p. 50-51.

²³ BAEKELAND, Frederick – Psychological aspects of art collecting. PEARCE, Susan, ed. – *Interpreting objects and collection*. London – New York: Routledge, 1994, p. 205-219.

²⁴ DANET, Brenda & KATRIEL, Tamar – No two alike: play and aesthetics in collecting. In PEARCE, Susan, ed. – *Interpreting objects and collection*. London – New York: Routledge, 1994, p. 220-239.

Fundação Abel de Lacerda, enquanto catálogo, fornece informações úteis que podem ser trabalhadas naquele sentido²⁵. É o trabalho de maior amplitude publicado até à data, contendo textos introdutórios às diversas secções da coleção e comentários aos objetos de maior relevância, muito embora pouco interpretem a sua história e proveniência. Pela profundidade de análise, referimos a obra *À maneira de Portugal e da Índia: uma série de tapeçaria quinhentista*, da autoria Maria Antónia Gentil Quina, sobre as valiosíssimas tapeçarias de Tournai, ali produzidas para celebrar a chegada dos portugueses à Índia²⁶. Estas tapeçarias foram integradas na coleção do Museu do Caramulo por ação de Abel de Lacerda. Quina faz ali uma contextualização espaço-temporal da produção das mesmas e estuda a constituição deste conjunto museológico²⁷.

Luís Reis Santos, museólogo, crítico de arte, diretor do Museu Machado Castro e amigo íntimo de Abel de Lacerda, para além de doador do Museu do Caramulo e seu consultor, foi autor de diversos textos sobre objetos da sua coleção na imprensa, em revistas de arte e no *Boletim* editado pelo mesmo museu, entre 1953 e 1956, com o intuito de divulgação das doações e da programação. Destacamos, pelo seu caráter científico, o artigo «Garrafas chinesas de Jorge Álvares», publicado na revista *Belas-Artes*. Reis Santos analisa, do ponto de vista historiográfico, histórico e artístico, a valiosíssima garrafa sino-portuguesa da dinastia Ming da coleção do Museu do Caramulo, uma das cinco existentes no Mundo²⁸.

Localizámos ainda dois estudos, porém, incidem sobre objetos doados após o falecimento de Abel de Lacerda. Luís Manuel Araújo analisou «A coleção egípcia do Museu do Caramulo» na *Cadmo: Revista do Instituto Oriental*²⁹, fazendo a descrição técnica dos objetos e a sua contextualização face a outras coleções portuguesas semelhantes³⁰. Barbara Karl publicou, na revista *Oriente*, o artigo «Vénus e Marte «à indiana»: a colcha do Museu do Caramulo», onde

²⁵ GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord. – *Coleção da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, 2003.

²⁶ QUINA, Maria Antónia Gentil – *À maneira de Portugal e da Índia: Uma série de tapeçaria quinhentista*. Lisboa: Meribérica – Líber, 1998.

²⁷ Estas tapeçarias são ainda referidas por Rosa Huylebrouck, no artigo «Portugal e as tapeçarias flamengas», e por Pedro Dias, no opúsculo *À maneira de Portugal e da Índia: Uma tapeçaria inédita*, onde analisam as tapeçarias flamengas quinhentistas portuguesas existentes nos museus nacionais e estrangeiros. Vide HUYLEBROUCK, Rosa – Portugal e as tapeçarias flamengas. *Revista da Faculdade de Letras: História*. Porto. Série II, vol. 3 (1986), p. 165-198 e DIAS, Pedro – *À maneira de Portugal e da Índia: Uma tapeçaria inédita*. Porto: V.O.C. Antiguidades, 2007.

²⁸ SANTOS, Luís Reis – Garrafas chinesas de Jorge Álvares. *Belas-Artes. Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*. Lisboa. 2ª Série, n.º 18 (1962), p. 59-69.

²⁹ ARAÚJO, Luís Manuel – A coleção egípcia do Museu do Caramulo. *Cadmo: Revista do Instituto Oriental*. Lisboa. N.º 11, 2001, p. 55-63.

³⁰ Uma nota para precisar que um dos objetos da coleção egípcia foi doado em vida de Abel de Lacerda.

faz a contextualização histórico-temporal e a análise iconográfica de uma colcha indo-portuguesa do século XVII³¹.

Importa referir que são feitas referências, esparsas, à coleção do Museu do Caramulo, à atuação de Abel de Lacerda no âmbito da sua formação e à rede de contactos em alguns estudos realizados sobre colecionadores de arte e mecenas portugueses, nomeadamente, Ricardo Espírito Santo Silva, Ernesto Vilhena, António Medeiros e Almeida e Anastácio Gonçalves. É o caso da obra coletiva *Ricardo do Espírito Santo Silva: Colecionador e mecenas*³²; da tese de doutoramento de Maria João Vilhena de Carvalho, *As escultura de Ernesto Jardim de Vilhena. A constituição de uma coleção nacional*³³, da dissertação de mestrado de Maria de Ornela Lima Mayer, *Casa-museu Medeiros e Almeida: o projeto de um homem. De coleção privada a acervo público*³⁴ e do artigo de Ana dos Anjos Mântua, «As proveniências da coleção e o mercado de arte em Portugal 1925 a 1965», integrado no livro *Colecionar para a Res Publica: o legado Dr. Anastácio Gonçalves (1888-1965)*³⁵. Ainda no referente aos doadores do Museu, referimos a dissertação de mestrado de Iolanda Pereira, *Portugal e os bens culturais deslocados durante a II Guerra Mundial*, já indicada. Ao analisar o mercado de arte português e europeu durante e após a II Guerra Mundial, aquela autora apresenta informações importantes sobre antiquários e colecionadores que estiveram também ligados ao Museu do Caramulo e à formação do núcleo original da sua coleção³⁶.

Sobre o edifício-sede do Museu de Arte, que pode ser considerado como a materialização dos princípios museológicos mais evoluídos à época e, por conseguinte, o entendimento que Lacerda fazia da museologia, a informação publicada é diminuta e dela está ausente a interpretação. O corrente são afirmações factuais sobre a inauguração (a 20 de junho de 1959) ou o facto de ter sido construído em torno do claustro setecentista do Mosteiro da Fraga (Sátão, Viseu), comprado por Abel de Lacerda em 1954 e levado para o Caramulo. Pulula também a

³¹ KARL, Barbara – Vénus e Marte «à indiana»: a colcha do Museu do Caramulo. *Oriente: Revista quadrimestral da Fundação Oriente*. Lisboa. N.º 9 (agosto 2004), p. 3-17.

³² SILVA, Maria João Bustorff, coord. – *Ricardo Espírito Santo Silva: Colecionador e mecenas*. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo, Lisboa, 2003.

³³ CARVALHO, Maria João Vilhena de – *As esculturas de Ernesto Jardim de Vilhena. A constituição de uma coleção nacional*. [Em linha]. Vol. I. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2014. Tese de doutoramento. [Consult. 20 dezembro 2018]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10362/13889>>, p. 293-297. Em 2018, a tese foi publicada pela Caleidoscópio com o título *A constituição de uma coleção nacional: As esculturas de Ernesto Vilhena*.

³⁴ MAYER, Maria de Lima – *Casa-museu Medeiros e Almeida: O projeto de um homem. De coleção privada a acervo público*. [Em linha]. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2016. Dissertação de mestrado. [Consult. 20 dezembro 2018]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10362/19663>>, p. 8, 19, 20, 24 e 77

³⁵ MÂNTUA, Ana Anjos – As proveniências da coleção e o mercado de arte em Portugal 1925 a 1965. In RIBEIRO, José Alberto, coord. – *Colecionar para a Res Publica: O legado Dr. Anastácio Gonçalves (1888-1965)*. Lisboa: Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2010, p. 25 e 27.

³⁶ PEREIRA, Iolanda Cristina Barreira, *op. cit.*, vol. I, p. 36-100; *idem*, vol. II, p. 24-178.

informação errada de que foi o primeiro edifício construído de raiz para albergar um museu em Portugal (o primeiro foi o edifício do Museu José Malhoa, nas Caldas da Rainha, inaugurado em 1936). O artigo de Paulo Martins Barata, intitulado «Caramulo: o museu canónico», sobressai neste panorama pela análise e teorização das escolhas do arquiteto, Alberto Cruz, as quais resultaram na criação de um edifício de modelo clássico: fachada de colunata, planta quadrangular, acentuados eixos de verticalidade e simetria, com uma sucessão de amplas salas de exposição³⁷.

Não podemos estudar o Museu do Caramulo sem nos concentrarmos no espaço geográfico onde foi instalado: na Estância Sanatorial do Caramulo, local de tratamento da tuberculose pulmonar, situado na vertente leste da Serra do Caramulo, a 800 metros de altitude. É preciso perceber porque foi ali criado e com que intenção. O objetivo de Lacerda era transformar a estância sanatorial numa estância de cultura e de turismo de montanha, sendo o museu o eixo estrutural da reconversão. Este assunto não está, em absoluto, estudado. Existe, porém, alguma bibliografia sobre a Estância Sanatorial do Caramulo. Salientamos quatro referências que consideramos relevantes para fazer a contextualização histórica e espaço-temporal da criação do museu.

A primeira, e a mais antiga, corresponde ao ponto 3 do sexto capítulo da tese de doutoramento de J. V. Silva Pereira, intitulada *A Serra do Caramulo: Desintegração de um espaço rural*³⁸. O título do ponto em causa é uma boa síntese do conteúdo: «Uma implantação terciária num espaço rural profundo»³⁹. Silva Pereira enumera os preceitos profiláticos e urbanísticos que foram aplicados na construção e na distribuição dos diversos edifícios e infraestruturas (sanatórios, estação de tratamento de esgotos, forno de incineração de lixos, matadouro, vacaria, etc.) e para a separação da zona sanatorial face à aldeia vizinha preexistente, chamada Paredes do Guardão⁴⁰. A preocupação do autor é, no entanto, fazer uma análise sociológica e demográfica da área da Estância Sanatorial e das Paredes do Guardão, hoje englobadas na vila do Caramulo, e identificar o que foi feito, nos anos 60, 70 e 80, já depois da morte de Abel de Lacerda, para criar empregos e polos de atratividade para pessoas e capitais a fim de impedir o abandono do local, por estrangulamento económico, após o encerramento dos sanatórios⁴¹. A principal via foi a indústria aviária, com as consequências

³⁷ BARATA, Paulo Martins – Caramulo: O museu canónico. In GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord. – *Coleção da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, 2003, p. 5-7.

³⁸ PEREIRA, J. V. Silva – *A Serra do Caramulo. Desintegração de um espaço rural*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1988. Tese de doutoramento, p. 538-552.

³⁹ *Ibidem*, p. 538.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 538-541.

⁴¹ *Ibidem*, p. 541-552.

advindas da incompatibilidade entre esta e a indústria do turismo: maus cheiros, descaracterização da paisagem, afastamento do investimento em projetos turísticos e a ruína da maioria dos sanatórios.

Isabel Costa Santos é a autora do opúsculo *Jerónimo Lacerda e o Caramulo*. Centra-se no período que corresponde à implantação da Estância e ao desenvolvimento alcançado sob a liderança do médico Jerónimo de Lacerda, pai de Abel de Lacerda⁴². Santos explica, de forma sucinta, pois o estudo tem apenas catorze páginas, quem foi Jerónimo Lacerda, quais as infraestruturas construídas e as obras urbanísticas e sanitárias realizadas e de que forma estas foram inovadoras no panorama nacional. Foi o primeiro estudo publicado sobre a Estância. Contudo, a total ausência da citação das fontes lesa a sua validade e alcance historiográfico.

António Barros Veloso⁴³ publicou a obra mais conhecida sobre o assunto, intitulada *Caramulo, Ascensão e queda de uma estância de tuberculosos*⁴⁴. Apesar das imprecisões que se verificam em alguns pontos e da não citação das fontes noutros, é um trabalho útil pela visão de conjunto que proporciona, englobando a ação de Jerónimo Lacerda, as infraestruturas urbanísticas criadas *in loco*, a identificação do corpo clínico e respetivo recrutamento, os sanatórios e as casas de saúde, as fases de desenvolvimento da Estância (arranque, período áureo e fim anunciado) e as relações políticas da família Lacerda. Encontram-se ainda informações, esparsas, sobre a atuação de Abel de Lacerda enquanto diretor administrativo da Estância Sanatorial do Caramulo e como político ativo junto das altas esferas do Governo⁴⁵.

A quarta referência é a prova final de licenciatura em Arquitetura de Cristiane Domingues Passinho, intitulada *Estância Sanatorial do Caramulo: A aculturação experimental da expressão moderna*⁴⁶. A leitura é difícil, devido à fraca organização dos conteúdos, no entanto, é um contributo interessante na medida em que aborda a Estância Sanatorial do Caramulo do ponto de vista do Antepiano de Urbanização de 1949, da autoria do arquiteto Januário Godinho. O objetivo deste consistia em organizar urbanisticamente o espaço e delimitar coerentemente as zonas sanatoriais, habitacionais, industriais, sanitárias e comerciais, tendo o arquiteto seguido o modelo da cidade-jardim, desenvolvido pelo urbanista britânico Ebenezer Howard

⁴² SANTOS, Isabel Costa – *Jerónimo Lacerda e o Caramulo*. S. l.: Sociedade do Caramulo, 1989.

⁴³ Barros Veloso é filho de Francisco Veloso, um dos médicos que mais tempo trabalhou na Estância

⁴⁴ VELOSO, António Barros – *Caramulo. Ascensão e queda de uma estância de tuberculosos*. Lisboa: By the Book, 2009.

⁴⁵ *Idem*, p. 97, 111, 141 e 143.

⁴⁶ PASSINHO, Cristiane Domingues. *Estância Sanatorial do Caramulo: A aculturação experimental da expressão moderna*. 2005. Acessível na Biblioteca do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Portugal.

(1850-1928). O edifício-sede do museu foi instalado num dos novos quarteirões previstos na planificação de Godinho.

Adicionalmente, referimos a tese de doutoramento de Ismael Vieira, *Conhecer, tratar e combater a «peste branca». A fisiologia e a luta contra a tuberculose em Portugal (1853-1975)*. Como o título indica, o autor analisa a institucionalização da luta antituberculosa no país e, neste âmbito, refere a Estância Sanatorial do Caramulo e os sanatórios da Guarda como dois casos emblemáticos⁴⁷. É um estudo especialmente importante para contextualizar a criação e o desenvolvimento da Estância e não tanto sobre a Estância em si, pois é abordada de forma genérica e com base, no caso do Caramulo, nos trabalhos de Isabel Costa Santos e de Barros Veloso, acima referidos. Nada de novo traz, portanto, ao já publicado.

⁴⁷ VIEIRA, Ismael – *Conhecer, tratar e combater a «peste branca». A fisiologia e a luta contra a tuberculose em Portugal (1853-1975)*. [Em linha]. Porto: Universidade do Porto, 2012. Tese de doutoramento. [Consult. 14 março 2019]. Disponível em WWW: <URL: https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=28047>, p. 429-443.

2. Para uma contextualização

Inaugurado o Museu do Caramulo em 1953, é importante fazer uma caracterização do panorama museológico que marcou a conjuntura em que surgiu. Inicialmente, tentámos circunscrevê-la aos anos 1950, mas logo percebemos que teríamos de recuar vinte anos para perceber a orgânica e a componente ideológica que moldou a museologia durante o Estado Novo. A esta contextualização segue-se a classificação do Museu do Caramulo à luz da legislação estadonovista, concretamente o decreto-lei n.º 20.985 de 7 março de 1932 e o decreto-lei n.º 46.758 de 18 de dezembro de 1965. Ainda com base na legislação e em exemplos nacionais e internacionais, explicamos, na última parte do capítulo, em que consistiu exatamente a designação de «museu dos particulares» dada por Abel de Lacerda ao seu projeto museológico.

2.1. O panorama museológico no Estado Novo (1930-1960)

Nos anos 1950, a museologia em Portugal estava em aberto processo de formação teórica e prática. Certamente, patenteava a orientação ideológica que o Estado Novo (1933-1974), enquanto regime autoritário, nacionalista e corporativista, incutira na produção cultural e identitária da nação a partir dos anos 1930. Porém, havia, ao nível dos profissionais dos museus e da Assembleia Nacional, esta instigada por Abel de Lacerda, uma movimentação tendente a promover uma reflexão sobre o estado dos museus e do património cultural em Portugal e sobre o modelo de gestão que lhes era aplicado.

Nas duas primeiras décadas do Estado Novo, a gestão do património cultural assenta num todo coerente baseado na máxima «restauração material, restauração moral, restauração nacional», propagada pela figura dominante do regime, o Presidente do Conselho António de Oliveira Salazar⁴⁸, para evidenciar a missão imposta ao regime e a ele próprio pela conjuntura de crises políticas, económicas e sociais e de exaurimento financeiro herdada da I República⁴⁹. A restauração e a conservação do património cultural, ou património artístico para utilizar o termo da época, era articulada em torno da ideia central de que o regime começara por restaurar as finanças e, em seguida, os edifícios públicos, monumentos, infraestruturas diversas de

⁴⁸ SALAZAR, António de Oliveira – Era de restauração, era de engrandecimento. In *Discursos e notas políticas (1935-1936)*. 2ª Edição. Vol. 2. Coimbra: Coimbra Editora Lda., 1946, p. 147. A expressão foi utilizada no discurso proferido a 28 de maio de 1926 no âmbito da exposição comemorativa do décimo aniversário da Revolução Nacional, realizada no Parque Eduardo VII.

⁴⁹ ROSAS, Fernando – *O Estado Novo (1926-1974)*. Vol. 7. MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 151-241.

comunicação, eixos viários e fluviais para criar uma ampla plataforma destinada a obrar o engrandecimento da pátria e a unificação da nação a nível político, económico, social e cultural⁵⁰. Oliveira Salazar afirmava ainda, em entrevista a António Ferro, nos meados dos anos 1930, que «a defesa do nosso património artístico é das maiores obras da Ditadura»⁵¹. Reconhecia-a também como a obra menos conhecida do regime, situação pouco estratégica quando pretendia, através do património, criar canais de «contacto com a nação»⁵², destinados a fortalecer e a legitimar o sistema político-ideológico em construção.

O Estado Novo atuou sobre a sociedade na base de uma premissa clara: subverter a «desordem» criada pela I República para reconstruir o território e criar uma identidade nacional aglutinadora. Para isso criou um articulado sistema de propaganda, centrado no SPN/SNI, para que a inculcação ideológica fosse feita pela via da aceitação informada – não por simples imposição – e resultasse na concretização de uma verdadeira «política do espírito», isto é, numa nova mentalidade cultural global ligada ao passado e voltada para o futuro⁵³. Sendo o património um canal de contacto com a nação, como escrevemos acima, a atuação do regime decorria ao nível da escola, do restauro e da classificação de monumentos simbólicos (igrejas, mosteiros, castelos, palácios), da realização de exposições comemorativas e da criação/melhoramento de museus. No primeiro caso, recorde-se os *curricula* escolares de História, criados em torno dos acontecimentos e personalidades da história nacional⁵⁴, ou os cartazes d'«A lição de Salazar», distribuídos pelas escolas primárias, em 1938⁵⁵. Os restantes níveis de atuação deixam muito claro o cariz ideológico e propagandístico da «vocaçãõ patrimonial e museológica do regime»⁵⁶.

Com efeito, o património, e muito especialmente os monumentos, como sublinha Jacques Le Goff, é valorizado como um testemunho do passado largamente visível pelo conjunto da sociedade, ao contrário, por exemplo, dos documentos escritos, mais resguardados. Detém, por

⁵⁰ SALAZAR, António de Oliveira, *ob. cit.*, p. 143-149.

⁵¹ FERRO, António – *Salazar, o homem e a sua obra*. [s. l.]: Empresa Nacional de Publicidade, 1935, p. 89.

⁵² *Idem*, p. 71. Cita-se parte do título do capítulo III do livro de Ferro.

⁵³ DAMASCENO, Joana – *Museus para o povo português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010, p. 35-54; Ó, Jorge Ramos do – *Os anos de Ferro. O dispositivo cultural durante a «política do espírito» 1933-1949*. Lisboa: Editorial Presença, 1999; ROSAS, Fernando, *ob. cit.*, p. 291-295.

⁵⁴ LIRA, Sérgio, *Museums and temporary exhibitions*, *ob. cit.*, p. 36-37.

⁵⁵ Pela importância para esta reflexão, citamos o texto da «lição de Salazar» referente ao património histórico e artístico: «Do abandono dos serviços públicos, e das ruínas, sinais de desordem e de miséria, o Estado Novo, ao mesmo tempo que edifica, faz renascer o património histórico e artístico da Nação» (BARATA, Martins – *A lição de Salazar: Do abandono dos serviços públicos*. [Em linha]. 1 Cartaz. [Consult. 4 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://purl.pt/22256>>).

⁵⁶ ACCIAIUOLI, Margarida – *Os anos 40 em Portugal. O país, o regime e as artes. «Restauração» e «celebração»*. [Em linha]. Vol. I. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1991. Tese de doutoramento. [Consult. 15 janeiro 2019]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10362/14822>>, p. 6.

isso, um amplo «poder de perpetuação» e é legível como um símbolo ilustrativo do potencial nacional, tornando-se num «legado à memória coletiva»⁵⁷. Assim sendo, intervencionando nos monumentos nacionais e no património cultural, o Estado Novo influía «na educação das gerações» e alevantava o «culto da religião da Pátria e da Arte»⁵⁸.

Relativamente aos museus, a sua função era muito clara. Por um lado, reforçar a missão salvadora do regime ao identificarem, conservarem e reunirem objetos, muitos até ali dispersos, com valor artístico e histórico que testemunhavam a antiguidade e o passado glorioso da Nação e ilustrassem o saber-fazer do povo português⁵⁹. Por outro lado, reforçar, através da exibição pública destes objetos em «espaços de privilégio»⁶⁰, fosse o museu ou os recintos das exposições comemorativas, os laços de pertença identitários e, por conseguinte, garantir a estabilização do regime através do convencimento de que a História nacional e a ação das suas grandes personagens tinham levado até à nova ordem política, económica, social e moral que o Estado Novo preconizava⁶¹. Em suma, os museus eram vistos como o espelho da leitura oficial do regime sobre si próprio e sobre a conjuntura e os espólios museológicos constituíam as provas materiais dos factos, ou seja, a verdade histórica documentada⁶².

Pouco antes da fundação *de jure* do Estado Novo (1933), a Ditadura militar promulgava o decreto-lei n.º 20.985 de 7 de março de 1932⁶³. Foi a primeira sistematização da prática museológica em Portugal de acordo com programas governamentais e institucionais específicos⁶⁴. Porém, este diploma não introduziu alterações substanciais ao quadro legal pré-existente⁶⁵. Por exemplo, manteve a orientação dada pela I República à museologia nacional, centrada na Arte e na Arqueologia, e continuou a política de descentralização museológica que vinha sendo seguida através da criação/melhoramento dos museus regionais e da criação de Comissões Municipais de Arte e Arqueologia, em substituição dos três Conselhos de Arte e Arqueologia então abolidos⁶⁶. O aspeto inovador está no facto de, pela primeira vez, a categoria

⁵⁷ LE GOFF, Jacques – Documento/monumento. In *Enciclopédia Einaudi. Memória-História*. Vol. I. Lisboa: INCM, 1984, p. 96 *apud* Ó, Jorge Ramos do, *ob. cit.*, p. 89.

⁵⁸ *Idem*, p. 90.

⁵⁹ LIRA, Sérgio, *Museums and temporary exhibitions*, *ob. cit.*, p. 72-73 e 240-241.

⁶⁰ ACCIAIUOLI, *ob. cit.*, p. 718.

⁶¹ LIRA, Sérgio, *Museums and temporary exhibitions*, *ob. cit.*, p. 29-76, 160-227 e 240-241.

⁶² *Idem*, p. 234.

⁶³ DECRETO-LEI n.º 20.985. *Diário do Governo*. [Em linha]. I Série. N.º 56 (7 março 1932), p. 431-436. [Consult. 3 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://dre.pt/application/conteudo/523016>>.

⁶⁴ PIMENTEL, Cristina – *O sistema museológico português (1833-1991)*. Em direção a um novo modelo teórico para o seu estudo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2005, p. 89.

⁶⁵ GOUVEIA, Henrique Coutinho, *art. cit.*, p. 172.

⁶⁶ PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 123. Com o decreto n.º 1 de 29 de maio de 1911, a I República organizou o país em três «circunscrições artísticas» – Lisboa, Porto e Coimbra –, cada uma administrada por um Conselho de Arte e Arqueologia, ao qual competia a gestão e monitorização do património cultural. Extintos, as suas atribuições migraram para o Conselho Superior de Belas-artes, afeto ao Ministério da Instrução Pública, num

de museu regional ter sido reconhecida e introduzida num programa governamental, dando a estes museus um enquadramento legal e financeiro na estratégia político-cultural do Estado Novo nascente⁶⁷. É ainda importante por ter impulsionado o debate sobre a função e o papel do museu regional na sociedade portuguesa, muito especialmente dos museus etnográficos, por testemunharem as vivências locais, defendidos por influentes etnólogos como Sebastião Pessanha e Luís Chaves⁶⁸.

Durante o Estado Novo, há, efetivamente, um papel mais ativo de organismos de maior radicação regional e local na criação de museus regionais, caracterizando-se o sistema museológico português, até meados dos anos 1960, quando é publicada nova legislação normativa, por uma estrutura descentralizada⁶⁹. Enquanto o decreto-lei n.º 20.985 de 7 de março de 1932 invocava a participação da burguesia média e alta na criação de museus e na proteção do património, os ali designados «homens-bons»⁷⁰, o Código Administrativo de 1936 concedeu às Juntas de Província atribuições de fomento e coordenação cultural, tendo como funções a realização de trabalhos de pesquisa e levantamento do património na área da História e da Etnografia⁷¹.

É, portanto, na década de 1930, que se inicia «um período de notável e esforçada renovação» dos museus, nacionais e regionais, e de alargamento da rede existente com novos estabelecimentos em cidades e vilas diversas⁷². Contudo, nota Cristina Pimentel, muitos museus eram criados pelo país sem regras, plano ou finalidade, havendo até aqueles que existiam sem possuírem um local de exposição e que não cuidavam da inventariação, da documentação e da conservação das suas coleções⁷³.

É também notória a atuação do regime não só para alargar o âmbito da intervenção museológica da I República, centrada na Arte e na Arqueologia, à etnografia e à história local, mas também para torná-las nas componentes disciplinares dominantes da museologia estadonovista⁷⁴. Como dizia António Ferro, diretor do SPN, em 1935, a principal finalidade do

esforço de centralização técnica e administrativa. Vide DECRETO n.º 1. *Diário do Governo*. [Em linha]. N.º 124 (29 maio 1911), p. 2244-2247. [Consult. 2 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://dre.pt/application/conteudo/593104>>; RAMOS, Paulo Oliveira – Breve história do museu em Portugal. In ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, coord. – *Introdução à museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993, p. 50.

⁶⁷ PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 123. GOUVEIA, Henrique Coutinho, *ob. cit.*, p. 172.

⁶⁸ *Idem*, p. 123-124.

⁶⁹ GOUVEIA, Henrique Coutinho, *ob. cit.*, p. 171 e PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 143.

⁷⁰ DECRETO-LEI n.º 20.985, *ob. cit.*, p. 431.

⁷¹ GOUVEIA, Henrique Coutinho, *ob. cit.*, p. 175.

⁷² GONÇALVES, A. M. – Museu. In AA. VV. *Enciclopédia luso-brasileira de cultura*. Vol. 13. Lisboa: Editorial Verbo, 1995, col. 1587.

⁷³ PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 143-144.

⁷⁴ GOUVEIA, Henrique Coutinho, *ob. cit.*, p. 171.

programa cultural do Estado Novo, e da sua propaganda, era exaltar o povo português⁷⁵. Recordemos que, quando o Estado Novo foi institucionalizado, Portugal era um país predominantemente rural, com uma indústria incipiente e uma urbanização limitada⁷⁶. Desta forma, a retórica oficial sobre cultura portuguesa não era definida na base da dicotomia entre tradicionalismo e modernismo, mas sim entre questões urbanas e questões regionais, pois permitia realçar os modelos regionais e as culturas locais na sua heterogeneidade, como bem exemplifica o Museu Marítimo e Regional de Ílhavo, inaugurado em 1937⁷⁷.

As Celebrações do Duplo Centenário da Fundação e da Restauração de Portugal, em 1940, assinalado com a Exposição do Mundo Português, que abriu em Lisboa a 23 de junho, testemunham também a importância dada pelo regime à História e à Etnografia⁷⁸. Das três secções (histórica, etnográfica e colonial) em que estava dividida, duas eram dedicadas àquelas disciplinas⁷⁹. A Secção Histórica integrava oito pavilhões, cronologicamente organizados para narrar a história nacional (o percurso iniciava-se com o Pavilhão da Fundação)⁸⁰. A Secção Etnográfica incluía a reconstituição de uma aldeia portuguesa, no Centro Regional, e uma série de pavilhões que constituíam a Secção da Vida Popular⁸¹. Como Cristina Pimentel salienta, na exposição não foi incluído nenhum pavilhão de Belas-Artes, pois a Arte e os artistas «foram chamados a ilustrar os factos históricos, a ornamentar o recinto e os pavilhões enquanto «decoradores», não enquanto representantes de uma qualquer comunidade artística específica ou de um qualquer credo estético»⁸². Os pavilhões de Belas-Artes eram, por norma, incluídos em exposições e feiras internacionais com uma finalidade prática bem evidente: funcionarem como «agentes catalíticos entre a alta cultura e a cultura popular, entre o funcional e o etéreo, o caro e o barato» para evidenciar uma hierarquia entre as diversas secções que constituíam os eventos⁸³. Objetivo que estava ausente da Exposição do Mundo Português, dado que «qualquer tentativa para estabelecer divisões hierárquicas estava em desacordo com a crença num Mundo Português culturalmente diversificado e unido por uma língua comum»⁸⁴. O propósito era, pois,

⁷⁵ PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 125-126.

⁷⁶ *Idem*, p. 126; ROSAS, Fernando, *ob. cit.*, p. 31-99.

⁷⁷ MOREIRA, Isabel M. Martins, *ob. cit.*, p. 64; PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 125.

⁷⁸ Sobre a Exposição do Mundo Português *vide* DAMASCENO, Joana, *ob. cit.*, p. 53-68; LIRA, Sérgio, *Museums and temporary exhibitions*, *ob. cit.*, p. 163-187; PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 135-140; PORTELA, Artur – *Salazarismo e artes plásticas*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982, p. 69-79.

⁷⁹ PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 136.

⁸⁰ *Ibidem*.

⁸¹ *Idem*, p. 137.

⁸² *Idem* p. 138.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ *Idem*, p. 138-139.

«incluir a Arte na categoria da etnografia, promover a unidade através da diversidade e não separar a cultura de elite da cultura popular»⁸⁵.

Este objetivo fica ainda mais claro se considerarmos que várias exposições de Belas-Artes foram incluídas no programa das celebrações e foram realizadas dentro de portas, isto é, em museus de arte, locais ainda reservados às elites⁸⁶. Tenhamos como exemplo a «Exposição dos Primitivos Portugueses», com pintores dos séculos XV-XVI, realizada no MNAA, com a qual se demonstrava a existência de uma Escola Portuguesa de Pintura, cuja origem se apresentava ali⁸⁷. Referimos ainda a exposição de ourivesaria portuguesa realizada no Museu de Machado de Castro, museu regional, importante porque desencadeou a realização de exposições de arte sacra por todo o país⁸⁸.

Com efeito, as Celebrações dos Centenários de 1940, no afã de demonstrarem a unidade e a coesão da Nação, introduziram uma nova dinâmica ao nível da museologia e da conservação do património cultural. A par das exposições de arte, ampliaram-se os espaços de vários museus de referência (o MNAA, em Lisboa, ou o Museu Soares dos Reis, no Porto, por exemplo) enquanto outros foram criados, a maioria, pelas razões já explicadas, na área disciplinar da Etnografia⁸⁹. Deste conjunto sobressaem o Museu de Arte Popular (1948, Lisboa), criado com base no Centro Regional da Exposição do Mundo Português, em claro ênfase, com carácter de permanência face à efemeridade daquele, do folclore, do artesanato e das tradições locais, e o Museu Nacional de Etnografia das províncias do Douro Litoral (1945, Porto)⁹⁰. Note-se que os museus etnográficos, dentro das conceções ideológicas do Estado Novo, tendiam para uma idealização do mundo rural⁹¹. Evidenciam, neste sentido, uma acentuada preocupação educativa, exibindo reconstituições de cenas e ambientes⁹². O regime pretendia também que fossem «modestos em tamanho e recursos» e a sua criação deveria ser impulsionada por preocupações regionais, através do esforço das elites locais⁹³.

A partir dos anos 1940, auxiliado pela ideologia ruralista do regime, impuseram-se os museus rurais, de cariz etnográfico, anexos às Casas do Povo e Casas dos Pescadores, cujo

⁸⁵ *Idem*, p. 139.

⁸⁶ *Idem*, p. 138.

⁸⁷ RAMOS, Paulo Oliveira, *ob. cit.*, p. 50; ACCIAIUOLI, Margarida, *ob. cit.*, p. 717.

⁸⁸ ACCIAIUOLI, Margarida, *ob. cit.*, p. 717-718. As exposições foram realizadas em Alenquer e Óbidos (1941), em Viseu (1944), em Évora (1941 e 1944) e no Porto (1946) (*idem*, p. 933, n. 11).

⁸⁹ MOREIRA, Isabel M. Martins, *ob. cit.*, p. 64; RAMOS, Paulo Oliveira, *ob. cit.*, p. 50; ACCIAIUOLI, Margarida, *ob. cit.*, p. 717.

⁹⁰ DAMASCENO, Joana, *ob. cit.* p. 69-114; PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 141; RAMOS, Paulo Oliveira, *ob. cit.*, p. 53-54.

⁹¹ GOUVEIA, Henrique Coutinho, *ob. cit.*, p. 174.

⁹² *Ibidem*; RAMOS, Paulo Oliveira, *ob. cit.*, p. 51.

⁹³ PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 141.

principal teorizador foi Sebastião Pessanha⁹⁴. Enquanto instituições pequenas e descentralizadas, deveriam funcionar como repositórios das atividades, dos costumes e das tradições locais, alargando a ação instrutiva e cultural que já desempenhavam através das respetivas escolas e bibliotecas⁹⁵.

Ora, numa conjuntura de valorização de museus etnográficos pela sua proximidade às comunidades, os museus de arte e arqueologia acabaram por cair numa posição de «lugar topográfico», de menor simbolismo, e, por conseguinte, de limitado contributo para a formação da memória coletiva⁹⁶. Foi por isso que, de acordo com Jorge Ramos do Ó, o regime «distendeu o mínimo possível esses espaços culturais fechados, tão-somente decisivos para o florescer da tradição erudita e científica»⁹⁷. Daí que, globalmente, o seu financiamento tenha sido sempre exíguo, facto criticado por Abel de Lacerda, em 1956, numa das suas intervenções na Assembleia Nacional, quando alude ao facto de o Museu de Arte Popular beneficiar de um orçamento demasiado elevado face ao valor histórico e artístico do seu espólio⁹⁸. Ou que, entre 1928 e 1945, apenas 7 dos 25 museus da Direção-Geral do Ensino Superior e Belas-artes tivessem sido objeto de melhoramentos vários⁹⁹. Referimos também a dificuldade em concretizar projetos museológicos em «domínios repetidamente exaltados da nossa História», como demonstra a tentativa gorada de criar o Museu do Infante e o Museu do Vidro, em 1954. O primeiro, projetado por Jaime Cortesão no âmbito das comemorações do V Centenário da Morte do Infante (1960), evocava os Descobrimientos portugueses e a vida e obra do Infante D. Henrique¹⁰⁰. O segundo remetia para a história da indústria vidreira, importante sector da economia portuguesa, e seria instalado na Nacional Fábrica de Vidros da Marinha Grande, rebatizada Fábrica-Escola Irmãos Stephens¹⁰¹.

Em fevereiro de 1956, a Assembleia Nacional discutia a situação dos museus, palácios e monumentos nacionais, no seguimento do aviso prévio apresentado por Abel de Lacerda em resposta ao desinteresse votado «à generosa herança que nos legaram os nossos maiores»¹⁰². Lacerda pretendia uma ampla reforma do sistema museológico nacional e para isso aproveitara a abertura dada pelo Ministro da Educação, Francisco Leite Pinto, em 1955, pouco depois de

⁹⁴ DAMASCENO, Joana, *ob. cit.*, p. 115-163; RAMOS, Paulo Oliveira, *ob. cit.*, p. 52, n. 1.

⁹⁵ PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 122-124; RAMOS, Paulo Oliveira, *ob. cit.*, p. 52, n. 1

⁹⁶ Ó, Jorge Ramos do, *ob. cit.*, p. 93.

⁹⁷ *Ibidem*.

⁹⁸ PORTUGAL. Assembleia Nacional – VI Legislatura: Sessão n.º 121 em 1 de fevereiro. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 121 (2 fevereiro 1956). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW; <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/06/03/121/1956-02-01>>, p. 412-413.

⁹⁹ Ó, Jorge Ramos do, *ob. cit.*, p. 93.

¹⁰⁰ RAMOS, Paulo Oliveira, *ob. cit.*, p. 54-55.

¹⁰¹ *Idem*, p. 55.

¹⁰² PORTUGAL. Assembleia Nacional – VI Legislatura: Sessão n.º 121..., p. 412-413.

ter tomado posse, quando afirmou que a reorganização dos museus era uma das suas prementes preocupações¹⁰³. No aviso prévio, o deputado sugeria que a gestão dos museus estatais ficasse dependente do Ministério da Educação e fosse concentrada num único organismo, a Direção-Geral do Ensino Superior e Belas-Artes ou, melhor ainda, de um Subsecretariado das Belas-Artes, a criar¹⁰⁴. Clamava ainda pelo aumento da dotação orçamental canalizada para os museus, que definia como «absolutamente insuficiente para satisfazer as necessidades essenciais», e pela condensação sistematizada da muito dispersa legislação sobre o património artístico, origem da descoordenação de competências¹⁰⁵.

Comentando a iniciativa, João Couto, diretor do MNAA, afirmava que Lacerda «tinha uma visão clara» do que era a situação do país em matéria de Belas-Artes e do património artístico e, devido aos conhecimentos e experiência museológica que possuía, sabia como resolver os problemas¹⁰⁶. Por isso, critica amargamente que as suas intervenções e ideias não tivessem sido ouvidas ou sequênciadas¹⁰⁷. Os refutadores baseavam a sua argumentação no facto de a abundância legislativa (44 diplomas, entre leis, decretos e portarias) demonstrar o constante interesse e zelo dos governos do Estado Novo face ao património cultural nacional e de ser, apesar de dispersa, assaz completa e apta a enquadrar a resolução da quase totalidade dos problemas¹⁰⁸. E se a coordenação dos serviços falhava, era porque a lei não era cumprida, nomeadamente ao nível da obtenção dos pareceres das entidades especializadas e dos corpos consultivos oficiais¹⁰⁹.

Embora não se lançassem as bases de uma reforma estrutural, considerada fora de tempo e arriscada, a Assembleia reconheceu a necessidade de consolidar a legislação existente, atualizar a regulamentação dos museus e proceder à revisão das carreiras dos seus profissionais em termos remuneratórios e das habilitações académicas¹¹⁰.

Só em dezembro de 1965, seria publicado, como decreto-lei n.º 46.758 de 18 de dezembro, o Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia¹¹¹, com o qual se organizava a estrutura museológica do país como um todo e não como um conjunto de

¹⁰³ GONÇALVES, Armando Manuel – Para a reforma dos museus e da orgânica do património artístico. *Ocidente*. Lisboa. Vol. 51, n.º 221 (setembro 1956), p. 75.

¹⁰⁴ PORTUGAL. Assembleia Nacional – VI Legislatura: Sessão n.º 121..., p. 412-413.

¹⁰⁵ *Ibidem*.

¹⁰⁶ COUTO, João – Abel de Lacerda e a estagnação em que vivem as artes plásticas em Portugal. *Ocidente*. Lisboa. Vol. 54, n.º 299 (março 1963), p. 182.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

¹⁰⁸ GONÇALVES, Armando Manuel, *ob. cit.*, p. 75.

¹⁰⁹ *Idem*, p. 76.

¹¹⁰ *Idem*, p. 76-77.

¹¹¹ DECRETO-LEI n.º 46.758. *Diário do Governo*. [Em linha]. I Série. N.º 286 (18 dezembro 1965), p. 1696-1705. [Consult. 3 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://dre.pt/application/conteudo/508223>>.

instituições individuais, prática seguida até então¹¹². Para além de criar uma base regulamentar definida ao nível das boas práticas e do funcionamento das instituições, reconheceu e organizou em diferentes categorias a profissão museológica, regulou o acesso à mesma e estabeleceu cursos de pós-graduação em museologia¹¹³. Um ponto a salientar é o reconhecimento da função pedagógica e instrutiva dos museus, prevendo o diploma auxílios materiais para a sua concretização¹¹⁴. Ficava claro que os museus deviam atuar como ativos e eficientes centros de divulgação cultural e estudo e não apenas como organismos de conservação e exibição de coleções¹¹⁵. Para isso, os museus deveriam abandonar a prática de acumulação de objetos e seguir modernos preceitos museológicos, baseados na seleção e na construção de discursos expositivos simples, aliados ao bom gosto na apresentação¹¹⁶.

Como sublinha Cristina Pimentel, era muito profundo o contraste entre este decreto-lei e o decreto-lei n.º 20.985 de 7 de março de 1932. Se este valorizava a iniciativa privada como elemento crucial do desenvolvimento da estrutura museológica portuguesa e tinha por objetivo principal estabelecer novos museus independentemente do seguimento de critérios rigorosos ao nível da formação e conservação das coleções, o decreto-lei de 1965 enfatiza o papel do governo central no controlo da mesma estrutura museológica, definindo uma ordem de prioridades ao nível das funções a desempenhar pelos museus: 1º conservar e alargar as coleções, 2º expor, 3º investigar e 4º atuar como centros culturais ativos¹¹⁷. É, em suma, um documento que promoveu a evolução e o melhoramento do panorama museológico português através da monitorização, do financiamento adequado, da definição de metodologias específicas e da planificação cuidada das suas funções científicas e educativas, tal como vinha a ser pedido pelos profissionais da museologia, aos quais Abel de Lacerda se juntou.

2.2. A classificação do Museu do Caramulo

Traçado o panorama museológico no qual se desenvolveu o Museu do Caramulo, é hora de classificá-lo à luz da legislação estadonovista que regulamentava a prática museológica, concretamente o decreto-lei n.º 20.985 de 7 março de 1932 e o decreto-lei n.º 46.758 de 18 de

¹¹² PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 145-146.

¹¹³ DECRETO-LEI n.º 46.758, *ob. cit.*, p. 1697, 1702-1703.

¹¹⁴ *Idem*, p. 1698.

¹¹⁵ *Idem*, p. 1696 e 1701.

¹¹⁶ *Idem*, p. 1697.

¹¹⁷ *Idem*, p. 1699; PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 146.

dezembro de 1965. Ambos constituíam um ponto de referência para os museus públicos e privados.

A classificação tipológica dos museus remonta ao início do século XIX, quando começou a ser aplicada para direcionar a sua função educativa de acordo com as áreas disciplinares¹¹⁸. É, contudo, na segunda metade do século XX, sob a orientação do ICOM, que se procede a uma ordenação tipológica mais específica e simultaneamente flexível para responder, por um lado, ao crescimento dos museus e da sua especialização e, por outro, a um maior dinamismo como agente de cultura e de educação junto da sociedade, por sua vez também tendente a uma crescente especialização de conteúdos e serviços¹¹⁹.

São vários os autores que têm sugerido, a partir das diretrizes do ICOM, diversos quadros taxonómicos¹²⁰. Resumindo estas abordagens, podemos afirmar que a classificação de um museu faz-se de acordo com: a) a amplitude das coleções em museus nacionais, regionais, locais e especializados (ditos monográficos); b) a área de conhecimento das coleções (arte, arqueologia, história, etnografia, etnologia, história natural, ciência e técnica) e c) a entidade proprietária ou tutela, isto é, o organismo do qual o museu depende, podendo ser público (se dependente do Estado, dos municípios ou das antigas juntas distritais, por exemplo) ou privado (dependente da Igreja, empresas ou fundações).

A classificação em termos da amplitude das coleções é estabelecida no art.º 49º do decreto-lei n.º 20.985 de 7 de março de 1932¹²¹. Era feita em três grupos: nacionais, regionais e outros museus diversos, entre os quais se incluíam os municipais, os tesouros de arte sacra e outras coleções de valor artístico, histórico ou arqueológico¹²². Não é feita qualquer descrição dos critérios que definiam cada grupo, facto importante quando a categoria de museu regional era pela primeira vez enquadrada a nível legal e financeiro¹²³.

A classificação a partir da área de conhecimento não é explicitamente definida naqueles decretos-leis. As referências são circunstanciais e não são conceptualizadas. Há, contudo, uma valorização das categorias História, Arqueologia e Arte. Vejamos como. No decreto-lei n.º 20.985 de 7 março de 1932, os museus classificados como nacionais (Museu Nacional de Arte Antiga, Museu Nacional de Arte Contemporânea, Museu Nacional dos Coches) e regionais

¹¹⁸ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis – *Museología. Introducción a la teoría y práctica del museo*. Madrid: Ediciones Istmo, 1993, p. 133.

¹¹⁹ *Idem*, p. 134-138.

¹²⁰ *Idem*, p. 134-136; MOREIRA, Isabel M. Martins, *ob. cit.*, p. 41-46; ZUBIAUR CARREÑO, Francisco Javier – *Curso de museología*. Somonte-Cenero: Ediciones Trea, 2004, p. 36-46.

¹²¹ DECRETO-LEI n.º 20.985, *ob. cit.*, p. 435.

¹²² *Ibidem*.

¹²³ PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 123.

(Museu de Machado de Castro, Museu de Grão Vasco, Museu de Aveiro, Museu Regional de Évora, Museu Regional de Bragança e Museu de Lamego) repartem-se por aquelas três categorias¹²⁴. Já o decreto-lei n.º 46.758 de 18 de dezembro de 1965 foi designado como «Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia». O mesmo diploma traz, contudo, um elemento novo, muito embora contemple aquelas categorias: no art.º 12º, faz uso da designação «genérico» para classificar os museus tutelados pelo governo central que compreendessem diversas secções de arte, história, arqueologia e etnologia, como era o caso, por exemplo do Museu Nacional Soares dos Reis ou do Museu Machado de Castro¹²⁵.

A tutela privada não é contemplada nos diplomas em causa como elemento de classificação, dado que os mesmos apenas visam os museus tutelados por organismos públicos. É, no entanto, afluída no art.º 2º e no art.º 7º do decreto-lei n.º 20.985 de 7 março de 1932, relativos à inventariação e alienação de bens móveis e imóveis particulares de reconhecido valor histórico, artístico e arqueológico.

Como classificaremos o Museu do Caramulo¹²⁶? É um museu de arte, regionalmente implantado, cuja coleção, repartida pelos sectores da pintura, da escultura, da gravura, do desenho, da cerâmica, das artes decorativas e da arqueologia, possui uma clara vocação nacional e internacional¹²⁷. A tutela é exercida pela Fundação Museu do Caramulo, sendo, por isso, um museu particular. Note-se que, apesar de gozar de plena autonomia em relação à administração central, a sua estrutura organizativa era semelhante à dos museus públicos¹²⁸.

Recuperando o que foi dito no ponto 2.1, verificamos que o Museu do Caramulo, enquanto museu de arte, integra uma categoria menos valorizada pelo Estado Novo no âmbito da sua comunicação ideológica com a sociedade e, enquanto museu de implantação regional, vai ao encontro do objetivo governamental de criar uma rede museológica descentralizada. Ainda relativamente à abrangência geográfica da coleção, é importante referir que o Museu do Caramulo foi planeado para preservar e divulgar o património cultural não só regional, mas também, e sobretudo, nacional e internacional, daí a aceitação e a prevalência de doações de objetos *intra* e *extra* região. A origem do museu remonta, de facto, à «Exposição de Arte Sacra

¹²⁴ DECRETO-LEI n.º 20.985, *op. cit.*, p. 435; GOUVEIA, Henrique Coutinho, *ob. cit.*, p. 165; PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 124.

¹²⁵ DECRETO-LEI n.º 46.758, *ob. cit.*, p. 1700.

¹²⁶ Fazemos a demarcação da coleção de veículos antigos (automóveis, motociclos e velocípedes), constituída a partir do final dos anos 50 por João de Lacerda. Ao ser integrada, o Museu do Caramulo passou a englobar a categoria industrial e técnica nas suas coleções.

¹²⁷ Arquivo Particular da Família de Abel de Lacerda (APFAL), recortes de imprensa, vol. II, fl. 53: Na morte do Dr. Abel de Lacerda – *Correio dos Açores*. (10 julho 1957), p. 1; GONÇALVES, A. M., *ob. cit.*, col. 1591; SANTOS, Reynaldo dos – Abel de Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1699 (21 julho 1957), p. 1.

¹²⁸ MOREIRA, Isabel M. Martins, *ob. cit.*, p. 46.

do Concelho de Tondela» (1951), organizada por Abel de Lacerda com obras de arte locais e no âmbito da qual constatou a premente necessidade de arrolar e salvaguardar o património existente. Ademais, a componente regional é evidente em alguns dos objetos integrados na coleção; é-o ainda no facto de Lacerda ter adquirido o claustro setecentista do Convento da Fraga (Sátão, Viseu), em ruínas, para salvaguardá-lo através da inclusão no edifício do museu, cuja construção se iniciou em 1955. Contudo, como salientava Reynaldo dos Santos, crítico e historiador de arte, à medida que a coleção crescia em dimensão e em valor artístico e histórico passou a integrar objetos de grande significância nacional e internacional¹²⁹. Veja-se as tapeçarias de Tournai, ditas «À maneira de Portugal e da Índia» (século XVI), a garrafa de cerâmica sino-portuguesa de Jorge Alvares (século XVI), a *Natureza morta* (1947) de Pablo Picasso ou o *Cavaleiro romano na Ibéria* (1954) de Salvador Dali, *inter alia*.

Por outro lado, se os museus regionais eram, em teoria, dedicados ao público local/regional, recebendo excepcionalmente visitantes de outras proveniências¹³⁰ – a ideia procedia da constatação de que as deslocações eram difíceis, lentas e reduzidas e só poucos tinham recursos para viajar entre as principais cidades¹³¹ – no Museu do Caramulo, devido à relevância da coleção e a um cuidado trabalho de promoção, os visitantes provinham assiduamente de vários pontos do país. Neste contexto, não podemos esquecer que a finalidade de Lacerda era, a médio prazo, transformar a Estância Sanatorial do Caramulo, centrada no tratamento da tuberculose pulmonar, numa estância de turismo cultural. O que explica que a larga abrangência de público, a atratividade da coleção e a exemplaridade das condições de exibição da mesma tenham sido elementos centrais na concretização do projeto museológico.

2.3. O «Museu dos Particulares»: exemplos de proximidade

É importante explicarmos porque o sector privado é tão valorizado e homenageado no Museu do Caramulo, visível desde logo na forma como era designado por Abel de Lacerda e pela imprensa: «museu dos particulares» e «museu da generosidade»¹³².

Notemos que a iniciativa privada tem grande expressão na criação de museus e as coleções museológicas são, em maior ou menor grau, constituídas com doações de particulares,

¹²⁹ SANTOS, Reynaldo dos – Abel de Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1699 (21 julho 1957), p. 1.

¹³⁰ LIRA, Sérgio, *Museums and temporary exhibitions*, *ob. cit.*, p. 79.

¹³¹ *Ibidem*.

¹³² Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian (BAFCG), espólio Luís Reis Santos (LRS), cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel – O Museu da Generosidade. *Diário de Notícias* (22 agosto 1957), p. 7; *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 5.

em Portugal e no estrangeiro. Aliás, como escreve Adelaide Duarte, o processo de transferência das coleções do domínio privado para o público é uma prática recorrente nos séculos XX, sobretudo a partir dos anos 1950 bem como no atual século¹³³. Tal facto significa que os particulares começam a assumir uma função – a aquisição de obras de arte para expor publicamente – a qual competia tradicionalmente ao Estado¹³⁴. Atente-se, a título exemplificativo, nos casos do Museu de Artes Decorativas Portuguesas (1953), fundado por Ricardo Espírito Santo Silva com base na sua coleção, do Museu Calouste Gulbenkian (1969) ou da Casa-Museu António Medeiros e Almeida (2001)¹³⁵. Recordemos também a doação da coleção do Comandante Ernesto Vilhena, em 1969, e a de Francisco de Castro Pina, em 2009, ao MNAA, ou a de José-Augusto França ao Município de Tomar, origem do Núcleo de Arte Contemporânea (2004), e a de Telo de Moraes ao Município de Coimbra, dando origem ao Museu da Cidade – Coleção Telo de Moraes (2001)¹³⁶.

A nível internacional, referimos a doação das coleções de John Pierpont Morgan e de Louisine Elder Havemeyer (1855-1929) ao Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque, e a de Peggy Guggenheim ao Solomon R. Guggenheim Museum, assim como alguns museus fundados por iniciativa de colecionadores privados: o Museum of Modern Art (MoMA) (1929), o Whitney Museum of American Art (1931), ambos em Nova Iorque, o Louisiana Museum of Modern Art (1958), em Copenhaga, o Museum Ludwig (1986), em Colónia, ou o Museu Lázaro Galdiano (1951), em Madrid¹³⁷. O que há, então, de diferente no Caramulo? Porque afirmava Lacerda que o museu foi organizado em bases «absolutamente originais»¹³⁸?

A unicidade do Museu do Caramulo reside na sua orgânica fundacional como uma instituição cultural privada, de utilidade pública, procedente da boa vontade e do altruísmo de um conjunto de indivíduos, na maioria colecionadores, que, sob o impulso e orientação de Abel de Lacerda, criaram uma coleção *ex novo* para um museu nascente, destinada ao usufruto público, através da doação de objetos das suas coleções privadas ou de outros comprados especificamente para serem doados. Temos, assim, um museu fundado por um colecionador privado, mas cuja coleção não assenta numa coleção particular orgânica.

¹³³ DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 24 e 103.

¹³⁴ *Idem*, p. 24.

¹³⁵ MAYER, Maria de Lima, *ob. cit.*, p. 6-114; SILVA, Maria João Bustorff, *ob. cit.*, p. 21-65; PERDIGÃO, Azeredo – *Calouste Gulbenkian colecionador*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

¹³⁶ CARVALHO, Maria João Vilhena de, *ob. cit.*, p. 433-486 e 580-628; DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 182-183 e 215-274; HENRIQUES, Ana de Castro, coord. – *Colecionar em Portugal. Doação Castro Pina*. Lisboa: IMC/MNAA – SCML, 2011.

¹³⁷ DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 90-101; JIMÉNEZ-BLANCO, María Dolores; MACK, Cindy, *ob. cit.*

¹³⁸ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 43/v: L. A. – A exposição de Portugal no Oriente no Museu de Grão Vasco [Entrevista a Abel de Lacerda]. *Política Nova* (25 maio 1957), p. 4.

Ora, se a iniciativa privada está muito presente na história da museologia, será esta presença mais intensa no Museu do Caramulo? De certa forma sim. Estamos perante uma coleção que tem origem em doações de múltiplos doadores privados. Em meados de 1957, quando Abel de Lacerda faleceu, a proporção era de 155 doadores para, de acordo com a numeração do inventário, 282 objetos, tendo a maioria doado um ou dois¹³⁹. Este facto evidencia a existência de uma mobilização a larga escala e uma participação diversificada, decorrente da capacidade de persuasão de Lacerda e do reconhecimento do mérito e da solidez do projeto pela comunidade. Ademais, a subscrição pública lançada para a construção do edifício-sede recolheu a participação não só da sociedade local, mas também de beneméritos e de várias empresas espalhados por Portugal¹⁴⁰.

Lacerda percebeu muito cedo que teria de recorrer aos particulares para concretizar o projeto museológico¹⁴¹. Jovem, ainda, não dispunha de meios financeiros suficientes ou de uma coleção pessoal possante do ponto de vista da elevada qualidade e abrangência cronológica, geográfica e tipológica que ambicionava¹⁴². A colaboração dos privados era, portanto, a única via, encetando uma ativa campanha de angariação de obras-de-arte doadas e de apoio financeiro junto dos «auténticos amadores e cultores de belas-artes»¹⁴³. Com efeito, tudo se passava, como sublinhava Abel de Lacerda, do amor à Arte¹⁴⁴. Em poucos anos conseguiu reunir uma coleção excecional, pelo seu valor e génese, e criou a Fundação Museu do Caramulo (1954), cujos estatutos foram aprovados em 1956, e à qual competia a gestão financeira e programática. Era constituída por um Conselho de Administração, um Conselho Fiscal e uma Assembleia-Geral, sendo esta composta pelos doadores e no âmbito da qual elegiam os elementos daqueles organismos¹⁴⁵.

Um ponto a sublinhar é que a expressão «museu dos particulares», ao contrário do snobismo ou fechamento que possa sugerir, remete para a ideia de cedência e de benemerência. Neste seguimento, outro aspeto marcante atribuído ao Museu do Caramulo era ser um museu

¹³⁹ *Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957*. Caramulo: Museu do Caramulo, 1957.

¹⁴⁰ BAFCG, espólio Diogo de Macedo, cx. 330, docs. n.º DM 330/058 a n.º DM 330/064, n.º DM 330/067, n.º DM 330/069 e n.º DM 330/072: *Boletim* [do Museu do Caramulo], n.ºs 42 a 49, 52, 54 e 57 (3 fevereiro 1955 a 30 abril 1956).

¹⁴¹ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 43/v: L. A., *art. cit.*, p. 4.

¹⁴² BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7.

¹⁴³ SANTOS, Luís Reis – O significado e valor da Exposição do Museu do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1629 (18 março 1956), p. 1.

¹⁴⁴ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Inauguração do Museu do Caramulo. *Ecos da Serra: Separata [do Museu do Caramulo]*. N.º 19 (3 outubro 1953), p. 2.

¹⁴⁵ *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*. Caramulo: Fundação Museu do Caramulo, 1956, p. 3-6.

de «sentimento»¹⁴⁶ e uma «obra de boas vontades» que se traduzia num esforço coletivo de valorização do património material da Nação¹⁴⁷. Colecionadores privados cediam os seus bens para serem publicamente usufruídos num espaço fundado, construído e financiado por particulares. Daí a tónica na «generosidade». Para simbolizar e honrar este processo, consta que Lacerda teria encomendado uma estátua da Generosidade ao escultor Barata Feyo, destinada ao *hall* do edifício-sede¹⁴⁸.

A homenagem era ainda feita através da colocação do nome do doador junto do objeto, perenizando o ato e o nome¹⁴⁹. Trata-se também de um gesto de reforço da desejada pessoalização da instituição, em contraste com a impessoalidade dos museus organizados pelo Estado¹⁵⁰. Como Abel de Lacerda dizia, ligado ao seu doador, cada objeto ficava mais enriquecido e humanizado, tinha mais vida e mais história na medida em que se relacionava com a família, com o colecionador ou com o artista a quem pertencera ou que o criara¹⁵¹. Notemos que esta subtileza vai ao encontro do desejo de reconhecimento e de perenidade que amiúde está associado à decisão de disponibilizar os bens culturais para deleite e educação do público¹⁵². Era este o enquadramento programático e conceptual que era utilizado na comunicação e divulgação do Museu, em contínua angariação de doações e novos doadores.

Contudo, poder-se-á questionar: haverá exemplos com uma dinâmica próxima à do Museu do Caramulo? Da pesquisa feita, identificámos um que apresenta semelhanças no referente ao objetivo de divulgação cultural numa pequena localidade do interior, à recolha de obras junto de privados e ao dinamismo e ambição do agente promotor. Referimo-nos ao Círculo de Cultura de Carregal do Sal, projetado por Luís de Almeida Melo (1921-1962), em 1960. Conservador do Registo Civil, periodista e artista nas horas vagas, marcado por um forte dinamismo cívico e cultural, Luís de Almeida Melo concebeu o Círculo de Cultura como uma instituição ativa na comunidade através da organização de conferências, de espetáculos e da gestão de uma galeria de arte moderna, destinada a exhibir obras de artistas vivos de forma permanente¹⁵³.

¹⁴⁶ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: O Museu do Caramulo é o museu dos particulares. *Ecos da Serra: Separata [do Museu do Caramulo]*. N.º 23 (7 novembro 1953), p. 1.

¹⁴⁷ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Inauguração do Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 2.

¹⁴⁸ *Idem*, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 8.

¹⁴⁹ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Inauguração do Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 2.

¹⁵⁰ *Idem*, O Museu do Caramulo é o museu dos particulares, *art. cit.*, p. 1.

¹⁵¹ *Relação de obras de arte oferecidas em 1953-1954*. Caramulo: Museu do Caramulo, 1954, p. 4; *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*, *ob. cit.*, p. 1 e 6.

¹⁵² DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 125.

¹⁵³ PINTO, Evaristo João de Jesus – *O Museu Municipal Manuel Soares de Albergaria, Carregal do Sal. Das origens à sua formação*. Carregal do Sal: Câmara Municipal, 2008, p. 29, p. 30, n. 13

Para constituir a coleção, Almeida Melo contacta vários artistas portugueses e estrangeiros a solicitar que doassem trabalhos seus, conseguindo reunir um conjunto de obras onde estavam representados Vieira da Silva, João Vieira, René Bértolo, M. Cargaleiro, Lurdes Castro, Cândido Portinari, José Júlio, Marcelino Vespeira, Albertina Mântua, Nuno de Siqueira, João Ayres, Cipriano Dourado, Mário Carneiro, entre outros¹⁵⁴. Porém, tal como Lacerda, Almeida Melo faleceu jovem, aos 41 anos, vítima de doença. Ao contrário do que aconteceu no Caramulo, os colaboradores mais próximos não conseguiram continuar o projeto e, falhada a instalação do Círculo num edifício próprio, por falta de subsídios estatais, a coleção de arte, entretanto encaixotada, foi ficando à guarda da Associação dos Bombeiros Voluntários de Carregal do Sal e da GNR até 1978, altura em que é depositada na Câmara Municipal e, depois, integrada no Museu Municipal Albergaria Soares¹⁵⁵.

Recordando o decreto-lei n.º 20.985 de 7 de março de 1932, no qual o Governo da Ditadura Militar fez a primeira sistematização da prática museológica em Portugal, verificamos que o «museu dos particulares» se enquadra na dinâmica de cooperação que o Estado pretendia fomentar com e entre os elementos informados e dotados de capacidade de iniciativa, socioeconomicamente enquadrados nas classes média e alta, para proteger o património nacional¹⁵⁶. Representa, assim, os eixos de colaboração horizontais, entre os doadores em torno do museu, e os verticais, entre o museu/doadores e o Estado, atuando em paralelo para a preservação e a divulgação do património cultural. E isso explica, a par das ligações políticas do fundador, decorrentes da sua integração nos quadros do regime estadonovista, a obtenção de fundos estatais para a construção do edifício-sede, inaugurado em 1959.

¹⁵⁴ *Idem*, p. 30-34.

¹⁵⁵ *Idem*, p. 34-44.

¹⁵⁶ DECRETO-LEI n.º 20.985, *ob. cit.*, p. 431; PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 89 e 127-128. Cristina Pimentel sublinha que o diploma antecipava a orgânica corporativista da Constituição de 1933, visível na referência à criação de uma «rede de elementos corporativos» que promoveria ações de salvaguarda e divulgação do património artístico e arqueológico e estimularia a colaboração dos elementos ativos da comunidade (PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 120-121).

3. Abel de Lacerda, o colecionador fundador

Neste capítulo, apresentamos o contexto familiar e socioeconómico no qual Abel de Lacerda viveu e se movimentou. O objetivo é explicar como se tornou colecionador (e que tipo de colecionador foi), como desenvolveu os seus célebres «bom gosto» e sensibilidade artística e como conseguiu dispor de uma extensa rede de contactos, seja por conhecimento familiar, seja pela sua própria iniciativa, que lhe proporcionou uma ampla plataforma de intervenção e de posicionamento, permitindo-lhe congregar apoios para a concretização do Museu do Caramulo. Efetivamente, Abel de Lacerda era um homem muito bem posicionado politicamente e este facto teve impacto ao nível da valorização do projeto museológico e da consolidação de uma coleção numerosa e de qualidade.

3.1. O contexto familiar

Abel de Lacerda nasceu no seio de «uma das famílias de maior projeção no centro do país»¹⁵⁷, cuja notoriedade e fortuna começaram com o pai, Jerónimo Lacerda (1889-1945). Enquanto «génio criador» que, a partir de 1920, «forjou a ideia e realizou a obra» da Estância Sanatorial do Caramulo¹⁵⁸, este construiu, praticamente *ex novo*, o meio onde o filho cresceu¹⁵⁹. Nascido a 9 de janeiro de 1921, pode dizer-se que o crescimento de Abel foi paralelo ao crescimento da Estância, local onde viveu desde os dois anos e que se tornou, entre os anos 1930 e 1950, num centro de referência nacional e internacional no tratamento e na investigação clínica da tuberculose pulmonar. Pela inspiração e pelos valores de dedicação, determinação, clarividência, exigência e ousadia que patenteava, Jerónimo Lacerda foi seguramente um marco sólido na vida de Abel¹⁶⁰.

Jerónimo Lacerda nasceu em Coimbra, em 1889, e chegou a Tondela com três anos de idade, trazido pelo pai, Abel Maria de Lacerda, quando, em 1894, foi provido no cargo de médico municipal e nomeado subdelegado de saúde do concelho¹⁶¹. Seguindo a tradição

¹⁵⁷ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 47: A trágica morte do Dr. Abel de Lacerda. *Diário Popular*. (8 julho 1957), p. 6.

¹⁵⁸ Citamos a epígrafe do monumento erigido *post mortem* a Jerónimo Lacerda no parque homónimo da ESC.

¹⁵⁹ A Estância Sanatorial do Caramulo será analisada no capítulo 4.

¹⁶⁰ BARRETO, Bissaya – O Dr. Jerónimo tinha de vencer e venceu. *Folha de Tondela*. N.º 1191 (5 outubro 1947), p. 1; CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura (IX). *Folha de Tondela*. N.º 732 (10 julho 1938), p. 1; FIGUEIREDO, Fernando F. – Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 414 (10 janeiro 1932), p. 2; Sociedade do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1113 (24 março 1946), p. 3.

¹⁶¹ CÉSAR, José Júlio, *art. cit.*, p. 1; CABRAL, Júlio de Melo – Abel Maria de Lacerda: Ligeiras notas biográficas. *Folha de Tondela*. N.º 378 (14 abril 1929), p. 1. Natural da aldeia da Prova, situada no concelho da Meda, distrito da Guarda, Abel Maria de Lacerda (1858-1927) licenciou-se em Medicina na Universidade de Coimbra, em 1892 (*ibidem*).

familiar (já o avô, João Maria de Lacerda, era médico¹⁶²), licenciou-se em Medicina (1915), na Universidade de Coimbra (UC), e ali se doutorou (1916)¹⁶³. Aluno excelente, de altíssimas classificações¹⁶⁴, foi convidado por Elísio de Moura, professor na Faculdade de Medicina da mesma Universidade, para ser seu assistente. Em 1916, no seguimento da entrada de Portugal na I Guerra Mundial, foi mobilizado para o Corpo Expedicionário Português, como tenente-médico¹⁶⁵. Em 1917, partiu para a Flandres, de onde regressou em 1918, findo o conflito. No ano seguinte, dividia-se entre Tondela e a UC, onde exercia, respetivamente, as funções de médico municipal e de 2º assistente na cadeira de Clínica Psiquiátrica (1919-1920)¹⁶⁶. É então que decide abandonar as funções de docente para fixar-se em Tondela e dedicar-se integralmente à carreira médica e ao projeto da Estância.

Porque terá Jerónimo Lacerda, homem de uma «inteligência ávida de conhecimentos novos» e com «horror à imobilidade»¹⁶⁷, optado pelo interior rural? Ora, a par desta viva e ávida inteligência, possuía uma «larga visão»¹⁶⁸ e um «espírito renovador»¹⁶⁹, atributos que o levam até ao Caramulo, local utilizado há dezenas de anos de forma livre por doentes em convalescença, especialmente pulmonares. A sua ideia era criar uma estância de cura e de repouso dotada com procedimentos clínicos e higiénicos uniformizados e monitorizados. Aliando o conhecimento que possuía da região aos seus conhecimentos científicos, concebeu um plano de ação para mobilizar investidores e cofundar, em 1920, a Sociedade do Caramulo, à qual cabia a capitalização da edificação da ESC e a respetiva gestão financeira¹⁷⁰. Jerónimo Lacerda assumiu a direção quer do Conselho de Administração da Sociedade, quer dos serviços clínicos da Estância¹⁷¹.

Em março de 1919, casou com uma jovem da burguesia da Póvoa de Varzim, Margarida Souto Castro Alves¹⁷², que conheceu no final de 1918, numa das viagens de estudo ao

¹⁶² CÉSAR, José Júlio, *art. cit.*, p. 1.

¹⁶³ FIOLEAIS, Carlos; MARTINS Décio, coord. – Lacerda, Jerónimo Maria de (1889-1945). In *História da Ciência na UC*. [Em linha]. Coimbra: Universidade de Coimbra, [s. d.]. [Consult. 17 maio 2018] Disponível em WWW: <URL: http://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores/LACERDA_jeronimomariade/>.

¹⁶⁴ Concluiu a licenciatura com 19 valores (VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 27 e 29).

¹⁶⁵ Dr. Jerónimo de Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 498 (29 outubro 1933), p. 1.

¹⁶⁶ FIOLEAIS, Carlos; MARTINS Décio, *ob. cit.*

¹⁶⁷ BARRETO, Bissaya, *art. cit.*, p. 1 e 3.

¹⁶⁸ Sociedade do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1113 (24 março 1946), p. 3.

¹⁶⁹ BARRETO, Bissaya, *art. cit.*, p. 1.

¹⁷⁰ Sociedade de Propaganda do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 78 (11 janeiro 1920), p. 1; VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 33.

¹⁷¹ *Idem*, p. 38-39.

¹⁷² Dr. Jerónimo Maria de Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1087 (23 setembro 1945), p. 3. *Vide* fotografia 1, no anexo V.

Caramulo¹⁷³. Em dezembro de 1919, nascia a única filha do casal, Maria Arminda Castro Alves de Lacerda, seguindo-se Abel, a 9 de janeiro de 1921. Em 1922, com a inauguração do Grande Hotel do Caramulo, construído pela Sociedade do Caramulo, ponto de partida da Estância, a família fixa residência na serra, deixando Tondela¹⁷⁴. Em 1923, nascia o último filho, João Maria Castro de Lacerda.

Doravante, o desenvolvimento da Estância entrava numa linha ascendente, tal como o prestígio, influência e fortuna de Jerónimo Lacerda enquanto sócio maioritário da Sociedade do Caramulo, presidente do respetivo Conselho de Administração e diretor dos Serviços Clínicos da Estância¹⁷⁵. A entrada na política, nos anos 1930, pode ser entendida como uma estratégia para acelerar a burocracia que impedia o progresso deste projeto. O facto coincidiu com a formalização do Estado Novo, o que, por outro lado, demonstra uma posição clara de apoio¹⁷⁶. Lacerda foi presidente da Comissão Política Concelhia da UN¹⁷⁷, da comissão local da Legião Portuguesa e da Junta de Turismo do Caramulo (JTC), o que lhe deu localmente uma lata influência política¹⁷⁸.

No dealbar dos anos 1930, iniciou uma amizade próxima com António de Oliveira Salazar, que ia ao Caramulo fazer temporadas de repouso¹⁷⁹. O Presidente do Conselho tornou-se, aliás, muito próximo de toda a família Lacerda, fazendo passeios e piqueniques pela serra ou acompanhando Jerónimo nas suas visitas particulares, por exemplo, ao jovem estudante Abel no Instituto Nun'Álvares, às Caldas da Saúde, em Santo Tirso, onde estava inscrito em regime de internato¹⁸⁰. Há outros sinais desta proximidade. Em 1933, foi em casa de Jerónimo Lacerda, no Caramulo, que Oliveira Salazar pousou, pela primeira e única vez, para um retrato a óleo,

¹⁷³ Pelo lado paterno, Margarida Souto Castro Alves provinha de uma família de lavradores abastados, fixada no lugar de Mourão, freguesia da Retorta, concelho de Vila do Conde. O pai, José António de Castro Alves (1853-1920), cursou direito na UC, indo exercer advocacia para a Póvoa de Varzim. A mãe, Arminda do Vale Souto (1861-1910), descendia de uma família burguesa desta localidade, cuja fortuna foi feita no Brasil. Margarida tinha ido para o Caramulo a fim de acompanhar a irmã, Arminda Souto Castro Alves, numa «estadia de recobro junto dos bons ares da serra», depois de ter tuberculizado, vindo esta a falecer em 1918 (*e-mail* de António Júlio Trigueiros enviado à autora em 30 de janeiro de 2019).

¹⁷⁴ VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 43, n. 7)

¹⁷⁵ *Idem*, p. 33, 38-39 e 41.

¹⁷⁶ A título de exemplo, aludimos ao discurso inaugural dos Dias Médicos, conferência que reuniu no Caramulo dezenas de tisiologistas, onde Lacerda fez alusões à conjuntura política nos seguintes termos: «Caminha Portugal num ritmo novo. Se nesse aspeto vos dissesse quanto me ocorre ao pensamento, até aos que comungam nas mesmas ideias, havia de parecer que eu aproveitaria essas boas vindas para fins que estão completamente fora da índole desta reunião. Direi portanto apenas que no Caramulo também procuramos afinar tudo por esse ritmo novo que se sente hoje em todo o Portugal» (*Apud* Dias Médicos. A visita dos médicos portugueses ao Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 720 (17 abril 1938), p. 1).

¹⁷⁷ Interesses do concelho de Tondela. *Folha de Tondela*. N.º 407 (1 novembro 1931), p. 1.

¹⁷⁸ VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 139-140.

¹⁷⁹ *Idem*, p. 37 e 135.

¹⁸⁰ *Idem*, p. 132-147; Dr. Oliveira Salazar. *Folha de Tondela*. N.º 473 (6 maio 1933), p. 2.

pintado por Eduardo Malta¹⁸¹. Referimos ainda as viagens feitas conjuntamente a várias zonas do país a fim de verificar obras públicas ou em missões de estudo¹⁸².

Esta breve incursão pelo contexto familiar fecha-se com a referência a José Bruno Tavares Carreiro (1880-1957), tio de Abel e meio-irmão de Jerónimo, sendo natural de S. Miguel, Açores, onde residia¹⁸³. Para além de advogado – licenciou-se em Direito na UC, em 1904 –, foi um alto funcionário da administração pública¹⁸⁴. Cofundou o jornal *Correio dos Açores* (1920), publicado em Ponta Delgada, do qual foi o primeiro diretor, onde assumiu o papel de «perfeito agitador» da sociedade açoriana, «lançando novas ideias, lutando para ajustar, consoante os regimes e os governos, a modesta autonomia administrativa»¹⁸⁵. Autor de reconhecido mérito, voltou a sua atenção para personalidades e acontecimentos açorianos, tendo sido cofundador da revista *Insulana* (1944), órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada¹⁸⁶. Destacou-se como biógrafo de Antero de Quental com a obra *Antero de Quental: Subsídios para a sua biografia* (1948), um exaustivo estudo publicado sobre o poeta¹⁸⁷. Foi condecorado com as comendas da Ordem Militar de Cristo (1942) e da Ordem Militar de Santiago de Espada (1946)¹⁸⁸. Em 2007, a Câmara Municipal de Ponta Delgada homenageou-o com um ciclo de conferências intitulado *José Bruno Carreiro, o homem e a obra*, onde estiveram presentes Jaime Gama, Presidente da Assembleia da República, e cerca de uma

¹⁸¹ MEDINA, João – *Salazar, Hitler e Franco. Estudos sobre Salazar e a ditadura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000, p. 200-205; VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 135-137. O quadro integra a coleção do Museu do Caramulo.

¹⁸² Casas económicas. *Folha de Tondela*. N.º 494 (1 outubro 1933), p. 2; Dr. Oliveira Salazar. *Folha de Tondela*. N.º 472 (28 abril 1933), p. 1; Dr. Oliveira Salazar. *Folha de Tondela*. N.º 473 (6 maio 1933), p. 2; Dr. Oliveira Salazar. *Folha de Tondela*. N.º 491 (10 setembro 1933), p. 2; Dr. Oliveira Salazar. *Folha de Tondela*. N.º 543 (9 setembro 1934), p. 1; Dr. António de Oliveira Salazar. *Folha de Tondela*. N.º 887 (21 setembro 1941), p. 1.

¹⁸³ José Bruno Tavares Carreiro era meio-irmão por parte da mãe, Maria Rosa de Jesus. Em Coimbra, previamente ao casamento com Abel Maria de Lacerda, pai de Jerónimo, vivera uma relação não legitimada com Bruno Silvano Tavares Carreiro (1857-1911), estudante açoriano de Medicina naquela cidade. Tiveram dois filhos, José Bruno Tavares Carreiro e Maria Júlia Tavares Carreiro (1883-1971), levados pelo pai para São Miguel depois de terminar o curso. Jerónimo tinha mais uma irmã, nascida do casamento dos pais, de nome Berta da Conceição Lacerda (1890-1962) (DIREÇÃO REGIONAL DA CULTURA/GOVERNO DOS AÇORES – Tavares Carreiro. [Em linha]. [Consult. 22 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.arquivos.azores.gov.pt/details?id=1347496>>; Falecimentos: D. Berta Lacerda Pinheiro. *Folha de Tondela*. N.º 1945 (8 abril 1962), p. 2; FIOLHAIS, Carlos; MARTINS Décio, *ob. cit.*; GENEALL – Maria Júlia Tavares Carreiro. [Em linha]. [Consult. 25 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://geneall.net/pt/nome/184470/maria-julia-tavares-carreiro/>>; Impressões do Caramulo. *Ecós da Serra*. N.º 78 (5 setembro 1952), p. 5).

¹⁸⁴ Foi subdelegado do procurador régio, sendo nomeado, após a implantação da República, secretário do Governo Civil do Distrito Autónomo de Ponta Delgada e chefe da secção civil do gabinete do Alto-comissário nos Açores (DIREÇÃO REGIONAL DA CULTURA/GOVERNO DOS AÇORES, *ob. cit.*).

¹⁸⁵ MESQUITA, Mário – José Bruno Carreiro: Açoriano Universal. *Público*. [Em linha]. (28 janeiro 2007). [Consult. 13 maio 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.publico.pt/2007/01/28/jornal/jose-bruno-carreiro-acoriano-universal-118753>>.

¹⁸⁶ *Ibidem*.

¹⁸⁷ *Ibidem*.

¹⁸⁸ DIREÇÃO REGIONAL DA CULTURA/GOVERNO DOS AÇORES, *ob. cit.*.

vintena de investigadores nacionais¹⁸⁹. O contacto entre os dois lados da família foi constante, com José Bruno Carreiro a ir ao Caramulo¹⁹⁰ e de cujas ideias e ensinamentos Abel de Lacerda terá beneficiado, vendo nele mais um exemplo de dinamismo e de espírito de iniciativa.

3.2. *Uma extensa rede de contactos*

Em apenas um quadriénio (1945-1949), a vida de Abel de Lacerda sofreu mudanças profundas, trazidas pela sucessão impressionante de acontecimentos pessoais e profissionais. Em setembro de 1945, Jerónimo de Lacerda faleceu, abrindo de improviso o problema da sucessão, não só na direção da ESC, mas também na presidência do Conselho de Administração da Sociedade do Caramulo, da Junta de Turismo do Caramulo e da Comissão Política Concelhia da UN. Abel sucedeu-lhe nestes cargos a partir de 1945¹⁹¹. A 20 de maio de 1946, casou com Maria Madalena Moreira de Castro Alves (1928-)¹⁹². O primeiro filho, Miguel de Castro Lacerda, nasceu a 1 de maio de 1947, seguindo-se Pedro e Rita de Castro Lacerda, respetivamente a 3 de fevereiro de 1950 e 12 de junho de 1954¹⁹³. Em 1949, foi nomeado Presidente da Câmara Municipal de Tondela (1949-1950)¹⁹⁴ e eleito deputado à Assembleia Nacional pelo distrito de Viseu (sê-lo-ia novamente em 1953)¹⁹⁵. Posteriormente, foi eleito representante das Juntas de Turismo no Conselho Nacional de Turismo (1956-1957)¹⁹⁶ e vogal da Comissão Distrital da UN¹⁹⁷. Teria ainda sido convidado para o cargo de governador civil

¹⁸⁹ *Vide Insulana*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada. Vol. 65 (2009).

¹⁹⁰ *Impressões do Caramulo*, *art. cit.*, p. 5

¹⁹¹ Na Estância, na Sociedade do Caramulo e na Junta de Turismo em 1945 e na presidência da Comissão Concelhia da UN em 1952, tendo sido vice-presidente a partir de 1947 (Comissões da União Nacional no concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 74 (8 agosto 1952), p. 3; Dr. Valentim Marques: O falecimento do presidente da UN de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 52 (15 outubro 1951), p. 1; União Nacional. *Folha de Tondela*. N.º 1219 (18 abril 1948), p. 1)

¹⁹² Nascida a 16 de maio de 1928, é filha de Armando Castro Alves, irmão de Margarida Lacerda, mãe de Abel. Jerónimo Lacerda chamou-o para trabalhar no Caramulo, fixando-se ali com a família. Ele e a esposa faleceram com uma tuberculose fulminante, deixando Madalena, de 10 anos, e a irmã órfãs. Foram cuidadas pelos tios, Margarida e Jerónimo, e pela avó, que veio da Póvoa de Varzim. Vivendo ambos no Caramulo e sendo primos diretos, Madalena e Abel conheceram-se muito novos. Enamoraram-se e casaram assim que Madalena se tornou maior, quatro dias após o 18º aniversário. O casamento ocorreu depois de despistada uma possível incompatibilidade biológica, devido à consanguinidade, por via de exames médicos (conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 16 de março de 2019).

¹⁹³ *E-mail* de Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, enviado à autora em 28 de maio de 2019.

¹⁹⁴ Presidência da Câmara. *Folha de Tondela*. N.º 1289 (11 setembro 1949), p. 1.

¹⁹⁵ Dr. Abel de Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1296 (30 outubro 1949), p. 3.

¹⁹⁶ Conselho Nacional de Turismo: O Dr. Abel de Lacerda foi eleito representante das Juntas de Turismo. *Folha de Tondela*. N.º 1648 (29 julho 1956), p. 3.

¹⁹⁷ APFAL, recortes de imprensa, vol. II, fl. 55/v: Dr. Abel de Lacerda. *Política Nova*. (13 julho 1957).

do distrito de Viseu, que terá recusado¹⁹⁸. Do exposto, pode concluir-se que Abel de Lacerda era um homem muito bem posicionado politicamente.

João de Lacerda dizia que o irmão tinha nascido político e que sempre «soube ser perfeito como político», «tanto nas relações com os seus amigos e familiares, como nas atitudes públicas ou representativas»¹⁹⁹. Muito solícito, de «trato familiar e encantador», a quem não faltava a «palavra fácil» e uma voz «bem timbrada», Abel era «geralmente querido e estimado»²⁰⁰. Por outro lado, convicções políticas fortes, a «herança de um nome prestigiado»²⁰¹ e a afirmação da Estância do Caramulo como local de tratamento de referência e como motor do desenvolvimento regional legitimavam-no como um elemento central na política local com influência a nível nacional²⁰². Recordemos ainda que, no seu percurso político, foi apadrinhado por Oliveira Salazar, amigo íntimo da família²⁰³, e outros homens fortes do regime, de quem era próximo, como Fernando Santos Costa, Trigo Negreiros, Teotónio Pereira ou António Ferro²⁰⁴.

Lacerda demonstrou sempre «uma firme devoção aos princípios do Estado Novo»²⁰⁵. Nos discursos políticos, vemo-lo defender o autoritarismo e o corporativismo de um sistema político que classificava de «inovador» na doutrina e na forma de implantação²⁰⁶. A campanha eleitoral para as presidenciais de 1949 revelou-o como um estrénuo propagandista dos ideais do regime. Enquanto vice-presidente da Comissão Política Concelhia da UN, promoveu localmente uma propaganda bem expressiva e de largo alcance popular²⁰⁷. Eis alguns exemplos. Por intermédio da Rádio Polo Norte, sediada no Sanatório Jerónimo Lacerda, propriedade da Sociedade do Caramulo, preparou emissões apologéticas diárias a Óscar Carmona, candidato do regime²⁰⁸. A seu convite, António Ferro, diretor do SNI, veio a Tondela fazer uma sessão eleitoral de

¹⁹⁸ APFAL, recortes de imprensa, vol. II, fl. 53: Na morte do Dr. Abel de Lacerda. *Correio dos Açores*. (10 julho 1957), p. 1-2.

¹⁹⁹ *Apud* Mensagem do Sr. Dr. João Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1713 (27 outubro 1957), p. 1.

²⁰⁰ Eleições de deputados: São candidatos à Assembleia Nacional dois filhos de Tondela. *Folha de Tondela*. N.º 1296 (30 outubro 1949), p. 1; APFAL, recortes de imprensa, vol. II, fl. 57: Trágico desastre de viação. *Beira Dão*. (14 julho 1957).

²⁰¹ LACERDA, Abel – *Uma legislatura (1949-1953)*. Lisboa: Portugália, 1953, p. 8.

²⁰² União Nacional. *Folha de Tondela*. N.º 1219 (18 abril 1948), p. 1.

²⁰³ VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 143. Segundo Madalena Lacerda, Abel entrou na política para concretizar os seus projetos no Caramulo, devido à proximidade que teria dos ministros. Nega ainda que esta decisão tivesse sido influenciada por Oliveira Salazar (SOROMENHO, Ana, *art. cit.*, p. 29).

²⁰⁴ VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 141 e 143.

²⁰⁵ LACERDA, Abel, *ob. cit.*, p. 8.

²⁰⁶ *Apud* O discurso do Sr. Dr. Abel de Lacerda na sessão de propaganda de Viseu. *Folha de Tondela*, N.º 1298 (13 novembro 1949), p. 2-3.

²⁰⁷ TAPADA, Caetano de Matos H. – Carta aberta ao Senhor Presidente da Câmara de Tondela. *Folha de Tondela*. N.º 1291 (25 setembro 1949), p. 1.

²⁰⁸ Allô! Allô! Atenção... *Folha de Tondela*. N.º 1258 (23 janeiro 1949), p. 1.

esclarecimento à população²⁰⁹. A fim de dar a conhecer ao eleitorado do concelho a «obra gigantesca que o Estado Novo» realizava sob a égide do Marechal Carmona, organizou viagens diárias, gratuitas, à «Exposição de Obras Públicas da Região do Porto», patente no Palácio de Cristal²¹⁰. E para motivar a ida às urnas, criou um prémio para a freguesia que apresentasse maior percentagem de votos²¹¹.

Duas ideias fortes marcam o seu pensamento político: o reforço das instituições como salvaguarda do bem-comum, pois permitiam subjugar os interesses individuais aos da coletividade²¹²; e a criação de sinergias políticas, económicas e culturais com base no conhecimento concreto da realidade e na colaboração²¹³. Neste particular, a nível local, propunha a realização de uma «assembleia política» mensal entre a Comissão Concelhia da UN, os delegados das freguesias e o executivo camarário para avaliar problemas e potenciar um desenvolvimento integral que englobasse o centro e as periferias do concelho²¹⁴. O seu dinamismo e determinação em prover ao desenvolvimento dos confins rurais caramulanos, realidade que conhecia profundamente, era tão intenso que, a dada altura, se levantou o rumor de que tencionava tornar o Caramulo num concelho independente, com sede na Estância²¹⁵.

A partir de 1949, Abel de Lacerda inicia um percurso político ascendente, apoiado no «prestígio inconfundível e incontestável» decorrente da imagem de progresso, desenvolvimento e dinamismo que conseguiu ligar à sua pessoa pela obra assistencial que realizava no Caramulo e pela sua envolvimento política²¹⁶. No início de setembro de 1949, por demissão do titular, assumia o cargo de presidente da CMT²¹⁷. Foi um consulado curto, porém, suficiente para conseguir a autorização do Governo para a contratualização de um empréstimo (1.266.118\$08) e obter participações do Estado (459.381\$00) para obras públicas²¹⁸. A sua estratégia

²⁰⁹ 43 Anos de vida. *Folha de Tondela*. N.º 1261 (12 fevereiro 1949), p. 3.

²¹⁰ União Nacional. *Folha de Tondela*. N.º 1256 (9 janeiro 1949), p. 1.

²¹¹ Sabugosa foi a freguesia vencedora. O prémio consistiu no levantamento, a expensas da Comissão Política Concelhia da UN, de um padrão comemorativo da reeleição do Chefe do Estado, «testemunho de fé no Estado Novo» e da lealdade da população, segundo Lacerda. Foi inaugurado a 28 de agosto de 1949 com a presença do Ministro do Interior, Eng.º Cancela de Abreu, para quem esta inédita iniciativa de homenagem devia ser um exemplo a seguir por outras terras (O discurso do Sr. Ministro do Interior. *Folha de Tondela*. N.º 1288 (4 setembro 1949), p. 1; Sabugosa em festa: A inauguração de um monumento. *Folha de Tondela*. N.º 1288 (4 setembro 1949), p. 2). *Vide* fotografias 5 e 6, no anexo V.

²¹² APFAL, recortes de imprensa, vol. II, fl. 56: L. A. – Morreu uma figura de artista e patriota. *Política Nova*, (13 julho 1957).

²¹³ O ato da posse da Comissão Concelhia da União Nacional e dos delegados das freguesias. *Folha de Tondela*. N.º 1676 (10 fevereiro 1957), p. 1.

²¹⁴ *Ibidem*.

²¹⁵ Poderá o Caramulo passar a sede de concelho num futuro próximo? *Folha de Tondela*. N.º 1731 (2 março 1958), p. 1 e 6; AMORIM, Pessoa de – O Caramulo e o concelho de Tondela. *Folha de Tondela*. N.º 1731 (2 março 1958), p. 1 e 6.

²¹⁶ TAPADA, Caetano de Matos H., *art. cit.*, p. 1.

²¹⁷ Presidência da Câmara. *Folha de Tondela*. N.º 1289 (11 setembro 1949), p. 1.

²¹⁸ *Ibidem*; Presidência da Câmara. *Folha de Tondela*. N.º 1242 (3 outubro 1948), p. 1.

assentava na divulgação das carências das povoações pelas Secretarias de Estado, em Lisboa, e na avaliação *in loco* por altos elementos do Governo, por ele trazidos ao concelho a fim de desbloquearem o capital²¹⁹. Conseguiu então avançar com um rol de obras essenciais (saneamento, luz elétrica, água canalizada e rede telefónica), com a construção de escolas primárias e de cantinas escolares e com o melhoramento de estradas e ruas²²⁰.

Nas legislativas de 13 de novembro de 1949, foi eleito deputado pelo distrito de Viseu, tonando-se no parlamentar mais jovem designado até ali²²¹. Tinha 28 anos. Por incompatibilidade de funções, em maio de 1950, abandonava a presidência da CMT, muito embora, como afiançou, ficasse «sempre vigilante quanto às necessidades do concelho» através da Comissão Concelhia da UN²²². Na Assembleia Nacional, deu voz aos problemas das zonas rurais, defendendo uma política de investimentos planeada e independente das grandes obras nacionais, tendente a melhorar os métodos da exploração agrícola e a qualidade de vida das populações, incluindo ao nível das condições sanitárias²²³. Defendeu também a atualização dos vencimentos dos professores primários a fim de evitar a deserção do serviço público e aumentar o professorado masculino, que considerava mais indicado do que o feminino para formar o carácter dos rapazes, por semelhança de índole²²⁴. Pediu ainda uma reforma educativa. Como dizia, a escola era a criadora dos «verdadeiros homens» do futuro e a reforma educativa era necessária à «reforma dos homens»²²⁵. Foi, contudo, em prol da salvaguarda do património cultural, matéria que lhe era muito cara, que a sua ação no hemiciclo mais se notabilizou, como veremos no ponto 5.3.

²¹⁹ Presidência da Câmara. *Folha de Tondela*. N.º 1332 (9 julho 1950), p. 1; APFAL, recortes de imprensa, vol. II, fl. 86/v: MONTEIRO, G. de Ayala – No aniversário da morte de Abel de Lacerda. *Diário de Notícias*. (7 julho 1958), p. 2.

²²⁰ Em Lobão da Beira, revestiu-se de grande brilhantismo a inauguração da nova escola do sexo feminino. *Folha de Tondela*. N.º 1324 (14 maio 1950), p. 2; Importantes melhoramentos no concelho. *Folha de Tondela*. N.º 1294 (16 outubro 1949), p. 1; Na Lajeosa foi inaugurado o novo edifício escolar. *Folha de Tondela*. N.º 1299 (20 novembro 1949), p. 1; No Tourigo, brilhante inauguração da Escola do sexo masculino. *Folha de Tondela*. N.º 1322 (30 abril 1950), p. 2; Presidência da Câmara. *Folha de Tondela*. N.º 1332 (9 julho 1950), p. 1.

²²¹ Dr. Abel de Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1296 (30 outubro 1949), p. 3. As suas intervenções foram por ele reunidas no livro *Uma legislatura 1949-1953*, publicado em 1953. Pretendia, com este gesto, prestar contas aos eleitores (LACERDA, Abel, *ob. cit.*, p. 8).

²²² Em Lobão da Beira, revestiu-se de grande brilhantismo a inauguração da nova escola do sexo feminino. *Folha de Tondela*. N.º 1324 (14 maio 1950), p. 2.

²²³ PORTUGAL. Assembleia Nacional – V Legislatura: Sessão n.º 60 em 7 de dezembro. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 60 (9 dezembro 1950). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/05/02/060/1950-12-07>>, p. 137-138.

²²⁴ PORTUGAL. Assembleia Nacional – V Legislatura: Sessão n.º 54 em 28 de abril. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 54 (29 abril 1950). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/05/01/054/1950-04-28>>, p. 1002-1003.

²²⁵ Na Lajeosa foi inaugurado o novo edifício escolar. *Folha de Tondela*. N.º 1299 (20 novembro 1949), p. 1. A questão da educação merecia-lhe tal atenção que, no âmbito da Comissão Política Concelhia da UN, criou um prémio para o aluno da 4ª classe melhor classificado (Política do futuro. *Folha de Tondela*. N.º 1595 (24 julho 1955), p. 1).

Em suma, a extrema capacidade de ação política, financeira e cultural de Abel de Lacerda revela de facto um excelente posicionamento junto dos centros de decisão por ele colocado ao serviço da Estância, do concelho e do património artístico. O desfile de ministros e subsecretários de Estado que direccionou para a ESC e para o município com o objetivo de mostrar *de visu* necessidades, realizações e aspirações é disso bem revelador²²⁶, para além de patentear o prestígio de que gozava nas altas esferas, traduzido no interesse com que os poderes públicos acolhiam as suas interpelações.

3.3. Um homem de sensibilidade artística

Abel de Lacerda era um homem de sensibilidade artística²²⁷. Esta sua característica distintiva não ficou encerrada na esfera privada nem se restringiu à fundação do Museu do Caramulo ou à sua faceta de colecionador²²⁸. Longe disso. Fontes próximas descreviam-no como um homem «insatisfeito por temperamento», com «ânsia de atingir o Bem e o Belo» e «sempre pronto a fazer bem», daí que a sua obra estivesse «sempre sujeita a uma constante renovação»²²⁹. Estas características permitiam, por seu lado, que aprimorasse um «bom gosto» inato, «dom extraordinário» nas palavras de Luís Reis Santos²³⁰, e se tornasse num agente promotor da harmonia, da beleza e da arte. Nesta atuação, ia ao encontro dos ditames da «Campanha do bom gosto», lançada por António Ferro, a partir de 1941, na revista *Panorama*, órgão oficial do SNI, com o objetivo de promover uma endoutrinação estética do país²³¹. Interligava-se, portanto, com a «política do espírito», destinada a criar a alma político-ideológica, cultural e artística da Nação²³².

²²⁶ Vide, em anexo, o documento 2, no qual apresentamos uma cronologia destas visitas, entre 1945 e 1957.

²²⁷ APFAL, recortes de imprensa, vol. II, fl. 46/v: Morreu o Sr. Dr. Abel de Lacerda, diretor do Sanatório do Caramulo. *O Século*. (8 julho 1957); *idem*, fl. 48: Uma automotora colheu violentamente um automóvel morrendo no brutal desastre o Dr. Abel de Lacerda. *Jornal de Notícias*. (8 julho 1957); *idem*, fl. 49/v: Dr. Abel de Lacerda. *Diário do Norte*. (8 julho 1957); SANTOS, Luís Reis – Generosa mensagem de bondade e beleza. *Folha de Tondela*. N.º 1701, suplemento (4 agosto 1957), p. 1.

²²⁸ Desenvolveremos este assunto no ponto 3.4.

²²⁹ No Caramulo prestou-se justa homenagem ao Reverendo Pe. José Simões Pedro. *Ecos da Serra*. N.º 99 (30 janeiro 1953), p. 4; FIGUEIREDO, Fernando de – Jerónimo Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1141 (13 outubro 1946), p. 1.

²³⁰ SANTOS, Luís Reis, Generosa mensagem de bondade e de beleza, *art. cit.*, p. 1.

²³¹ BARTOLO, Carlos – A campanha do bom gosto ou análise de uma tentativa de doutrina estética num país autoritário. In PAIVA, Francisco; MOURA, Catarina – Designa 2011: A esperança projectual. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2012, p. 319.

²³² RIBEIRO, Carla – A educação estética da Nação e a «Campanha do Bom Gosto de António Ferro (1940-1949)». *Estudos Ibero-Americanos*. [Em linha]. Vol. 43, n.º 3 (maio-agosto 2017). [Consult. 7 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-864X.2017.2.24663>>, p. 293-294.

O conceito «bom gosto» significava, então, coordenação harmoniosa e funcional de diversos elementos (volumes e cores) num dado espaço com a intenção de criar ambientes humanizados que suscitasse bem-estar e conforto²³³. Combinava estilo e originalidade e utilizava preferencialmente objetos antigos sobre os modernos²³⁴. Opondo-se ao mau-gosto e ao grosseiro, decorrentes de excessos, apoiava-se no bom senso, no ajustamento e na proporcionalidade²³⁵. Tais princípios aplicavam-se tanto às artes plásticas, gráficas e decorativas, como ao *design* de interiores, à arquitetura e ao urbanismo²³⁶, convergindo numa intervenção massiva de embelezamento do espaço público a fim de exprimir, interna e externamente, a versão otimizada da Nação e do Estado Novo²³⁷. Neste sentido, o conceito de «bom gosto», lido no seu contexto histórico, enquadrava finalidades não só estéticas mas também ideológicas e assume a natureza de uma «campanha esteticamente dogmática e politicamente orientada» no sentido da valorização do regime²³⁸.

Abel de Lacerda seguiu esta «campanha do bom gosto» como curador de exposições artísticas na JTC, no Museu do Caramulo e no SNI²³⁹ e como decorador de vários espaços interiores, institucionais e residenciais, dando azo à sua «grande intuição estética», para citar o diretor científico da Estância, Manuel Tapia²⁴⁰. Procedeu ainda, através da JTC, ao embelezamento, digamos, artístico, das áreas urbanas do Caramulo e instituiu, enquanto diretor da ESC, as Medalhas de Ouro e de Prata da Estância Sanatorial do Caramulo, solenemente acompanhadas por pergaminhos medievos. Afirmava Tapia, que Abel vivia prestando quase involuntariamente «culto à beleza»²⁴¹.

Criado «num ambiente de gosto seguro pela Arte»²⁴², a sua predisposição artística foi estimulada desde muito cedo. Segundo Manuel Tapia, que o conhecia desde os 17 anos, o gosto pelas coisas artísticas foi influenciado pela mãe, Margarida Lacerda²⁴³. Miguel de Lacerda, filho de Abel, corrobora esta afirmação, acrescentando que Jerónimo Lacerda, com um espírito vincadamente pragmático, não tinha inclinação para as artes ou cultivava a noção do Belo²⁴⁴.

²³³ ACCIAIUOLI, Margarida – *António Ferro: A vertigem da palavra*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2013, p. 243-245.

²³⁴ *Idem*, p. 244.

²³⁵ *Idem*, p. 260.

²³⁶ ACCIAIUOLI, Margarida, *ob. cit.*, p. 244.

²³⁷ RIBEIRO, Carla, *art. cit.*, p. 294.

²³⁸ RIBEIRO, Carla, *art. cit.*, p. 296 e 300.

²³⁹ O assunto será desenvolvido nos pontos 5.1, 5.2 e 6.3.

²⁴⁰ TAPIA, Manuel – O sentido humano de Abel Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1699 (21 julho 1957), p. 2.

²⁴¹ TAPIA, Manuel, *art. cit.*, p. 2.

²⁴² APFAL, recortes de imprensa, vol. II, fl. 81: J. A. L. – Abel Lacerda. *O Médico*. (22 agosto 1957).

²⁴³ TAPIA, Manuel, *art. cit.*, p. 2.

²⁴⁴ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018.

Já Margarida Lacerda não só era conhecida pelo seu bom gosto como possuía uma pequena coleção de arte²⁴⁵. Dito isto, consideramos que Jerónimo Lacerda, enquanto impulsionador da ESC, demonstrou possuir uma estética pragmática, ou seja, construía valorizando a harmonia, a coesão espacial e a utilidade. Este facto é visível no jardim da sua residência, ao estilo inglês e onde construiu uma das primeiras piscinas privadas em Portugal, com uma inusitada forma em T e decorada com frisos de azulejos²⁴⁶, integrando-a na paisagem natural do Caramulo. É também visível na componente arquitetónica da Estância, marcada pelos estilos «Casa Portuguesa» nos bairros habitacionais²⁴⁷ e *art déco* nos sanatórios²⁴⁸.

É, portanto, também devido à ESC que Lacerda cresceu num meio cheio de estímulos, por várias razões. Contactava não só com arquitetos e engenheiros que trabalhavam na construção dos edifícios e ruas, mas também com pessoas do mundo da cultura e das artes internadas nos sanatórios ou que iam ao Caramulo em visita a familiares ou aos Lacerda. É o caso, por exemplo, de António Ferro e de Guilherme Possolo²⁴⁹. Ademais, artistas atuavam ao Cineteatro do Grande Sanatório, onde também eram exibidos os êxitos do cinema da época, nacionais e internacionais.

No arranjo de interiores, Abel de Lacerda deu provas de «bom gosto» no Palácio dos Condes de Anadia, em Mangualde²⁵⁰; na Casa do Arco, nome com qual batizou a sua residência particular, no Caramulo²⁵¹; no Sanatório Jerónimo Lacerda (Caramulo, 1922), onde remodelou a decoração das zonas públicas, introduzindo mobiliário, quadros e azulejos antigos²⁵²; no Sanatório Salazar (Caramulo, 1950), cujas obras de construção supervisionou; na Casa da Criança Eng.º Cancela e Abreu (Sabugosa, 1950) e no Sanatório do Hospital de Santa Maria de Tondela (Caramulo, 1952). Estes três últimos trabalhos foram os mais mediáticos e são aqueles

²⁴⁵ *Ibidem*.

²⁴⁶ SOROMENHO, Ana, *art. cit.*, p. 29; VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 51

²⁴⁷ São exemplos as residências de Joaquim Nunes Mexia, jurista e estadista, de Jerónimo Lacerda ou, tardiamente, de Abel Lacerda, apresentando os aspetos estruturais desta arquitetura: beirais, alpendre, granitos, serralharia e azulejos estilo barroco. Sobre o desenvolvimento teórico do paradigma «Casa Portuguesa» *vide* FIGUEIREDO, Rute – *Arquitetura e discurso crítico em Portugal (1893-1918)*. Lisboa: Colibri – Instituto de História da Arte – Nova/FCSH, 2007, p. 319-366.

²⁴⁸ Pela adequação dos princípios estéticos aos princípios terapêuticos da tuberculose (*vide* ponto 4.2), o estilo *art déco* passou a dominar a zona sanatorial nos anos 1930 e 1940, quando foram construídos vários sanatórios de raiz. São exemplos os sanatórios Sameiro e Santa Maria, a Casa de Saúde da Serra ou o Pavilhão Cirúrgico e, para além deles, a Capela Nossa Senhora da Esperança. No final dos anos 1920, foi construída uma vivenda em estilo *art déco*, exemplar único e destoante face ao estilo tradicional das restantes. Foi demolida no início do século XXI (VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 64).

²⁴⁹ *Vide* entrada «Possolo, Guilherme» no dicionário biográfico, anexo I.

²⁵⁰ SANTOS, Luís Reis, Generosa mensagem de bondade e de beleza, *art. cit.*, p. 1. Falaremos da Casa do Arco no ponto 3.4.

²⁵¹ *Ibidem*.

²⁵² Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018.

melhor documentados, em especial o Sanatório Salazar, pela importância que representava para a Estância e para o regime.

Construído pela Assistência aos Tuberculosos do Exército, o Sanatório Salazar destinava-se ao internamento de militares tuberculosos²⁵³. Segundo o próprio Lacerda, representava, ao nível da luta antituberculosa, o triunfo de uma sólida colaboração entre as entidades particulares de assistência e o Estado²⁵⁴. Assim se entende o seu empenhamento, enquanto supervisor da obra, em fazer daquele sanatório o mais moderno e o mais luxuoso da ESC e um dos mais confortáveis do país²⁵⁵. Não hesitou, por isso, em investir recursos próprios para concretizar a sua visão, isto é, conciliando no seu interior preceitos profiláticos e elementos utilitários com a Arte e o bom gosto. Havia quadros, estátuas, móveis antigos, faianças decorativas e arranjos florais²⁵⁶. Teve ainda o cuidado de utilizar, pela durabilidade, móveis robustos e fazendas de forrar automóveis, ultrarresistentes, para estofar os cadeirões e sofás das zonas públicas²⁵⁷. Sendo um sanatório do Exército, as paredes das zonas públicas estavam decoradas com lambris de azulejos azuis e brancos, produzidos pela Fábrica de Santana em estilo barroco, com alegorias alusivas à História nacional e à vida militar²⁵⁸. O resultado foi uma decoração de «fino gosto» e «alto sentido estético»²⁵⁹ que criava um ambiente pleno «de expressões de arte e, conjuntamente, de intimidade»²⁶⁰. A satisfação com o trabalho final foi tal que o sanatório esteve aberto ao público para visitas, mediante o pagamento de um bilhete, antes de receber os doentes²⁶¹.

A veia benemérita de Abel de Lacerda ficou visível no vigoroso apoio que deu a algumas obras de beneficência, fazendo uso não só da sua influência política e recursos financeiros, mas também do seu «bom gosto». Aqui sobressaem a Casa da Criança Eng.º Cancela e Abreu e o Sanatório do Hospital de Santa Maria de Tondela. Dizia Luís Reis Santos que não se podia desligar na sua alma «o culto do belo do culto do bem»²⁶².

²⁵³ O Ministro da Guerra no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 5 (15 setembro 1949), p. 1.

²⁵⁴ APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl. 29/v: O Sanatório Salazar no Caramulo: Uma grande obra de assistência aos militares tuberculosos. *Diário de Notícias*. (15 setembro 1950), p. 6.

²⁵⁵ PINHEIRO, Trajano. (1994). Nascimento, apogeu e ocaso de uma grande obra. In A. Teles de Araújo. *História da pneumologia portuguesa*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Pneumologia, p. 273.

²⁵⁶ APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl. 29/v: O Sanatório Salazar no Caramulo, *art. cit.*, p. 6.

²⁵⁷ *Ibidem*.

²⁵⁸ *Ibidem; idem*, fl. 30/v: Destinado a militares foi ontem inaugurado no cimo do Caramulo um amplo e modelar sanatório. *Diário da Manhã*. (15 setembro 1950).

²⁵⁹ Pequenas notas de reportagem. *Ecos da Serra*. N.º 26, suplemento (23 setembro 1950), p. 2.

²⁶⁰ APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl. 28/v: No Caramulo inaugurou-se hoje o Sanatório Salazar. *Diário Popular*. (14 setembro 1950), p. 3.

²⁶¹ Pequenas notas de reportagem, *art. cit.*, p. 2

²⁶² SANTOS, Luís Reis, Generosa mensagem de bondade, *art. cit.*, p. 1. Podemos estabelecer aqui uma relação com a educação cristã e humanista recebida formalmente no Instituto Nun'Alvares, colégio jesuíta instalado nas

A Casa da Criança era uma obra de assistência destinada a grávidas, crianças e raparigas entre os 10 e os 14 anos, onde estas recebiam formação doméstica, e inseria-se na política de proteção à mãe e à criança seguida pelo Estado Novo²⁶³. Funcionando como lactário, creche, cantina escolar e consultório médico infantil²⁶⁴, foi promovida por Abel de Lacerda, através da Comissão Política Concelhia da UN, depois da sugestão do Ministro do Interior, Eng.º Cancela de Abreu, nesse sentido²⁶⁵. Isso explica a escolha para patrono da instituição²⁶⁶. Alberto Cruz, arquiteto que poucos anos depois desenharia o edifício-sede do Museu do Caramulo, foi o autor do projeto arquitetónico, em estilo «Casa Portuguesa»²⁶⁷. A supervisão dos trabalhos de construção e a decoração dos interiores²⁶⁸ foram entregues a Abel de Lacerda, tendo ele criado um ambiente de sensibilidade artística, onde sobressaía, a par da noção de funcionalidade adstrita aos serviços da instituição, a «grande ternura» com que criou um «pequeno mundo» de coisas «simples, ingénuas e compreensíveis» para as crianças²⁶⁹.

O Sanatório do Hospital Santa Maria de Tondela destinava-se a receber doentes pobres e foi instalado na Casa de Saúde Fonte dos Castanheiros, adquirida pelo Hospital de Tondela com o apoio do Ministério do Interior²⁷⁰. A participação de Lacerda na concretização do projeto foi importante na medida em que sugeriu o edifício, diligenciou para que ficasse vago, promoveu as reuniões entre a direção do Hospital e o Ministro do Interior, copatrocinou, a par de outros

Caldas da Saúde, Santo Tirso, onde estudou entre 1932 e 1937 (e-mail da Biblioteca Geral do Instituto Nun'Alvares, enviado à autora em 12 de março de 2019).

²⁶³ Realiza-se hoje em Sabugosa a inauguração da Casa da Criança Eng.º A. Cancela de Abreu. *Folha de Tondela*. N.º 1348 (29 outubro 1950), p. 1. Sobre a assistência social e familiar durante o Estado Novo, muito marcada pela ação de Bissaya Barreto, vide PIMENTEL, Irene Flunser – A assistência social e familiar do Estado Novo nos anos 30 e 40. *Análise Social*. Lisboa. Vol. XXXIX, n.º 151-152 (1999), p. 477-508; SILVA, Ricardo Jerónimo – *Arquitetura hospitalar e assistencial promovida por Bissaya Barreto*. [Em linha]. Vol. I. Lisboa: Universidade de Coimbra, 2013. Tese de doutoramento. [Consult. 15 maio 2019]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10316/24754>>.

²⁶⁴ APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl. 39: Em Sabugosa inaugura-se, hoje, a Casa da Criança Eng.º Cancela de Abreu. *Comércio do Porto*. (29 outubro 1950).

²⁶⁵ Ainda a inauguração da Casa da Criança. *Folha de Tondela*. N.º 1350 (12 novembro 1950), p. 1; Em Sabugosa na inauguração da Casa da Criança. *Folha de Tondela*. N.º 1349 (5 novembro 1950), p. 1.

²⁶⁶ A iniciativa contou com o apoio financeiro de particulares, entre os quais Lacerda, e subsídios estatais (Realiza-se hoje em Sabugosa, *art. cit.*, p. 1).

²⁶⁷ *Ibidem*. Vide fotografia 4, em anexo.

²⁶⁸ *Ibidem*.

²⁶⁹ Em Sabugosa na inauguração da Casa da Criança, *art. cit.*, p. 2; APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl. 39: Em Sabugosa inaugura-se, hoje, a Casa da Criança Eng.º Cancela de Abreu. *Comércio do Porto*. (29 outubro 1950).

²⁷⁰ O Hospital de Santa Maria vai sanatorizar, no Caramulo, todos os doentes pobres do concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 55 (1 dezembro 1951), p. 1.

beneméritos, o equipamento do imóvel e supervisionou as obras de adaptação²⁷¹. Cada quarto, mobilado com simplicidade, distinguia-se pela cor das roupas e pelo respetivo santo protetor²⁷².

Percorrendo a imprensa local e a reunida pela família, percebemos que durante os 12 anos em que foi diretor administrativo da Estância diligenciou para que apresentasse o máximo nível nas instalações, comodidades e procedimentos técnicos²⁷³. Mas não só. Queria embelezá-la. Queria que nela se manifestasse a Arte e a Beleza. Em 1953, meses antes da inauguração do Museu do Caramulo, os seus limites extremos (entrada/saída) sobre a EN 230, ao longo da qual se alinhava, foram assinalados solenemente com dois marcos pétreos ostentando a inscrição «Estância Sanatorial do Caramulo Fundada em 1920»²⁷⁴. Segundo o jornal *Ecos da Serra*, estes marcos tinham um «grande efeito arquitetónico»²⁷⁵. Eram constituídos por um plinto de granito encimado por um leão em mármore, «símbolo de força e dignidade»²⁷⁶. Lacerda, assim, propagandeava a centralidade destes valores na obra assistencial da ESC²⁷⁷.

Outra iniciativa sua foi embelezar a toponímica das ruas. Há dois momentos que podemos distinguir. O primeiro acontece em agosto de 1950. Através da JTC, atribuiu o nome das freguesias do concelho a vários arruamentos²⁷⁸. A ideia tinha sido apresentada por si durante a presidência da CMT, mas aplicada a Tondela, sede do município, onde as ruas seriam rebatizadas com o nome das 25 freguesias²⁷⁹. Era uma ideia original que trazia implícita uma mensagem de aproximação e de bom entendimento e que constituía uma clara homenagem àquelas, que ele considerava a razão da grandeza do concelho²⁸⁰. Recordemos que, enquanto presidente da CMT, tinha como desígnio fomentar a coesão concelhia e uma política de boa vizinhança²⁸¹. Havendo resistência, o Conselho Municipal chumbou a proposta²⁸² e Abel resolveu executá-la no Caramulo, num gesto de «paz» para cercear as hostilidades concelhias contra a Estância que provinham da abissal assimetria socioeconómica e urbanística que a

²⁷¹ Duas visitas ao Sanatório do Hospital. *Folha de Tondela*. N.º 1430 (25 maio 1952), p. 1; Sanatório do Hospital de Santa Maria. *Folha de Tondela*. N.º 1406 (9 dezembro 1951), p. 1; PINTO, António Rosa Fernandes – Hospital de Santa Maria de Tondela. *Folha de Tondela*. N.º 1409 (30 dezembro 1951), p. 1.

²⁷² No Caramulo foi inaugurado o Sanatório do Hospital de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 65 (1 maio 1952), p. 3.

²⁷³ Vide o capítulo 4 desta dissertação.

²⁷⁴ [Estância Sanatorial do Caramulo]. *Ecos da Serra*. N.º 116 (29 maio 1953), p. 1.

²⁷⁵ *Ibidem*.

²⁷⁶ *Ibidem*. Vide fotografia 7, no anexo V.

²⁷⁷ *Ibidem*.

²⁷⁸ O Caramulo vai realizar uma ideia que não interessou à vila de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 18 (20 maio 1950), p. 2.

²⁷⁹ *Idem*, p. 1.

²⁸⁰ *Ibidem*.

²⁸¹ *Ibidem*.

²⁸² *Ibidem*.

mesma representava. Cada rua foi identificada com um painel de azulejos pintado onde constava a toponímia e o elemento mais representativo da freguesia que dava o nome²⁸³. O segundo momento aconteceu *grosso modo* em 1957, quando decidiu dar a várias ruas da Estância o nome de artistas contemporâneos vivos, sendo a placa de cada uma criada pelo respetivo artista. O edifício-sede do Museu do Caramulo estava então em adiantada construção²⁸⁴. O projeto não teve seguimento, por morte do promotor, contudo, Jean Lurçat entregou a sua e consta que Georges Braque e Pablo Picasso começaram a trabalhar nas respetivas²⁸⁵.

A veia artística de Abel de Lacerda manifestou-se ainda para fortalecer a imagem de credibilidade, seriedade e prestígio da ESC. Referimo-nos em particular à criação das Medalhas de Ouro e de Prata da Estância Sanatorial, atribuídas pela direção para consagrar os altos serviços prestados ao Caramulo e os fortes laços de amizade, confiança e cooperação criados em torno da luta antituberculosa com outras instituições²⁸⁶. Cada medalha era acompanhada por um pergaminho-mensagem, concebido pelo artista António Lima, famoso e conceituado pelos seus *ex-libris*, num *design* medievo, onde sobressaíam caracteres góticos, elementos vegetalistas e iluminuras²⁸⁷. Numa delas figurava o monumento a Jerónimo Lacerda, erguido na Estância em 1947.

²⁸³ Toponímia do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 24 (15 agosto 1950), p. 4. Por exemplo, a Rua de Molelos era representada por uma Bilha do Segredo, em barro negro, símbolo da sua atividade oleira; a Rua de Canas de Sabugosa era-o pela sua igreja românica, classificada como monumento nacional e assim sucessivamente (O Caramulo vai realizar uma ideia que não interessou à vila de Tondela, *art. cit.*, p. 2).

²⁸⁴ BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 8.

²⁸⁵ *Ibidem*. Cada artista faria uma reprodução das suas placas para figurar no museu (*ibidem*).

²⁸⁶ A Medalha de Ouro foi atribuída ao Subsecretário de Estado da Assistência Social, Joaquim Trigo de Negreiros (12 de fevereiro de 1950); ao Ministro da Defesa Nacional, Francisco Santos Costa (14 de setembro de 1950), e ao Ministro da Marinha, Américo Tomás (6 de julho de 1952). Foram agraciados com a Medalha de Prata o diretor da Assistência aos Tuberculosos do Exército, Manuel Santos Paiva (14 de setembro de 1950), o presidente da Comissão de Assistência aos Tuberculosos da Armada, Marcelo Rebelo Barbosa (6 de julho de 1952), e o Pe. José Simões Pedro, capelão da Estância, pelo apoio espiritual prestado aos doentes ao longo de 15 anos (A Estância Sanatorial concedeu ao Ministro da Defesa Nacional a Medalha de Ouro do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 26, suplemento (23 setembro 1950), p. 3-4; O Caramulo atribuiu ao Dr. Trigo Negreiros a sua Medalha de Ouro. *Ecos da Serra*. N.º 12 (12 fevereiro 1950), p. 1, 5 e 7; O Ministro da Marinha de visita ao Caramulo, recebe a medalha de ouro da Estância. *Ecos da Serra*. N.º 70 (11 julho 1952), p. 3; Medalha de Prata do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 98 (23 janeiro 1953), p. 1).

²⁸⁷ O Sanatório Salazar foi inaugurado com a presença dos ministros da Defesa Nacional e do Exército. *Ecos da Serra*. N.º 26, suplemento (23 setembro 1950), p. 4. *Vide*, no anexo V, a fotografia 3, na qual figura o pergaminho-mensagem que acompanhava a Medalha de Ouro da Estância Sanatorial do Caramulo.

3.4. O colecionador

A sensibilidade artística de Abel de Lacerda tinha no colecionismo uma outra via de expressão. A veia colecionista antecedeu a ação como fundador do Museu do Caramulo e arquiteto da respetiva coleção, porém, uma vez coexistentes, as duas facetas interligaram-se, pois adquiriu frequentemente objetos para doar ao museu²⁸⁸.

Lacerda integra a categoria maioritária dos colecionadores que beneficiaram de estímulos provenientes de familiares aficionados²⁸⁹. Já aludimos ao interesse da mãe, Margarida de Lacerda, pela Arte e que resultou numa pequena coleção. Terá, decerto, estimulado o interesse do filho pelo colecionismo²⁹⁰. É também possível que tivesse recolhido estímulos *extra* família, nomeadamente durante os anos de estudante no Instituto Nun'Alvares²⁹¹, colégio jesuíta instalado nas Caldas da Saúde, em Santo Tirso, onde existia um museu de botânica e de zoologia com importantes coleções de musgos e de líquenes, organizadas pelos padres Alphonse Luisier e Eugénio Jahlay²⁹². Questionamos ainda se Guilherme Possolo, especialista em mobiliário antigo e amigo da família desde a infância de Abel, terá tido influência²⁹³.

Lacerda começou a colecionar quando era um adolescente de 15 ou 16 anos, tendo então comprado, com metade da mesada, a primeira antiguidade: uma chávena de café da Vista Alegre, hoje na posse do seu primogénito, Miguel Lacerda²⁹⁴. Nos anos 1950, era um dos colecionadores mais ativos em Portugal, granjeando fama e respeitabilidade no meio, com o Ministro da Justiça João Varela a referir-se a ele como «exímio colecionador de obras de arte»²⁹⁵. A sua coleção foi uma das melhores coleções privadas formadas em Portugal durante o Estado Novo, a par da de Ricardo Espírito Santo Silva, Anastácio Gonçalves e António Medeiros e Almeida²⁹⁶.

Dada a quantidade de objetos que conseguiu reunir e o pouco tempo que viveu (36 anos), Abel de Lacerda colecionou intensamente. A conjuntura era-lhe favorável. A partir de meados

²⁸⁸ O assunto será abordado no ponto 7.1.

²⁸⁹ Cf. BAEKELAND, Frederick, *art. cit.*, p. 208.

²⁹⁰ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018; TAPIA, Manuel, *art. cit.*, p. 2.

²⁹¹ Abel de Lacerda foi aluno do Instituto Nun'Alvares entre 1932 e 1937 (*e-mail* da Biblioteca Geral do Instituto Nun'Alvares enviado à autora em 12 de março de 2019).

²⁹² CARVALHAIS, José – *80 Anos na educação: 1912-1992*. Caldas da Saúde: Instituto Nun'Alvares, 1992, p. 83-87; CARVALHAIS, José – *Arte no Instituto Nun'Alvares*. Caldas da Saúde: Instituto Nun'Alvares, 1999, p. 44-49.

²⁹³ *Vide* entrada «Possolo, Guilherme» no dicionário biográfico, anexo I.

²⁹⁴ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018; e-mail de Miguel de Lacerda enviado à autora em 28 de maio de 2019; BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7. *Vide* fotografia 9, no anexo V.

²⁹⁵ *Apud* O Ministro da Justiça visita Tondela. *Folha de Tondela*. N.º 1604 (25 setembro 1955), p. 1.

²⁹⁶ AFONSO, Luís Urbano, *art. cit.*, p. 10.

dos anos 1940, a situação financeira da Sociedade do Caramulo registou uma melhoria assinalável, permitindo-lhe, enquanto acionista, obter lucros significativos e canalizar parte dos mesmos para a compra de obras de arte²⁹⁷. Por outro lado, numa Europa em reconstrução após a II Guerra Mundial, com muitos proprietários a liquidar bens para obter capital, o mercado estava inundado de obras de arte, permitindo aquisições em quantidade e a preços razoáveis²⁹⁸. Segundo Madalena Lacerda, para melhor navegar a conjuntura, Abel estreitou relações com críticos de arte, antiquários, colecionadores e artistas para obter conhecimentos, aconselhamento e acesso facilitado aos objetos que devia comprar²⁹⁹. Seguiu, pois, um preceito sobre o qual José-Augusto França viria a escrever em 1972: a função do crítico de arte como educador do colecionador³⁰⁰. França defendia que o autêntico colecionador era aquele que procurava a qualidade e que constituía a coleção dentro de um programa de aquisições estruturado e avalizado pelo crítico de arte enquanto profissional conhecedor³⁰¹.

Conhecimento e informação são, de facto, elementos centrais na arte de colecionar. Frederik Baekeland, no artigo «Psychological aspects of art collecting», defende que sem eles um colecionador não é autêntico, não é um *connaisseur* que sabe não só o que adquirir do ponto de vista da valorização do investimento e da apreciação estética do objeto, mas também como autodefinir-se através da coleção³⁰². O conhecimento torna-se numa arma eficaz na medida em que sustenta a perceção do valor de um objeto e aguça o instinto de caçador para localizá-lo e apanhá-lo³⁰³. Neste seguimento, colecionar é também, como defendem Brenda Danet e Tamar Katriel, um jogo de competição entre colecionadores alimentado pela tensão entre a racionalidade e a paixão, num binómio complementar que tende a levar à completude da coleção³⁰⁴.

Abel de Lacerda era um colecionador conhecedor e a imprensa definia-o como um «culto estudioso»³⁰⁵. Era, segundo amigos próximos, um autodidata movido pelo prazer de descobrir³⁰⁶. Guilherme Possolo referia que desde menino tinha interesse em aprender e,

²⁹⁷ *Ibidem*.

²⁹⁸ SOROMENHO, Ana, *art. cit.*, p. 30.

²⁹⁹ *Ibidem*. Embora comprasse em qualquer lado, Lacerda centrava-se nos antiquários de Lisboa e, por vezes, do Porto e Coimbra, havendo cerca de uma dúzia de estabelecimentos com os quais mantinha uma relação profissional estreita (conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018).

³⁰⁰ Cf. DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 67. Augusto-França escreveu sobre assunto numa série de diálogos imaginados entre um colecionador e um crítico de arte, publicados no *Diário de Notícias (ibidem)*.

³⁰¹ *Ibidem*.

³⁰² BAEKELAND, Frederick, *art. cit.*, p. 205-206.

³⁰³ DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 64.

³⁰⁴ DANET, Brenda & KATRIEL, Tamar, *art. cit.*, p. 220-239.

³⁰⁵ APFAL, recortes de imprensa, vol. II, fl. 49/v: Dr. Abel de Lacerda. *Diário do Norte*. (8 julho 1957).

³⁰⁶ BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7.

embora questionasse os mais doutos, preferia aprender por conta própria³⁰⁷. Lacerda possuía conhecimentos profundos em alguns sectores das artes decorativas, com destaque para o mobiliário, tecidos, ourivesaria e cerâmica³⁰⁸, categorias nas quais tinha interesse enquanto colecionador. Segundo Luís Reis Santos, muito provavelmente seria «o mais autorizado perito nacional de faiança espanhola anterior ao século XVIII»³⁰⁹.

O colecionismo, a par de um desejo de conhecimento do passado e de erudição, parte da busca de um prazer estético e de um ímpeto criativo³¹⁰. Lacerda colecionava porque era um esteta e, como tal, colecionava pelo simples prazer de admirar coisas belas³¹¹. Neste sentido, colecionava pelo «prazer espiritual» que encontrava na obra de arte³¹², aproximando-se da atuação do colecionador e crítico de arte Duncan Phillips (1886-1966), definido pela historiografia como um colecionador esteta porque buscava a experimentação de emoções através da estética pura³¹³. O ímpeto criativo de Lacerda levava-o a criar, a partir do colecionismo, belos espaços de arte³¹⁴. Possuía claramente um gosto conservador e tradicionalista e procurava, ao seguir os padrões estabelecidos, dar prova do seu bom gosto, da sua curiosidade intelectual, da sua riqueza e do seu prestígio³¹⁵. Foi, portanto, um colecionador-seguidor, isto é, um colecionador que segue os parâmetros existentes, enraizando tendências³¹⁶.

A abordagem estética e conservadora de Lacerda ao colecionismo teve a máxima expressão na Casa do Arco, a sua residência particular sita no Caramulo, construída durante a segunda metade dos anos 1940 e o início dos anos 1950³¹⁷. É uma belíssima mansão em estilo «Casa Portuguesa», decorada interiormente com tetos, portas, grades e azulejos recuperados de conventos, solares e palacetes devolutos³¹⁸. A construção do edifício seguiu uma ordem

³⁰⁷ *Ibidem*.

³⁰⁸ SANTOS, Luís Reis, Generosa mensagem de bondade e de beleza, *art. cit.*, p. 1.

³⁰⁹ *Ibidem*.

³¹⁰ POMIAN, Krzysztof, The collection: between the visible and the invisible, *art. cit.*, p. 163.

³¹¹ *Ibidem*.

³¹² PORTUGAL. Assembleia Nacional – V Legislatura: Sessão n.º 216 em 12 de março. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 216 (13 março 1953). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/05/04/216/1953-03-12>>, p. 846.

³¹³ JIMÉNEZ-BLANCO, María Dolores; MACK, Cindy, *ob. cit.*, p. 241. Duncan Phillips procurava compreender o ciclo da vida através das emoções despertadas pela arte moderna. Esta posição conduziu-o à criação, com base na própria coleção, da Phillips Memorial Art Gallery (1918), considerada o primeiro museu de arte moderna dos EUA (*idem*, p. 241-251).

³¹⁴ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018.

³¹⁵ Cf. POMIAN, Krzysztof – The collection: between the visible and the invisible. In PEARCE, Susan, ed. – *Interpreting objects and collection*. London – New York: Routledge, 1994, p. 163.

³¹⁶ Cf. POMIAN, Krzysztof, De la collection en général, *art. cit.*, p. 50-51.

³¹⁷ O nome deriva do arco da nave de uma igreja setecentista que foi colocado no jardim (BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7).

³¹⁸ *Ibidem*. Alguns exemplos: uma das portas pertencera a uma casa quinhentista de Segóvia e outra, do século XVII, veio de Sevilha; os tetos apainelados, com flores de talha dourada e pinturas sacras do século XVII, foram

cronológica inversa: primeiro, Abel reuniu os objetos com os quais constituiu o recheio e só depois começou a construí-lo³¹⁹. Ou seja, «a casa foi estudada e feita para nela se integrar e dispor o que Abel tinha “descoberto” e colecionado»³²⁰. Note-se que esta integração foi facilitada pela natureza da coleção, centrada nas artes decorativas³²¹. Desta forma, Lacerda inseriu-a nas vivências do quotidiano da família, sem que a omnipresença do seu colecionismo tivesse influências negativas³²². De facto, Madalena Lacerda comungava do gosto e entusiasmo do marido e ambos criaram «um requintado ambiente de gosto com várias obras de arte»³²³, no entanto, não se envolvia na aquisição de objetos ou nas visitas a antiquários, aprovando *a posteriori* as aquisições e auxiliando na integração do *décor*³²⁴.

Abel de Lacerda era um colecionador movido pela paixão e agia «sem parecer achar difícil o que outros achavam impraticável ou nem se lembrariam de desejar»³²⁵. Um exemplo bem expressivo, além do ato criativo inerente à Casa do Arco, é a aquisição, em 1952, do claustro setecentista do Mosteiro da Fraga (Satão), em vias de demolição, sem cogitar nos problemas logísticos e encargos financeiros inerentes à desmontagem, ao transporte para o Caramulo, ao armazenamento no destino e, por fim, à integração no edifício-sede do Museu, cuja construção se iniciou em 1955³²⁶. Subjacente a esta paixão estava o prazer de descobrir: «descobrir peças raras, valiosas ou curiosas, perdidas no pó dos *bric-a-brac*; descobrir preciosas imagens arrumadas num canto de qualquer igreja; descobrir no estrangeiro o que devia pertencer ao património nacional»³²⁷. O prazer de descobrir tornou-o num colecionador caçador, característica que manifestou fortemente em público nos anos 1950 ao organizar a «Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela» (Caramulo, 1951), com base nos objetos

trazidos de um antigo convento transmontano; uma grade de ferro, do século XVI, com as armas dos Filipes de Espanha, dividia as divisões, etc. (*ibidem*; QUILHÓ, Irene, *art. cit.*, p. 21).

³¹⁹ BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7.

³²⁰ *Ibidem*.

³²¹ QUILHÓ, Irene, *art. cit.*, p. 20. A coleção era constituída por diferentes tipologias de objetos (mobiliário, tecidos, arte sacra e cerâmica), cronologias (do século XV ao século XIX) e proveniências geográficas, sobressaindo Portugal, Espanha e Inglaterra. Como exemplo, citamos, *inter alia*, um tapete persa do século XVII, uma mesa espanhola com embutidos, do século XVII; uma cómoda de exportação chinesa para o mercado inglês, do século XVIII; mobiliário em estilo Luís XVI e Luís XVIII; uma escultura de alabastro alemã, do século XV, peça rara em Portugal; porcelanas orientais, particularmente da Companhia das Índias; vidros da Vista Alegre e várias pinturas, como os retratos de Domenico Pelligrini (1804-1810) ou de Vicente Lopez Portaña (1772-1850) (*idem*, p. 20-25). *Vide* estes e outros objetos nas fotografias 10 a 12 do interior da Casa do Arco, no anexo V.

³²² Cf. BAEKELAND, Frederick, *art. cit.*, p. 211.

³²³ QUILHÓ, Irene, *art. cit.*, p. 20.

³²⁴ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 16 de março de 2019.

³²⁵ BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7.

³²⁶ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018. Foram precisas inúmeras viagens por estradas apertadas e encurvadas com camionetas transportando pedra por pedra para o Caramulo (*ibidem*).

³²⁷ BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7.

que inventariou nas prospeções que conduziu pelas paróquias locais³²⁸, e ao constituir a coleção do Museu do Caramulo, inaugurado em 1953.

Nos últimos anos da sua vida, e no âmbito da formação da coleção do Museu do Caramulo, Abel de Lacerda foi também um colecionador-inovador, isto é, um colecionador que antevê o valor e identifica os objetos passíveis de serem reconhecidos como colecionáveis³²⁹. Com efeito, lançou-se na constituição de uma coleção de arte moderna para o Museu do Caramulo quando era incipiente em Portugal. Citando a esposa, Lacerda era claramente «um homem desempoeirado e com um sentido de modernidade bastante singular»³³⁰. Neste percurso, foi aconselhado por Merícia de Lemos, escritora muito bem relacionada nos meios artísticos parisienses e consorte de Jacques Kugel, famoso antiquário judeu sediado em Paris, que Abel conheceu numa das suas viagens à capital francesa³³¹. Segundo ela, os artistas modernistas e contemporâneos eram um investimento seguro, para além de as suas obras se venderem a preços acessíveis³³². Perspicaz, percebeu que este era um caminho a seguir, rodeando-se, segundo Madalena Lacerda, «de pessoas muito válidas que o ajudaram e encaminharam»³³³. Lacerda demonstra, portanto, um gosto pela novidade, pela ousadia e pelo risco que se traduz na aquisição de obras de artistas emergentes³³⁴.

Para concluir o capítulo, refira-se que é como colecionador que ama «a arte pela arte» que Abel de Lacerda se coloca ao serviço da comunidade e do país e desenvolve o projeto do Museu do Caramulo³³⁵. Neste contexto, colecionava com um sentido de missão, aproximando-se da ação de Archer Milton Huntington (1870-1955)³³⁶. Colecionava também como um meio para alcançar um fim concreto, ou seja, o desenvolvimento da cultura artística através da constituição de uma coleção museológica com peças de valor cultural e histórico³³⁷. Foi, portanto, um colecionador interventivo na construção de valores culturais e artísticos³³⁸. Pelo partilhado amor à Arte, base de ações beneméritas e de atuações inovadoras, podemos

³²⁸ Vide ponto 5.2.

³²⁹ Cf. POMIAN, Krzysztof, De la collection en général, *art. cit.*, p. 50-51.

³³⁰ Apud SOROMENHO, Ana, *art. cit.*, p. 30.

³³¹ *Ibidem.*

³³² *Ibidem.*

³³³ Apud *ibidem.*

³³⁴ Cf. DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 128.

³³⁵ BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7.

³³⁶ Archer Milton Huntington fundou, em Nova Iorque, a Sociedade Hispânica da América (1904) com o objetivo de promover o estudo e a divulgação da História, cultura e arte da Espanha. Era constituída por um museu e uma biblioteca, ambos abertos à comunidade. A máxima de Huntington era que a arte que não se contempla não se compreende e, por isso, uniu o conhecimento livresco (biblioteca) à observação material (museu). A coleção que constituiu tinha como traço distintivo a presença de objetos com elevado valor didático e educativo em detrimento daqueles com mera qualidade estética (JIMÉNEZ-BLANCO, María Dolores; MACK, Cindy, *ob. cit.*, p. 131-145).

³³⁷ DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 126.

³³⁸ Cf. *idem*, p. 127.

identificar um paralelismo entre Lacerda e a colecionadora norte-americana Louisine Havemeyer (1855-1929),³³⁹. Para além de ter doado quatro centenas de obras da sua coleção ao nova-iorquino Metropolitan Museum of Art, tonando-se no legado mais importante na história da instituição, desempenhou um papel central na introdução do impressionismo nos EUA, contrariando o conservadorismo da sociedade³⁴⁰. Podemos fazer aqui uma correspondência com a ação de Abel de Lacerda ao nível do contributo dado à difusão da arte moderna em Portugal, o qual teria certamente sido muitíssimo superior se não tivesse falecido prematuramente. A sua ação enquanto colecionador poderá ainda ser analisada em perspetiva com a ação de John Pierpont Morgan (1837-1913), um colecionador de coleções³⁴¹. Este epíteto deriva do facto de a sua atuação se ter centrado na aquisição de obras de arte em grandes lotes ou de coleções inteiras para tornar-se no expoente máximo do colecionismo norte-americano no menor tempo possível, pois tinha começado a colecionar tardiamente, aos 50 anos³⁴². Com ele, Lacerda partilhou três coisas: o ato de colecionar intensamente a fim de criar uma coleção particular de referência; o envolvimento entusiasta na formação da coleção de museus de arte, Lacerda no Caramulo, Morgan no Metropolitan Museum of Art³⁴³, e, por fim, a busca de objetos que possuíssem beleza, história e elevada qualidade estética³⁴⁴.

³³⁹ JIMÉNEZ-BLANCO, María Dolores; MACK, Cindy, *ob. cit.*, p. 97 e 100. Casada com Henry Osborne Havemeyer, conhecido como o rei do açúcar, Louisine Havemeyer foi uma das raras mulheres colecionadoras, tendo-se relacionando com os mais emblemáticos artistas e homens de negócios do seu tempo. Feminista, exerceu um importante ativismo político em prol do sufrágio feminino e teve por conselheira outra mulher, a pintora impressionista norte-americana Mary Cassatt (1845-1926), membro do movimento impressionista parisiense. O grosso da sua coleção era constituído pela pintura do realismo e do impressionismo francês, estando também representadas outras correntes, nomeadamente o maneirismo. A coleção integrava ainda esculturas e artes decorativas de proveniência egípcia, grega, romana, asiática e islâmica (*idem*, p. 97-100).

³⁴⁰ A doação ao Metropolitan Museum of Art tornou-o no segundo museu do mundo com maior representação da pintura impressionista francesa, atrás do Musée d'Orsay, em Paris (*idem*, p. 99).

³⁴¹ *Idem*, p. 51. Morgan foi um riquíssimo banqueiro e capitalista norte-americano, tendo-se notabilizado como um dos melhores colecionadores de arte do seu tempo. A maior parte da sua coleção foi doada a museus públicos, em especial ao Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque, de cujo Conselho de Administração e Conselho Executivo fez parte. Colecionou em consonância com o convencionalismo dos colecionadores americanos da sua geração: ourivesaria do renascimento e do barroco, porcelanas europeias do século XVIII, esmaltes de Limoges, marfins, mobiliário, manuscritos e pintura do renascimento italiano, do barroco holandês e pintura inglesa (*idem*, p. 51-52, 60, 62 e 70-71).

³⁴² *Idem*, p. 59-60.

³⁴³ Eleito presidente do Conselho Executivo do Metropolitan Museum of Art, em 1904, formou um grupo de aliados milionários que o auxiliaram, através da doação de fundos, a cumprir com o seu desígnio de adquirir apenas peças únicas e obras-primas para o museu, elevando a qualidade da coleção (*idem*, p. 68).

³⁴⁴ Cf. *idem*, p. 62 e 67.

4. O Caramulo, a «mais linda serra»³⁴⁵

Abel de Lacerda tinha uma outra enorme paixão, a par das artes e das antiguidades: o Caramulo³⁴⁶. Nesta circunstância, pretendeu fazer tudo pela sua terra ao nível do tratamento da tuberculose e da criação de uma componente artística e museológica para a mesma. Neste particular, o seu projeto era favorecido pela propensão turística da serra, advinda da beleza das suas paisagens, catalisadora de visitantes: a «mais linda serra», assim José Júlio César designou o Caramulo³⁴⁷. Neste capítulo, analisamos os movimentos turísticos e terapêuticos convergentes para o local antes da fundação da ESC, a instalação e o desenvolvimento deste empreendimento, verdadeira cidade da saúde, e, por fim, a visão de Abel de Lacerda no dealbar do fim da era sanatorial para transformá-la numa estância de turismo e de cultura, comparando com outros exemplos.

4.1. Os «bons ares» das Paredes do Guardão

Antes da intervenção de Jerónimo de Lacerda e da Sociedade do Caramulo, a localidade onde a Estância foi instalada, chamada Paredes do Guardão, pequena aldeia serrana de casas graníticas com telhados de colmo, apresentava uma atividade turística considerável derivada das «curas d'ares» que se faziam no local em casos de tuberculose pulmonar e de diversos estados de debilidade física³⁴⁸. Situada na vertente leste da serra do Caramulo, a 800 metros de altitude, toda a envolvência da aldeia beneficiava de boa exposição solar e estava abrigada dos ventos frios do norte e húmidos do oeste pelos morros graníticos, criando-se ali um clima ameno, seco e soalheiro³⁴⁹.

A tuberculose pulmonar, doença epidémica altamente contagiosa³⁵⁰, registou o pico de mortalidade e infecciosidade entre o século XIX e meados do seguinte devido às transformações

³⁴⁵ CÉSAR, José Júlio – *A mais linda serra (artigo publicado no Comércio de Viseu em 10-1-915)*. [Viseu]: Tipografia Central, 1915.

³⁴⁶ APFAL, recortes de imprensa, vol. II, fl. 81: J. A. L. – Abel Lacerda. *O Médico* (22 agosto 1957).

³⁴⁷ CÉSAR, José Júlio, *A mais linda serra, ob. cit.*. José Júlio César (1873-1951), natural de São João do Monte (Tondela), foi um iminente advogado em Viseu, para além de deputado, escritor afamado e um dos grandes impulsionadores do turismo no Caramulo desde o período pré-Estância Sanatorial.

³⁴⁸ COIMBRA, Catarina Antunes – *Dinâmicas de uma Arquitetura Heliotrópica. Reabilitação e Reconversão do Santório Dr. Jerónimo Lacerda em Casa d'Artes do Caramulo*. [Em linha]. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2014. Dissertação de mestrado. [Consult. 25 abril 2019]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10400.5/7765>>, p. 37; VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 31.

³⁴⁹ CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura. Dr. Tiago de Almeida. Dr. M. Lourenço Torres. *Folha de Tondela*. N.º 727 (5 junho 1938), p. 1. Vide fotografia 13, no anexo V.

³⁵⁰ A tuberculose é causada pela bactéria *Mycobacterium tuberculosis* que, geralmente, se instala nos alvéolos pulmonares e cria nódulos formados por tecidos mortos, no interior dos quais se fixa. Pode afetar outras partes do corpo (ossos, cérebro, rins, etc.) quando entra na corrente sanguínea. Os sintomas são tosse crónica, por vezes com

económico-sociais produzidas pela Revolução Industrial e às conjunturas marcadas pela carestia alimentar derivadas da I e da II Guerra Mundial e da crise económica de 1929³⁵¹. Até ao século XIX, o conhecimento sobre a tuberculose era muito reduzido, devido ao facto de ser uma doença de progressão lenta e silenciosa e com sintomas comuns a uma multiplicidade de outras doenças³⁵². O diagnóstico concreto foi possível com os avanços técnicos e médicos que ocorreram na segunda metade de Oitocentos. Em 1869, Gaspar Laurent descobriu a sua natureza infecciosa (até aí pensava-se que era uma doença hereditária degenerativa) e, em 1882, Robert Koch identificou o agente infeccioso, a *micobacterium tuberculosis*³⁵³. Paralelamente, a disponibilização de medidas profiláticas e de tratamento especificou-se com o avanço do conhecimento, impulsionando-se a construção de sanatórios para isolar e tratar os doentes e travar a epidemia. No início do século XX, a terapêutica tradicional da tuberculose pulmonar baseava-se no regime sanatorial, assente conjuntamente na exposição aos raios solares (helioterapia³⁵⁴) e ao ar frio, seco e límpido da montanha (climatoterapia), numa dieta hipercalórica nutritiva e de fácil digestão, no descanso absoluto ou exercício moderado, consoante os casos, e na toma de medicamentos, mais placebos do que medicamentos *per se*, como os sais de ouro ou a sarconisina³⁵⁵. Complementarmente, realizavam-se procedimentos cirúrgicos nos doentes mais graves mas curáveis, como o pneumotórax terapêutico, a frenectomia e a toracoplastia, sobretudo a partir dos anos 1930, com o desenvolvimento da cirurgia torácica³⁵⁶. Porque os resultados do tratamento eram lentos, o internamento dos pacientes variava entre a média e a longa duração (de alguns meses a vários anos), consoante o estágio da doença. Esta característica, ao alargar o número de utentes por acumulação, explica o

expulsão de sangue (hemoptises), escarro, febre, suores noturnos, cansaço e perda acentuada de peso. Ataca principalmente os indivíduos no início da idade adulta e é transmitida por via aérea, quando o doente tosse, cospe, fala ou espirra, conseguindo as bactérias sobreviver nos objetos, nos escarros, no pó ou na atmosfera durante dias. O sistema imunitário consegue destruí-las e evitar a infeção se o hospedeiro não estiver fisicamente debilitado (TAVARES, André – *Arquitectura antituberculose. Trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e a Suíça*. Porto: FAUP, 2005, p. 155-158).

³⁵¹ A subnutrição e a insalubridade em que vivia a classe trabalhadora, ou seja, a maioria da população, resultante da política de baixos salários praticada pelas sociedades industrializadas, combinadas com a concentração urbana e a exploração laboral/debilidade física, criaram as condições ideais para a disseminação da doença. Se os bairros operários eram focos de propagação, a proximidade a que os indivíduos estavam sujeitos nas cidades foi o elemento potenciador do contágio, tornando a tuberculose numa doença transversal a todas as classes sociais. (VIEIRA, Ismael, *ob. cit.*, p. 208-269).

³⁵² *Idem*, p. 76-91.

³⁵³ *Idem*, p. 59-60. Em homenagem ao descobridor, a bactéria é simplesmente designada por bacilo de Koch.

³⁵⁴ A helioterapia é a prática médica que defende que a capacidade de recuperação do organismo, após uma intervenção cirúrgica e no contexto de uma tuberculose ou infeção, é aumentada através da exposição da pele às radiações solares (TAVARES, *ob. cit.*, p. 107-115).

³⁵⁵ COSTA, Luís Manuel; NOGUEIRA, Cristina – Sanatório das Penhas da Saúde: Entre a História e a memória (1913-1969). *Revista Portuguesa de História*. Coimbra. Vol. 46 (2015), p. 434-437; VIEIRA, Ismael, *ob. cit.*, p.160-196.

³⁵⁶ VIEIRA, Ismael, *ob. cit.*, p. 196-205.

número elevado de sanatórios construídos, por vezes numa única estância como é o caso de Leysin³⁵⁷.

No último quartel do século XIX, as «virtudes climatéricas» do ar puro da serra do Caramulo foram estudadas e validadas por José de Melo Ferrari, médico-cirurgião do Hospital da Misericórdia de Viseu³⁵⁸. O seu objetivo era construir uma estância de cura junto da aldeia de Souto Bom, não tendo avançado por falta de financiamento³⁵⁹. Um novo estudo foi elaborado posteriormente pelo coronel Evaristo do Souto, com destino ao Ministério das Obras Públicas³⁶⁰. Para contextualização, é importante referir que estudos similares eram conduzidos pelas montanhas de Portugal para aferir o grau de adequação do ar (em termos de oxigénio, o que se relacionava com a altitude, e despoluição), da humidade e da temperatura ao tratamento da tuberculose pulmonar³⁶¹.

Foi a partir dos anos 90 do século XIX, quando a região começou a ser servida por redes viárias e férreas, que o Caramulo começou a ser utilizado assiduamente como local de cura³⁶², com vários médicos a aconselhá-lo³⁶³. É também a partir dessa altura que começaram a surgir

³⁵⁷ A Estação Climatérica de Leysin foi criada por um grupo de médicos e empreendedores turísticos através da Société Climatérique (1889). O Grande Hotel (1892) e o Hotel Mont-Blanc (1894) foram os primeiros empreendimentos. Em 1903, o médico Auguste Rollier, grande teórico da helioterapia, construiu o primeiro sanatório helioterapêutico, um marco na fisiologia por introduzir um novo método de tratamento. A dinâmica construtiva é muito forte até meados de Novecentos, construindo-se sanatórios, sistemas de abastecimento de água e de energia e acessos viários e férreos. Leysin foi um local de cura renomadíssimo, tendo contabilizado, nos anos 40, oitenta sanatórios e clínicas, dirigidos por Rollier, a par de estabelecimentos de cura independentes (LÜTHI, Dave – L'influence du bon air sur l'architecture. Une «guérison formelle»? Apparition du sanatorium alpin en Suisse (1880-1914). *Revue de géographie alpine*. [Em linha]. Vol. 93, n.º1 (2005). [Consult. 1 junho 2019]. Disponível em WWW: <DOI: 10.3406/rga.2005.2331>, p. 45 e 47; TAVARES, André, *ob. cit.*, p. 110-124 e 201-209).

³⁵⁸ CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura. Dr. Tiago de Almeida, *art. cit.*, p. 1; CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura. Dr. J. Melo Ferrari. Joaquim Pereira da Silva. *Folha de Tondela*. N.º 724 (15 maio 1938), p. 1.

³⁵⁹ *Ibidem*.

³⁶⁰ CÉSAR, José Júlio, Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura. Dr. J. Melo Ferrari, *art. cit.*, p. 1.

³⁶¹ Sousa Martins, por ordem do Governo, conduziu semelhantes estudos na Serra da Estrela com o objetivo de ali se construir um sanatório de alta montanha, o que viria a acontecer na Guarda, com o complexo sanatorial Sousa Martins (1907) e com o Sanatório das Penhas da Saúde (1944) (COSTA, Luís Manuel; NOGUEIRA, Cristina, *art. cit.*, p. 439-451; VIEIRA, Ismael, *ob. cit.*, p. 419-429 e 431-437).

³⁶² CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura. Dr. António Brêda. Dr. Casimiro de Vasconcelos. *Folha de Tondela*. N.º 725 (22 maio 1938), p. 1.

³⁶³ Foi o caso de António Pinto Breda, diretor do Hospital Conde de Lucena (Águeda), e de Casimiro de Vasconcelos, clínico em Viseu. No início do século XX, Fausto Lopo de Carvalho, considerado o melhor fisiólogo do país, recomendava o Caramulo como alternativa às estâncias da Suíça, modelares pelas instalações sanatoriais e avanços terapêuticos. António Felício, clínico municipal em Tondela, prescreveu a Rodrigo Melo, advogado distinto na região, um regime anual de curas. Em 1916, Melo escreveu o livro *Serra do Caramulo*, onde reuniu poesias da sua autoria e apreciações de vultos da ciência, das letras e da política sobre o lugar. Foi também por prescrição de António Felício que, em 1905, João Tavares Festas, de Mortágua, instalou a esposa nas Paredes do Guardão, num chalé em madeira que construiu para o efeito, conhecido como «Chalé Festas», aparecendo nos postais da região. Em 1911, Daniel de Matos, médico e professor da Faculdade de Medicina da UC, prescreveu a cura de ares nas Paredes ao neto de Júlio Henriques, professor na mesma Universidade, diretor do Jardim Botânico e o impulsionador do estudo da Botânica em Portugal. Pela mesma altura, João Jacinto, professor de Medicina na UC, recomendava a Abel Maria de Lacerda, médico municipal em Tondela, pai de Jerónimo Lacerda e avô de

diversas iniciativas de âmbito nacional tendentes a prevenir o contágio e a tratar os infetados. Em 1895, realizou-se o I Congresso Nacional de Tuberculose, seguido do I Congresso Nacional de Medicina (1898). Foram as primeiras reuniões científicas organizadas em Portugal sobre o estudo da tuberculose, tendo por objetivo alertar médicos, poderes políticos e sociedade em geral para um dos mais urgentes problemas de saúde pública³⁶⁴. Em 1899, foram criadas a Liga Nacional contra a Tuberculose, pela Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, e a Assistência Nacional aos Tuberculosos, por iniciativa da Rainha D. Amélia³⁶⁵. Ambas as instituições marcaram o início de um período de políticas organizadas e concertadas para combater a doença, nomeadamente através do incentivo à construção de sanatórios, da abertura de dispensários e de preventórios e da sensibilização dos poderes políticos para atuar ao nível do barateamento dos géneros alimentares (sobretudo da carne, pelo valor nutritivo e importância para robustecer o organismo), da higienização dos alimentos (impedindo que fossem contaminados pela micobactéria da tuberculose) e da promoção da higiene pública, para evitar a criação de ecossistemas favoráveis à sobrevivência do bacilo, através da proibição da construção de habitações de má qualidade, da promoção da limpeza municipal, da desinfecção das casas, do abastecimento de água potável e da criação de redes de esgoto³⁶⁶.

O Caramulo era publicitado na imprensa nacional muito antes da criação da ESC³⁶⁷. Cerca de 1910, constituiu-se um grupo que atuou intensivamente em prol da divulgação do Caramulo, o qual integrava os jornalistas Sebastião Magalhães de Lima e Jaime Magalhães de Lima, o botânico Júlio Henriques e o advogado José Júlio César³⁶⁸. Jaime Magalhães de Lima descreveu as belezas naturais da serra no *Diário de Notícias*³⁶⁹. Sebastião Magalhães de Lima afirmou que a Suíça, país que conhecia bem, «não tinha pontos mais belos» e que o Caramulo era um «daqueles lugares em que desejaríamos ficar eternamente»³⁷⁰. Vaticinou também que o Caramulo estava destinado «a ser um admirável sanatório, tão bom e de resultados tão

Abel de Lacerda, que olhasse pelos pacientes que mandava à serra. De referir ainda Tiago de Almeida, professor na Escola Médica do Porto, Pulido Valente, professor na Escola Médica de Lisboa, e João Porto, professor da Faculdade de Medicina da UC, que também prescreveram o Caramulo, a par de muitos outros clínicos (*ibidem*; CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura. Dr. Daniel de Matos. Dr. António Felício. *Folha de Tondela*. N.º 726 (29 maio 1938), p. 1; CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura. Dr. Tiago de Almeida, *art. cit.*, p. 1; CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura (VI). *Folha de Tondela*. N.º 729 (19 junho 1938), p. 2; CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura (VII). *Folha de Tondela*. N.º 730 (26 junho 1938), p. 2).

³⁶⁴ VIEIRA, Ismael, *ob. cit.*, p. 308-312.

³⁶⁵ *Idem*, p. 312-339 e p. 374-386.

³⁶⁶ *Ibidem*.

³⁶⁷ Serra do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 5 (18 junho 1918), p. 1.

³⁶⁸ *Ibidem*.

³⁶⁹ *Apud* CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura (VIII). *Folha de Tondela*. N.º 731 (3 julho 1938), p. 1.

³⁷⁰ CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura (VI), *art. cit.*, p. 2.

benéficos, como os melhores da Suíça», onde existiam instalações sanatoriais modelares pelas condições que ofereciam e avanços terapêuticos³⁷¹. Júlio Henriques centrou-se nas águas puríssimas da serra, local onde tinha feito várias expedições científicas³⁷². A propaganda trazia ao local pessoas de todo o país e do estrangeiro, especialmente entre Maio e Outubro, quando vinham em busca do «repouso reparador ou em passeio recreativo»³⁷³. O próprio Jerónimo Lacerda atestou este facto quando referiu, em 1921, que, nos 10 anos anteriores, a afluência de visitantes nacionais e estrangeiros tinha sido «extraordinária» e ia «num crescendo admirável»³⁷⁴.

Havendo turistas e curistas, teria de haver alojamentos. O investimento hoteleiro começou sensivelmente em 1911 e desenvolveu-se sob o impulso da iniciativa privada³⁷⁵. Cerca de 1916, José Júlio César, interessado em abrir uma pensão de qualidade superior e um bom restaurante – a Pensão Caramulo –, conseguiu levar Conrado Wissman, por ele considerado o mais completo hoteleiro existente em Portugal, às Paredes para que ele avaliasse o local de construção e o projeto³⁷⁶. Maravilhado com a região e entusiasmado com a perspectiva de negócio, Wissman mostrou-se de imediato disponível para gerir o empreendimento³⁷⁷. Outros investidores se seguiram³⁷⁸. É o caso de Joaquim de Almeida, regressado de uma cura d'ares na Suíça, que constrói dois chalés, os quais viriam depois a formar o Hotel Montanha³⁷⁹. Até à criação da ESC, em 1920, existiam os seguintes estabelecimentos de repouso/pensões/hotéis nas Paredes do Guardão: a Pensão Caramulo, o Chalé Matos, o Hotel Coimbra, o Hotel

³⁷¹ *Apud* CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura (VIII), *art. cit.*, p. 1.

³⁷² *Ibidem*.

³⁷³ Serra do Caramulo, *art. cit.*, p. 1.

³⁷⁴ Uma entrevista. *Folha de Tondela*. N.º 135 (29 maio 1921), p. 2.

³⁷⁵ Serra do Caramulo, *art. cit.*, p. 2; CÉSAR, José Júlio – A Serra do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 210 (3 junho 1923), p. 1.

³⁷⁶ *Apud* CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura (VI), *art. cit.*, p. 2. De origem alemã, Conrado Wissmann fixou-se em Portugal na última década do século XIX, tendo construído uma carreira notável na indústria hoteleira: fundou o Palace Hotel do Buçaco, o Grande Hotel da Curia e, em Lisboa, o Palace Hotel e o MetrÓpole Hotel. Foi a ele que Jerónimo de Lacerda entregou a direção do Grande Hotel (1922), construído pela Sociedade do Caramulo (Grande Hotel das Paredes. *Folha de Tondela*. N.º 165 (12 março 1922), p. 1; Conrado Wissman e o Grande Hotel Guadiana. *Blog Turismo do Algarve*. [Em Linha]. (9 novembro 2011). [Consult. 2 maio 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://blog.turismoalgarve.pt/2011/11/conrado-wissman-e-o-grande-hotel.html>>. *Vide* fotografia 14, no anexo V

³⁷⁷ A qualidade do serviço, o conforto e a cozinha esmerada atraíram uma vasta e importante clientela, como Sebastião Magalhães de Lima, Jaime Magalhães de Lima, Júlio Henriques ou Elísio de Moura. Foi nesta pensão que se acolheram várias excursões, como a da Universidade de Zurique, trazida por Luís Carrisso, professor de Botânica na Universidade de Coimbra e diretor do Jardim Botânico, a dos congressistas da VII Conferência Interparlamentar Internacional de Comércio (Lisboa, 24-28 de maio de 1921) ou a dos participantes do I Congresso Beirão (Viseu, 10-14 de junho 1921), num almoço de boas-vindas (CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura (VI), *art. cit.*, p. 2; Conferência Interparlamentar Internacional de Comércio. *A Capital*. N.º 3793 (28 maio 1921), p. 1; Um grupo de congressistas no Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 136 (5 junho 1921), p. 1).

³⁷⁸ CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura (VI), *art. cit.*, p. 2.

³⁷⁹ *Ibidem*. *Vide* fotografia a 15, no anexo V.

Montanha, a Pensão Garrett, a Mercantil do Caramulo³⁸⁰, a Casa de Saúde Nossa Senhora da Saúde, a Casa de Saúde Nossa Senhora da Conceição e a Casa de Saúde do Parque³⁸¹.

Se havia um fluxo de turistas no Caramulo, era, contudo, necessário encetar uma obra global e planeada de investimento a fim de desenvolver o lugar como uma verdadeira estância de repouso e cura de ares. Foi a Sociedade do Caramulo, liderada por Jerónimo de Lacerda, a quem coube este papel.

4.2. A Estância Sanatorial do Caramulo

Médico, crescido e criado em Tondela, Jerónimo de Lacerda conhecia muito bem as propriedades climatéricas do Caramulo. Conhecia também as necessidades assistenciais existentes em Portugal no campo da tuberculose. Fazendo uso de um forte espírito empreendedor, avançou com a concretização de um ambicioso projeto terapêutico e profilático articulado em torno dos benefícios dos «ares» do Caramulo no tratamento da tuberculose pulmonar, destinado a criar ordem numa prática de curas que vinha sendo feita sem regra. Como afirmou ao *Diário de Notícias*, em Portugal, promovia-se a disseminação da tuberculose porque os médicos enviavam os doentes a fazer a cura em «qualquer casa ou pardieiro» construído no campo sem condições³⁸². Defendia que uma forte luta antituberculosa devia ser feita através da criação de centros sanatoriais onde se fizesse um combate holístico, ficando os doentes adstritos a um espaço específico e sujeitos a igual disciplina profilática e de higiene³⁸³.

Jerónimo de Lacerda contactou diretamente com os evoluídos métodos e estruturas sanatoriais estrangeiros durante o período em que esteve ao serviço do CEP na Flandres, entre 1917 e 1918³⁸⁴. Regressado a Portugal, lançou-se em várias campanhas de prospeção no Caramulo³⁸⁵ e, a 18 de janeiro de 1920, cofundou com industriais locais e nacionais e grandes vultos da Medicina, como Bissaya Barreto, Egas Moniz e Elísio de Moura, seus conhecidos da Faculdade de Medicina da UC, onde lecionava, a Sociedade de Propaganda do Caramulo,

³⁸⁰ A Mercantil do Caramulo, fundada no início do século XX, conjugava comércio e uma rudimentar atividade hoteleira (VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 21 e 22, n. 15).

³⁸¹ PASSINHO, Cristiane Domingues, *ob. cit.*, p. 58, n. 16; VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 21 e 22, n. 15.

³⁸² *Apud* Entrevista. *Ecos do Caramulo*. N.º 9 (9 junho 1929), p. 2. Entrevista publicada na edição de 6 de junho de 1929 e republicada no *Ecos do Caramulo*.

³⁸³ *Apud ibidem*.

³⁸⁴ COIMBRA, Catarina Antunes, *ob. cit.*, p. 26; PEREIRA, J. V. Silva, *ob. cit.*, p. 541; VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 32-33.

³⁸⁵ PEREIRA, J. V. Silva, *ob. cit.*, p. 541; VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 32-33.

posteriormente apenas Sociedade do Caramulo³⁸⁶. Enquanto sociedade comercial por ações, tinha por objetivo financiar a edificação de uma moderna estância de repouso e de turismo nas Paredes do Guardão, constituída por hotéis de conforto para hóspedes convalescentes e sanatórios para doentes tuberculosos³⁸⁷. O que estava em causa era a criação de um sistema que conjugasse as curas em regime sanatorial com as «curas» do turismo, entendido como retemperação das forças do organismo. A Estância de Davos, na Suíça, a mais atual, proficiente e prestigiosa da altura, foi o modelo seguido³⁸⁸.

Jerónimo Lacerda assumiu a direção da Sociedade do Caramulo, tomando e concretizando as decisões fundamentais. Era um homem muito viajado, tanto em turismo como ao serviço da Estância, facto que, aliado ao seu dinâmico génio criador, fez dele a *alma mater* daquele empreendimento³⁸⁹. Atuou sempre com a convicção de que a transformação do Caramulo só seria possível através de uma gerência sólida, construída em torno da Sociedade³⁹⁰. O primeiro passo foi a aquisição de terrenos e a construção do Grande Hotel (1922), das infraestruturas para a produção e distribuição de luz elétrica, da rede de abastecimento de água e da rede de saneamento³⁹¹. Foi também construído um sistema de comunicação eficaz, articulado entre as estradas de circulação automóvel direcionadas às Paredes do Guardão, o posto de turismo, instalado nas proximidades do Grande Hotel, e uma estação de correios, telégrafos e telefone³⁹².

³⁸⁶ Sociedade de Propaganda do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 69 (26 Outubro 1919), p. 1; Sociedade de Propaganda do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 78 (11 janeiro 1920), p. 1; Uma entrevista, *art. cit.*, p. 2.

³⁸⁷ Sociedade de Propaganda do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 68 (19 outubro 1919), p. 2; Sociedade de Propaganda do Caramulo. *Folha de Tondela* 1920. N.º 79 (25 Janeiro 1920), p. 2.

³⁸⁸ COIMBRA, Catarina Antunes, *ob. cit.*, p. 30. Criada há 150 anos pelo médico Alexander Spengler, Davos foi uma estância sanatorial de alta altitude, conhecida mundialmente pela qualidade dos tratamentos e investigação. Atraíu, desde o início, as elites, entre as quais figuras importantes da medicina, da literatura e das artes, em tratamento ou em visita a familiares, o que contribuiu para a sua aura de prestígio e fascínio, mesmo após o encerramento dos sanatórios, a partir dos anos 1950. Sobressai Thomas Mann, com o notável romance *A Montanha Mágica*. Publicado em 1924, é considerado um dos mais influentes trabalhos da literatura alemã do século XX, nele descrevendo a vida em Davos na perspetiva de um visitante saudável. Mann teve a esposa ali internada, em 1912, o que lhe permitiu conhecer os procedimentos e a equipa médica (BÄNI, Walter – Davos: From high-altitude sanatorium to world-renowned holiday destination and economic capital. *Aspetar. Sports Medicine Journal*. [Em linha]. Vol. 5, n.º 1 (maio 2016). [Consult. 5 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.aspetar.com/journal/upload/PDF/2016523102735.pdf>>, p. 194, 199-200)

³⁸⁹ Fez, por exemplo, viagens à Suíça, à Itália, à Alemanha e à França para adquirir equipamentos, como o aparelho radioscópico (raios-X) comprado, em 1925, em Paris e destinado ao Grande Hotel, e estudar procedimentos médicos ou contratar especialistas (De regresso. *Folha de Tondela*. N.º 267 (22 março 1925), p. 2; Dr. Gustav Maurer. *Folha de Tondela*. N.º 578 (26 maio 1935), p. 1; Dr. Jerónimo Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 519 (25 março 1934), p. 1; Dr. Jerónimo Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 563 (3 fevereiro 1935), p. 1; Dr. Jerónimo Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 612 (16 fevereiro 1936), p. 3).

³⁹⁰ CÉSAR, José Júlio, Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura (IX), *art. cit.*, p. 1.

³⁹¹ SANTOS, Isabel Costa, *ob. cit.*, p. 6-7; VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 33. Vide fotografia 22, no anexo V.

³⁹² *Ibidem*.

Embora fosse um empreendimento privado, a Estância foi desenvolvida com a cooperação do Estado através do fundo do desemprego e do fundo do turismo, cedidos para participar obras de utilização pública, como atestam as dezenas de notas noticiosas na imprensa local. Teve também o apoio da CMT, na construção das vias rodoviárias de acesso e da estação dos correios³⁹³, e da Comissão de Iniciativa da Estância de Altitude e Repouso (1921) / Junta do Turismo do Caramulo (1937), à qual cabia gerir e executar obras públicas para o fomento local, solicitar participações ao Estado e coletar taxas e impostos inerentes à atividade turística e à prestação de cuidados de saúde, posteriormente aplicados em obras de melhoramento³⁹⁴.

A crescente procura de quartos e as políticas estatais para controlo da tuberculose, lançadas entre o final dos anos 20 e os anos 40 do século XX, criaram as condições ideais para que a Estância Climatérica e de Repouso evoluísse rapidamente no sentido de uma Estância Sanatorial. Em 1928, o Grande Hotel passou a designar-se Grande Hotel Sanatório, o que significa que recebia hóspedes tuberculosos, e por Grande Sanatório, em 1933, com uma clara vertente hospitalar. No final dos anos 1930, a ESC era conhecida em todo o país e no estrangeiro³⁹⁵, sendo considerada, no final dos anos 1940, um dos maiores centros privados da Europa para tratamento das doenças pulmonares³⁹⁶ e um caso único na Península Ibérica em termos de envergadura, inovação, projeção e prestígio³⁹⁷.

As transformações urbanísticas foram profundas nesta altura. A maior parte dos sanatórios foi construída entre 1930 e 1948 à volta do Grande Sanatório e ao longo da EN 230, a larga via que atravessa a Estância³⁹⁸. Segundo informações de Jerónimo Lacerda, em 1930 havia «três ou quatro sanatórios»³⁹⁹. Em 1940, contavam-se já 15⁴⁰⁰. Em 1947, a ESC podia receber 1100 doentes⁴⁰¹ e, em 1950, existiam à volta de 20 unidades de internamento, entre sanatórios, casas de saúde e pensões transformadas em sanatórios, completamente cheios⁴⁰².

³⁹³ SOCIEDADE DO CARAMULO – Relatório do Conselho de Administração. *Folha de Tondela*. N.º 150 (20 novembro 1921), p. 3.

³⁹⁴ APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl. 29/v: O Sanatório Salazar no Caramulo, *art. cit.*, p. 6; *idem*, fl. 5v, Estância Climática do Caramulo, *art. cit.*, PEREIRA, J. V. Silva, *ob. cit.*, p. 541; VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 47.

³⁹⁵ CÉSAR, José Júlio, Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura. Dr. J. Melo Ferrari, *art. cit.*, p. 1.

³⁹⁶ PINHEIRO, Trajano, *ob. cit.*, p. 276.

³⁹⁷ APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl. 5/v: Estância Climática do Caramulo. *O Século*. (26 setembro 1947).

³⁹⁸ *Vide* fotografia 16, no anexo V.

³⁹⁹ *Apud* VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 91.

⁴⁰⁰ *Ibidem*.

⁴⁰¹ APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl. 5/v: Estância Climática do Caramulo, *art. cit.*.

⁴⁰² VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 122. *Vide*, no anexo II, o documento 1, do qual constam as casas de saúde e os sanatórios da ESC. A maioria destes apresenta um estilo modernista, *art déco*, nomeadamente os construídos/remodelados nos anos 1930 e 1940, como o Sanatório Santa Maria, a Casa de Saúde da Serra, o Grande Sanatório ou Pavilhão Cirúrgico. O modernismo teve um grande impacto na arquitetura sanatorial, pois a utilização

Instalada num sítio que não tinha ocupação sistemática, a ESC foi uma «cidade da tuberculose» criada *ex nihilo*, organizada em três zonas distintas (sanatorial, residencial e comercial) e à qual não faltavam parques verdes, arruamentos pavimentados e airosos chalés em estilo «Casa Portuguesa», destinados à instalação de doentes e a domicílio dos funcionários. Entre os arquitetos envolvidos na construção, contam-se Álvaro Miranda (projeto inicial do Grande Hotel), Pardal Monteiro (Sanatório Infantil), Luís Possolo, (algumas vivendas em estilo «Casa Portuguesa»), Jorge Campos (Sanatório do Hospital de Santa Maria de Tondela) e Alberto Cruz (Museu do Caramulo, Pousada de São Jerónimo, posto de polícia e escola primária)⁴⁰³.

A ESC encarna a *praxis* médica representativa da época e as dinâmicas de relacionamento social num microcosmos, ou seja, o sanatório / a Estância. Como tudo ali funcionava e era explicado do ponto de vista da medicina, quer para obter a cura, quer para evitar o contágio, a mesma pode ser considerada como espaço de manifestação da ideia de medicalização⁴⁰⁴. Nestes termos, a Estância foi um espaço de articulação de procedimentos médicos, relacionais, comportamentais e sanitários destinados a acelerar a cura do doente⁴⁰⁵. Este objetivo foi perseguido de três formas: a) através de uma terapêutica médica holística; b) com a construção da Estância como espaço de profilaxia total e c) com a intersecção da atividade clínica com a investigação.

Por terapêutica holística entendemos uma terapêutica que é ativa e constante e que abrange a componente física e psicológica do doente, trabalhadas no sentido da obtenção de bem-estar, considerado um potenciador da cura. O fortalecimento da saúde psicológica fazia-se através do entretenimento, criando-se várias infraestruturas para o efeito que serviam todos os sanatórios, como o cineteatro do Grande Santório e as estações de rádio Polo Norte, sediada neste sanatório, e a rádio Oceano, inaugurada em 1954, com o posto emissor sediado no

de novos materiais de construção (o cimento, o ferro e o vidro) e de uma linguagem arquitetónica nova, baseada em linhas simples e em espaços amplos, luminosos e arejados, permitiram a construção de edifícios melhor adaptados à terapêutica da tuberculose, marcados por amplas galerias de cura (elemento arquitetónico típico, onde o doente, deitado numa *chaise longue*, cumpria as horas de banhos de sol e de inalação de ar puro e frio prescritas pelo médico), largas janelas (que facultavam luminosidade e arejamento, logo salubridade) e acabamentos interiores em materiais desinfetáveis. Outros sanatórios da ESC apresentam marcas do estilo «Casa Portuguesa», como o Infantil e Salazar (cf. TAVARES, André, *ob. cit.*, p. 223-255). Vide fotografias 23 a 31, no anexo V.

⁴⁰³ *Idem*, p. 66, n. 2; Notícias da região: Do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1233 (25 julho 1948), p. 2.

⁴⁰⁴ O conceito medicalização designa o conjunto de processos pelos quais, perante a disponibilização de cuidados de saúde, se modificam as estratégias e os comportamentos das populações na luta contra a doença. Evidencia, portanto, a importância que a medicina, o corpo, a doença e a saúde ocupam numa sociedade e pressupõe a análise destes fenómenos numa perspetiva social e cultural (FAURE, Olivier – La recherche en histoire de la santé : Axe de recherche santé et assistance. *Cahiers d'Histoire*. [Em linha]. Vol. 43, n.º 1 (1998). [Consult. 23 junho 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://journals.openedition.org/ch/44>>, p. 2-3; PEQUET, Sandrine – *Médicalisation de la société. Une question de limites?* Bruxelles: Question Santé, 2010, p. 4).

⁴⁰⁵ PASSINHO, Cristiane Domingues, *ob. cit.*, p. 12.

sanatório Bela Vista, onde estavam internados os Marinheiros⁴⁰⁶, ou em cada sanatório, com bibliotecas e salas de jogo. Havia ainda, no exterior, miradouros e parques, para passeios. Incitava-se também à organização de atividades culturais, como representações teatrais, bailes, concertos, concursos literários ou exposições de arte⁴⁰⁷. Dentro da componente física, é de salientar que todos os sanatórios estavam sujeitos a uma única direção clínica, sediada no Grande Sanatório⁴⁰⁸. Significa isso que a alimentação, cuidados médicos e práticas terapêuticas eram iguais, fossem os sanatórios de 1ª, 2ª ou 3ª classe⁴⁰⁹.

A construção da Estância como espaço de profilaxia total refletiu a ideia de medicalização de forma acentuada, porquanto o espaço foi organizado em volta de exigências sanitárias precisas, quer no sanatório, quer no exterior. Como afirmou Lacerda à *Folha de Tondela*, o Grande Hotel foi construído com «toda a higiene e conforto modernamente exigidos em casas que se destinam a curas d'ar e repouso»⁴¹⁰. Isto é, espaços e roupas desinfetados, água canalizada, aquecimento central, estufas de desinfecção de louças e luz elétrica⁴¹¹. Entrando nos anos 1930, a Estância sofreu uma grande evolução ao nível dos processos de controlo sanitário: construiu-se o matadouro, a central leiteira, o forno de inceneração de lixos, a estação de tratamento de águas residuais (uma das poucas que funcionava corretamente em Portugal, segundo o *Diário de Notícias*⁴¹²) e o cemitério, infraestruturas cujos edifícios seriam melhorados nos anos 1950, sob a direção de Abel de Lacerda. Ainda nos anos 1930, as cozinhas do Grande Sanatório foram equipadas com uma rede de câmaras frigoríficas e a lavandaria central foi provida com maquinaria de desinfecção e de lavagem a vapor⁴¹³. Referimos ainda o «Regulamento da Estância», onde a Direção Clínica enunciava os deveres profiláticos dos doentes e as penalizações a aplicar no seu incumprimento⁴¹⁴. Foram também adotadas medidas profiláticas para evitar a propagação da tuberculose às aldeias vizinhas, como a plantação de parques verdes e a duplicação dos serviços cívicos, um para os doentes, outro para os habitantes locais⁴¹⁵.

⁴⁰⁶ Rádio Oceano. *Folha de Tondela*. N.º 1557 (31 outubro 1954), p. 1.

⁴⁰⁷ PASSINHO, Cristiane Domingues, *ob. cit.*, p. 21 e 55.

⁴⁰⁸ Coimbra, Catarina Antunes, *ob. cit.*, p. 40.

⁴⁰⁹ LACERDA, Jerónimo – *Estância Climatérica do Caramulo: Estatística de 1935*. Lisboa: Tipografia Henriques Torres, 1936, p. 8.

⁴¹⁰ Uma entrevista, *art. cit.*, p. 2.

⁴¹¹ SANTOS, Isabel Costa, *ob. cit.*, p. 6-7; VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 33.

⁴¹² APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl. 29/v: O Sanatório Salazar no Caramulo, *art. cit.*, p. 6.

⁴¹³ PASSINHO, Cristiane Domingues, *ob. cit.*, p. 71.

⁴¹⁴ *Idem*, p. 67-70.

⁴¹⁵ PEREIRA, J. V. Silva, *ob. cit.*, p. 539-540. Havia, assim, duas capelas, dois cemitérios, duas escolas, dois cinemas e dois tipos de louça nos cafés e restaurantes (*ibidem*).

Relativamente à interseção entre a atividade clínica e a investigação há a dizer que a Estância foi um local de referência em ambos os sectores. A sua importância foi tão significativa que se pode falar da existência de uma escola de fisiologia no Caramulo. Tal só foi possível devido à qualificação do corpo clínico, formado por reputados fisiologistas contratados por Jerónimo Lacerda e pelos sucessores na Direção Clínica⁴¹⁶. A partir de 1938, quando Manuel Tapia, famoso fisiologista espanhol, assumiu a direção científica da Estância, a investigação tornou-se numa parte ativa da Estância. As conferências, os congressos, as publicações, as missões de estudo e os cursos médicos que se organizaram a partir de então fizeram com que o seu prestígio crescesse exponencialmente. A título de exemplo, referimos os *Dias Médicos*, reunião científica organizada em 1938; os tratados de fisiologia publicados por Tapia⁴¹⁷; as investigações realizadas no âmbito do tratamento cirúrgico da tuberculose e com a estreptomina, primeiro antibiótico usado no tratamento da tuberculose, aparecido em meados dos anos 1940, assim como os cursos de especialização em cirurgia torácica e anestesiologia⁴¹⁸. Referimos ainda a publicação de uma revista científica, entre 1938 e 1972, onde se divulgaram os resultados das investigações e os casos sintomáticos, cujo título sofreu sucessivas alterações: *Estatística* (1938-1947), *Boletim da Estância Sanatorial do Caramulo* (1948-1952) e *Arquivos de Fisiologia* (1953-1972). Esta atividade clínica e científica era apoiada por infraestruturas muito bem equipadas, como a Biblioteca Médica, o Laboratório de Análises Clínicas, o Arquivo Clínico e um pavilhão cirúrgico de ponta⁴¹⁹.

⁴¹⁶ A partir de 1937, Gustav Maurer, iminente fisiólogo-cirurgião suíço e diretor clínico do Grande Sanatório de Davos-Platz (Suíça), veio ao Caramulo ensinar o método terapêutico que desenvolvera: a operação de Jacobeus-Maurer. Em meados dos anos 50, Marcel Berard, professor da prestigiada Escola de Cirurgia Torácica de Lyon, foi contratado por João Lacerda para dar formação aos cirurgiões da Estância (Dr. Gustav Maurer, *art. cit.*, p.1; VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 76 e 120-121).

⁴¹⁷ A obra mais emblemática intitulava-se *Formas Anatomoclínicas, Diagnóstico y Tratamiento de la Tuberculosis Pulmonar* (1939). Foi um *best-seller* em Portugal e em Espanha, sendo aconselhado bibliograficamente aos alunos de medicina nas universidades do Porto, Coimbra e Lisboa (VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 91).

⁴¹⁸ VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 74-115.

⁴¹⁹ *Ibidem*; PINHEIRO, Trajano, *ob. cit.*, p. 273-275. O Pavilhão Cirúrgico, com capacidade para várias dezenas de doentes, possuía ar condicionado, central de aspiração e distribuição de oxigénio à cabeceira, uma tecnologia muito sofisticada para a época (*idem*, p. 273). Para comparação, façamos algumas referências ao Sanatório Sousa Martins (Guarda, 1907), por se aproximar da ESC na sua organização polinuclear. Foi um dos maiores sanatórios do país, mantendo uma direção estável que permitiu a constituição de um corpo clínico de mérito que acompanhou a evolução do tratamento da tuberculose, experimentando métodos, técnicas e antibióticos, e orientou estagiários nas especialidades de patologia clínica e de cirurgia torácica. Tal como no Caramulo, os doentes estavam sujeitos a um regime disciplinar rígido, contudo, se na ESC havia uniformidade na alimentação, independentemente da diária de 1ª, 2ª ou 3ª categoria paga pelo doente, nos anos 1910, o sanatório da Guarda variava a quantidade e a qualidade da alimentação de acordo com aqueles escalões. Paralelamente à componente médica, o sanatório adquiriu também relevância como centro cultural, através das atividades dinamizadas pela Caixa Recreativa do Sanatório (1937) para distrair os doentes, como espetáculos, festas, conferências e projeção de filmes. Estavam também sediados no seu espaço dois importantes meios de comunicação locais: o jornal *Bola de Neve* e a Rádio Altitude (SEQUEIRA, Hélder – *Os sons do tempo na cidade da saúde: Rádio Altitude, um património da Guarda*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2001. Dissertação de mestrado; VIEIRA, Ismael, *ob. cit.*, p. 413, 431-437).

Pela «extraordinária importância» que alcançou desde que a Estância foi fundada, o Caramulo foi notícia frequente na imprensa nacional e local⁴²⁰. «Fala-se do Caramulo, quase como se fala de Lisboa», anunciava a *Folha de Tondela*⁴²¹. Em homenagem, o nome Caramulo foi atribuído a um navio-motor, construído no estaleiro de Aveiro nos anos 1940, e ao cavalo que, em 1951, fez um «figurão» no campeonato hípico internacional de Nice ao classificar-se «em 4º lugar»⁴²².

4.3. Do tratamento da tuberculose ao turismo cultural

O Caramulo é um destino turístico por vocação e por intervenção, facto que se verifica desde o último quartel do século XIX⁴²³. Propriedades terapêuticas à parte, a serra era famosa pelas paisagens naturais. Com a construção de hotéis condignos e o controlo das curas em regime livre, era objetivo da Sociedade do Caramulo elevar o número de turistas⁴²⁴. Relativamente ao tratamento de doentes tuberculosos, no início, a ideia era construir os sanatórios, de pequenas dimensões e em madeira, não nas Paredes do Guardão, mas em Souto Bom, lugar que Jerónimo Lacerda considerava mais recomendado pelas condições climatológicas⁴²⁵. Desta forma, e citando-o, haveria «hotéis para os que querem divertir-se e gozar, embriagando o espírito na contemplação das belezas com que a Natureza prodigamente enriqueceu esta região, e hotéis para os que precisam repousar e tratar da sua saúde no meio da calma e respirando o ar puríssimo»⁴²⁶. A ideia não se concretizou porque o Estado não apoiou financeiramente a estrada de ligação entre as Paredes do Guardão, zona de turismo, e Souto Bom, zona sanatorial⁴²⁷. Dizia Jerónimo que esta ficaria conhecida como «a mais linda estrada de turismo», tal era a beleza paisagística do planalto que atravessava⁴²⁸. O objetivo final seria, como resumiu o jornalista que entrevistou Lacerda, transformar a serra num «ninho abençoado de prazer e bem-estar» onde portugueses e estrangeiros encontrassem «beleza, conforto e saúde»⁴²⁹.

⁴²⁰ Lembramo-nos do arquivo da família de Abel de Lacerda, onde existem centenas de recortes de imprensa.

⁴²¹ Esta palavra Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1373 (22 abril 1951), p. 2.

⁴²² *Ibidem*.

⁴²³ BARATA, Delduque Ferreira – O turismo e o Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1739 (27 abril 1958), p. 1.

⁴²⁴ Uma entrevista, *art. cit.*, p. 2.

⁴²⁵ *Ibidem*.

⁴²⁶ *Ibidem*.

⁴²⁷ *Ibidem*.

⁴²⁸ *Ibidem*.

⁴²⁹ *Ibidem*.

Devido à necessidade premente de criar sanatórios em vez de hotéis e porque o capital disponível, reunido pela iniciativa privada sem o apoio do Estado, era insuficiente para seguir as duas vertentes, foi a sanatorial que se impôs. Só a partir dos anos 1950 é que a vertente turística teve maior dinamismo, incutido pelos diretores da Estância, primeiro Abel de Lacerda e, após a sua morte, em 1957, pelo irmão João de Lacerda. Recordemos que o primeiro assumiu a direção administrativa quando Jerónimo de Lacerda faleceu, em 1945. A Estância atravessava a sua fase áurea (1938-1952), marcada pelo pico da extensão espacial, pela elevada taxa de ocupação e pelo prestígio e fama alcançados⁴³⁰.

Percorrendo a imprensa local e a reunida pela família, percebemos que, durante os doze anos em que foi diretor administrativo e presidente da Junta de Turismo do Caramulo, Abel diligenciou para manter a Estância como um modelo entre as congéneres ao nível das instalações, comodidades e procedimentos técnicos⁴³¹. Inaugurou novos sanatórios, como o Infantil (1948) ou o Salazar (1950), e melhorou outros, como o Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda e o Pavilhão de Cirurgia⁴³². Para valorizar a propensão turística do espaço, instalou o matadouro e o forno de inceneração de lixos em novos edifícios, abriu novos arruamentos e melhorou e embelezou outros⁴³³. Escrevia o *Diário de Notícias* que em poucas cidades de Portugal existiam «serviços de limpeza e de higiene tão perfeitos, instalações tão apropriadas e de aspeto tão agradável»⁴³⁴. Paralelamente, promoveu diversas atividades culturais, como exposições, projeções cinematográficas, conferências e concursos literários, e inaugurou o Museu do Caramulo (1953), como veremos nos capítulos seguintes. No final dos anos 1940, avançou ainda para a ordenação urbanística do espaço da Estância, projeto entregue ao arquiteto Januário Godinho (1949). Este projeto, como o arquiteto remarca, possuía características inéditas em Portugal, dado pretender unificar urbanisticamente o universo terapêutico da Estância com a sua componente turística de vilegiatura e de comércio⁴³⁵. Foi com base neste projeto que a área para a construção do museu foi definida, num novo lote da Estância. Citando o *Diário de Notícias*, os edifícios, obedecendo a planos prévios, apresentavam exteriormente o melhor dos aspetos: «linhas elegantes, excelentes materiais, onde domina o granito da região, belas

⁴³⁰ VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 80-117.

⁴³¹ O Sanatório Salazar foi inaugurado, *art. cit.*, p. 6.

⁴³² APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl. 27: Caramulo: Pavilhão cirúrgico. *Jornal de Notícias*. (7 agosto 1950); *idem*, fl. 29/v: O Sanatório Salazar no Caramulo, *art. cit.*, p. 6.

⁴³³ No Caramulo: A inauguração de melhoramentos de grande interesse público. *Ecos da Serra*. N.º 23, suplemento (6 agosto 1950), p. 5.

⁴³⁴ Em 1950, foi agraciado com o grau de comendador da Ordem de Cristo, em reconhecimento da qualidade e importância da atividade desenvolvida em prol do país e dos portugueses (*idem*, O Sanatório Salazar no Caramulo, *art. cit.*, p. 6).

⁴³⁵ PASSINHO, Cristiane Domingues, *ob. cit.*, p. 80.

guarnições de ferro forjado»⁴³⁶. O conjunto dava «a ideia de uma cidade irreal, uma cidade de cinema ou de exposição tão graciosa, tão cuidada é em todos os aspetos»⁴³⁷. Uma cidade simultaneamente chamada «Cidade da Esperança», «Cidade das Curas» e «Cidade da Saúde»⁴³⁸.

Porque é que Abel de Lacerda instalou um museu de arte num proeminente centro de tratamento da tuberculose? Para encontrar a resposta a esta questão não podemos separar a criação do Museu do Caramulo da evolução do tratamento químico da doença a partir de meados dos anos 1940 e, por conseguinte, da procura ativa de uma linha de futuro para a ESC. Descobriu-se a estreptomomicina, o PAS e a isoniazida, antibióticos que, administrados em conjunto, alcançaram resultados inéditos ao nível da cura e da diminuição do tempo da sanatorização⁴³⁹. Nos anos 1950, o uso da quimioterapia no tratamento da tuberculose vulgarizou-se, assim como a administração da vacina da BCG⁴⁴⁰. Decrescendo a duração do internamento, pela aceleração e eficiência do tratamento químico, e os casos de novos tuberculosos, pela vacinação, o número de doentes sanatorizados decaiu acentuadamente e estas instituições entraram em obsolescência. Abel Lacerda estava perfeitamente ciente dos avanços farmacológicos, alguns dos quais, aliás, experimentados no Caramulo por Manuel Tapia, em 1947 e 1948⁴⁴¹, e do que representariam a médio prazo: o encerramento dos sanatórios, a falência da Sociedade do Caramulo, controlada pela família Lacerda, e o problema da reutilização/rentabilização das infraestruturas da Estância⁴⁴². O Museu representou a busca de uma linha de continuidade e de um futuro assente no turismo cultural e de montanha, na salvaguarda do património artístico e na difusão das artes plásticas⁴⁴³. Como João Couto defendia, opinião da qual Abel comungava, o museu não é um «simples agrupamento de obras capitais de arte de todos os tempos»⁴⁴⁴. É, sim, um «estabelecimento que preside aos interesses

⁴³⁶ APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl. 29/v: O Sanatório Salazar no Caramulo, *art. cit.*, p. 6.

⁴³⁷ *Ibidem*. Vide fotografias 16 a 31, no anexo V.

⁴³⁸ CARVALHO, Gilberto de – Abel de Lacerda, artista-político. *Folha de Tondela*. N.º 1699 (21 julho 1957), p. 2; APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl. 29/v: O Sanatório Salazar no Caramulo, *art. cit.*, p. 6.

⁴³⁹ VELOSO, António Barros – Descobertas simultâneas na Medicina do século XX (3ª parte): Os primeiros tuberculostáticos. *Medicina Interna. Revista da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna*. Lisboa. Vol. 15, n.º 1 (2008), p. 68-76; VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 103 e 112.

⁴⁴⁰ VIEIRA, Ismael, *ob. cit.*, p. 298-299 e 304-306.

⁴⁴¹ VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 104.

⁴⁴² Não obstante as evidências no progresso químico da cura, entre 1947 e 1952, foram inaugurados novos sanatórios. Não é uma incongruência. A vulgarização dos tratamentos não foi imediata, nem a eficácia máxima e, para além disso, nos anos 40/primeira metade dos anos 50, houve um aumento de doentes tuberculosos entre as Forças Armadas, daí a inauguração do Sanatório Salazar, e entre as camadas mais desfavorecidas da população, daí a inauguração dos sanatórios Infantil, Pedras Soltas e do Hospital de Santa Maria de Tondela (O Sanatório Salazar foi inaugurado, *art. cit.*, p. 4).

⁴⁴³ Arquivo da Fundação Abel e João de Lacerda (AFAJL), *Livro de atas da Assembleia-Geral da FAL*, ata n.º 1, 14 de agosto de 1958, fl. 1.

⁴⁴⁴ COUTO, João – Aspetos do panorama museológico português, *art. cit.*, p. 311.

turísticos da região», promovendo o desenvolvimento económico devido à capacidade de atração de público, e onde se desenvolve «uma intensa vida cultural que vai das exposições de arte plástica aos concertos musicais, das palestras às lições e aos cursilhos»⁴⁴⁵. Esta foi, como veremos, a abordagem que Abel de Lacerda planeou integrar no museu.

Para complementar a experiência turístico-cultural, Lacerda planeava construir um «Grande Hotel de Turismo», no panorâmico Cabeço da Neve⁴⁴⁶, destinado a alojar, longe da zona sanatorial, os visitantes que subiam o Caramulo para ver as belezas naturais, para descansar ou para visitar o museu e/ou os familiares internados nos sanatórios⁴⁴⁷. Dava, assim, resposta a uma necessidade há muito sentida por aqueles que tinham relutância em ficar alojados dentro dos limites da Estância⁴⁴⁸. Coube a João Lacerda realizá-la com a Pousada de S. Jerónimo, inaugurada a 19 de junho de 1963, construída à entrada da Estância, junto da propriedade de Abel de Lacerda⁴⁴⁹.

A evolução turística para uma nova fase de utilização foi uma via recorrente na reconversão das estâncias sanatoriais. Lembremo-nos de Leysin⁴⁵⁰, de Davos⁴⁵¹, ambas na Suíça, ou de Passy⁴⁵², na França, três estâncias sanatoriais reputadíssimas. Do conjunto de sanatórios que as constituíam, parte foi convertida em unidades hoteleiras e outra parte, consoante os casos, foi transformada para diversos fins. Em Passy, as reconversões aconteceram a partir dos anos 1970 e permitiram manter até à atualidade numerosos edifícios em funcionamento com serviços médicos, cobrindo várias especialidades, e como centro de férias e condomínios⁴⁵³. Em Leysin, o declínio sanatorial iniciou-se nos anos 1950/60, altura em que se processou a reconversão para uma nova dinâmica económica alicerçada no turismo de montanha e de inverno, no desporto de competição e no ensino, com os sanatórios a serem

⁴⁴⁵ *Idem.*

⁴⁴⁶ FIGUEIRA, A. – Museu do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1661 (28 outubro 1956), p. 2.

⁴⁴⁷ A inauguração da Estalagem de S. Jerónimo no Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 2013 (28 julho 1963), p. 6.

⁴⁴⁸ FIGUEIRA, A., *art. cit.*, p. 2; C. – Notícias da região: Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1875 (1 dezembro 1960), p. 2. A construção de um hotel de turismo *extra* Estância era uma aspiração que vinha do tempo de Jerónimo de Lacerda, tendo-lhe sido prometida por António Ferro (A inauguração da Estalagem de S. Jerónimo no Caramulo, *art. cit.*, p. 6).

⁴⁴⁹ RODRIGUES, José Maria – Já está concluída e aberta ao público a Estalagem de Turismo do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 2011 (14 julho 1963), p. 1-2.

⁴⁵⁰ *Vide* nota 357 no ponto 4.1.

⁴⁵¹ *Vide* nota 388 no ponto 4.2.

⁴⁵² Situada na comuna de Passy, na região francesa da Alta-Saboia, a Estância Climática de Cura de Passy (Station Climatique de Cure de Passy) foi criada em 1930 por decreto governamental, segundo o modelo das estâncias suíças. O primeiro sanatório foi inaugurado em 1926 e o último em 1937, totalizando, no auge, mais de 2000 camas, repartidas por uma vintena de sanatórios, casas de cura e de pós-cura (TOBÉ, Anne – *Passy, Plateau d'Assy. Montagne magique: L'art inspiré*. [Em linha]. Paris : Reflex Graphic, 2007. [Consult. 31 novembro 2018]. Disponível em WWW: <URL: <http://passy-culture.com/wp-content/uploads/2009/10/PASSY-ASSY-MMAI-TOBE1.pdf>>).

⁴⁵³ TOBÉ, Anne, *ob. cit.*, p. 10 e 23.

transformados em hotéis e em escolas internacionais de prestígio⁴⁵⁴. Davos, para além de destino turístico, tornou-se num centro internacional de conferências e de investigação médica no campo da cirurgia ortopédica e na capital da diplomacia económica mundial, pois é a sede do World Economic Forum, no âmbito do qual os grandes líderes discutem o estado do Mundo⁴⁵⁵.

Neste panorama, a ESC distingue-se pelo facto de a conversão ter o seu eixo estrutural numa instituição museológica e cultural, sobre a qual se devia construir uma identidade precisa para a nova fase como um destino de turismo de montanha com forte pendor cultural e artístico. A questão que se coloca é se haverá algum exemplo que se aproxime da estratégia desejada por Abel de Lacerda. De certa forma há: a Estância de Passy. Esta apresenta afinidades importantes com o Caramulo. Primeiro, nos anos 1930, Jerónimo de Lacerda referia-a como a estância à qual a ESC mais se assemelhava em termos de clima, distribuição e número de edifícios, métodos de trabalho e por ter origem na iniciativa privada⁴⁵⁶. Segundo, alguns dos artistas que fizeram desse lugar um centro de inovação no contexto da arte contemporânea do século XX, através da criação da igreja modernista de Notre-Dame de Toute Grâce (1950), destinada aos doentes da Estância de Passy, tiveram uma ligação ao Museu do Caramulo enquanto doadores ou artistas representados, como é o caso de Jean Lurçat, Fernand Léger ou Georges Braque.

É uma igreja mundialmente famosa pelo reencontro reconciliador entre a religião e a arte de vanguarda⁴⁵⁷, estando classificada como monumento histórico (2004) por ser um documento-chave da renovação da arte religiosa do século XX⁴⁵⁸. A construção da igreja remonta a 1938, por ação do cónego Jean Devémy, capelão do sanatório Sancellemoz, sendo o projeto arquitetónico da autoria de Maurice Novarina (1907-2002)⁴⁵⁹. Devémy convidou os artistas considerados na época como os mais autênticos⁴⁶⁰ e que, dentro do seu vanguardismo, conseguissem representar temas católicos: Georges Rouault, Pierre Bonnard, Jean Lurçat, Fernand Léger, Henri Matisse, Georges Braque, Marc Chagall, Jacques Lipchitz, entre outros⁴⁶¹.

⁴⁵⁴ LÜTHI, Dave, *art. cit.*, p. 45 e 47; TAVARES, André, *ob. cit.*, p. 201-209.

⁴⁵⁵ BÄNI, Walter, *art. cit.*, p. 194 e 200.

⁴⁵⁶ Cf. LACERDA, Jerónimo, *ob. cit.*, p. 8-9.

⁴⁵⁷ TOBÉ, Anne, *ob. cit.*, p. 8 e 12.

⁴⁵⁸ *Idem*, p. 12.

⁴⁵⁹ *Idem*, p. 50-51.

⁴⁶⁰ Devémy partilhava das ideias de Marie-Alain Couturier, seu amigo e diretor da revista *L'Art Sacré*, em cujos artigos se propalava a ideia de abertura e de conciliação e se defendia que a espiritualidade era inerente à arte autêntica e que a arte cristã só podia existir através de uma arte viva e sincera. (*idem*, p. 51).

⁴⁶¹ *Ibidem*. Fernand Léger criou o mosaico da fachada, concebido em torno de um medalhão com o rosto da Virgem. Os vitrais do deambulatório são de Marcelle Lecamp. Marc Chagall decorou o batistério com cenas bíblicas, como a passagem do Mar Vermelho. Jean Lurçat criou a tapeçaria que reveste a abside do altar, ilustrando

Foi, portanto, este templo, em conjunto com a arquitetura dos sanatórios, exemplo maior da arquitetura hospitalar francesa dos anos 1920 e 1930, que deram o mote para a recuperação da vertente criativa e inovadora que se tinha manifestado em Passy⁴⁶². Nos anos 70, quando se processou a conversão, avançou-se para projetos de dinamização da escultura monumental contemporânea através da criação de percursos em plena natureza que ligavam os diversos pontos da estância⁴⁶³. É, em suma, um conjunto territorial natural e cultural onde a reconversão se baseou na relação entre desenvolvimento e preservação e entre natureza, arte e saúde.

No Caramulo, as iniciativas realizadas no sentido da conversão numa estância de turismo de montanha com uma forte vertente cultural não tiveram os resultados ou a forma imaginada por Abel de Lacerda. Só um sanatório foi convertido em hotel⁴⁶⁴ e quase metade está em ruínas⁴⁶⁵. Quatro sanatórios foram convertidos num lar de idosos⁴⁶⁶, dois em residência multifamiliar⁴⁶⁷, um em retiro espiritual⁴⁶⁸ e um foi demolido⁴⁶⁹. Um aspeto que explica o anterior é a construção de aviários nos arredores da ESC, sobretudo a partir dos anos 1960, os quais, produzindo cheiros nauseabundos, dissolveram a intenção de muitos investidores, incluindo estrangeiros, de investir no Caramulo e de reutilizar os sanatórios⁴⁷⁰. Poluídos, os «bons ares», *slogan* antes usado para publicitar as virtudes do Caramulo, deixaram de ter validade. Diga-se, no entanto, que a indústria avícola (aves, ovos e rações), a par da madeireira (plantio de eucaliptos), constituíram a base sobre a qual assentou a estratégia da família Lacerda, e de outras, para contrariar não só a descapitalização da Sociedade do Caramulo através da diversificação dos investimentos, mas também o abandono do Caramulo por falta de emprego⁴⁷¹.

o capítulo XII do Apocalipse segundo S. João, intitulado «A Mulher e o Dragão». Ao centro, a figura de Cristo na Cruz, de Germaine Richier. No altar do Santo Sacramento, Henri Matisse desenhou S. Domingos levando a palavra do Evangelho (igreja foi confiada aos dominicanos até 1994) e Georges Braque esculpiu um peixe, símbolo dos primeiros cristãos. O interior desta igreja é riquíssimo artisticamente e esta é uma descrição muito genérica (*idem*, p. 55-56).

⁴⁶² Três sanatórios foram classificados pelo Governo francês como «Património do Século XX»: Praz-Coutant (1926), Guébriant (1933) e Martel de Janville (1937) (*idem*, p. 12 e 26).

⁴⁶³ *Idem*, p. 13-14. Este projeto, que se prolongou por vários anos, teve a participação dos artistas mais representativos da escultura contemporânea na Europa, na América e no Japão.

⁴⁶⁴ O Sanatório Salazar.

⁴⁶⁵ Os sanatórios Central, Lusitano, Santa Maria, Pavilhão Cirúrgico, Bela Vista, Casa de Saúde do Parque, Infantil e Grande Sanatório/Jerónimo Lacerda.

⁴⁶⁶ Os sanatórios Sameiro, Monteiro Carvalho, Pedras Soltas e Nossa Senhora da Boa Esperança.

⁴⁶⁷ A Casa de Saúde da Montanha e o Sanatório do Hospital de Santa Maria de Tondela.

⁴⁶⁸ O Sanatório da Serra.

⁴⁶⁹ O Sanatório Montanha

⁴⁷⁰ PEREIRA, J. V. Silva, *ob. cit.*, p. 547-552.

⁴⁷¹ *Idem*, p. 541-552. Neste contexto, foram criadas a Fábrica de Rações da Beira Lda., a Granja Avícola Portuguesa e o Centro de Classificação e Calibragem de Ovos Nutroton.

5. Os antecedentes

Antes da inauguração do Museu do Caramulo, em 1953, era concretizada na ESC, através da JTC e das caixas recreativas e culturais dos sanatórios, uma programação cultural assente em exposições de arte e de fotografia, em concursos literários e em sessões de cinema. Aliada a um conjunto de iniciativas de carácter lúdico, como festas populares, festivais de música e torneios de jogos, o seu propósito era ajudar o doente sanatorizado a enfrentar a dura luta contra a tuberculose. Esta tradição expositiva, pelo seu teor artístico, está também na base do projeto museológico de Abel de Lacerda, muito especialmente a «Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela» (1951). Vejamos como agiu, enquadrando a sua atuação neste contexto e no âmbito da produção legislativa relativa à proteção do património cultural, enquanto deputado na Assembleia Nacional.

5.1. A tradição expositiva na Junta de Turismo do Caramulo

A JTC tinha sede própria, nas proximidades do Grande Sanatório, à beira da EN 230, estando equipada com amplos salões, frequentemente utilizados para atividades de cariz cultural e recreativo. Consistiam sobretudo no seguinte: exposições de pintura e de fotografia⁴⁷², concursos literários⁴⁷³, torneios de jogos⁴⁷⁴, festas populares⁴⁷⁵, peças teatrais e

⁴⁷² Neste ponto, daremos realce a este tipo de atividades por se integrar na vertente artística e museológica especificamente delineada por Abel de Lacerda para o Caramulo.

⁴⁷³ São exemplo os «Jogos Florais» e o Concurso Literário do Natal, abertos aos residentes da ESC e cobrindo vários géneros literários, entre ensaio, diálogo radiofónico, conto, poesia e auto. Os trabalhos vencedores eram divulgados no *Ecos da Serra* e na Rádio Polo Norte (Regulamento dos Jogos Florais. *Ecos da Serra*. N.º 28 (15 outubro 1950), p. 3; Concurso Literário do Natal. *Ecos da Serra*. N.º 29 (1 de novembro 1950), p. 2 e 7). Notemos que estas atividades literárias foram realizadas por todo o país com o apoio do regime, no âmbito da política do espírito desenvolvida pelo Secretariado de Propaganda Nacional/ Secretariado Nacional de Informação (ACCIAIUOLI, Margarida – *António Ferro, ob. cit.*, p. 190-195; Ó, Jorge Ramos do, *ob. cit.*, p. 128-152; TORRAL, Luís Reis; HOMEM, Amadeu de Carvalho – Ideologia salazarista e «cultura popular»: análise da biblioteca de uma casa do povo. *Análise Social*. Lisboa. Vol. XVIII, n.º 72-73-74 (1982), p. 1445, 1455, 1457; RIBEIRO, Nelson – A Emissora Nacional: das emissões experimentais à oficialização (1933-1936). *Comunicação & Cultura*. Lisboa. N.º 3 (2007), p. 186.

⁴⁷⁴ Foi o caso do torneio da canasta, um jogo de cartas, e do torneio de tiro aos pratos. (X. – Tiro aos pratos. *Folha de Tondela*. N.º 382 (19 maio 1929), p. 3; No Caramulo. *Folha de Tondela*. (19 agosto 1932). N.º 442, p. 2; Concurso da canasta. *Ecos da Serra*. N.º 145 (26 dezembro 1953), p. 4).

⁴⁷⁵ Foram magníficas as festividades de São João e de São Pedro, comemoradas com fogo-de-artifício, iluminações decorativas, balões venezianos e animados arraiais. Destacaram-se também as festas do parque, em agosto, com festivais, quermesse e jogos (As festas no Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 444 (2 setembro 1932), p. 1; C. – Paredes do Guardão. *Folha de Tondela*. N.º 974 (20 junho 1943), p. 2; Festas do parque. *Ecos da Serra*. N.º 128 (28 agosto 1953), p. 4).

saraus musicais⁴⁷⁶, assim como sessões de cinema⁴⁷⁷. Eram organizadas com maior prevalência pela JTC e, quando partiam da iniciativa das caixas culturais e recreativas dos sanatórios, nomeadamente do Grande Sanatório, Pedras Soltas e Santa Maria, eram por ela patrocinadas. Com efeito, embora se destinasse a fomentar o desenvolvimento da região, a Junta de Turismo promovia igualmente uma vida cultural ativa no Caramulo.

Como referimos no ponto 4.2, o tratamento da tuberculose pulmonar era considerado como um todo, tratando-se o corpo e o espírito com o mesmo interesse. Ao ser internado, o doente perdia o contacto com o mundo exterior e, em muitos casos, abandonava uma vida laboral ativa. Paralelamente, o regime sanatorial assentava numa sucessão de normas e procedimentos meticulosamente seguidos dia após dia e numa componente muito dolorosa quando havia recurso a tratamentos cirúrgicos⁴⁷⁸. O temor quanto ao futuro, a saturação, o desalento e a impaciência acabavam por se impor ao fim de algum tempo e daí a importância das atividades culturais e recreativas para quebrar a rotina, elevar a moral e criar boa disposição, mantendo o doente psicologicamente equilibrado. Eram também importantes para fomentar a camaradagem, criando-se amizades que ajudavam a atenuar as circunstâncias do internamento e as saudades⁴⁷⁹. Desta feita, no Caramulo, não se tratava «só de recuperar saúdes abaladas», mas também «de dar aos doentes todo o atrativo que a vida possa ter»⁴⁸⁰.

As exposições de arte e de fotografia foram uma constante na primeira metade dos anos 1950, isto é, com Abel de Lacerda na direção administrativa da Estância e na presidência da JTC. Sublinhemos que este tipo de atividades eram aquelas que se aproximavam da sua sensibilidade artística natural e que se alinhavam com a vertente cultural e museológica que pretendia instalar no Caramulo através do museu. Ademais, porque perfeitamente ciente dos efeitos «terapêuticos» da arte e do ato criativo, não deixou de sublinhar «o seu agrado e desejo de sempre estimular iniciativas» que contribuíssem «para a distração e cultura» dos que viviam na ESC⁴⁸¹.

⁴⁷⁶ O grupo de teatro da ESC, «Os Modestos» (1942), promoveu vários espetáculos no Caramulo. Atuaram também grupos externos, como o Orfeão de Viseu e a companhia artística de Bel Guerra, bailarino do Teatro Maria Vitória (Lisboa) (Grupo Os Modestos. *Ecos da Serra*. N.º 18 (15 maio 1950), p. 4; Orfeão de Viseu no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 25 (1 setembro 1950), p. 1 e 6; Cineteatro Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 43 (1 junho 1951), p. 6).

⁴⁷⁷ Os filmes projetados estavam simultaneamente em exibição nas salas nacionais. Nos anos 1930, Jerónimo Lacerda, reconhecendo no cinema um meio de fortalecimento psicológico, investiu na construção de um cineteatro anexo ao Grande Sanatório, com 300 lugares de lotação e devidamente equipado com cabine de projeção. No início dos anos 1950, as sessões decorriam aos domingos, quartas e sextas-feiras (VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 52-53; PEREIRA, J. V. Silva, *ob. cit.*, p. 540; Cineteatro Caramulo, *art. cit.*, p. 6).

⁴⁷⁸ ARAÚJO, Norberto – Impressões do Caramulo III. *Folha de Tondela*. N.º 1167 (13 abril 1947), p. 1.

⁴⁷⁹ Concurso da canasta, *art. cit.*, p. 4.

⁴⁸⁰ Tardes Culturais no Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1446 (14 setembro 1952), p. 3.

⁴⁸¹ *Apud* Jogos Florais de 1950 na Estância Sanatorial do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 21 (1 julho 1950), p. 5.

As exposições de fotografia realizavam-se já nos anos 1930. A 15 de junho de 1932, inaugurava, no Grande Sanatório, uma exposição com os trabalhos integrados no «Concurso Fotográfico entre Amadores» (1932), destinado a fotógrafos do concelho de Tondela, Estância incluída⁴⁸². Relativamente aos critérios de seleção, as fotografias deviam ser inéditas e representar «aspetos, cenas, figuras e paisagens do concelho de Tondela» nas categorias de retrato, interiores, paisagem e vários⁴⁸³. Nos anos 1950, o padrão manteve-se: temas caramulanos, concorrentes residentes na ESC e um júri avaliador para a atribuição de prémios. Em termos de participantes, tanto podiam ser individuais como coletivas, variando o número de trabalhos entre a meia centena e a centena. Por exemplo, a 21 de maio de 1950, inaugurou uma exposição promovida pela Caixa Recreativa do Sanatório de Santa Maria, com o patrocínio da JTC⁴⁸⁴, cujo júri era constituído, entre outros, por Abel de Lacerda, pela deputada Maria Leonor Botelho⁴⁸⁵ e pelo jornalista Paulo Braga, diretor d'*O Primeiro de Janeiro* (Porto), internado no Grande Sanatório⁴⁸⁶. Outra decorreu em junho/julho de 1952, mais detalhada tematicamente – interiores e exteriores da Estância Sanatorial⁴⁸⁷ –, tendo sido inaugurada pelo Ministro da Marinha, Américo de Tomás, na sua primeira visita ao Caramulo⁴⁸⁸. Relativamente às exposições individuais, assinala-se a de Germano Ferreira, famoso fotógrafo de Viseu (16-26 de março de 1950)⁴⁸⁹, e a de Humberto de Almeida Raposo (outubro de 1951)⁴⁹⁰.

Centrando-nos agora nas exposições de arte, estas surgem referidas na imprensa local a partir de 1949. Nesse ano, aconteceu o Salão de Outono, uma exposição de pintura e desenho organizada também pela Caixa Recreativa e Cultural do Sanatório de Santa Maria, com o

⁴⁸² Concurso fotográfico. *Folha de Tondela*. N.º 427 (8 maio 1932), p. 2.

⁴⁸³ *Ibidem*.

⁴⁸⁴ Exposições fotográficas. *Ecos da Serra*. N.º 16 (15 abril 1950), p. 1; Exposição de fotografia. *Ecos da Serra*. N.º 18 (20 maio 1950), p. 2; Exposição de fotografias de arte na Junta de Turismo. *Ecos da Serra*. N.º 19 (1 junho 1950), p. 3.

⁴⁸⁵ Maria Leonor Correia Botelho (1915-1996) foi deputada à Assembleia Nacional entre 1949 e 1957. Licenciada pelo Instituto de Serviço Social (1939), as suas intervenções centraram-se nas questões da assistência na doença e no desemprego e na construção de um parque habitacional social condigno para travar o desenvolvimento de doenças pulmonares. Estes assuntos terão facilitado a aproximação a Abel de Lacerda. Refira-se que o Estado Novo reconheceu à mulher, da elite intelectual sublinhe-se, o direito de ser eleita por uma questão de estratégia política, porquanto teria como função reforçar as áreas tradicionalmente femininas: assistência e educação (CASTILHO, J. M. Tavares – Botelho, Maria de Lurdes Correia. In *Os deputados à Assembleia Nacional (1935-1974)*, ob. cit.; PIMENTEL, Irene – O voto das mulheres em Portugal. *Jugular*. [Em linha]. (29 setembro 2013). [Consult. 29 junho 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://jugular.blogs.sapo.pt/3620156.html>>; SOUSA, Maria Reynolds de – In CRUZ, Manuel Braga da, PINTO, António Costa – *Dicionário Biográfico Parlamentar (1935-1974)*. Lisboa: Universidade de Lisboa – Assembleia da República, 2005. Vol. I, p. 274-277).

⁴⁸⁶ Exposição de fotografias de arte na Junta de Turismo, *art. cit.*, p. 3.

⁴⁸⁷ Exposição de fotografias. *Ecos da Serra*. N.º 62 (15 março 1952), p. 3.

⁴⁸⁸ O Ministro da Marinha de visita ao Caramulo, *art. cit.*, p. 1.

⁴⁸⁹ Exposições de arte. *Ecos da Serra*. N.º 14 (15 março 1950), p. 5.

⁴⁹⁰ Exposição de fotografia. *Ecos da Serra*. N.º 52 (15 outubro 1951), p. 6.

patrocínio da JTC⁴⁹¹. Era constituída por 82 trabalhos de artistas amadores produzidos a óleo, aguarela, pastéis e carvão com temas variados, embora grande parte retratasse costumes locais e aspetos paisagísticos e pitorescos do Caramulo⁴⁹². Teve grande sucesso junto do público, atingindo «algumas centenas» de visitantes⁴⁹³. Em março de 1950, esteve patente a exposição de aguarelas de J. Carvalheiro Júnior⁴⁹⁴, altura em que decorria também a exposição de fotografia de Germano Ferreira, acima referida. No ano seguinte, a 31 de maio, foi inaugurada uma exposição de caricaturas com poesias alusivas⁴⁹⁵. Foi uma exposição dissonante no contexto geral por três motivos: decorreu na Biblioteca do Grande Sanatório, pela osmose entre arte e literatura, foi organizada e produzida pelos artistas ali internados e possuía claramente um cunho humorístico para animar os utentes⁴⁹⁶. A 15 de junho de 1951, inaugurou-se, nos salões da JTC, por iniciativa do seu presidente, a «Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela», da qual falaremos no ponto seguinte pela importância que teve para a fundação do Museu do Caramulo. A partir daquela data não se encontra referência à realização de outras exposições de arte. Afastando a possibilidade deste facto derivar de uma simples omissão jornalística das mostras efetivamente ocorridas, poder-se-á considerar como explicação a migração da abordagem artística até ali feita para a criação do museu de arte.

5.2. «A Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela»

A «Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela» decorreu entre 15 de junho⁴⁹⁷ e o final de agosto de 1951⁴⁹⁸ e constituiu o ponto genésico da ideia da criação de um museu de arte no Caramulo. O próprio Abel de Lacerda o afirmou na entrevista que deu, em maio de 1957, ao *Política Nova*, jornal nacionalista de Viseu, referindo que o museu tinha as suas raízes naquela exposição temporária⁴⁹⁹. A questão que se coloca imediatamente é: porquê? Por um

⁴⁹¹ Exposição de pintura e desenho. *Ecos da Serra*. N.º 4 (15 outubro 1949), p. 1; Uma festa de arte no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 6 (16 novembro 1949), p. 1.

⁴⁹² Exposição de pintura e desenho, *art. cit.*, p. 1; Exposição de pintura e desenho na Junta de Turismo do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 5 (31 outubro 1949), p. 2.

⁴⁹³ Uma festa de arte no Caramulo, *art. cit.*, p. 2.

⁴⁹⁴ Exposições de Arte, *art. cit.*, p. 5.

⁴⁹⁵ Exposição de caricaturas. *Ecos da Serra*. N.º 43 (1 junho 1951), p. 6.

⁴⁹⁶ *Ibidem*; Exposição de caricaturas. *Ecos da Serra*. N.º 44 (15 junho 1951), p. 4.

⁴⁹⁷ A I Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 44 (15 junho 1951), p. 1.

⁴⁹⁸ De acordo com o jornal *A Voz de Lamego*, a data de encerramento foi adiada para o final de agosto, sem especificação do dia, devido ao «extraordinário interesse» que a exposição tinha despertado. Inicialmente, o encerramento fixou-se para o dia 15 de julho, sendo depois adiado para o dia 5 de agosto e, em definitivo, para o final do mês (Exposição de Arte Sacra. *Ecos da Serra*. N.º 47 (1 agosto 1951), p. 1; APFAL, recortes de imprensa, vol. 1, fl. 55, No Caramulo: Exposição de Arte Sacra. *A Voz de Lamego*. (12 agosto 1951)).

⁴⁹⁹ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 43/v: L. A., *art. cit.*, p. 4.

lado, porque foi verdadeiramente o ensaio que permitiu verificar a abertura dos particulares à participação num projeto de cariz cultural e artístico mediante a cedência de objetos para exibição num espaço público. Do impressionante total de 246 objetos reunidos, 27,6% provinham de donatários laicos e 72,4% eram propriedade da Igreja Católica⁵⁰⁰. Por outro lado, permitiu aferir a receptividade do público⁵⁰¹. Abel de Lacerda começou, portanto, logo ali a acalantar a ideia de organizar «qualquer coisa com carácter permanente»⁵⁰². A maturação da ideia e a identificação dos meios disponíveis para a sua concretização levou à transformação desta «qualquer coisa» num museu de arte antiga e moderna⁵⁰³. Aliás, enquanto decorria o evento, a ideia corrente foi que os objetos apresentados poderiam constituir o fundo de um «grande museu»⁵⁰⁴.

A organização da exposição partiu do próprio, enquanto presidente da JTC, cabendo a esta instituição a dotação orçamental para a realização da mesma⁵⁰⁵. No restante, foi Lacerda quem procedeu à prospeção e à inventariação dos bens culturais a expor, tendo realizado para o efeito várias visitas às freguesias do concelho de Tondela em busca de «belas obras de arte sacra»⁵⁰⁶. Tipologicamente, os objetos selecionados repartiam-se entre pinturas⁵⁰⁷, esculturas, objetos de culto e paramentos e foram distribuídos pelos espaços expositivos da JTC com a seguinte sistematização cronológica: 1ª e 2ª salas, séculos XV e XVI; 3ª sala, século XVII; 4ª

⁵⁰⁰ Os valores apresentados foram obtidos através da contabilização dos objetos arrolados no catálogo da exposição, tendo em atenção que cada unidade dos pares foi contabilizada individualmente. Com esta contagem, o total aproxima-se do número divulgado pela imprensa: cerca de 250 objetos (A I Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela, *art. cit.*, p. 4; *Exposição de Arte Sacra: Subsídios para o inventário artístico do concelho de Tondela*. Caramulo: Junta de Turismo do Caramulo, 1952, p. 71-82)

⁵⁰¹ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 43/v: L. A., *art. cit.*, p. 4.

⁵⁰² *Ibidem*.

⁵⁰³ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 3: O museu dos particulares. *Diário de Notícias*. (16 maio 1954).

⁵⁰⁴ A I Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela, *art. cit.*, p. 1. Um processo semelhante ocorreu com o Museu de Arte Popular (1948), em Lisboa. A ideia para a sua criação surgiu quando se organizou a mostra de cultura popular portuguesa do Centro Regional, integrado na Exposição do Mundo Português (1940) (RAMOS, Paulo Oliveira, *ob. cit.*, p. 53-54).

⁵⁰⁵ Exposição de Arte Religiosa no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 37 (1 março 1951), p. 1.

⁵⁰⁶ BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7; SOROMENHO, Ana, *art. cit.*, p. 29. Devido ao extraordinário poder espiritual e material que a Igreja Católica adquiriu ao longo do tempo, grande parte dos bens culturais estava na sua posse, sendo constituídos sobretudo por objetos de arte sacra (pintura, escultura, ourivesaria, paramentos e talha). Esta circunstância explica a presença constante desta categoria nos museus nacionais e regionais, em especial naqueles fundados ou reformulados com base na incorporação dos bens expropriados após a abolição das ordens religiosas (1834), no contexto da implantação do regime liberal (PEREIRA, Fernando A. Baptista – *Museus de Arte*. In ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, coord. – *Introdução à museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993, p. 194-195; PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 103).

⁵⁰⁷ Integram a mostra os únicos quadros de Grão Vasco que não pertenciam a museus, ou seja, que pertenciam a privados. Eram duas valiosas obras representando Santo António e S. João, propriedade de Abel de Lacerda (A Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 43 (1 junho 1951), p. 1; A inauguração da I Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela. *Folha de Tondela*. N.º 1386 (1 julho 1951), p. 2).

sala, séculos XVIII e XIX⁵⁰⁸. Os critérios de seleção foram rigorosos, pois o objetivo foi apresentar obras de «incontestável valor artístico»⁵⁰⁹. Por isso, a mostra foi considerada por Abel de Lacerda como uma «espécie de inventário» do património cultural do concelho de Tondela, cuja realização viu ser premente para localizar e documentar bens geralmente desconhecidos e que, pelo facto de o serem, corriam o risco de se perderem e de se adulterarem com restauros inoportunos e incorretos⁵¹⁰. Por outro lado, como sublinhava, ao fazer-se o inventário colocava-se as «preciosidades» locais «ao abrigo da pilhagem dos antiquários», voltando tudo quanto foi descoberto em arrecadações e casas particulares aos seus donatários «completamente valorizado e classificado»⁵¹¹. Por conseguinte, admoestava a que este exemplo fosse seguido noutras terras com o mesmo objetivo⁵¹².

A nível da contextualização jurídica e legal, é importante referir que, em 1949, tinha sido promulgada a Lei n.º 2032 de 11 de junho, contendo disposições sobre a proteção, conservação e classificação de todos os elementos ou conjuntos de valor arqueológico, histórico, artístico ou paisagístico dos concelhos⁵¹³. Com efeito, Abel de Lacerda considerava os documentos históricos, entendidos em sentido lato, como «sólidos baluartes de uma cultura e de uma história», portanto, uma herança do passado que suscitava um «legítimo orgulho» e devia ser preservada, valorizada e transmitida para conhecimento e exemplo das gerações vindouras⁵¹⁴. Sublinhemos ainda que a preocupação com a realização de inventários sistemáticos e completos, como instrumento de proteção e de documentação do património, foi uma preocupação central no «Aviso Prévio Sobre a Situação dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais» que apresentou para discussão à Assembleia Nacional em fevereiro de 1956, como veremos no ponto seguinte.

A importância da Exposição de Arte Sacra para a valorização cultural e artística do Caramulo e do Concelho de Tondela e a oportunidade que representava para apreciar riquezas ignoradas foram muito divulgadas pela imprensa⁵¹⁵. No dizer do *Ecos da Serra*, o concelho

⁵⁰⁸ *Exposição de Arte Sacra: Subsídios para o inventário artístico, ob. cit.*, p. 61-67 e 71-82. Vide fotografias 32 a 34, no anexo V.

⁵⁰⁹ A Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela, *art. cit.*, p. 6.

⁵¹⁰ Exposição de Arte Religiosa no Caramulo, *art. cit.*, p. 1.

⁵¹¹ *Apud* APFAL, recortes de imprensa, vol. 1, fls. 53/v, A Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela. *Novidades*. (3 julho 1951).

⁵¹² *Ibidem*.

⁵¹³ LEI n.º 2.032. *Diário do Governo*. [Em linha]. I Série. N.º 125 (11 junho 1949), p. 1. [Consult. 4 julho 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://dre.tretas.org/dre/70201/lei-2032-de-11-de-junho>>.

⁵¹⁴ PORTUGAL. Assembleia Nacional, V Legislatura: Sessão n.º 216 em 12 de março, *ob. cit.*, p. 846.

⁵¹⁵ CORTEZ, Fernando Russell – Abel de Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1699 (21 julho 1957), p. 2; F. – Uma exposição de arte sacra do Concelho. *Folha de Tondela*. N.º 1380 (10 junho 1951), p. 1. Os jornalistas de Lisboa e do Porto foram convidados pela JTC, portanto, por Abel de Lacerda, a visitar a Exposição para divulgá-la (APFAL, recortes de imprensa, vol. 1, fl. 52, Património artístico do concelho de Tondela. *Diário Popular*. (2

descobria-se a si próprio e vangloriava-se pela posse de um património artístico que «quase desconhecia»⁵¹⁶. Podemos afirmar que a reação do público foi ao encontro das expectativas da organização: admiração e surpresa perante o conjunto de objetos expostos e «rasgados elogios» pelo «magnífico mostruário» reunido⁵¹⁷.

A Exposição foi complementada com um ciclo de conferências sobre arte no Cineteatro do Grande Sanatório, tendo por base os objetos da exposição. Foram ali partilhados ensinamentos cujo objetivo foi ajudar o visitante a «interpretar o pormenor que a falta de educação artística faria passar despercebido»⁵¹⁸. Foram conferencistas Luís Reis Santos, historiador de arte e diretor do Museu Machado Castro, com uma palestra sobre pintura⁵¹⁹, a 15 de junho, após a cerimónia de inauguração, e Diogo de Macedo, escultor e diretor do Museu de Arte Contemporânea, a 3 de julho, que falou sobre escultura⁵²⁰. Estava prevista a realização, no dia 15 de julho, data inicial de encerramento⁵²¹, de uma conferência de João Couto, diretor do MNAA, sobre ourivesaria, a qual não foi realizada por motivos pessoais⁵²².

A exposição foi, de facto, um sucesso sob todos os pontos de vista: pelo interesse suscitado, visível na afluência de público («cerca de mil pessoas» só nos primeiros 15 dias⁵²³) e na necessidade em adiar o encerramento de 15 de julho para 31 de agosto⁵²⁴; pela inventariação e salvaguarda do «valioso» património de Arte religiosa existente na região⁵²⁵; pela receptividade do clero e dos particulares ao convite feito para exporem as obras de arte que possuíam⁵²⁶; pela contribuição de altas individualidades da museologia e das artes (patente no ciclo de conferências acima referido) e, por fim, pela publicidade trazida ao concelho como

julho 1951); *idem*, fl. 52/v, Uma valiosa Exposição de Arte Sacra no Caramulo. *A Voz*. (3 julho 1951)). Folheando os recortes de imprensa do arquivo da família de Abel de Lacerda, verifica-se que o evento foi, com efeito, referido nos periódicos de grande tiragem, como *A Voz*, o *Diário de Notícias*, o *Diário da Popular*, o *Jornal de Notícias*, o *Primeiro de Janeiro*, o *Novidades*, o *Século*, entre outros.

⁵¹⁶ A I Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela, *art. cit.*, p. 4.

⁵¹⁷ A I Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 45 (1 julho 1951), p. 1; A inauguração da I Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela, *art. cit.*, p. 2.

⁵¹⁸ F., *art. cit.*, p. 1.

⁵¹⁹ A inauguração da I Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela, *art. cit.*, p. 2; A I Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela, *art. cit.*, p. 4.

⁵²⁰ APFAL, recortes de imprensa, vol. 1, fl. 55, Uma conferência de Diogo de Macedo. *Diário de Notícias*. (4 julho 1951).

⁵²¹ APFAL, recortes de imprensa, vol. 1, fl. 55, No Caramulo: Exposição de Arte Sacra. *A Voz de Lamego*. (12 agosto 1951).

⁵²² Exposição de Arte Sacra, *art. cit.*, p. 1.

⁵²³ APFAL, recortes de imprensa, vol. 1, fls. 53/v, A Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela, *art. cit.*. O horário de abertura da exposição abrangia a manhã, a tarde e a noite para dar resposta à diversidade de conveniências de um público geograficamente heterogéneo e numeroso (A I Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela, *art. cit.*, n.º 45, p. 1).

⁵²⁴ APFAL, recortes de imprensa, vol. 1, fl. 55, No Caramulo: Exposição de Arte Sacra., *art. cit.*.

⁵²⁵ Exposição de Arte Religiosa no Caramulo, *art. cit.*, p. 1; A Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela, *art. cit.*, p. 1.

⁵²⁶ Exposição de Arte Religiosa. *Ecos da Serra*. N.º 38 (15 março 1951), p. 1.

destino turístico e cultural devido à «demonstração da [sua] riqueza iconográfica» no âmbito da arte sacra⁵²⁷. Refira-se ainda que a exposição contou com a presença de elementos do Governo ao mais alto nível, o que revela bem o posicionamento político de Abel de Lacerda e o reconhecimento do seu trabalho na ESC. Foi inaugurada pelo Secretário Nacional de Informação e Cultura Popular, José Manuel da Costa, e visitada pelo Presidente do Conselho, Oliveira Salazar, e pelo Ministro da Defesa, Fernando dos Santos Costa⁵²⁸.

Devido à qualidade e importância da mostra, em 1952, foi publicado o respetivo catálogo com o título *Exposição de Arte Sacra: Subsídios para o inventário artístico do concelho de Tondela*⁵²⁹, do qual constava não só o rol dos objetos integrados, organizados por freguesias, com a respetiva proveniência e datação, mas também as conferências acima referidas, como texto-comentário.

5.3. Abel de Lacerda, legislador do património cultural

A atividade política de Abel de Lacerda na Assembleia Nacional permite, por um lado, compreender o seu pensamento ao nível da proteção e da valorização do património cultural nos anos 1950 e, por outro lado, como, porquê e com que objetivo desenvolveu o projeto museológico no Caramulo. Como demonstrámos no capítulo 3, Lacerda foi um sincero apoiante do Estado Novo, defendendo publicamente o sistema ideológico e as respetivas políticas. Contudo, não se dirimia de assumir posições críticas se pertinentes e necessárias, facto especialmente visível no referente à política patrimonial e museológica do regime, que conhecia em profundidade⁵³⁰. O que pretendia era promover uma verdadeira política nacional de salvaguarda e de valorização patrimonial para que os museus, os monumentos e os palácios nacionais pudessem desempenhar ativa e eficientemente uma missão cultural e educativa. Para o efeito, depois de organizar a Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela, apresentou um projeto-lei para proteger a propriedade privada de obras de arte sem prejuízo da conservação ou risco de extravio das mesmas, garantindo assim o acesso para fins de inventariação e estudo; propôs a criação de um Depósito Nacional de Mobiliário que recolhesse móveis de valor artístico ou histórico do Estado e promoveu um longo debate sobre a situação dos palácios,

⁵²⁷ Exposição de Arte Religiosa no Caramulo, *art. cit.*, p. 1; A I Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela, *art. cit.*, p. 1.

⁵²⁸ A I Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela, *art. cit.*, p. 4; A I Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela, *art. cit.*, n.º 45, p. 1.

⁵²⁹ *Exposição de Arte Sacra: Subsídios para o inventário artístico do concelho de Tondela*, *ob. cit.*.

⁵³⁰ Já abordámos a questão da política museológica do Estado Novo. *Vide* ponto 2.1 desta investigação.

museus e monumentos nacionais, onde sugeriu a criação de um organismo único de tutela e a consolidação da legislação aplicável ao sector.

Foi no final de 1952, na sessão de 11 de dezembro, que Abel de Lacerda apresentou o projeto de lei para a alteração do corpo do art.º 5º do Decreto-lei n.º 38.906 de 20 de setembro a fim de garantir o direito de propriedade dos particulares sobre as respetivas obras de arte⁵³¹. Este diploma foi promulgado pela Direção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes (DGESBA), dependente do Ministério da Educação Nacional (MEN), com o objetivo de proteger o património artístico móvel nacional através da regulamentação quer da inventariação, classificação, conservação e alienação, quer da permanência no território português⁵³². Segundo o art.º 5º, o MEN, sempre que entendesse necessário, poderia ordenar que os bens móveis inventariados ou em vias de inventariação fossem transferidos para a guarda de museus, bibliotecas ou arquivos do Estado⁵³³. Considerando a sua redação dúbia e subjetiva, porque dava a ideia de que o MEN poderia transferir abusivamente bens privados para a sua guarda com o pretexto de os salvaguardar⁵³⁴, Lacerda propôs que se especificasse o âmbito de aplicação «para se prevenir abusos» e para não quebrar a confiança dos proprietários, laicos e religiosos⁵³⁵. «O receio tranca portas», afirmou⁵³⁶. A essência da questão reduzia-se, portanto, ao seguinte: manter e fortalecer a confiança que o Estado conquistara dos particulares detentores de obras de arte ao estabelecer em princípios muito claros que o ministro atuaria *in*

⁵³¹ PORTUGAL. Assembleia Nacional – V Legislatura: Sessão n.º 179 em 11 de dezembro. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 179 (12 dezembro 1952). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/05/04/179/1952-12-11>>, p. 295; PORTUGAL. Assembleia Nacional – V Legislatura: Sessão n.º 228 em 24 de março. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 228 (25 março 1953). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/05/04/228/1953-03-24>>, p. 1107-1108.

⁵³² DECRETO-LEI n.º 38.906. *Diário do Governo*. [Em linha]. I Série. N.º 201 (10 setembro 1952), p. 906. [Consult. 12 maio 2018]. Disponível em WWW: <URL: <https://dre.tretas.org/dre/223311/decreto-lei-38906-de-10-de-setembro>>.

⁵³³ *Ibidem*.

⁵³⁴ PORTUGAL. Assembleia Nacional, V Legislatura: Sessão n.º 179, *ob. cit.*, p. 295.

⁵³⁵ *Ibidem*. Lacerda tinha em mente a desconfiança criada em relação ao Estado com a política de nacionalizações decorrente da implantação da República (1910), ainda supervivente. Em 1911, o Governo republicano declarou a separação entre o Estado e as igrejas a fim de submetê-las ao controlo estatal e anular a influência clerical e da religião na nova sociedade que pretendia construir na base de preceitos dimanados da ciência e da razão. Para o efeito, nacionalizou todas as suas propriedades eclesíásticas, secularizou os cemitérios, encerrou seminários, determinou a obrigatoriedade da aprovação dos atos de culto pelo poder secular e determinou que os párocos eram servidores do Estado (NETO, Vítor – Lei da separação do Estado das igrejas. In ROLLO, Maria Fernanda (coord.) – *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*. Lisboa: Assembleia da República, 2014. Vol. 2. p. 630-639).

⁵³⁶ PORTUGAL. Assembleia Nacional, V Legislatura: Sessão n.º 179, *ob. cit.*, p. 295. Lacerda deu como exemplo a resistência que o Estado encontrava sempre que pretendia requisitar uma obra de arte para uma exposição ou o barramento do acesso aos bens culturais aquando da realização de inventários, «tão úteis ao estudo da arte e ao conhecimento do património da Nação», sublinhava (*ibidem*).

*extremis*⁵³⁷. O projeto de lei foi aprovado na sessão de 24 de março de 1953⁵³⁸, dando origem à Lei n.º 2065 de 25 de junho, com a qual se deu nova redação ao artigo em causa⁵³⁹.

Entretanto, a 12 de março de 1953, quando Abel de Lacerda se lançava na recolha de objetos destinados ao futuro Museu do Caramulo⁵⁴⁰, defendeu no hemiciclo a criação urgente de um Depósito Nacional de Mobiliário, à semelhança do que existia em vários países⁵⁴¹. Esta proposta visou reforçar a atuação que o Governo vinha tendo ao nível da política de aquisições de obras de arte para enriquecimento do espólio nacional e da preparação de diplomas importantes na área da museologia, como o Decreto-lei n.º 38.906 de 20 de setembro de 1952, atrás referido, com o qual pretendia proteger o património artístico de extravios ou deteriorações, e o Decreto n.º 39.116 de 27 de novembro de 1953, que regulava o estágio para acesso à carreira de conservador de museu⁵⁴². O Depósito Nacional de Mobiliário teria, pois, uma função central a desempenhar porque, ao recolher os itens excedentários nos palácios e edifícios históricos nacionais e aqueles adquiridos, criaria um fundo de reserva que permitiria ao Estado fazer uma gestão eficiente do património móvel nacional⁵⁴³. Num já reduzido rol de mobiliário de valor histórico⁵⁴⁴, esta ausência de «organização e ordenação dos recursos nacionais» tinha «graves prejuízos» orçamentais, pois o Estado tinha de adquirir exemplares para «corrigir o *deficit*» em que Portugal se encontrava⁵⁴⁵. Em dezembro de 1953, a Assembleia Nacional discutia a proposta da Lei de Meios para 1954, vulgo programa de ação do Ministério das Finanças. Neste documento, a criação do depósito de mobiliário sugerido por Lacerda era referida no art.º 14º⁵⁴⁶. O mesmo seria organizado pelo Ministro das Finanças e teria como responsabilidades, por um lado, proceder à guarda, conservação e restauro dos bens artísticos do Estado, constituindo um fundo de reserva, e, por outro, adquirir peças com valor histórico

⁵³⁷ PORTUGAL. Assembleia Nacional, V Legislatura: Sessão n.º 228, *ob. cit.*, p. 1108.

⁵³⁸ *Idem*, p. 1107-1108. Foi aprovado com uma ligeira alteração. Na segunda linha, em vez de «sempre que as providências cautelares prescritas se revelem ineficazes» ficou «sempre que quaisquer providências cautelares se julguem insuficientes» (*idem*, p. 1108). A alteração pretendia garantir que uma obra de arte não seria perdida ou danificada pela menor abrangência do termo «ineficazes» face ao «insuficientes» (*ibidem*). Vide o art.º 5º no Decreto-lei n.º 38.906, no projeto de lei de Lacerda e na Lei n.º 2065 no documento 3 do anexo II.

⁵³⁹ LEI n.º 2.065. *Diário do Governo*. [Em linha]. I Série. N.º 133 (25 junho 1953), p. 1. [Consult. 4 julho 2019]. Disponível em WWW: URL: <<https://dre.tretas.org/dre/298971/lei-2065-de-25-de-junho#anexos>>.

⁵⁴⁰ Recordamos que o museu foi inaugurado em setembro desse ano.

⁵⁴¹ PORTUGAL. Assembleia Nacional, V Legislatura: Sessão n.º 216, *ob. cit.*, p. 846.

⁵⁴² *Ibidem*.

⁵⁴³ *Idem*, p. 846-847; PORTUGAL. Assembleia Nacional – VI Legislatura: Sessão n.º 7 em 12 de dezembro. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 7 (14 dezembro 1953). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/06/01/007/1953-12-12>>, p. 86.

⁵⁴⁴ Lacerda sublinhava que, ao longo da sua História, o país perdera uma grande parcela dos bens culturais e artísticos devido ao terramoto de 1755, à saída da família real para o Brasil, às invasões francesas e à venda do recheio de palácios nacionais (PORTUGAL. Assembleia Nacional, V Legislatura: Sessão n.º 216, *ob. cit.*, p. 846-847).

⁵⁴⁵ *Idem*, p. 847.

⁵⁴⁶ PORTUGAL. Assembleia Nacional, VI Legislatura: Sessão n.º 7, *ob. cit.*, p. 86.

ou artístico para exibição museológica e guarneçamento de instituições nacionais de grande representação⁵⁴⁷.

Façamos aqui uma pausa para explicar a ligação entre Belas-Artes e património, já que é aquela designação que aparece amiúde nos diplomas e intervenções referentes ao que hoje designamos por património cultural. Em termos conceptuais, precisamos de ter em consideração que o termo Belas-Artes abrangia as questões do património e da museologia, sendo os objetos museológicos, antiguidades ou elementos das artes plásticas, designados por obras de arte. A própria superintendência dos museus estava entregue à DGEBSA. Como Abel de Lacerda explicou numa das suas intervenções, a «arte, no seu conjunto, é una», ou seja, era um todo, não importando que fosse arquitetura, ourivesaria, cerâmica ou pintura⁵⁴⁸. Aliás, para ele, a política de Belas-Artes devia ser entendida como um elemento estruturante da política do espírito, centrada na valorização nacional a nível material, político e cultural, e, neste sentido, do desenvolvimento da museologia portuguesa, devendo ser abordada como um todo e envolver os museus, monumentos, bibliotecas e arquivos⁵⁴⁹.

Esta questão enformou a decisão de apresentar, a 2 de fevereiro de 1956, na Assembleia Nacional, o «Aviso prévio sobre a situação dos museus, palácios e monumentos nacionais»⁵⁵⁰. Alarmado com um panorama grave, visionou, para citar João Couto, «um plano largo, ordenado, eficiente, destes serviços fundamentais da cultura portuguesa»⁵⁵¹, pretendendo assim «apontar deficiências com intuitos construtivos» e «preconizar soluções práticas» para que pudessem desempenhar cabalmente a função cultural que lhes incumbia e que não era realizada em pleno⁵⁵². A intervenção suscitou um longo debate que se prolongou até 8 de fevereiro⁵⁵³. Muito sumariamente, neste aviso prévio, Lacerda aludia à inexistência de uma verdadeira ação de conjunto, ou seja, de uma «política de Belas-Artes», devido à dispersão da tutela dos museus

⁵⁴⁷ *Ibidem*.

⁵⁴⁸ PORTUGAL. Assembleia Nacional – VI Legislatura: Sessão n.º 123 em 3 de fevereiro. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 123 (4 fevereiro 1956). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/06/03/123/1956-02-03>>, p. 440.

⁵⁴⁹ PORTUGAL. Assembleia Nacional, V Legislatura: Sessão n.º 216, *ob. cit.*, p. 846. Sobre a política do espírito e o dispositivo cultural do Estado Novo *vide* Ó, Jorge Ramos do, *ob. cit.*. *Vide* também o ponto 2.1, onde abordámos a questão.

⁵⁵⁰ PORTUGAL. Assembleia Nacional, VI Legislatura: Sessão n.º 121, *ob. cit.*, p. 413-416. Tenhamos em atenção que não incluía neste documento a situação dos museus e palácios particulares, categoria onde se enquadrava o Museu do Caramulo, fundado em 1953.

⁵⁵¹ COUTO, João, Abel de Lacerda e a estagnação em que vivem as artes plásticas, *art. cit.*, p. 182.

⁵⁵² PORTUGAL. Assembleia Nacional – VI Legislatura: Sessão n.º 125 em 8 de fevereiro. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 125 (9 fevereiro 1956). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/06/03/125/1956-02-08>>, p. 469.

⁵⁵³ *Idem*, p. 471-472.

por vários ministérios, fonte de descoordenação⁵⁵⁴, às dotações orçamentais muito inferiores às necessidades reais do funcionamento corrente das instituições e da gestão das coleções, inclusive no referente à aquisição de obras de arte, e às deficiências registadas ao nível da inventariação (ausência de um modelo único de inventário, de critérios uniformes e de referências visuais para identificação dos objetos, como fotografia ou desenho) e da segurança dos espólios (contratação de vigias e instalação de sistemas anti-incêndio e antirroubo)⁵⁵⁵. Se a superação destes problemas estruturantes seria, no seu entender, «um dos mais importantes incentivos» para a valorização do património nacional⁵⁵⁶, a concretização de uma verdadeira política museológica, cultural e artística devia alicerçar-se em dois pilares, cuja criação propunha naquela altura. Desde logo, num Estatuto Nacional de Belas Artes, documento único que condensaria o grande rol avulso da legislação vigente sobre o património⁵⁵⁷. O segundo pilar seria um organismo especializado, por ele designado de Direção-Geral das Belas-Artes ou Subsecretariado das Belas-Artes, dependente do MEN, que centralizaria a tutela dos museus, palácios e monumentos nacionais, que geriria e valorizaria o respetivo património e que emanaria normas gerais de inventariação e de catalogação⁵⁵⁸. Este organismo desenvolver-se-ia em forma de pirâmide, sendo o vértice a referida entidade dirigente⁵⁵⁹. A base seria dividida em zonas administrativas, diretamente dependentes daquela e correspondentes aos distritos, cada uma com sede no museu regional existente e gerida por um superintendente de belas-artes, cargo a exercer pelo diretor daquele museu⁵⁶⁰. Como disse Lacerda, dividir-se-ia para governar,

⁵⁵⁴ Os museus nacionais e os regionais pertenciam ao MEN, os palácios nacionais ao Ministério das Finanças, os restantes monumentos encontravam-se sob a alçada do Ministério das Obras Públicas e as casas-museus e os museus municipais ou provinciais dependiam do Ministério do Interior. Ao Ministro das Finanças competia ainda adquirir obras de arte para o espólio nacional. A Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos, dependente do Ministério das Obras Públicas, era responsável pela realização de obras de restauro nos monumentos nacionais. A Junta de Educação Nacional, tutelada pelo MEN, tinha a cargo o restauro e conservação das obras de arte existentes no interior dos monumentos. Havia, portanto, uma grande dispersão e descoordenação que resultava em erros crassos, por exemplo, no restauro dos edifícios, destruindo a sua integridade com a modificação das estruturas. Como Abel de Lacerda frisou, porque os técnicos especializados não tinham sido consultados, foram introduzidas placas de betão armado no Castelo de Leiria, estruturas e frescos medievais foram destruídos na Alta de Coimbra para a construção da Faculdade de Ciências e as muralhas romanas de Conímbriga tinham sido reerguidas com estilos e técnicas medievais (PORTUGAL. Assembleia Nacional, VI Legislatura: Sessão n.º 121, *ob. cit.*, p. 413-414).

⁵⁵⁵ *Idem*, p. 413-415.

⁵⁵⁶ *Idem*, p. 415.

⁵⁵⁷ *Idem*, p. 416; PORTUGAL. Assembleia Nacional, V Legislatura: Sessão n.º 228, *ob. cit.*, p. 1108;

⁵⁵⁸ PORTUGAL. Assembleia Nacional, VI Legislatura: Sessão n.º 7, *ob. cit.*, p. 86.

⁵⁵⁹ PORTUGAL. Assembleia Nacional, VI Legislatura: Sessão n.º 121, *ob. cit.*, p. 416.

⁵⁶⁰ *Ibidem*. As funções dos superintendentes seriam: a) proceder à rigorosa inventariação artística do distrito, quer dos bens do Estado, quer da Igreja ou dos particulares, e à respetiva fiscalização periódica e constante atualização; b) zelar pela conservação e obras de beneficiação de todos os monumentos nacionais da sua área; c) aglutinar em torno do museu as atividades artísticas e culturais do distrito. Lisboa, Porto e Coimbra teriam uma posição particular neste panorama, pois as suas áreas seriam diretamente superentendidas pela entidade coordenadora e não pelos diretores dos museus distritais (*ibidem*).

mas centralizar-se-ia para que a autoridade se não perdesse e o rendimento global se multiplicasse⁵⁶¹.

Às críticas de que pretendia estatizar e centralizar a gestão do património, diminuindo a liberdade de ação dos agentes nas diversas esferas de intervenção, Lacerda respondeu sublinhando a importância prática e estratégica de uma orientação política una e exclusiva no referente ao ensino e promoção das Belas-Artes, à gestão dos museus e dos palácios nacionais e ao restauro dos bens culturais e dos monumentos⁵⁶². Findo o período de discussão e defronte das «inquietantes situações» relatadas, para utilizar a expressão do deputado Augusto Simões, a Assembleia Nacional aprovou, por unanimidade, uma moção onde reconhecia a existência de deficiências na política patrimonial e museológica seguida pelo Estado Novo, derivadas da dispersão de competências, e aconselhava a integração destas «num único departamento do Estado»⁵⁶³. A criação de um Estatuto Nacional das Belas-Artes não foi ali referida explicitamente, embora se reconhecesse, durante a discussão do aviso prévio, que era prioritário fazer a aglutinação dos diversos regulamentos, leis e decretos num único diploma⁵⁶⁴.

A moção aprovada pela Assembleia Nacional demonstrou o reconhecimento prestado a Lacerda não só pelo seu vasto conhecimento e experiência nas questões do património e da Arte, mas também por pretender levar mais longe a obra do Estado Novo nesse campo. Como escreveu João Couto, «este homem novo, muito inteligente e cheio de vida, tinha uma visão clara do que era a situação do país em matéria de artes plásticas e sabia como resolvê-la»⁵⁶⁵. Porém, os planos que formulou não tiveram sequência imediata. A explicação reside no seu precoce falecimento, em 1957. Compartilhamos em absoluto da opinião de João Couto quando escreveu «porque se tal não tivesse sucedido, a sua voz havia necessariamente de ser escutada e os planos que formulou não podiam deixar de ter continuação»⁵⁶⁶. Como referimos no capítulo 3, Abel de Lacerda, para além de conhecer em profundidade estas matérias, não só estava muito bem posicionado politicamente para desbloquear entraves, mas possuía também um espírito dinâmico, determinado e cheio de coragem que o colocavam em combate pelas suas convicções. Uma última nota para referir que só em 1965 foi promulgado o «Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia», anexado ao Decreto n.º 46.758 de 18 de dezembro.

⁵⁶¹ *Ibidem*.

⁵⁶² PORTUGAL. Assembleia Nacional, VI Legislatura: Sessão n.º 125, *ob. cit.*, p. 471. COUTO, João, Abel de Lacerda e a estagnação em que vivem as artes plásticas, *art. cit.*, p. 182.

⁵⁶³ PORTUGAL. Assembleia Nacional, VI Legislatura: Sessão n.º 125, *ob. cit.*, p. 471-472. *Vide* a moção no documento 4 do anexo II.

⁵⁶⁴ PORTUGAL. Assembleia Nacional, VI Legislatura: Sessão n.º 123, *ob. cit.*, p. 445.

⁵⁶⁵ COUTO, João, Abel de Lacerda e a estagnação em que vivem as artes plásticas, *art. cit.*, p. 182.

⁵⁶⁶ *Ibidem*.

Foi um diploma inovador no contexto da política museológica e cultural do regime porque definia os museus como centros ativos de cultura, em permanente diálogo com a comunidade, e instava à renovação dos preceitos museológicos, no sentido da interpretação, simplificação e apresentação cuidada e selecionada dos objetos e do seu estudo sistemático e inventariação⁵⁶⁷. Ia, portanto, ao encontro das reivindicações de Abel de Lacerda. Entretanto, este deu também o seu contributo prático, na esfera privada, para o desenvolvimento da museologia portuguesa através de uma política de Belas-artes que pretendia concretizar com a criação do Museu do Caramulo.

⁵⁶⁷ LIRA, Sérgio, O Estado novo de 1945 a 1974, *art. cit.*, p. 59-64.

6. O Museu do Caramulo

O projeto do Museu do Caramulo possuiu uma forte vertente teórica na fase inicial, durante a qual o objetivo se centrou na implantação do museu como uma instituição de cultura e de educação de referência. O plano de ação delineado, muito ambicioso para a época, para os recursos financeiros disponíveis e para o local de implantação, ficou resumido nos *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*. O enfoque foi colocado na constituição de uma coleção de elevada qualidade e relevância nacional e na construção de um edifício-sede museologicamente moderno, entendido como o veículo de comunicação com a sociedade em torno do «culto das Belas-Artes». Mercê das contingências financeiras que tal obra comportou e do desaparecimento do seu elemento propulsor, Abel de Lacerda, a concretização do projeto sofreu adaptações e parte das ambições iniciais ficaram por intenções. No entanto, o bom acolhimento da sociedade foi sempre constante. Vejamos como tudo se processou.

6.1. A inauguração do Museu do Caramulo

O êxito da «Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela», ao nível da inventariação dos bens culturais locais, da participação dos particulares com a cedência de objetos e da receptividade do público, assunto já analisado no ponto 5.2, despertou em Abel de Lacerda a ideia de criar, no Caramulo, uma exposição de arte com caráter permanente. Nos dois anos que se seguiram, foi maturando e desenvolvendo a ideia até que, em maio/junho de 1953, começou a concretizá-la com a criação do Museu do Caramulo. Segundo Luísa Vilhena, uma amiga íntima, quando o projeto era apenas um esboço, ele não pensava numa «realização de tão grande amplitude» como veio a ser⁵⁶⁸.

Efetivamente, a adesão superou as expectativas, conseguindo em pouco tempo um grande número de peças de valor artístico, criteriosamente selecionadas⁵⁶⁹. Abel definiu o processo de formação da coleção do museu como absolutamente original, dado assentar na recolha de obras de arte junto de proprietários privados, num grande esforço coletivo e altruísta de colaboração entre todos os que se interessavam pelas coisas da Arte⁵⁷⁰.

⁵⁶⁸ BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7.

⁵⁶⁹ *Idem*, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Museu do Caramulo. *Ecos da Serra: Separata [do Museu do Caramulo]*. N.º 2 (29 maio 1953), p. 1. Falaremos dos critérios de seleção no ponto 7.1.

⁵⁷⁰ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 43/v: L. A., *art. cit.*, p. 4; BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Inauguração do Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 2.

A inauguração aconteceu a 27 de setembro de 1953, somente quatro meses decorridos desde o início da recolha de doações, numa prova eloquente do interesse e bom acolhimento que a iniciativa teve junto da sociedade⁵⁷¹. O ato inaugural, reservado apenas aos doadores, decorreu em ambiente de intimidade e camaradagem, tendo sido presidido pelo Ministro da Defesa Nacional, Fernando dos Santos Costa, e procedido por um almoço de confraternização no Sanatório Salazar⁵⁷².

Abel de Lacerda, na sua ação criadora do museu de arte, atuou através da JTC, organismo ao qual competia dirigir e criar as infraestruturas urbanas e culturais necessárias para o desenvolvimento turístico da sua área de intervenção. Foi, portanto, a Junta de Turismo que arrendou a moradia, fronteira ao Parque Jerónimo Lacerda, onde o museu ficou instalado provisoriamente, que subsidiou o funcionamento e que viabilizou a construção do edifício-sede mediante a solicitação de subsídios ao Estado e a mecenas particulares, nomeadamente à Fundação Calouste Gulbenkian, como veremos no ponto 6.4⁵⁷³. Como Lacerda explicava numa entrevista ao *Política Nova*, «a primeira questão que se pôs foi a de definir qual a entidade que devia levar a cabo o empreendimento», dado que a ESC «não dispunha de capacidade jurídica nem de fundos para o efeito»⁵⁷⁴. Por outro lado, se a JTC podia patrocinar a instalação logística do museu, de forma alguma podia prover à aquisição massiva de obras de arte, pois comprometeria a sua ação no campo urbanístico e turístico⁵⁷⁵. Daí o apelo à participação dos particulares⁵⁷⁶.

Olhando os orçamentos da JTC entre 1953 e 1957, período para o qual há documentação no referente ao período em análise (1953-1959), as despesas com o Museu do Caramulo estão sempre contempladas. Constando a promoção da «criação de um Museu Regional com base na Exposição de Arte Sacra de 1951» no plano de atividades turísticas para 1953⁵⁷⁷, para o mesmo ano, o orçamento ordinário previu uma verba de 10 contos para despesas com obras de arte

⁵⁷¹ *Idem*, p. 1; APFAL, recortes de imprensa, vol. 1, fl. 79/v: Foi ontem inaugurado um museu na Estância Sanatorial do Caramulo. *Diário da Manhã*. (28 setembro 1953); *idem*, vol. 2, fl. 3: O museu dos particulares. *Diário de Notícias*. (16 maio 1954).

⁵⁷² *Idem*, vol. 1, fl. 79/v: No Caramulo o Sr. Ministro da Defesa inaugurou o Museu de Arte Antiga e Moderna. *Diário de Coimbra*. (28 setembro 1953); *idem*, fl. 78/v: Museu do Caramulo. *Diário do Norte*. (7 setembro 1953). Alguns dos ilustres presentes foram: o Comandante Ernesto Vilhena, Luís Reis Santos e Elena Hortega. O Presidente do Conselho, guiado pelo Fundador, visitou o museu no dia seguinte à inauguração (BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Inauguração do Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 1-2).

⁵⁷³ APFAL, recortes de imprensa, vol. 1, fl. 79/v: No Caramulo o Sr. Ministro da Defesa, *art. cit.*; BAFCG, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Um Museu no Caramulo. *Ecos da Serra: Separata [do Museu do Caramulo]*. N.º 1 (22 maio 1953), p. 1. *Vide* fotografias 35 a 38, no anexo V.

⁵⁷⁴ *Apud* APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 43/v: L. A., *art. cit.*, p. 4.

⁵⁷⁵ *Ibidem*.

⁵⁷⁶ *Ibidem*.

⁵⁷⁷ Arquivo Distrital de Viseu (ADV), fundo Governo Civil de Viseu, cota CX3599 N.º4: plano de atividade turística da JTC, ano 1953.

(aquisição e/ou restauros) e pouco mais de 13 contos no orçamento suplementar para o mesmo efeito⁵⁷⁸. Em 1954, o patrocínio do desenvolvimento do Museu do Caramulo constou novamente do plano de atividades, prevendo o orçamento ordinário a verba de 3 contos para obras de arte e um elemento novo: um subsídio de 60 contos⁵⁷⁹. Em 1955, a verba para as obras de arte foi de 3 contos no orçamento ordinário e de 4 contos no suplementar, continuando a ser atribuído, no âmbito do orçamento ordinário, o subsídio de 60 contos⁵⁸⁰. Em 1956, este foi novamente contemplado no orçamento ordinário, ao qual acresceu, no orçamento complementar, a verba de 4 contos para obras de arte⁵⁸¹. Temos, assim, um total de despesas de 23 contos em 1953, de 63 contos em 1954, de 67 contos em 1955 e de 64 contos em 1956, perfazendo um total, nestes 4 anos, de 217 contos⁵⁸². No cômputo geral, estas representam 2,35% das despesas totais para 1953, 9,03% para 1954, 8,08% para 1955 e 8,04% para 1956⁵⁸³. Os gastos com obras de arte foram da ordem dos 37 contos nos 4 anos, atingindo os subsídios o valor de 180 contos, para o mesmo período⁵⁸⁴.

Como já referimos, não temos dados pormenorizados para os anos de 1957 a 1959. De acordo com os relatórios financeiros da FMC, a JTC atribuiu novamente um subsídio de 60 contos no ano 1957/1958 e em 1959⁵⁸⁵. Desta forma, as despesas totais com o museu (subsídios e obras de arte) foram, entre 1953 e 1959, de 337 contos, perfazendo os subsídios um total de 300 contos⁵⁸⁶. Já fora do período em análise, o relatório financeiro para 1960 refere a concessão de um subsídio de 80 contos para esse ano e os orçamentos da JTC entre 1961 e 1969, data limite da documentação disponível sobre o assunto, continuam a indicar a atribuição do subsídio de 60 contos, com variações no montante em 1961 (total de 80 contos no orçamento ordinário e suplementar) e em 1962 (90 contos)⁵⁸⁷. O total das despesas da JTC com o museu ascende,

⁵⁷⁸ *Idem*, orçamento ordinário e plano de atividade turística da JTC, ano de 1953, p. 13; *idem*, orçamento suplementar e plano de atividade turística da JTC, ano de 1953, p. 13.

⁵⁷⁹ *Idem*, plano de atividade turística da JTC, ano 1954; *idem*, orçamento ordinário e plano de atividade turística da JTC, ano de 1954, p. 13-14.

⁵⁸⁰ *Idem*, orçamento ordinário e plano de atividade turística da JTC, ano de 1955, p. 13-14; *idem*, 1º orçamento suplementar e plano de atividade turística da JTC, ano de 1955, p. 13.

⁵⁸¹ *Idem*, orçamento ordinário e plano de atividade turística da JTC, ano de 1956, p. 12; *idem*, 1º orçamento suplementar e plano de atividade turística da JTC, ano de 1956, p. 13. *Vide* tabela 1, no anexo IV.

⁵⁸² *Vide* tabela 1, no anexo IV.

⁵⁸³ *Vide* tabela 2, no anexo IV.

⁵⁸⁴ *Vide* tabela 1, no anexo IV.

⁵⁸⁵ BAFCG, espólio Diogo Macedo, cx. 330, doc. n.º DM330/44: *Relatório e contas 1957-1958*. Caramulo: Fundação Museu do Caramulo, 1958, p. 2; *idem*, DM330/39: *Relatório e contas: Exercício findo em 30-junho-1959*. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda, 1959, p. 2

⁵⁸⁶ *Vide* tabela 3, no anexo IV.

⁵⁸⁷ *Idem*, doc. n.º DM330/33: *Relatório e contas: Exercício findo em 30-junho-1960*. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda, 1960, p. 2; ADV, fundo Governo Civil de Viseu, cota CX3599 N.º5: orçamentos ordinários e planos de atividade turística da JTC, anos de 1961 a 1969, p. 12; *idem*, 2º orçamento suplementar e plano de atividade turística da JTC, ano de 1961, p. 12. *Vide* tabela 4, no anexo IV.

entre 1953 e 1969, a 1007 contos⁵⁸⁸. Verificamos, portanto, que a JTC, presidida por Abel de Lacerda, teve um papel financeiro essencial ao nível da concretização e da manutenção em funcionamento do museu, sem o qual, provavelmente, o museu não teria existido ou, a existir, não teria singrado.

Um ponto a sublinhar é a ideia de futuro inerente ao desenrolar genésico do museu, especialmente devido à receptividade dos doadores e ao acelerado processo de formação. O prognóstico generalizado era que, a manter-se o elevado movimento e qualidade das doações, em alguns anos seria um dos melhores museus de Portugal⁵⁸⁹. Sublinhava ainda Abel de Lacerda, numa entrevista à Rádio Polo Norte, na véspera da inauguração, que a presença do Ministro da Defesa Nacional, Fernando dos Santos Costa, e sendo também doador, dispensava «quaisquer comentários acerca do interesse e projeção verdadeiramente nacional que o empreendimento tem ou possa vir a ter»⁵⁹⁰. Naquela altura, a coleção era já um conjunto que ascendia a milhares de contos, sendo constituída por esculturas góticas e contemporâneas, por pintura portuguesa, flamenga e castelhana, por tecidos raríssimos, por faianças europeias e por porcelanas da China⁵⁹¹.

Relativamente à instalação do museu no Caramulo, Lacerda considerava que, por ser um museu particular que vinha reforçar a ação cultural e museológica do Estado, só poderia ser instalado fora dos principais centros urbanos, numa política de descentralização. Para ele, o museu era um «direito cultural dos povos e não um privilégio» e, como tal, devia ser criado em zonas onde não existia⁵⁹². Sublinhava que os museus descentralizados tinham necessariamente de ser «museus polivalentes», isto é, «com secções de arqueologia e arte antiga e moderna, convenientemente apetrechados e com instalações apropriadas ao seu cabal funcionamento e missão cultural, atuando como «centros vivos de gravidade no que se refere à política das belas-artes»⁵⁹³. Mas não era só pela descentralização cultural que o museu devia estar instalado no centro do país. A região apresentava níveis elevados de segurança para salvaguardar um valioso património, não só porque estava «longe de todos os objetivos de guerra» (ponto essencial numa altura em que se falava de guerra fria), mas também porque não era suscetível de inundações

⁵⁸⁸ Vide tabela 4, no anexo IV.

⁵⁸⁹ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 3: O museu dos particulares, *art. cit.*; *idem*, fl. 3/v: De recente formação, o Museu do Caramulo já é possuidor de obras muito valiosas. *Diário de Luanda*. (23 maio 1954); *idem*, fl. 79/v: Foi ontem inaugurado um museu na Estância Sanatorial do Caramulo. *Diário da Manhã*. (28 setembro 1953).

⁵⁹⁰ *Apud* BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Inauguração do Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 2.

⁵⁹¹ *Ibidem*; APFAL, recortes de imprensa, vol. 1, fl. 79/v: Foi ontem inaugurado um museu, *art. cit.*; *idem*: No Caramulo o Sr. Ministro da Defesa, *art. cit.*.

⁵⁹² PORTUGAL. Assembleia Nacional, VI Legislatura: Sessão n.º 121, *ob. cit.*, p. 416

⁵⁹³ *Ibidem*.

ou de tremores de terra⁵⁹⁴. Como rematava, pretendia-se que o museu fosse «um santuário em zona de paz e ao abrigo, portanto, tanto quanto se pode prever, da ação destruidora dos homens ou das inclemências da natureza»⁵⁹⁵.

Para entendermos o enfoque de Abel de Lacerda na descentralização e a amplitude do projeto que promoveu e coordenou, tenhamos em consideração alguns números. Numa caracterização sumária do panorama museológico em 1942, João Couto referia que, para além de 3 museus nacionais e 7 regionais, existiam 33 espalhados pelo país⁵⁹⁶. Em 1955, dois anos após a inauguração do Museu do Caramulo, havia 71 museus em Portugal continental⁵⁹⁷. Lisboa, Porto e Coimbra, os três distritos com predominante vida cultural e científica, concentravam, respetivamente, 27, 9 e 5 museus⁵⁹⁸. Évora, Santarém, Setúbal e Viseu eram os distritos que contabilizavam um total de 3 museus abertos ao público, com Faro a surgir com 4 museus, Aveiro, Guarda, Leiria e Portalegre com 2 e Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Viana do Castelo e Vila Real com 1 museu⁵⁹⁹. Em 1974, ano da queda do Estado Novo, dos 196 museus recenseados por Isabel Martins Moreira, mantinha-se o valor registado em 1955 (49,31%), pois cerca de 50% concentrava-se nos distritos de Lisboa e do Porto⁶⁰⁰. Por outro lado, cerca de 53% dos museus recenseados na província situava-se nas capitais de distrito⁶⁰¹, o que demonstra que a criação de museus era um fenómeno marcadamente urbano.

6.2. A Fundação Museu do Caramulo

Quando foi fundado, o Museu do Caramulo era considerado uma associação de amadores e de colecionadores de objetos de arte⁶⁰². Em 1954, a instituição ganhou um estatuto oficializado com a criação da Fundação Museu do Caramulo. Em termos jurídicos, a transferência do usufruto do domínio privado de obras de arte para o domínio público e a formação da coleção processaram-se mediante a implementação de um modelo de gestão

⁵⁹⁴ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 43/v: L. A., *art. cit.*, p. 4.

⁵⁹⁵ *Ibidem*.

⁵⁹⁶ COUTO, João – *Congressos e Conferências do pessoal superior dos museus*. In *Livro do II Congresso Transmontano*. Lisboa: Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro em Lisboa, 1942, p. 142 *apud* RAMOS, Paulo Oliveira, *ob. cit.*, p. 51.

⁵⁹⁷ *Anuário Estatístico 1955*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1956, p. 114.

⁵⁹⁸ *Ibidem*.

⁵⁹⁹ *Ibidem*.

⁶⁰⁰ MOREIRA, Isabel M. Martins, *ob. cit.*, p. 44.

⁶⁰¹ *Idem.*, p. 45.

⁶⁰² AFAJL, *Livro de Atas do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal da FAL*, ata n.º 59 de 10 de julho de 1984, fl. 15.

fundacional, muito em voga a partir de meados do século XX⁶⁰³. Como exemplo, recordemos a Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva (1953), a Fundação Calouste Gulbenkian (1956) e a Fundação António Medeiros e Almeida (1972)⁶⁰⁴.

Enquanto entidade coletiva privada que geria os bens culturais e financeiros a ela afetos para a prossecução de fins de interesse coletivo⁶⁰⁵, a FMC posicionou-se na sociedade civil como uma instituição protetora do património artístico e cultural⁶⁰⁶. Segundo Abel de Lacerda, a transformação do museu numa fundação foi a forma segura de dotar a instituição com uma resistência económica que apoiasse a sua sobrevivência a longo prazo e a libertasse da transitoriedade do entusiasmo do momento⁶⁰⁷. A sua atuação era regulada por estatutos e por corpos gerentes próprios, constituídos por um Conselho de Administração, ao qual cabia a direção da instituição, um Conselho Fiscal e uma Assembleia-Geral. Em suma, ao criar-se a FMC, o objetivo consistiu na desvinculação jurídica face à JTC, a propulsora institucional inicial, digamos assim, dando ao museu um estatuto autónomo e instrumentos de gestão adequados, não obstante a Junta continuar a ser uma entidade financiadora muito importante, como referimos no ponto 6.1.

Os *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo* foram definitivamente aprovados a 28 de julho de 1956 em Assembleia-Geral, depois de terem sido votados pela primeira vez na reunião de 4 de setembro de 1954⁶⁰⁸. A FMC é definida no art.º 2º como um «instituto particular de utilidade pública, dotado de personalidade jurídica» e constituído pelas obras de arte já doadas e que viessem a sê-lo para a formação do museu⁶⁰⁹. O seu objetivo e missão são especificados no art.º 3º: «a Fundação tem por objeto o culto das belas-artes» atuando «como complemento da ação do Estado»⁶¹⁰. Isto porque, como Lacerda salientava na Assembleia Nacional, na altura

⁶⁰³ DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 188.

⁶⁰⁴ Vide CONLIN, Jonathan – Philanthropy without borders: Calouste Gulbenkian's founding vision for the Gulbenkian Foundation. *Análise Social*. Lisboa. Vol. XLV, n.º 195 (2010), p. 277-306; MAYER, Maria de Lima, *ob. cit.*, p. 72-102; SILVA, Maria João Bustorff – Ricardo do Espírito Santo Silva: o mecenas. In SILVA, Maria João Bustorff, coord. – *Ricardo Espírito Santo Silva: Colecionador e mecenas*. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo, Lisboa, p. 51-65.

⁶⁰⁵ DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 188.

⁶⁰⁶ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 5: O Ministro da Defesa Nacional presidiu a uma reunião no Museu do Caramulo. *Comércio do Porto*. (5 julho 1954).

⁶⁰⁷ *Apud idem*, fls. 43/v: L. A., *ob. cit.*, p. 4. Era pretensão de Lacerda dotá-la legalmente de personalidade jurídica pela lei civil, o que passava pela aprovação dos estatutos pelo Governo. Tal aconteceu só em 1958, após a reformulação dos mesmos para maior concordância com os princípios legais vigentes e da alteração da designação para Fundação Abel de Lacerda (FAL).

⁶⁰⁸ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: O Museu do Caramulo vai converter-se numa fundação. *Boletim*. N.º 37 (31 julho 1954), p. 1; *ibidem*: A 2ª reunião do Museu foi coroada do maior êxito. *Boletim*. N.º 38 (15 setembro 1954), p. 1; AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 3 de 28 de julho de 1956, pp. 5-6. Vide a transcrição dos estatutos no documento 5 do anexo II.

⁶⁰⁹ *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*. Caramulo: Fundação Museu do Caramulo, 1956, p. 1.

⁶¹⁰ *Ibidem*.

da discussão do «Aviso prévio sobre a situação dos museus, palácios e monumentos nacionais», o «interesse da Nação pelos seus testemunhos artísticos» estava «indubitavelmente longe de atingir o grau de civilização e culto pelas belas-artes que devia caracterizar um país com oito séculos de história»⁶¹¹. Neste sentido, cabia à FMC fazer a gestão da coleção museológica e assegurar financeiramente o funcionamento do Museu no exercício das funções de salvaguarda, valorização e exibição de património e de promoção de uma política de educação estética e cultural. Para poder realizar a sua missão, e segundo o art.º 4º, comprometia-se a dispor de instalações e de serviços específicos, tais como o «edifício-sede do Museu, oficinas de beneficiação de obras de arte, casas para instalar artistas nacionais ou estrangeiros a convite da Fundação», arquivo, biblioteca especializada de arte e sala de conferências⁶¹².

A Assembleia-Geral da FMC era constituída pelo conjunto dos doadores e reunia anualmente em julho, de acordo com o art.º 10º dos *Estatutos*, para discutir e aprovar o relatório das atividades e as contas e eleger os corpos gerentes⁶¹³. A primeira reunião decorreu a 4 de julho de 1954, no Caramulo, tendo sido presidida pelo Ministro da Defesa Nacional, Fernando dos Santos Costa, e secretariada por Abel de Lacerda e por Luís Reis Santos⁶¹⁴. Os primeiros corpos gerentes, em exercício entre julho de 1954 e junho de 1955, foram ali eleitos, sendo constituídos por personalidades extremamente bem posicionadas na alta sociedade, no meio empresarial e entre a elite intelectual e artística para dar ao projeto museológico a robustez necessária para ter continuidade⁶¹⁵. Em novembro de 1956, Lacerda ocupou o cargo de Administrador-Delegado, previsto nos *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*, com liberdade total para proceder aos contactos necessários e à prospeção de novos doadores, sendo apoiado nesta missão pelos elementos dos corpos gerentes⁶¹⁶.

⁶¹¹ PORTUGAL. Assembleia Nacional – VI Legislatura: Sessão n.º 121 em 1 de fevereiro, *ob. cit.*, p. 413.

⁶¹² *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*, *ob. cit.*, p. 1-2.

⁶¹³ *Idem*, p. 4.

⁶¹⁴ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 5: Fundação do Museu do Caramulo. *Diário de Notícias*. (5 julho 1954).

⁶¹⁵ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: O Museu do Caramulo vai converter-se, *art. cit.*, p. 1; *idem*: A 2ª reunião do Museu, *art. cit.*, p. 1. Os primeiros corpos gerentes ficaram assim constituídos: Assembleia-Geral, António Luís Gomes, presidente; Henrique Medina e Luís de Melo Rego, vogais; Conselho de Administração: António Bustorff Silva, presidente; Anastácio Gonçalves e Abel de Lacerda, vogais; Conselho Fiscal: Ricardo Espírito Santo, presidente, António Russel de Sousa e Mário Carmona, vogais (AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 3 de 28 de julho de 1956, p. 6; *idem*: ata n.º 7, de 14 de agosto de 1957, p. 23). Outras personalidades a destacar, eleitos nos biénios seguintes, foram Reynaldo dos Santos, Fernando Martel, Manuel Vinhas, António Medeiros e Almeida, Guilherme Possolo, Azeredo Perdigão, entre outros. *Vide* os corpos gerentes eleitos entre 1954 e 1960 no documento 6, anexo II.

⁶¹⁶ *Idem*: ata n.º 4, de 13 de novembro de 1956, p. 9. Segundo o art.º 14º, o Administrador-Delegado era escolhido pela Direção entre os seus membros ou entre os doadores, no qual poderia delegar, no todo ou em parte, os «poderes necessários para fins determinados. O único limite à nomeação era que a pessoa em causa devia residir no Caramulo (*Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*, *ob. cit.*, p. 4-5). Analisaremos a ação de Abel de Lacerda no ponto 7.1.

Em termos financeiros, era através da FMC que o museu dispunha do capital necessário para assegurar a conservação preventiva das obras de arte e a respetiva exibição e divulgação⁶¹⁷. O capital provinha das ações doadas pelos doadores, fossem pessoas singulares ou entidades coletivas, como por exemplo as Companhias Reunidas de Gás e Eletricidade, a Sociedade do Caramulo, a Companhia dos Diamantes de Angola, a Companhia de Cabinda ou a Hidroelétrica Portuguesa⁶¹⁸. Outras fontes de receita previstas eram: o rendimento de bens imobiliários que adquirisse; o produto dos ingressos e das atividades promovidas; a venda de catálogos, de publicações e de reproduções e, por fim, donativos e subsídios provenientes de particulares, do Estado e de outras entidades, como a Fundação Calouste Gulbenkian ou a própria Estância Sanatorial do Caramulo⁶¹⁹. O art.º 9º dos *Estatutos* previa ainda a aceitação de doações, legados e heranças instituídos a favor da FMC⁶²⁰. Assim sendo, e citando Abel de Lacerda, se as obras de arte eram «uma síntese de colecionadores, artistas e até empresas que se interessaram por estes assuntos», o capital da Fundação era «uma síntese das atividades económicas dos seus próprios doadores»⁶²¹. Lacerda pretendia ainda que as receitas excendatárias, uma vez saldadas as despesas decorrentes da conservação da coleção, fossem utilizadas na concretização de uma ação cultural de alcance nacional – assente em publicações, subsídios a bolseiros, prémios e restauros – porque as «obras de arte e o capital vieram de toda a parte»⁶²².

Uma última nota para referir que as reuniões anuais da Assembleia-Geral da FMC, portanto, dos doadores, tinham associada uma forte componente de confraternização, pois eram precedidas ou procedidas por banquetes. Decorriam sempre em ambientes de elegância, como o jardim da residência de Margarida de Lacerda, mãe de Abel⁶²³, ou no Castelo de S. Jorge, em Lisboa⁶²⁴. Estes eventos tinham dois objetivos muito claros: reforçar o prestígio da instituição e estreitar os «laços de amizade e devoção à volta da mesma Causa»⁶²⁵. Para o mesmo fim concorria o grande cuidado que Abel de Lacerda, fazendo jus ao seu bom gosto e sensibilidade

⁶¹⁷ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 43/v: L. A., *ob. cit.*, p. 4.

⁶¹⁸ *Ibidem*; BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Capital. *Boletim*. N.º 53 (31 dezembro 1954), p. 1; AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 2 de 5 de julho de 1956, p. 4; *idem*: ata n.º 6 de 6 de agosto de 1957, p. 15.

⁶¹⁹ BAFCG, espólio Diogo Macedo, cx. 330, doc. 330/52: *Relatório e contas (1956/1957)*. Caramulo: Fundação Museu do Caramulo, 1957, p. 2.

⁶²⁰ *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo, ob. cit.*, p. 3.

⁶²¹ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 43/v: L. A., *ob. cit.*, p. 4.

⁶²² *Ibidem*.

⁶²³ *Idem*, fl. 5: O Ministro da Defesa Nacional presidiu a uma reunião no Museu do Caramulo. *Comércio do Porto*. (5 julho 1954).

⁶²⁴ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 3, de 28 de julho de 1956, p. 5.

⁶²⁵ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Uma obra em marcha. *Boletim*. N.º 47 (23 julho 1955), p. 1; *idem*: A 3ª Reunião do Museu do Caramulo e o 2º catálogo das suas obras de arte. *Boletim*. N.º 45 (8 maio 1955), p. 1.

artística, revelou ter com a imagem institucional do Museu e da Fundação, que decerto desejava que fosse reveladora de sofisticação e de competência. Neste sentido, foi criado um *ex-libris* para o museu⁶²⁶, as convocatórias para as reuniões da Assembleia-Geral, assim como as cartas de agradecimento das doações feitas, eram remetidas em fino papel acetinado e timbrado, com subscrito condizente, e, nos banquetes, menus elegantemente impressos eram distribuídos pelos convivas⁶²⁷.

6.3. O culto das Belas-Artes no projeto museológico do Caramulo

Segundo o art.º 3º dos *Estatutos*, o objetivo e missão da FMC era promover o «culto das Belas-Artes» em «complemento da ação do Estado», ou seja, promover, por um lado, o gosto pelas artes e pelo património e respetiva salvaguarda e, por outro lado, criar espaços de criação e fruição artística⁶²⁸. Luísa Vilhena escreveu que Abel de Lacerda, um «coleccionador entusiasta» dotado de uma refinada sensibilidade artística, amou a Arte pela Arte, dedicando-se-lhe «como a uma religião», «rendendo-lhe culto e divulgando-a, procurando criar-lhe fiéis»⁶²⁹. E o museu do Caramulo foi isso: a sua assunção como «um verdadeiro missionário da Arte», entregando-se-lhe e pondo-se ao seu serviço e, através dela, ao serviço do país e dos portugueses⁶³⁰. Crítico acérrimo dos museus que se apresentavam como «autênticos jazigos do passado», o que pretendeu concretizar foi um museu executor de uma «ação viva e direta» que suscitasse o interesse do público⁶³¹. Esta linha de orientação inseria-se na conjuntura da época no referente ao debate que se criou em torno da situação dos museus, dos monumentos e dos palácios em Portugal e da função, identidade e orientação da museologia portuguesa, também promovido pelo próprio Abel na Assembleia Nacional, como vimos no ponto 5.3.

A expressão «culto das Belas-Artes» não é, portanto, meramente literária ou eufemística. O termo «culto» remete originariamente para a «veneração e acatamento com que o homem exprime o reconhecimento da excelência e superioridade divinas»⁶³². Devido à capacidade de mobilização das massas, a utilização do termo «culto» deslizou do campo religioso para o

⁶²⁶ O *ex-libris* tinha como modelo a placa toponímica colocada nas entradas da ESC por Abel de Lacerda e às quais nos referimos no ponto 3.3: um leão em posição esfíngica sobre um plinto, ao centro do qual figurava, em escrita monumental ao estilo romano, a designação MVSEV DO CARAMVLO. Vide fotografia 8, no anexo V.

⁶²⁷ Veja-se, por exemplo, a correspondência recebida por Luís Reis Santos: BAFCG, espólio LRS, cx. 185.

⁶²⁸ *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo, ob. cit.*, p. 1.

⁶²⁹ BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7.

⁶³⁰ *Ibidem*.

⁶³¹ PORTUGAL. Assembleia Nacional – VI Legislatura: Sessão n.º 121 em 1 de fevereiro, *ob. cit.*, p. 413.

⁶³² CABRAL, R. – Culto, religião. In *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 6. Lisboa: Editorial Verbo, 1988, col. 571.

campo secular⁶³³. No caso concreto do Museu do Caramulo, designou um conjunto de doutrinas, preceitos e práticas que se materializaram em comportamentos individuais e comunitários em torno da Arte e, mais concretamente, das Belas-artes⁶³⁴. Subentende-se, portanto, a existência de uma religião de cunho civil e não deístico. Ora, a instituição museu, na sua função mnemónica de depositária da melhor capacidade de realização artística e histórica de uma nação, isto é, do seu património espiritual, atua como agente transmissor de uma mensagem simbólica de pertença a uma comunidade, (re)ligando-a, num reforço público de valores ideológicos, políticos, culturais e/ou cívicos partilhados⁶³⁵. Desta forma, através de práticas racionalizadas, o museu potencia as faculdades intelectuais e morais do indivíduo e atua na sociedade como um agente produtor de conhecimento direcionado a todo o corpo cívico⁶³⁶. Daí a escolha do termo «culto das Belas-Artes» para exprimir a amplitude de ação e os fins de grande mobilização societária almejados.

Abel pretendia fazer do Museu do Caramulo uma instituição polivalente no campo da cultura e da Arte que seguia critérios elevadíssimos de qualidade e de rigor para poder ser exemplar «na seleção dos valores do seu recheio artístico, na perfeição das suas instalações e na atividade da sua organização»⁶³⁷. Segundo o art.º 4 dos *Estatutos*, a exposição permanente devia ser exibida de forma apropriada para usufruto e educação do público, motivo pelo qual foi construído um amplo edifício-sede com os serviços necessários ao cabal desempenho da sua missão, em total abertura à sociedade. Entre os serviços a criar contavam-se as oficinas de beneficiação de obras de arte (com secções de pintura, escultura, mobiliário, tapeçaria e cerâmica), para restauro de objetos externos ao museu e não só os da coleção e onde se ministraria formação na área⁶³⁸. Contava também com um arquivo com documentação fotográfica sobre os bens culturais nacionais de excelência e uma biblioteca de arte com sala de

⁶³³ Cf. DUNCAN, Carol – Art museums and the ritual of citizenship. In PEARCE, Susan, ed. – *Interpreting objects and collection*, ob. cit., p. 279.

⁶³⁴ Cf. CABRAL, R., art. cit., col. 571.

⁶³⁵ DUNCAN, Carol, art. cit., p. 279; MOREIRA, Isabel M. Martins, ob. cit., p. 63.

⁶³⁶ Cf. DUNCAN, Carol, art. cit., p. 280-281.

⁶³⁷ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 3 de 28 de julho de 1956, pp. 7-8.

⁶³⁸ O termo «oficinas de beneficiação», utilizado nos *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*, era o aconselhado por João Couto face à designação de «gabinete de restauro», hoje vulgarizada, pois o princípio era intervir o menos possível na obra de arte, o que o vocábulo «restauro» não sugeria. A reconstrução só devia ser feita na medida em que a consolidação do objeto o exigisse, pelo que tudo o que se acrescentasse viria apenas desvirtuar o objeto (COUTO, João – Relatório enviado ao Exmo. Senhor Diretor do Ensino Superior e das Belas-artes. *Viriatis: Boletim do Museu de Grão Vasco*. [Em linha]. Viseu. Vol. 4, n.º 9 (setembro 1960). [Consult. 23 janeiro 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://visoeu.blogspot.com/2005/09/viriatis-vol-iv-ano-de-1960-99.html>>).

conferências⁶³⁹. Com ambos ficava definida a intensão de implantar no museu as funções de investigação e de documentação em torno da coleção, permitindo a sua interpretação e divulgação a partir do conhecimento profundo da mesma. Refira-se que os objetos doados foram registados num livro de inventário, devidamente atualizado e organizado pela Direção, conforme a alínea d) do art.º 15º dos *Estatutos*, tendo sido também feito, em cumprimento da alínea e) do mesmo artigo, vários seguros para proteger as obras de arte e as instalações em caso de acidente⁶⁴⁰. Foram ainda contemplados gastos com a publicitação do museu e das atividades, conforme denotam os relatórios de contas na rubrica propaganda⁶⁴¹.

Efetivamente, Lacerda, conhecedor das modernas funções museológicas, queria no Caramulo um espaço-escola ativo, onde os objetos fossem inseridos num plano e propósito específicos⁶⁴². Comungava aqui das ideias de João Couto, diretor do MNAA, grande teórico da museologia portuguesa⁶⁴³ e pessoa das suas relações. Couto defendia a ideia de um museu-escola promotor da educação artística, por ele considerada a única via para a «formação do gosto» e para a «salvaguarda do património artístico»⁶⁴⁴. Nesta linha de pensamento, a função do museu era, como a de qualquer escola, ensinar e educar, pelo que era um local onde se desenvolvia uma intensa vida cultural que contemplava exposições de artes plásticas, exposições itinerantes, concertos musicais, cursilhos e palestras acessíveis, comunicativas e úteis⁶⁴⁵.

A função didática e social do Museu do Caramulo ficou descrita na alínea j) do art.º 15º dos *Estatutos*, segundo a qual competia à Direção do Museu promover a realização de exposições, conferências e cursos e, numa linha mecenática, conceder bolsas de estudo e prémios, patrocinar edições de história e crítica de arte e contribuir para a beneficiação de

⁶³⁹ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 51/v: O funeral do Dr. Abel de Lacerda constituiu uma grande manifestação de pesar. *Diário da Manhã*. (9 julho 1957); *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*, ob. cit., p. 1-2

⁶⁴⁰ *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*, ob. cit., p. 5; BAFCG, espólio Diogo Macedo, cx. 330, doc. n.º DM330/56: *Relatório e contas 1955-1956*. Caramulo: Fundação Museu do Caramulo, 1956, p. 2; *idem*, doc. n.º DM330/52: *Relatório e contas 1956-1957*, ob. cit., p. 2; *idem*, doc. n.º DM330/44: *Relatório e contas 1957-1958*, ob. cit., p. 2; *idem*, DM330/39: *Relatório e contas: Exercício findo em 30-junho-1959*, ob. cit., p. 3.

⁶⁴¹ *Vide*, por exemplo, *idem*, cx. 330, doc. n.º DM330/56: *Relatório e contas 1955-1956*, ob. cit., p. 2; *idem*, doc. n.º DM330/52: *Relatório e contas 1956-1957*, ob. cit., p. 2.

⁶⁴² PORTUGAL. Assembleia Nacional – VI Legislatura: Sessão n.º 123 em 3 de fevereiro, ob. cit., p. 441.

⁶⁴³ *Vide* COSTA, Madalena Cardoso da – João Rodrigues da Silva Couto e a «inovação museológica» em Portugal no século XX (1938-1964). In ASENSIO, Mikel et al., eds. – *Historia de las colecciones e historia de los museos*. [Em linha]. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 2012. [Consult. 7 junho 2018]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10486/11575>>, p. 137-142.

⁶⁴⁴ *Apud* MOREIRA, Isabel M. Martins, ob. cit., p. 66.

⁶⁴⁵ COUTO, João – Aspectos do panorama museológico português. *Ocidente*. Lisboa. Vol. 63, n.º 296 (dezembro 1962), p. 311; COUTO, João – A vida ativa dos museus. *Ocidente*. Lisboa. Vol. 63, n.º 296 (dezembro 1962), p. 314-315.

núcleos arqueológicos e artísticos⁶⁴⁶. Nesta linha, a FMC pretendia dispor ainda, num rasgo de ineditismo que denuncia a amplitude e atualidade da visão e pensamento de Lacerda, de estúdios com caráter residencial disponibilizados gratuitamente para os artistas plásticos convidados, nacionais e estrangeiros, virem ao Caramulo mostrar as suas criações⁶⁴⁷. O objetivo consistia em criar um centro produtor e difusor vivo de arte contemporânea, pois os artistas entregariam ao Museu umas das suas produções para alargar a coleção⁶⁴⁸.

Notemos que há um direcionamento próximo no tocante à conceção da função social e cultural do museu no projeto do Caramulo e na Nova Museologia, tendência que se impôs no último quartel do século XX, embora latente desde os anos 1960⁶⁴⁹. Os seus princípios podem sintetizar-se em duas ideias-chave, designadamente, que o público, no museu, deve ter prevalência sobre o objeto e que o património é um instrumento ao serviço do desenvolvimento do indivíduo e da sociedade⁶⁵⁰. No Museu do Caramulo este aspeto foi visível na abertura ao exterior através das oficinas de restauro, das residências artísticas e do mecenato. Quebrou, portanto, como Lacerda pretendeu, a ideia de museu mausoléu, centrado na produção de conteúdos de consumo restrito, a qual seria veementemente criticada pelo movimento de maio de 68, o qual pretendia, ao nível da cultura e das artes, uma maior democratização⁶⁵¹. Um exemplo expressivo foi o projeto toponímico que Lacerda desenvolveu para as ruas da ESC, com o qual pretendeu instalar a arte no exterior do edifício. Cada rua teria o nome de um artista vivo e este criaria a placa toponímica a afixar na rua correspondente⁶⁵². Esta simbiose, ao colocar a ação do museu no espaço interior, centrada na inventariação, na conservação e na divulgação, e no espaço exterior, através de iniciativas como a referida acima, de exposições temporárias fora do Caramulo, de conferências e de publicações próprias, visou ainda criar hábitos de visita e atrair pessoas ao Caramulo e, assim, dinamizar o desenvolvimento turístico da comunidade local, ponto também reforçado pela Nova Museologia⁶⁵³.

Dentro das atividades educativas do museu, há eventos que merecem ser referidos. A primeira exposição temporária foi a «Exposição de Presépios» (1954, 20 de dezembro – 1955,

⁶⁴⁶ *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo, ob. cit.*, p. 5.

⁶⁴⁷ *Ibidem*.

⁶⁴⁸ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 46: Morreu o deputado Dr. Abel de Lacerda. *Diário de Notícias*. (8 julho 1957).

⁶⁴⁹ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis, *ob. cit.*, p. 24-26, 105-106; HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca – *Planteamientos teórico de la museología*. Gijón: Ediciones Trea, 2006, p. 162-166.

⁶⁵⁰ HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca, *ob. cit.*, p. 161-226.

⁶⁵¹ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis, *ob. cit.*, p.107-110.

⁶⁵² BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 8. *Vide também o ponto 3.3 desta dissertação.*

⁶⁵³ HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca, *ob. cit.*, p. 170-173.

5 de fevereiro), realizada em colaboração com o Museu de Artes Decorativas de Madrid⁶⁵⁴. Integrava vários presépios, de «alto nível artístico e cultural», provenientes de coleções particulares e da coleção do museu⁶⁵⁵. Seguiu-se a «Exposição das Obras de Arte do Museu do Caramulo» (1956, 18-29 de fevereiro), patente na sede do SNI, no Palácio Foz, em Lisboa, cujo objetivo foi consagrar o Museu e, porque o Caramulo ficava distante, dar a apreciar a valiosa coleção ao público da capital⁶⁵⁶. O evento encerrou com uma conferência de Josep Cañas, escultor e pintor catalão, no teatro do Palácio Foz, tendo sido feita outra conferência no Caramulo, a 3 de março⁶⁵⁷. Uma segunda exposição, com os objetos indo-portugueses da coleção, intitulada «Portugal no Oriente», foi inaugurada no SNI, a 2 de abril de 1957⁶⁵⁸. Tratou-se, nas palavras de Lacerda, «dum núcleo muito importante sobre a ação dos portugueses no Oriente», com objetos de grande raridade⁶⁵⁹. Foi inaugurada pelo Presidente da República e contou com a visita de altas individualidades⁶⁶⁰. Esta exposição seguiu depois para o Museu de Grão Vasco, em Viseu, aqui sendo enriquecida com os objetos indo-portugueses existentes na instituição. Foi inaugurada, a 28 de maio de 1957⁶⁶¹, com uma «amena palestra» de Reynaldo dos Santos sobre a arte produzida por e para portugueses no Oriente⁶⁶². Se Lacerda pretendeu contribuir para a valorização turística da cidade, pesou também o facto de algumas das peças recém-adquiridas, como as tapeçarias de Tournai, terem ficado temporariamente

⁶⁵⁴ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Uma exposição de presépios no Museu do Caramulo. *Ecos da Serra: Separata [do Museu do Caramulo]*. N.º 28 (26 dezembro 1953), p. 1; *idem*: Exposição de presépios. *Boletim*. N.º 42 (3 fevereiro 1955), p. 1.

⁶⁵⁵ *Idem*: Uma exposição de presépios no Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 1.

⁶⁵⁶ *Idem*: O maior acontecimento artístico desta temporada. *Boletim*. N.º 55 (29 fevereiro 1956), p. 1-2. Era constituída por pintura, escultura, cerâmica, arte sacra, mobiliário, têxteis e outros géneros artísticos. As obras de arte estavam distribuídas por três salas: medieval, dos séculos XVII e XVIII e de arte moderna (APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 25: Obras do Museu do Caramulo no SNI. *A Voz*. (20 fevereiro 1956); *idem*, fls. 26: Museu do Caramulo. *Notícias de Portugal*. (3 março 1956), p. 8-10). *Vide* fotografia 39, no anexo V.

⁶⁵⁷ O Caramulo: Estância de Turismo e Centro de Arte. *Folha de Tondela*. N.º 1628 (11 março 1956), p. 1; BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/45: convite do SNI com data de fevereiro de 1956. Lacerda pedia a Luís Reis Santos, enquanto «autoridade indiscutível de crítico de arte e como diretor ainda do nosso primeiro museu de escultura», que fizesse a apresentação de Cañas, para que a «ação do museu do Caramulo» fechasse um «ciclo notável de 12 dias com chave de ouro» (*idem*, doc. n.º RS 185/29: carta de 28 de fevereiro de 1956, Abel de Lacerda a Luís Reis Santos). Cañas foi um dos artistas doadores contemporâneos representado no museu. Falaremos sobre ele no ponto 7.3.

⁶⁵⁸ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 37/v: O Chefe de Estado inaugurou ontem no SNI a valiosa exposição «Portugal no Oriente». *Diário da Manhã*. (14 abril 1957). *Vide* fotografia 40, no anexo V.

⁶⁵⁹ *Idem*, fls. 43/v: L. A., *art. cit.*, p. 4. Destacamos como exemplo a garrafa de Jorge Álvares e o prato brasonado dos Melos/Almeidas, porcelanas da China raríssimas, datadas da dinastia Ming e feitas expressamente para Portugal. Valiosíssimas eram também as tapeçarias de Tournai, feitas na Flandres no 1º quartel do século XVI, sobre a chegada dos portugueses à Índia (*ibidem*)

⁶⁶⁰ *Idem*, fl. 37/v: O Chefe de Estado inaugurou, *art. cit.* A inauguração contou também com a presença dos ministros da Presidência, da Defesa, da Marinha, das Finanças, dos Negócios Estrangeiros e do Interior, dos Subsecretários do Orçamento e da Educação Nacional, do Núncio Apostólico, do ex-Rei Humberto de Itália, de Reynaldo dos Santos, de Luís Reis Santos e de Azeredo Perdigão (*ibidem*).

⁶⁶¹ F. – Em Viseu, foi inaugurada no Museu de Grão Vasco uma exposição de arte oriental. *Folha de Tondela*. N.º 1692 (2 junho 1957), p. 1.

⁶⁶² F., *art. cit.*, p. 1.

depositadas no Museu de Grão Vasco por falta de espaço no Caramulo⁶⁶³. Do ponto de vista político, é importante salientar que com estas exposições de objetos indo-portugueses, alusivos à presença de Portugal na Índia, Lacerda sublinhava o significado histórico e o âmbito nacional da coleção numa altura em que a soberania lusa sobre o Estado Português da Índia era severamente atacada pela União Indiana⁶⁶⁴.

Relativamente às publicações, referimos o boletim editado pelo Museu do Caramulo, muito semelhante às atuais *newsletters*, onde era feita a apresentação das atividades e das peças doadas, com comentário às mais significativas. Era enviado, por correio, aos doadores, a título informativo, para além de ser publicado na imprensa local, nomeadamente no *Ecos da Serra* (entre 22 de maio de 1953 e 26 de dezembro de 1953, data em que o jornal encerrou) e, pontualmente, na *Folha de Tondela*, em 1955 e 1956. Até 31 de maio de 1954, teve como título *Separata*, por ser publicado, semanalmente, no *Ecos da Serra*, passando a designar-se por *Boletim*, com uma periodicidade mensal, a partir de 31 de junho de 1954. Referimos também a *Relação de obras de arte oferecidas* ou apenas *Relação das obras de arte*, a partir de 1959, que começou a ser publicada em 1954, sendo anual até 1957 e irregular até 1992.

Uma nota interessante é que Abel de Lacerda pretendia entregar a responsabilidade pelo funcionamento do museu e das oficinas de beneficiação de obras de arte aos monges beneditinos⁶⁶⁵. A aceitação do encargo é referida por João Lacerda na reunião dos corpos gerentes da FMC de 6 de agosto de 1957, um mês após a morte do Fundador⁶⁶⁶. Em compensação dos serviços, ser-lhes-ia «fornecida uma casa de habitação e o logradouro usual da Regra de São Bento»⁶⁶⁷. Fica em aberto a resposta à questão se esta situação realmente se efetivou, pois não localizámos documentação que permitisse desenvolver o assunto. Recordemos, contudo, que, por questões financeiras, o edifício-sede onde seriam instaladas as referidas oficinas foi concluído faseadamente após 1959, data em que foi inaugurado, o que

⁶⁶³ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 43/v: L. A., *art. cit.*, p. 4. Nesta altura, previa-se que o edifício-sede ficasse concluído no prazo de 5/6 meses, onde seriam devidamente expostas e protegidas (*ibidem*).

⁶⁶⁴ BAFCG, espólio Diogo Macedo, cx. 330, doc. n.º DM330/52: *Relatório e contas (1956/1957)*, *ob. cit.*, p. 1; F., *art. cit.*, p. 1; APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 43/v: L. A., *art. cit.*, p. 4. A exposição realizada no Museu de Grão Vasco tinha ainda a particularidade de ser inaugurada no aniversário da Revolução Nacional, integrando os atos comemorativos (*idem*: L. A., *art. cit.*, p. 4-5).

⁶⁶⁵ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*: ata n.º 6, de 6 de agosto de 1957, p. 15. A Ordem de São Bento estabelecia a complementaridade entre o trabalho e oração, o que permitiu que os monges beneditinos tivessem um papel interventivo na sociedade, guiados por critérios de utilidade social, de curiosidade científica e melhoramento do saber público. Foram também ativos promotores e executores de trabalhos artísticos nos seus mosteiros, o que permitiu que acumulassem um amplo património cultural e profundos conhecimentos na área. Vide DIAS, Geraldo Coelho – *Quando os monges eram uma civilização... Beneditinos: Espírito, alma e corpo*. Porto: Edições Afrontamento – CITCEM, 2011.

⁶⁶⁶ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*: ata n.º 6, de 6 de agosto de 1957, p. 15.

⁶⁶⁷ *Ibidem*.

levou à reavaliação dos serviços nele integrados, como as oficinas, e, eventualmente, à anulação do acordo. Paralelamente, nos relatórios e contas a partir de 1955/1956 são referidas as despesas com ordenados, o que demonstra a existência de funcionários⁶⁶⁸. O *Relatório e contas* de 1959 alude ainda ao estágio de um guia em França, assim como ao pagamento de fardas de trabalho⁶⁶⁹. No relatório do ano seguinte, consta o item despesas com pessoal⁶⁷⁰, doravante sempre presente⁶⁷¹.

6.4. Um edifício contruído de raiz

A construção de um edifício de raiz «funcionalmente estudado»⁶⁷² e de acordo «com as mais modernas regras da museologia», destinado a albergar a coleção que nascia, foi acalentada logo em agosto de 1953, ainda o Museu não tinha sido inaugurado⁶⁷³. Em abril de 1954, o projeto, da autoria do arquiteto Alberto Cruz, amigo da família Lacerda e com obra na ESC, estava a ser concluído⁶⁷⁴. Dois meses depois, os trabalhos preliminares registavam um «adiantado curso»⁶⁷⁵ e as obras começavam em abril de 1955⁶⁷⁶. Em fevereiro de 1956, Abel de Lacerda previa que ficasse concluído nesse ano⁶⁷⁷. Em maio de 1957, atirava a conclusão para os «fins de setembro ou outubro»⁶⁷⁸. Em junho, falecia inesperadamente e o edifício só a 20 de junho de 1959 foi inaugurado, pelo Presidente da República, Américo Tomás, com grande pompa e em sentida homenagem ao Fundador⁶⁷⁹.

⁶⁶⁸ BAFCG, espólio Diogo Macedo, cx. 330, doc. n.º DM330/56: *Relatório e contas 1955-1956*, ob. cit., p. 2; *idem*, doc. n.º DM330/52: *Relatório e contas 1956-1957*, ob. cit., p. 2; *idem*, doc. n.º DM330/44: *Relatório e contas 1957-1958*, ob. cit., p. 2.

⁶⁶⁹ *Idem*, doc. n.º DM330/39: *Relatório e contas: Exercício findo em 30-junho-1959*, ob. cit., p. 3.

⁶⁷⁰ *Idem*, doc. n.º DM330/33: *Relatório e contas: Exercício findo em 30-junho-1960*, ob. cit., p. 1.

⁶⁷¹ Vide os relatórios e contas em BAFCG, espólio Diogo de Macedo, cx. 330.

⁶⁷² VINHAS, Manuel – O sonho de um homem. *Folha de Tondela*, N.º 1800 (20 junho 1959), p. 1.

⁶⁷³ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: O Ministro da Defesa inaugurará em setembro o Museu do Caramulo. *Ecos da Serra: Separata [do Museu do Caramulo]*. N.º 13 (21 agosto 1953), p. 1. Foi o segundo museu construído de raiz em Portugal, ao qual se seguiu o Museu Calouste Gulbenkian (1969), em Lisboa. O primeiro foi o Museu José Malhoa (1934), nas Caldas da Rainha (RAMOS, Paulo Oliveira, *art. cit.*, p. 59).

⁶⁷⁴ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 2/v: *O Século* em Viseu: Museu do Caramulo. *O Século*. (13 abril 1954). Como já referimos Alberto Cruz fez o projeto da Casa da Criança Eng.º Cancela de Abreu, em Sabugosa, e, no Caramulo, da escola primária, do posto de polícia e da Pousada S. Jerónimo.

⁶⁷⁵ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS 185/1: Uma obra em marcha. *Boletim*. N.º 46 (13 junho 1955), p. 1.

⁶⁷⁶ *Idem*: O edifício a construir para o Museu do Caramulo está orçado em 3.000 contos. *Boletim*. N.º 44 (3 abril 1955), p. 1.

⁶⁷⁷ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 25: Obras do Museu do Caramulo no SNI, *art. cit.*

⁶⁷⁸ *Idem*, fls. 43/v: L. A., *art. cit.*, p. 4.

⁶⁷⁹ Um acontecimento memorável. *Folha de Tondela*. N.º 1800 (20 junho 1959), p. 6. O Chefe de Estado frisou que tinha ido ao Caramulo especificamente para honrar a memória de Abel de Lacerda, consagrada com a inauguração do edifício-sede. E reforçava: a inauguração de um museu não era motivo suficiente para fazer deslocar a mais alta figura do país. Outras individualidades presentes (da política, das artes e da sociedade) foram: o Ministro da Educação Nacional, o vice-presidente da Assembleia Nacional, D. Duarte Nuno de Bragança, Irene

O edifício-sede foi construído em frente ao Sanatório Salazar, num novo quarteirão demarcado no «Anteplano de Urbanização» traçado por Januário Godinho, em 1949⁶⁸⁰. Abel de Lacerda começou a comprar os terrenos quando o museu foi inaugurado⁶⁸¹. Fez inúmeras diligências, num processo moroso e complexo devido à necessidade de adquirir uma larga parcela de terreno e ao facto de a zona estar micro dividida e pertencer a vários proprietários⁶⁸². O enquadramento final previa que o museu ficasse integrado num amplo conjunto urbanístico do qual faria parte um banco, um cinema, a escola primária, o posto da GNR e várias residências⁶⁸³.

Paulo Martins Barata define arquitetonicamente o Museu do Caramulo como canónico porquanto a linguagem do edifício desenvolve-se dentro dos cânones do modelo clássico: planta quadrangular, acentuados eixos de verticalidade e simetria. A escolha foi determinada pela existência, no Caramulo, do claustro setecentista do Mosteiro da Fraga, comprado por Abel de Lacerda, em 1954, quando estava para ser demolido, precisamente para ser salvaguardado e preservado⁶⁸⁴. A solução de Alberto Cruz foi integrá-lo no edifício, interpretando-o arquitetonicamente como o átrio das antigas *villae* romanas⁶⁸⁵. Esta conceção permitiu o alinhamento das salas ao seu redor, disposição que, por sua vez, remete para a tradição expositiva dos museus-palácio: uma sucessão de amplas salas de exposição, interligadas por pórticos sequenciados e alinhados⁶⁸⁶. Temos, assim, um edifício simultaneamente clássico e moderno, obedecendo aos modernos requisitos da museologia para oferecer aos visitantes múltiplas perspetivas sobre a coleção⁶⁸⁷.

Em termos expositivos, Abel de Lacerda queria, efetivamente, um museu de espaços amplos, estéticos e convidativos à visita do público. Um espaço onde os objetos fossem dispostos de forma simples, em posição de destaque quando de valor excepcional, e de acordo

Quilhó, Henrique Medina, Leopoldo de Almeida, Luís Reis Santos, Azeredo Perdigão e Reynaldo dos Santos, entre outros (*idem*, p. 5-6). *Vide* fotografia 47, no anexo V.

⁶⁸⁰ Plano de obras. *Ecos da Serra*. N.º 60 (15 fevereiro 1952), p. 1. *Vide*, para contextualização do «Anteplano de Urbanização», CASTRO, Marisa Pascoal de – Estância sanatorial do Caramulo: da génese ao plano de urbanização de Januário Godinho. Porto: Universidade do Porto, 2007. Dissertação de Mestrado; PASSINHO, Cristiane Domingues, *ob. cit.*, p. 80-97.

⁶⁸¹ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018.

⁶⁸² *Ibidem*.

⁶⁸³ Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian (AFCG), fundo Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), cota FCG-SPO01594: «Implantação do Museu do Caramulo e arranjo do local», mapa; *idem*, cota FCG-SBA15974: «Museu do Caramulo – Memória Descritiva», p. 1. *Vide* esquema do local de implantação do museu na figura 1 do anexo III.

⁶⁸⁴ BARATA, Paulo Martins, *art. cit.*, p. 6.

⁶⁸⁵ *Ibidem*.

⁶⁸⁶ *Idem*, p. 7.

⁶⁸⁷ *Vide* fotografias 41 a 45, no anexo V.

com objetivos e critérios específicos a fim de favorecer o conhecimento e o deleite⁶⁸⁸. Como sublinha Alonso Fernández, uma das características essenciais dos museus de arte é manter, na exibição dos objetos, um contacto imediato e íntimo entre estes e o visitante⁶⁸⁹. É uma condição indispensável para que se produza a intercomunicação que permite aperceber e contemplar esteticamente o objeto⁶⁹⁰.

Lacerda asseverava que o Museu do Caramulo, na sua categoria de museu particular de implantação regional, seria o primeiro da Península Ibérica, pois todos os requisitos de segurança, higiene e conforto tinham sido acautelados⁶⁹¹. Já João Couto referia-se ao museu como uma «excelente lição de museografia»⁶⁹². Façamos a análise do projeto arquitetónico para perceber o alcance das ambições de Abel. O edifício reparte-se por três andares: cave, rés-do-chão e 1º andar. Desde logo, verificamos existirem alterações, em termos de distribuição espacial e dos serviços instalados, entre o anteprojeto e o projeto final⁶⁹³. Em ambos, as salas de exposição permanente foram posicionadas no 1º andar. As nove salas do anteprojeto reduziram-se para sete no projeto, mas o tamanho aumentou, numa reorganização do *layout*⁶⁹⁴. É ao nível do rés-do-chão e da cave que se verificam as maiores alterações. No projeto final, onde se contemplou a construção da cave, não prevista no anteprojeto, os gabinetes de desinfestação e a oficina de restauro desceram do rés-do-chão para ali, onde ficaram também instalados novos serviços e dependências, como o laboratório de Raios-x e de fotografia, para estudo e documentação dos objetos, a caldeira do aquecimento central e mais quatro salas de exposição para objetos de arte popular⁶⁹⁵. No rés-do-chão, permaneceram o gabinete da Direção, o bengaleiro, o salão de chá, a biblioteca com sala de conferências acoplada, e algumas novidades: 5 salas de exposições temporárias, ao invés de uma, e o gabinete do bibliotecário⁶⁹⁶.

Notemos que o projeto sofreu simplificações na sequência do falecimento de Abel de Lacerda, devido aos avultadíssimos custos que a obra atingira. O rés-do-chão acabou por ser utilizado para expor permanentemente a coleção de veículos antigos de João de Lacerda. Relativamente à oficina de restauro, esta não aparece representada no projeto para a cave. Foi,

⁶⁸⁸ PORTUGAL. Assembleia Nacional, VI Legislatura: Sessão n.º 123 em 3 de fevereiro, *ob. cit.*, p. 441.

⁶⁸⁹ ALONSO FERNÁNDEZ, Luis, *ob. cit.*, p. 140.

⁶⁹⁰ *Ibidem*.

⁶⁹¹ FIGUEIRA, A., *art. cit.*, p. 2.

⁶⁹² COUTO, João, Relatório enviado ao Exmo. Senhor Diretor do Ensino Superior e das Belas-artes, *art. cit.*.

⁶⁹³ *Vide* esquema das plantas apresentadas no anteprojeto e no projeto nas figuras 2 a 6, anexo III.

⁶⁹⁴ AFCG, fundo FCG, cota FCG-SPO00780: Planta do edifício do Museu do Caramulo, 1º andar, anteprojeto; *idem*, cota FCG-SBA15974: Planta do edifício do Museu do Caramulo, 1º andar, projeto.

⁶⁹⁵ *Idem*, cota FCG-SPO00780: Planta do edifício do Museu do Caramulo, rés-do-chão, anteprojeto; *idem*, cota FCG-SBA15974: «Museu do Caramulo – Memória Descritiva», p. 1; *idem*: Planta do edifício do Museu do Caramulo, cave, projeto; *idem*: Planta do edifício do Museu do Caramulo, rés-do-chão, projeto.

⁶⁹⁶ *Idem*: «Museu do Caramulo – Memória Descritiva», p. 1.

contudo, referida na memória descritiva que acompanhava o caderno de encargos⁶⁹⁷ e, em agosto de 1957, a Direção do Museu previa que o «trabalhador-artista» José Júlio, então colocado nas oficinas do MNAA, fosse para o Caramulo com a função de restaurador⁶⁹⁸. Acreditamos que a oficina não tenha sido realmente implementada, sobretudo nos moldes e com os anexos acima previstos, por falta de financiamento, até porque não encontramos referência à mesma nas atas da Fundação Abel de Lacerda ou nos relatórios e contas. A biblioteca foi também mais modesta face às aspirações iniciais porque o espaço para ela previsto acabou também por ser utilizado como sala de exposição. Notemos ainda que o museu foi inaugurado sem estar concluído, incluindo o 1º andar, onde estavam as salas de exposição permanente, como afirma João de Lacerda no ofício que enviou à Fundação Calouste Gulbenkian a solicitar um subsídio para a conclusão da sala de exposições temporárias, no rés-do-chão⁶⁹⁹.

Outro ponto a salientar é que no anteprojecto e no projecto não foi feita referência às reservas museológicas. De facto, a lógica inerente à constituição da coleção não admitia a colocação de objetos em reserva. Primeiro, só eram aceites as doações que preenchessem os requisitos e as necessidades da política de incorporação, da qual falaremos. Segundo, os doadores não doariam se a sua obra de arte não fosse exibida. Terceiro, de acordo com o art.º 2º dos *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*, era prerrogativa dos doadores possuir o seu nome junto do objeto doado⁷⁰⁰, o que não faria sentido se ficasse oculto. Quarto, o museu visava possuir em qualidade e em diversidade e não em quantidade, critérios que desaceleravam o processo de acumulação. Contudo, ainda se levantavam as paredes, já Lacerda considerava a possibilidade de fazer a ampliação do museu, muito provavelmente devido ao número de peças que conseguia reunir. Leva-nos a esta conclusão o projecto para a área do museu onde consta um edifício nas traseiras do edifício com a legenda «futura ampliação do museu»⁷⁰¹.

A protecção das obras de arte foi o elemento omnipresente na projecção da construção do núcleo sede. De acordo com a memória descritiva anexa ao caderno de encargos, os materiais utilizados seriam incombustíveis e os de construção seriam escolhidos tendo em conta as condições climatéricas para garantir o isolamento do interior⁷⁰². As madeiras seriam levadas à

⁶⁹⁷ *Ibidem*.

⁶⁹⁸ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 6, de 6 de agosto de 1957, p. 17.

⁶⁹⁹ AFCG, fundo FCG, cota FCG-SBA0582, carta de 27 de novembro de 1961, o Administrador-Delegado do Museu do Caramulo ao Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian.

⁷⁰⁰ *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*, *ob. cit.*, p. 1.

⁷⁰¹ AFCG, fundo FCG, cota FCG-SPO01594: «Implantação do Museu do Caramulo e arranjo do local», mapa

⁷⁰² Como o edifício estava sujeito a uma elevada pluviosidade e a temperaturas muito baixas, abandonou-se a ideia inicial da construção em alvenaria de pedra, porque a da região era muito porosa, e utilizou-se betão ciclópico,

câmara de expurgo durante 24 horas para garantir que as obras de arte não seriam contaminadas⁷⁰³. Ademais, seria instalado um sistema de aquecimento nos pavimentos para manter um ambiente com temperatura e humidade controladas⁷⁰⁴. Querendo umas «instalações modelares» e seguras⁷⁰⁵, Abel de Lacerda não poupou realmente esforços e dinheiro, tendo ele próprio viajado ao estrangeiro para tratar dos sistemas de iluminação⁷⁰⁶. Como as salas de exposição permanente foram construídas sem janelas, por questões de conservação preventiva, a iluminação era totalmente artificial e carecia, por isso, de estruturas que proporcionassem uma luz vertical e controlada. Lacerda também tratou das vitrinas, projetando que fossem embutidas na parede e «idênticas às do Museu Lazaro Galdeano de Madrid»⁷⁰⁷. Estavam ainda previstos outros «aperfeiçoamentos técnicos», afirmava Lacerda, «iguais e, em muitos casos, superiores aos dos melhores museus estrangeiros»⁷⁰⁸. Um deles seria a instalação de som nas salas, permitindo ouvir «música apropriada na intensidade e com a frequência desejada»⁷⁰⁹.

A qualidade traduziu-se em custos elevadíssimos. O orçamento estimado inicialmente foi de 3 mil contos, sendo revisto em alta para 5200 contos, valor também ultrapassado⁷¹⁰. Para continuar as obras, Abel de Lacerda procurava preciosos lenitivos onde possível, isto é, subsídios⁷¹¹. Mas não só. Tomou de tal forma o Museu como um projeto pessoal que, consciente do elevado esforço financeiro que representava, fez um seguro de vida a favor da instituição no valor de 1000 contos⁷¹². Conta Celso Horta e Vale, diretor clínico da Estância, que a não conclusão das obras era o «único obstáculo que o preocupava seriamente e de que não escondia o seu religioso temor»⁷¹³.

fazendo-se paredes duplas com caixa-de-ar e colocando-se janelas de vidros (*idem*, cota FCG-SBA15974: «Museu do Caramulo – Memória Descritiva», p. 2-5).

⁷⁰³ *Idem*, p. 6.

⁷⁰⁴ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Futuro edifício do museu e novas ofertas. *Ecos da Serra: Separata [do Museu do Caramulo]*. N.º 32 (31 março 1954).

⁷⁰⁵ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 1, 18 de junho de 1956, p. 2.

⁷⁰⁶ AFCG, fundo FCG, cota FCG-SBA00547: ofício n.º 21/4 de 12 de novembro de 1956, o Administrador-Delegado da FMC ao Presidente do Conselho de Administração da FCG.

⁷⁰⁷ *Idem*, ata n.º 4, 13 de novembro de 1956, p. 10; *idem*, cota FCG-SBA15974: «Museu do Caramulo – Memória Descritiva», p. 3 e 6. Olhando as fotografias das salas, em anexo, as vitrinas utilizadas não foram embutidas.

⁷⁰⁸ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 5, de 22 de março de 1957, p. 13.

⁷⁰⁹ AFCG, fundo FCG, cota FCG-SBA00547: ofício n.º 21/4 de 12 de novembro de 1956, o Administrador-Delegado da FMC ao Presidente do Conselho de Administração da FCG; BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Futuro edifício do museu, *art. cit.*, p. 1.

⁷¹⁰ *Idem*: O edifício a construir para o Museu, *art. cit.*, p. 1; C. – Museu do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1739 (27 abril 1958), p. 6.

⁷¹¹ AFCG, fundo FCG, cota FCG-SBA00547, carta de 7 de maio de 1957, o Administrador-Delegado da FMC ao Presidente do Conselho de Administração da FCG.

⁷¹² *Idem*, cota FCG-SBA15974, ofício de 24 de setembro de 1957, o Administrador-Delegado da FMC ao Ministro das Obras Públicas; PINHEIRO, Trajano, *art. cit.*, p. 277.

⁷¹³ *Apud* PINHEIRO, Trajano, *art. cit.*, p. 277.

O financiamento foi obtido essencialmente por três vias. A primeira foi por via estatal, por intermédio do Ministério das Obras Públicas, no valor de 1560 contos, e do Fundo do Desemprego, 1400 contos⁷¹⁴. A segunda foi por via da Fundação Calouste Gulbenkian, cujos subsídios foram solicitados por Abel de Lacerda em novembro de 1956⁷¹⁵. Foi cedida uma dotação inicial de 300 contos, e, em 1958, uma outra no valor de quase 2 mil contos⁷¹⁶. Na justificação da atribuição, José Azeredo Perdigão, presidente do Conselho de Administração, aludia à coincidência de finalidades entre a FMC e a Fundação Calouste Gulbenkian ao nível do papel a desempenhar como centros de valorização do património e de educação histórico-artística⁷¹⁷. A terceira via foi a subscrição pública, aberta pela FMC em março de 1955⁷¹⁸. Entre os subscritores contavam-se particulares residentes por todo o país, mas sobretudo na região do Caramulo e de Tondela; a comunidade portuguesa emigrada no Brasil; empresas regionais, nacionais e ultramarinas⁷¹⁹; os doentes internados em vários sanatórios, fossem de 1ª, 2ª ou 3ª classe, como o Pedras Soltas, o Dr. Monteiro Carvalho, o Lusitano ou o Boa Esperança; os funcionários e o corpo de enfermagem da ESC, entre outros⁷²⁰. Em suma, a participação nas listas de subscrição, assim como os subsídios atribuídos pelo Estado e por mecenas diversos, como a FCG, indicam que o objetivo e filosofia do Museu foram largamente compreendidos⁷²¹. Outra forma de aferir o acolhimento da sociedade é através da análise de públicos.

⁷¹⁴ C., Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 6; AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da FAL*, ata n.º 1 de 14 de agosto de 1958, fl. 1/v.

⁷¹⁵ AFAJL: *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 4 de 13 de novembro de 1956, fl. 9.

⁷¹⁶ AFCG, fundo FCG, cota FCG-SBA00547: carta de 7 de maio de 1957, o Administrador-Delegado da FMC ao Presidente do Conselho de Administração da FCG. *Idem*: ofício de 28 de março de 1958, o Presidente do Conselho de Administração da FCG à Direção da Fundação Abel de Lacerda. *Vide* tabela 5, no anexo IV, com os subsídios atribuídos para a construção do edifício-sede.

⁷¹⁷ AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da FAL*, ata n.º 1 de 14 de agosto de 1958, fls. 2/v-3. Era também cedida em nome «da muita estima e admiração» que Azeredo Perdigão tinha por Abel de Lacerda, considerando uma «perda lamentável não concluir a sua bela iniciativa (AFCG, fundo FCG, cota FCG-SBA00547, carta de 17 de março de 1958, Manuel Tapia a José de Azeredo Perdigão).

⁷¹⁸ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS 185/1: O Museu do Caramulo iniciará brevemente as obras da construção das suas futuras instalações. *Boletim*. N.º 42 (3 fevereiro 1955), p. 1; *idem*: Obras de arte, capital e construção do Museu do Caramulo. *Boletim*. N.º 43 (4 março 1955), p. 1; AFCG, fundo FCG, cota FCG – SBA00547, ofício n.º 21/4 de 12 de novembro de 1956, o Administrador-Delegado da FMC ao Presidente do Conselho de Administração da FCG.

⁷¹⁹ Por exemplo: a Companhia União de Cervejas (Angola), a Confeitaria Charneca (Caramulo), a Livraria Portugal (Lisboa), a Sociedade de Malhas de Viseu, a Casa Havaneza (Lisboa), a Casa de Chá de Queluz, a Herbert W. Cassels & C.ª (Porto), a Filmes de Lusomundo, a Fábrica de Faianças e Azulejos Santana, a General Electric Portuguesa (Lisboa), a Companhia de Seguros Garantia (Porto), a Companhia Portuguesa de Congelação (Lisboa), a Mundial Films, entre muitas outras (BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS 185/1: *Boletim*. N.º 44 (3 abril 1955); *idem*: *Boletim*. N.º 45 (8 maio 1955); *idem*: *Boletim*. N.º 46 (16 junho 1955); *idem*: *Boletim*. N.º 47 (23 julho 1955); *idem*: *Boletim*. N.º 49 (31 agosto 1955); *idem*: *Boletim*. N.º 52 (30 novembro 1955); *idem*: *Boletim*. N.º 54 (31 janeiro 1956); *idem*: *Boletim*. N.º 57 (30 abril 1956))

⁷²⁰ *Ibidem*.

⁷²¹ Para uma síntese dos subsídios recolhidos pelo Museu do Caramulo *vide* tabela 6 do anexo IV.

6.5. O acolhimento pela sociedade: análise de públicos

As iniciativas relacionadas com o Museu do Caramulo conseguiram movimentar quer um público considerável no referente às exposições, quer de apoiantes no referente à recolha de participações, subsídios e subscrições e à doação de obras de arte e de ações de empresas para capitalizar a FMC. O objetivo e a filosofia do Museu foram, pois, largamente compreendidos pela sociedade e o investimento feito ao nível da museologia e da museografia no novo edifício, criando espaços amplos para uma exibição dialogante e cuidada dos objetos, produziu uma dinâmica no movimento de público, no geral, sempre ascendente. Este movimento era, certamente, favorecido também pela fama e imagem de museu *sui generis*, resultante de um sentido altruísmo e generosidade dos doadores que, doando as suas obras de arte, possibilitaram a constituição de uma coleção de elevado valor histórico e artístico e de projeção verdadeiramente nacional.

Quando foi inaugurado, em 1953, o museu estava aberto todos os dias, inicialmente apenas três horas, entre as 12 e as 13 horas e as 15 e 17 horas⁷²², e, depois, no final de outubro de 1953, devido à afluência de público, 4 horas, entre as 11 e as 13 horas e as 14:30 e as 16:30⁷²³. O custo da entrada era 1 escudo⁷²⁴. No verão de 1955, o horário de abertura totalizava 5 horas diárias (das 11 às 13 horas e das 15 às 18 horas)⁷²⁵. No inverno desse ano, reduzia drasticamente para duas horas e meia (das 11 às 13 horas e das 16:30 às 17 horas») ⁷²⁶. Em suma, o museu não funcionava num regime de horário alargado, o que torna mais significativos os números registados de visitantes.

Relativamente ao público dos museus, importa distinguir entre o público real que o frequenta e o público potencial que não o frequenta, seja por desconhecimento dos recursos que disponibiliza, seja por incapacidade financeira ou puro desinteresse⁷²⁷. Desde o início, a intenção era atingir o maior número de público possível, razão pela qual a FMC investiu na divulgação e na propaganda das atividades e do movimento de doações através da imprensa e das publicações próprias, nomeadamente do *Boletim* e dos diversos números da *Relação de obras de arte oferecidas*. No referente ao público real, há a distinguir entre o público global e o público especializado, sendo o primeiro considerado como o visitante de tipo médio, e o

⁷²² BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Inauguração do Museu do Caramulo. *Ecos da Serra: Separata [do Museu do Caramulo]*. N.º 19 (3 outubro 1953), p. 1.

⁷²³ *Idem*: Henrique Medina, doador do Museu do Caramulo. *Ecos da Serra: Separata [do Museu do Caramulo]*. N.º 22 (31 outubro 1953), p. 1.

⁷²⁴ *Idem*: Inauguração do Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 1

⁷²⁵ *Idem*: A 3ª reunião do Museu foi coroada do maior êxito. *Boletim*. N.º 45 (8 maio 1955), p. 1.

⁷²⁶ *Idem*: Museu do Caramulo. *Boletim*. N.º 51 (31 outubro 1955), p. 1

⁷²⁷ HERNANDEZ-HERNANDEZ, Francisca – *Manual de Museologia*, p. 269.

segundo determinado por diferenças/especificações decorrentes da condição socioprofissional, do nível intelectual e cultural, de elementos naturais (idade e sexo) ou de impedimentos físico-psíquicos⁷²⁸. Numa breve caracterização, o público do Museu do Caramulo vinha de «todos os cantos do país»⁷²⁹ e era constituído por leigos aficionados, por colecionadores, por artistas e por homens das letras e das artes⁷³⁰. Era um público, portanto, pertencente à classe média-alta e alta, com elevada instrução e/ou fortes interesses ao nível artístico e cultural. No entanto, estabeleceram-se dias com entradas gratuitas e foram disponibilizadas visitas, gratuitas também, a escolas⁷³¹. Ia-se, assim, ao encontro do teor da resolução da UNESCO, publicada em 1960, segundo a qual os museus deviam ser inclusivos e estar a abertos a todos, sem discriminação de natureza económica ou social⁷³². Note-se também que, devido à qualidade da coleção e das instalações, o Museu do Caramulo contrariava a ideia subjacente à categorização dos museus em nacionais e regionais, segundo a qual estes canalizavam preferencialmente um público local, enquanto os primeiros tinham capacidade para mobilizar visitantes de todo o país⁷³³.

Em 1954, o balanço ascendia a 1.589 visitantes, o que representava uma média de 5 visitantes por dia⁷³⁴. Número que descia, em 1955/1956⁷³⁵, para 1.270 entradas, com tradução numa média de 4 visitantes por dia, cifras consideradas positivas pela Direção devido à precariedade das instalações provisórias e à recente criação⁷³⁶. Tenhamos também em atenção que o edifício-sede estava em adiantada construção e que o Museu realizara a «Exposição de Obras de Arte do Museu do Caramulo» (1956, fevereiro 18-29), na sede do SNI, para apresentação da coleção em Lisboa, cujo «êxito verdadeiramente extraordinário»⁷³⁷ ficou expresso nas 8 mil pessoas que a visitaram⁷³⁸. Merece referência o facto de entre estas se contarem dezenas de altas individualidades da política, das artes e da sociedade⁷³⁹. Em

⁷²⁸ HERNANDEZ-HERNANDEZ, Francisca – *Manual de Museologia*, p. 269.

⁷²⁹ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: O Museu do Caramulo continua despertando o maior interesse. *Ecos da Serra: Separata [do Museu do Caramulo]*. N.º 20 (10 outubro 1953), p. 1.

⁷³⁰ *Idem*: O Museu do Caramulo. *Ecos da Serra: Separata [do Museu do Caramulo]*. N.º 21 (17 outubro 1953), p. 1

⁷³¹ E-mail de Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, enviado à autora em 3 de abril de 2018.

⁷³² MOREIRA, Isabel M. Martins, *ob. cit.*, p. 74.

⁷³³ LIRA, Sérgio, *ob. Cit.*, p. 79.

⁷³⁴ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS 185/1: Os progressos do Museu do Caramulo em 1954. *Boletim*. N.º 41 (31 dezembro 1954), p. 1.

⁷³⁵ A contagem era feita segundo o ano de exercício social da FMC, com início em 1 de julho e fim a 30 de junho, de acordo com o art.º 21 dos *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*, *ob. cit.*, p. 7).

⁷³⁶ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 6 de 6 de agosto de 1957, p. 16.

⁷³⁷ *Idem*, ata n.º 1 de 18 de junho de 1956, p. 1.

⁷³⁸ O Caramulo: Estância de Turismo e Centro de Arte, *art. cit.*, p. 1.

⁷³⁹ Foi o caso de Craveiro Lopes, Presidente da República; Marcelo Caetano, Ministro da Presidência; Américo Tomás, Ministro da Marinha; Antunes Varela, Ministro da Justiça; Leite Pinto, Ministro da Educação; Paulo Cunha, Ministro dos Estrangeiros, Santos Costa, Ministro da Defesa, António de Oliveira Salazar, Presidente do

1957/1958, o número de visitantes subiu aos 1.500, facto que João Lacerda considerou «importante» devido à distância do museu face aos grandes centros e de não estar «situado em lugar de trânsito intenso»⁷⁴⁰. Inaugurado o novo edifício a 20 de junho de 1959, só até 30 de junho, o número de visitantes atingiu os 585, tal foi o interesse que a nova sede despertou⁷⁴¹. Continuemos ligeiramente para lá do limite deste estudo para uma perspetiva mais alargada. No ano seguinte (1959/1960), as entradas totais perfizeram o «número particularmente significativo» de 5.247 visitantes, explicável pelo contínuo interesse suscitado pelo novo edifício e pelas «valiosas coleções artísticas»⁷⁴². No ano 1960/1961, registou-se 5.710 entradas⁷⁴³, subindo aos 7.000 visitantes em 1961/1962⁷⁴⁴, aos 8.495 em 1962/1963⁷⁴⁵ e aos 11.446 em 1963/1964⁷⁴⁶. Em 1964/1965 registou-se 11.881 entradas pagas (excluem-se as gratuitas), o que fez uma média de 33 visitantes por dia⁷⁴⁷. Em 1966/1967, registou-se 12.191 entradas pagas⁷⁴⁸, totalizando, em 1967/1968, 15.000 visitantes, número que o Conselho de Administração considerava «notável para um museu de província»⁷⁴⁹.

Conselho, o núncio apostólico, o embaixador de Espanha, Nicolau Franco, o rei Umberto de Itália, entre outras (APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 25: Vários membros do Governo visitaram a Exposição de Obras de Arte do Museu do Caramulo. *Jornal de Notícias*. (25 fevereiro 1956); *idem*, fls. 25/v: O Sr. Presidente da República assistiu à projeção de documentários no Palácio Foz. *O Século*. (25 fevereiro 1956); *idem*, fls. 25: O Doutor Oliveira Salazar visitou no Palácio Foz a exposição de obras de arte do Museu do Caramulo. *Diário de Notícias*. (21 fevereiro 1956)).

⁷⁴⁰ AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da Fundação Abel de Lacerda*, ata n.º 1 de 14 de agosto de 1958, fl. 2.

⁷⁴¹ BAFCG, espólio Diogo de Macedo, cx. 330, doc. n.º DM 330/39: *Relatório e contas: Exercício findo em 30-junho-1959*, *ob. cit.*, p. 1.

⁷⁴² *Idem*, doc. n.º DM330/33: *Relatório e contas: Exercício findo em 30-junho-1960*, *ob. cit.*, p. 2.

⁷⁴³ *Idem*, doc. n.º DM330/30: *Relatório e contas: Exercício findo em 30-junho-1961*. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda, 1961, p. 2.

⁷⁴⁴ *Idem*, doc. n.º DM330/27: *Relatório e contas: Exercício findo em 30-junho-1962*. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda, 1962, p. 2.

⁷⁴⁵ *Idem*, doc. n.º DM 330/23: *Relatório e contas: Exercício findo em 30-junho-1963*. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda, 1963, p. 2.

⁷⁴⁶ *Idem*, doc. n.º DM330/19: *Relatório e contas: Exercício findo em 30-junho-1964*. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda, 1964, p. 2.

⁷⁴⁷ AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da Fundação Abel Lacerda*, ata n.º 8 de 30 de julho de 1965, fl. 13/v.

⁷⁴⁸ BAFCG, espólio Diogo de Macedo, cx. 330, doc. n.º DM330/16: *Relatório e contas (1966/1967): Exercício findo em 30-junho-1967*. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda, 1964, p. 1.

⁷⁴⁹ *Idem*, doc. n.º DM330/10: *Relatório e contas (1967/1968): Exercício findo em 30-junho-1968*. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda, 1968, p. 2. Vide tabela 7 e gráfico 1 no anexo IV, referentes à evolução do n.º de visitantes entre 1953 e 1968.

7. A constituição do núcleo original da coleção

A coleção do Museu do Caramulo não assenta numa coleção orgânica disponibilizada para o usufruto público. Apesar de colecionador, Abel de Lacerda não possuía uma coleção particular suficientemente representativa da qualidade (derivada da raridade dos objetos e da mestria de execução) e da abrangência cronológica, geográfica e tipológica que pretendia dar ao Museu. A via que encontrou foi a recolha de doações junto de particulares. Neste capítulo, analisamos a dinâmica que resultou na constituição do núcleo genésico da coleção através da ação conjunta de Lacerda, dos seus colaboradores e dos doadores. Concluímos com uma reflexão sobre as características deste núcleo original. A análise incide sobre os anos 1953 a 1959, isto é, desde a fundação do Museu do Caramulo até à inauguração do edifício-sede.

7.1. A ação de Abel de Lacerda

Abel de Lacerda, para além de autor da ideia da criação de um museu no Caramulo, contribuiu de forma central e determinante para a constituição, ampliação e coesão da coleção, conseguindo obras importantes na História da Arte, inclusive localizadas no estrangeiro, e dos maiores artistas nacionais e internacionais. Como estabeleceu os contactos, em que círculos se moveu e como conduziu o processo de recolha são os assuntos que analisamos aqui.

Lacerda teve três vias de atuação: a) como captador de doações de terceiros, fazendo os contactos necessários junto dos possíveis doadores, no seguimento de um prévio trabalho de prospeção; b) como curador, ou seja, como selecionador das obras de arte a integrar na coleção; c) como doador, quer diretamente, doando em seu nome, quer indiretamente, neste caso cedendo objetos da sua coleção para que fossem doados.

Enquanto captador e recolector de doações (alínea a), Abel de Lacerda fez largo uso de informações estratégicas privilegiadas que lhe permitiram orientar a prospeção e atuar de forma eficaz e rápida, indo ao encontro de quem possuía obras de arte que interessavam ao Museu. Neste particular, beneficiou largamente dos contactos já detidos pela família e daqueles que ele próprio fez no mundo da política, da alta finança, das artes, do colecionismo, da cultura e da museologia, os quais lhe permitiram criar uma rede funcional de informadores e de consultores, questão à qual votaremos no ponto 7.2.

Suportado, por um lado, pela sua reconhecida audácia e competência como um empreendedor dinâmico com «vontade tenaz», uma «extraordinária inteligência», cultura artística e «qualidades de chefe», sabendo liderar para concretizar, e, por outro lado, pelos

conhecimentos na área do património cultural amplamente demonstrados na Assembleia Nacional e na imprensa, Lacerda logrou convencer e eletrizar os interlocutores, trazendo «de quase toda a parte» o que desejava⁷⁵⁰. A reação destes não raro foi de surpresa pelo facto de se terem deixado convencer por ele e feito doações, inclusive doações importantes, quando a determinação inicial tinha sido nada doar⁷⁵¹. Consta que Abel comentava estes casos sorrindo e dizendo: «Toda a gente é mais generosa do que supomos. E do que ele próprios se imaginam...»⁷⁵². A esposa, Madalena Lacerda, tem outra explicação: «Ele acreditava que conseguiria sempre o que queria. [...] Tinha umas falinhas especiais e um charme imenso»⁷⁵³. Com efeito, os que com ele privaram, descreveram-no como diplomático, gentil, de bom trato, extraordinariamente simpático, bem-falante e com um «poder comunicativo de apóstolo» que sabia conquistar admiração, simpatias e amizades «logo nos primeiros contactos»⁷⁵⁴. Celso Horta e Vale, diretor clínico da ESC, afirmou ainda que sabia ouvir, «com o seu habitual sorriso», mesmo os que procuravam dissuadi-lo de projetos arrojados, como o Museu, replicando-lhes «com uma argumentação ardorosa e cerrada» para demonstrar «que aquilo que se afigurava aventuroso era, afinal, plano bem delineado e madurecido por são critério»⁷⁵⁵. António Júdice Bustorff da Silva⁷⁵⁶, doador e parte integrante dos corpos gerentes da FMC, fez uma interessantíssima descrição da estratégia de Lacerda, transcrita abaixo: ele não pedia, ele insinuava que um objeto estava em falta na coleção e que o mesmo seria importante para o museu, ao qual se referia elogiosa e entusiasticamente⁷⁵⁷.

⁷⁵⁰ TAPIA, Manuel, O sentido humano de Abel de Lacerda, *art. cit.*, p. 2; AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 7, 14 de agosto de 1957, p. 19; BAFCG, fundo Diogo de Macedo, cx. 330, doc. n.º DM 330/56, *Relatório e Contas 1955-1956*, *ob. cit.*, p. 3; APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 46: Morreu o deputado Dr. Abel de Lacerda, *art. cit.*; BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7; O Sr. Subsecretário da Assistência Social visitou o concelho de Tondela, *art. cit.*, p. 1, 3-4; Eleições de deputados, *art. cit.*, p. 1.

⁷⁵¹ BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7.

⁷⁵² *Apud ibidem*.

⁷⁵³ SOROMENHO, Ana, *art. cit.*, p. 29.

⁷⁵⁴ BAFCG, fundo Diogo de Macedo, cx. 330, doc. n.º DM330/56, *Relatório e Contas 1955-1956*, *ob. cit.*, p. 3; *idem*, doc. n.º DM330/52, *Relatório e Contas 1956-1957*, *ob. cit.*, p. 1; TEIXEIRA, M. Marques – A minha saudade. *Folha de Tondela*. N.º 1699 (21 julho 1957), p. 1; Eleições de deputados *art. cit.*, p. 1; AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 7, 14 de agosto de 1957, p. 19; VELOSO, José Barros, *ob. cit.*, p. 41.

⁷⁵⁵ *Apud* PINHEIRO, Trajano, *art. cit.*, p. 276.

⁷⁵⁶ *Vide* entrada «Silva, António Júdice Bustorff da» no dicionário biográfico, em anexo.

⁷⁵⁷ SILVA, António Bustorff da – Abel de Lacerda e a obra do Museu. *Folha de Tondela*. N.º 1699 (21 julho 1957), p. 1. Citando: «O Dr. Abel de Lacerda não pedia, não sabia, não se descortinava de saber pedir. Entregava-se à apologia verbal da sua obra, e não lhe faltava um termo, não se descortinava a mais ligeira hesitação. A fala saía perfeita, harmónica, redonda, vincada de entusiasmos, pondo aqui e ali um apontamento de crítica. Fazia o inventário das aquisições ou ofertas até então conseguidas e rematava deixando no ar a esperança de vir a alcançar uma rara peça de ourivesaria, um quadro que caracterizasse uma época de um pintor, qualquer bordado ou tecido que testemunhassem os altos primores a que chegámos nos séculos XVI e XVII» (*ibidem*).

O facto que se segue é bastante indicativo do arrojo característico de Abel de Lacerda e do orgulho e fé que colocou no Museu. Tendo na sua posse uma cafeteira em prata, do século XVIII, de fabrico italiano, com as armas da família Pacelli, de onde provinha o Papa Pio XII, decidiu escrever-lhe «rogando-lhe» que se dignasse «conferir ao Museu a honra de o poder ter como doador»⁷⁵⁸. Teria apenas de aceitar ligar o seu nome ao objeto, apesar de não ser realmente o doador. Lacerda fez aqui uma operação de valorização da instituição e da coleção mediante a incorporação de um objeto doado por tão altíssima personalidade⁷⁵⁹. Com o mesmo propósito, também não hesitou, como veremos, em bater à porta de Pablo Picasso e de Salvador Dali para solicitar-lhes doações.

Relativamente à ação de Abel de Lacerda como selecionador das obras de arte a integrar na coleção (alínea b), interessa sublinhar que atuava dentro de um plano específico e com critérios de seleção restritos⁷⁶⁰. Segundo Miguel de Lacerda, elaborou uma espécie de base de dados para utilização pessoal com os objetos-alvo, de tal forma que quando alguém o abordava com o intuito de fazer uma doação ele tinha o que indicar⁷⁶¹. A aceitação de doações não era, de facto, total. Os objetos tinham de possuir uma elevada qualidade estética, incontestável valor artístico, alto valor histórico e/ou antiguidade incontroversa e patentear uma «sensibilidade requintada e rara», numa subscrição clara do cânone cultural do «Bom Gosto», instituído pelo Estado Novo⁷⁶². Este controlo e sentido de limite foram igualmente essenciais para construir uma coleção articulada e coerente na sua heterogeneidade. Ao privilegiar o que atribuía singularidade e raridade, assim como as marcas da historicidade do objeto e a capacidade de causar deleite, a ação de Lacerda direcionou-se claramente para o futuro e para a superação de uma ideia de finitude na medida em que pretendia suscitar o desejo de preservar e de engrandecer a coleção pelo valor adquirido⁷⁶³. Notemos que o critério de seleção admitia o conceito de superioridade museológica desenvolvido pelo Estado Novo e pelos museólogos coevos em torno da tríade MNAA / Museu Nacional Soares dos Reis / Museu de Arte Popular, resumido na seguinte máxima de Lacerda: «Se interessa ao Museu das Janelas Verdes, interessa ao Museu do Caramulo, se não interessa aos museus nacionais, tão pouco interessa ao Museu

⁷⁵⁸ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 1 de 18 de junho de 1956, fls. 2-3.

⁷⁵⁹ Pio XII não aceitou, pois António Júdice Bustorff Silva figura como doador; doou, ao invés, uma medalha comemorativa do seu 80º aniversário (GOUVEIA, Madalena Lacerda, *ob. cit.*, p. 181, 182).

⁷⁶⁰ SANTOS, Luís Reis, O significado e valor da Exposição do Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 1.

⁷⁶¹ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 16 de março de 2019.

⁷⁶² PEREIRA, Iolanda Cristina Barreira, *ob. cit.*, p. 66; *Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957*, *ob. cit.*, p. 5; AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 4, 13 de novembro de 1956, p. 13.

⁷⁶³ POMIAN, Krzysztof, De la collection en général, *art. cit.*, p. 51. Sobre o cânone do «Bom Gosto» vide ponto 3.3 desta dissertação.

do Caramulo»⁷⁶⁴. Era, portanto, um critério que apontava à implantação do Museu no roteiro da alta museologia nacional.

Dando cumprimento ao sistema de seleção, incentivado, ademais, pela vontade do potencial doador em participar, Abel de Lacerda tomou a liberdade de sugerir um objeto específico que sabia existir na respetiva coleção ou acessível à sua carteira. Podemos referir três exemplos. O primeiro exemplo passou-se com António Medeiros e Almeida⁷⁶⁵, reputado capitalista e colecionador, e é bem representativo do pormenor, da exigência e do *modus operandi* de Lacerda. Foi este que, através da JTC, adquiriu em Lisboa a obra de arte doada por Medeiros e Almeida, um óleo sobre madeira intitulado *Descimento da Cruz*, do século XVI⁷⁶⁶. Encomendou ainda uma moldura em estilo gótico e encomendou o restauro do retábulo a Fernando Mardel. Medeiros e Almeida recebeu, posteriormente (o processo durou cerca de dois anos, entre 1953 e 1955), a fatura destas diligências, que quitou «com a maior satisfação»⁷⁶⁷. O segundo exemplo demonstra a sua capacidade de persuasão ao conseguir dissuadir os doadores a trocar o objeto que pretendiam doar por outro coincidente com os critérios de seleção⁷⁶⁸. Referimo-nos ao quadro seiscentista «Luís XIV», da autoria do francês Hyacinthe Rigaud, doado por António de Sousa Coutinho e esposa⁷⁶⁹. O projeto inicial previa a doação de uma fonte que Lacerda considerou de baixo valor estético e museológico, conseguindo substituí-la pelo Rigaud, superiormente valioso⁷⁷⁰. O terceiro exemplo leva-nos até um conterrâneo, José Cardoso de Matos, um industrial com importantes investimentos em Angola, o qual, não tendo em casa nada que interessasse, doou 30 contos para que Lacerda comprasse uma obra de arte de eleição, para ser doada. Inicialmente, pensou num quadro de Frei Carlos, por ser «uma peça muito representativa e digna [...] deste generoso doador» e solicitou um parecer a João Couto, que considerava apticíssimo para ajuizar porque ninguém, escrevia, estava tão a par como ele

⁷⁶⁴ *Apud* BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Inauguração do Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 2. O MNAA, o Museu Nacional Soares dos Reis e o Museu de Arte Popular, com uma dotação orçamental bastante acima da média nacional, eram considerados museus modelo tanto ao nível das técnicas usadas, como nas finalidades propagandísticas e na concretização da política do espírito, das quais falámos no ponto 2.1. Notemos que, nos anos 1950 e 1960, a evolução da museologia portuguesa foi especialmente promovida por profissionais destes museus (LIRA, Sérgio, *ob. cit.*, p. 79).

⁷⁶⁵ *Vide* entrada «Almeida, António Medeiros e» no dicionário biográfico, em anexo.

⁷⁶⁶ Arquivo da Casa-Museu António Medeiros de Almeida, Lisboa (ACMAMA), fundo António Medeiros e Almeida: recibo de venda assinado por Augusto de Sousa, com data de 19 de outubro de 1953. A obra foi erradamente atribuída a Garcia Fernandes, tendo sido executada por Fernão Garcia (FRANCO, Anísio – Pietà e deposição de Cristo no túmulo. In GOUVEIA, Madalena Lacerda, *ob. cit.*, p. 104-106).

⁷⁶⁷ ACMAMA, fundo António Medeiros e Almeida: recibo assinado por Carlos Puga, com data de 11 de agosto de 1954; *idem*: recibo assinado por Fernando Mardel, com data de 31 de outubro de 1954; *idem*: cartão-de-visita assinado por António Medeiros de Almeida, com data de 15 de julho de 1955.

⁷⁶⁸ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018.

⁷⁶⁹ *Ibidem*. *Vide* entrada «Coutinho, António de Sousa» no dicionário biográfico, em anexo.

⁷⁷⁰ *Ibidem*.

do que conviria adquirir e do que aparecia em Lisboa, porventura «de mais fácil conservação e igualmente interessante»⁷⁷¹. Cardoso de Matos acabou por doar um hostiário de prata do século XVI, a pintura setecentista *Ester e Asuero*, de Luís Paret y Alcázar, a escultura *Cristo Crucificado* (século XVI) e uma chávena com pires da Companhia das Índias, do século XVIII, com motivos europeus, representando Amor e Psiché⁷⁷².

É importante sublinhar que, no processo de recolha e de seleção, o Fundador contou com a colaboração e o aconselhamento de peritos, destacando-se Luís Reis Santos, de quem era amigo íntimo, e, como vimos, de João Couto⁷⁷³. Além disso, uma vez instituídos os corpos gerentes da FMC, e de acordo com a alínea f) do art.º 15º dos respetivos estatutos, o Conselho de Administração, por onde passaram grandes nomes das artes, da museologia e do colecionismo, como Reynaldo dos Santos ou Fernando Mardel, adquiriu um papel ativo no processo de incorporação⁷⁷⁴. Porém, Lacerda, nomeado Administrador-Delegado da FMC em 1956, função prevista no art.º 14º dos *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*, teve sempre uma palavra a dizer⁷⁷⁵. Esta prerrogativa foi especialmente importante porque, no âmbito da política cultural a realizar no Museu do Caramulo, assumiu como desígnio trazer para Portugal as obras representativas da História da Arte nacional dispersas pelo estrangeiro⁷⁷⁶. Recordemos a exposição «Portugal no Oriente» (1957), apresentada pelo Museu em Lisboa, nos salões do SNI. Foi constituída na quase totalidade por obras de arte «de extraordinário interesse» que se encontravam no estrangeiro e que tinham sido adquiridas, por iniciativa de Lacerda, para a coleção com o patrocínio de empresas⁷⁷⁷.

Três das obras de arte ali em exibição pela primeira vez no país foram as tapeçarias «À maneira de Portugal e da Índia», produzidas em Tournai (Flandres), no 1º quartel do século XVI, para assinalar as viagens de Vasco da Gama à Índia. Em 1957, foram localizadas em Londres por George Duff, um dos informadores de Lacerda ativos no estrangeiro⁷⁷⁸. Pelo

⁷⁷¹ AMNAA, fundo João Couto, cota VI-18-P3, doc. n.º 3, carta de 2 de agosto de 1953, Abel de Lacerda a João Couto.

⁷⁷² *Relação de obras de arte oferecidas em 1953-1954*, *ob. cit.*, p. 10, 13, 16, 18.

⁷⁷³ A I Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela, *art. cit.*, p. 2.

⁷⁷⁴ *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*, *ob. cit.*, p. 5.

⁷⁷⁵ *Idem.*, p. 4-5; AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 4, 13 de novembro de 1956, p. 9.

⁷⁷⁶ BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7. Seguiu aqui o exemplo de Ricardo Espírito Santo e Silva, também ele doador do Museu do Caramulo e elemento dos respetivos corpos gerentes.

⁷⁷⁷ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 43/v: L. A., *art. cit.*, p. 4.

⁷⁷⁸ QUINA, Mária Antónia Gentil – Tapeçaria «Portugueses na Índia». In GOUVEIA, Madalena Lacerda, *ob. cit.*, p. 165. As tapeçarias estavam na posse do colecionador George Kolkhorst, que as vendeu por 10.000£. Havia uma quarta tapeçaria, adquirida pelo Museu da Marinha, em Lisboa (*ibidem*, p. 166-167; APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 50: Museum founder's death in crash. *The Times*. (9 julho 1957)). *Vide* entrada «Duff, George» no dicionário biográfico, em anexo.

«grande interesse nacional» que possuíam, este tratou de assegurar de imediato a respetiva aquisição, pese o elevadíssimo custo, e de encontrar um financiador que assumisse a despesa e as doasse ao museu⁷⁷⁹. Para o efeito, conseguiu mobilizar a Sociedade Geral do Comércio, a Companhia Nacional de Navegação e a Sociedade Portuguesa de Navios Tanques, num gesto simbólico devido ao facto de serem consideradas, enquanto «utentes das rotas marítimas da Índia», herdeiras dos feitos de Vasco da Gama⁷⁸⁰. Uma outra tapeçaria foi localizada nos EUA, em 1957, e a sua aquisição foi também assegurada por Lacerda⁷⁸¹. Foi António Medeiros Almeida a comprá-la e a doá-la em nome do Fundador, em jeito de homenagem e reconhecimento, entrando na *Relação de obras de arte* em 1959, dois anos após o falecimento⁷⁸².

O objetivo da intervenção de Lacerda não foi só alcançar um «sentido nacional» através do alto nível artístico e raridade dos objetos⁷⁸³. Foi também ampliar a coleção com a inclusão de obras representativas de cada um dos autores consagrados da modernidade⁷⁸⁴. Contribuiu, assim, para divulgar as correntes artísticas de vanguarda, fazendo conviver a arte contemporânea e moderna com obras do universo da arte antiga, mais condizente com o gosto conservador da sociedade portuguesa⁷⁸⁵. Assumiu, portanto, um papel no sistema da arte como promotor e agente interventivo na construção de valores artísticos⁷⁸⁶. De Salvador Dalí, classificado por uns de louco, de génio por outros⁷⁸⁷, conseguiu a aguarela *Cavaleiro Romano na Ibéria*⁷⁸⁸. Contou Madalena Lacerda que foi durante uma viagem a Barcelona, em 1955, que o marido se embrenhou na missão de obter uma obra⁷⁸⁹. Planeou o que fazer para agradar o pintor, famoso pelo «péssimo feitio» e conseguiu as *liaisons* que lhe abriram a porta⁷⁹⁰. O

⁷⁷⁹ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fls. 43/v: L. A., *art. cit.*, p. 4.

⁷⁸⁰ *Ibidem*.

⁷⁸¹ QUINA, Mária Antónia Gentil, Tapeçaria «Portugueses na Índia», *art. cit.*, p. 165; BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 8.

⁷⁸² Cf. *Relação de obras de arte, ob. cit.*, p. 29; ACMAMA, fundo António Medeiros e Almeida: Carta de 8 de agosto de 1957, João de Lacerda a António Medeiros; conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 10 de novembro de 2018. Outros doadores terão secundado o gesto de Medeiros e Almeida e doado objetos em nome de Abel de Lacerda. Na *Relação de obras de arte* publicada em 1971, este surge como doador da pintura *Cabeça* (1956), da autoria de Fautrier, da placa de faiança da autoria de Jean Miró, do pote de faiança *Nadadoras* (1924), de Raoul Dufy, de um fragmento de azulejo árabe (séc. XV) e de um par de cadeirões em estilo Luís XVI (*Relação de obras de arte*. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda - Museu do Caramulo, 1971, p. 22, 39, 40, 50).

⁷⁸³ SANTOS, Reynaldo dos, Abel de Lacerda e a significação da sua obra, *art.*, p. 1.

⁷⁸⁴ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 46: Morreu o deputado Dr. Abel de Lacerda, *art. cit.*

⁷⁸⁵ DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 124.

⁷⁸⁶ Cf. *idem*, p. 127.

⁷⁸⁷ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS 185/1: Salvador Dalí, doador n.º 109 do Museu do Caramulo. *Boletim*. N.º 50 (30 setembro 1955), p. 1.

⁷⁸⁸ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 46: Morreu o deputado Dr. Abel de Lacerda, *art. cit.*

⁷⁸⁹ SOROMENHO, Ana, *art. cit.*, p. 30.

⁷⁹⁰ *Ibidem*.

ataque foi fulminante: levou um fotógrafo porque, citando Madalena Lacerda, «sabia que o homem era muito vaidoso»⁷⁹¹. Ademais, explicou a sua visão para o Museu como polo de descentralização cultural e de salvaguarda do património e como centro produtor de arte para concluir frisando que era importante, no contexto da missão da instituição, possuir um Salvador Dalí⁷⁹².

Em 1957, pouco antes de falecer, conseguiu de Pablo Picasso a tela *Natureza Morta* (1944), avaliada na altura em vários milhões de francos⁷⁹³. Tinha também estado em exposições à volta do mundo, como atestavam os selos apostos no verso⁷⁹⁴. Lacerda há muito que cobiçava um Picasso⁷⁹⁵ e esta doação foi, de facto, uma exultação para ele por várias razões: pela dificuldade de acesso ao mestre, pelo valor do seu trabalho, por não haver Picassos em Portugal⁷⁹⁶ e porque o pintor, apesar das afirmações taxativas de que não visitava países governados por regimes fascistas, entre os quais colocava o Estado Novo, aceitou ir ao Caramulo, em setembro de 1957, para visitar o projeto museológico⁷⁹⁷. Era um gesto, no entender de Lacerda, de reconhecimento não só da sua visão e esforços, mas também da ação de divulgação artística desenvolvida pelo Museu⁷⁹⁸. Picasso prontificou-se ainda a fazer as placas toponímicas para a rua da ESC que teria o seu nome, a inaugurar aquando da sua visita, e que integrava o projeto que Abel desenvolvia no sentido de atribuir nomes de artistas vivos às ruas do Caramulo, cada uma delas possuindo uma placa toponímica criada pelo artista em

⁷⁹¹ *Apud ibidem*. Vide fotografia 48, no anexo V.

⁷⁹² *Ibidem*.

⁷⁹³ BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 8. O momento da entrega e da assinatura da tela foi registado fotograficamente por David Duncan, fotógrafo famoso e amigo de Picasso, que o visitava quando Lacerda apareceu. Miguel de Lacerda chamou a atenção para o facto de Picasso ter recebido o pai de tronco nu, tendo apenas vestido uma camisa para a fotografia. Estes registos chegaram a Portugal posteriormente, enviados pelo pintor a pedido de Lacerda, para documentação e divulgação (*idem*, doc. n.º RS 149/14: carta de 12 de julho de 1957, Luís Reis Santos a Pablo Picasso; conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018). Vide fotografia 49, no anexo V.

⁷⁹⁴ BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 8.

⁷⁹⁵ A primeira tentativa de abordagem aconteceu na primavera de 1955. Não foi feita por Abel, mas pelos irmãos, de férias em Cannes, em cujos arredores o pintor vivia. Não passaram dos portões da residência e receberam de Picasso um «gesto irritado», despachando-os. Em junho de 1957, Lacerda entrou eficazmente em ação. No regresso, narrou entusiasmado, feliz, orgulhoso e por vezes sem conta a sua missão. Luísa Vilhena registou uma das narrações. A deixa foi por ele lançada com uma interrogação nada inocente: «Sabes que venho de França?». E rematou: «Estive com Picasso!». Depois desenvolveu: «Tratou-me o melhor possível. Não podia ter sido mais amável nem mais compreensivo» (*ibidem*).

⁷⁹⁶ Durante décadas, foi o único quadro de Picasso existente num museu em Portugal. José Augusto França refere que a primeira exibição pública da sua obra no país, «uma pequena natureza-morta, a lápis, de linguagem cubista», aconteceu numa exposição temporária na Sociedade Nacional de Belas-Artes, no final dos anos 40 / início dos anos 50, data que não soube precisar (FRANÇA, José-Augusto – Picasso, dias depois. In *Quinhentos Folhetins*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. Vol. 2, p. 341-343).

⁷⁹⁷ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018; BAFCG, fundo LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/14: carta de 12 de julho de 1957, Luís Reis Santos a Pablo Picasso.

⁷⁹⁸ *Ibidem*.

questão⁷⁹⁹. Refira-se que Lacerda faleceu a 7 de julho, pouco antes da chegada da *Natureza Morta* a Lisboa, onde planeou apresentá-la durante um cocktail num hotel da capital⁸⁰⁰. Não deixa de impressionar o facto de a última obra de arte incorporada na coleção pela sua ação possuir uma forte conotação com a morte, não só temática e plasticamente, mas também por retratar o contexto político-militar e social em que foi produzida, isto é, a II Guerra Mundial.

Por fim, Abel de Lacerda atuou também como doador de objetos da sua coleção privada ou de outros que adquiriu para serem doados (alínea c). Era simultaneamente um doador direto quando doava em seu nome e um doador indireto quando oferecia objetos, adquiridos para o efeito ou da própria coleção, a terceiros para que os doassem ao Museu⁸⁰¹. Com esta atuação, não só contribuiu para enriquecer e alargar a coleção, mas também diversificou o nome dos doadores e fez subir o seu número, dando dinâmica ao processo para incentivar a doação de novas obras de arte e a adesão de novos elementos. Há vários exemplos que podemos indicar. Um liga-se à pintora Maria Helena Vieira da Silva, que Lacerda conheceu em Paris quando era ainda desconhecida em Portugal⁸⁰². Visitou o seu *atelier* e, mal impressionadíssimo com a recusa em doar um trabalho ao Museu, decidiu adquirir a tela «Paliçada» e doá-la em seu nome⁸⁰³. Foi pela sua mão que um Vieira da Silva entrou pela primeira num museu português⁸⁰⁴. Outro exemplo está ligado a um ritual amoroso que Lacerda criou para os filhos e que se tornou numa tradição familiar: no dia de anos, levava o aniversariante ao depósito da coleção particular, situado na cave da Casa do Arco, para que escolhesse o objeto que queria doar ao Museu⁸⁰⁵. Lacerda fez também doações em nome de amigos que não tinham possibilidades económicas para o fazer⁸⁰⁶. Para além do altruísmo inerente, foi a forma que encontrou, por um lado, para manter um nível de qualidade elevado, pois evitou ser constrangido a receber objetos inferiores, e, por outro lado, para não cometer a indelicadeza de recusar a doação⁸⁰⁷. Tenhamos, por fim, em consideração que, apesar de a orgânica da constituição da coleção assentar fundamentalmente nas doações, a alínea g) do art.º 15º dos *Estatutos da Fundação Museu do*

⁷⁹⁹ BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 8.

⁸⁰⁰ *Idem*, doc. n.º RS 149/14: carta de 12 de julho de 1957, Luís Reis Santos a Pablo Picasso.

⁸⁰¹ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018.

⁸⁰² BAFCG, fundo LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/4, texto impresso intitulado «Dois belos quadros de Vieira da Silva em Portugal»

⁸⁰³ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 10 de novembro de 2018.

⁸⁰⁴ Posteriormente, foram incorporadas outras obras da pintora, porém, nenhuma foi por si doada (conversas da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 10 de novembro de 2018 e em 16 de março de 2019; SOROMENHO, Ana, *art. cit.*, p. 30).

⁸⁰⁵ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018.

⁸⁰⁶ *Ibidem*.

⁸⁰⁷ *Ibidem*.

Caramulo atribuía à Direção a prerrogativa de deliberação acerca da aquisição de «obras de arqueologia e belas-artes» que interessassem ao Museu⁸⁰⁸.

7.2. Os colaboradores

Abel de Lacerda foi um homem muito bem posicionado politicamente e este facto teve impacto na valorização do projeto museológico e na consolidação de uma coleção numerosa e de qualidade. Mas não só. Contou João de Lacerda que a «paixão» do irmão foi sempre a Arte e, à medida que ia colecionando, procurou relacionar-se com artistas e colecionadores, alargando a sua área de influência e obtendo informações úteis que lhe permitiram orientar as prospeções⁸⁰⁹. Com efeito, sublinhou a esposa, Madalena Lacerda, como «homem inteligente» que foi «soube rodear-se de pessoas muito válidas que o ajudaram e encaminharam»⁸¹⁰. Fernando Russel Cortez, diretor do Museu de Grão Vasco, destacou que, numa obsessão por «educação artística», esteve «sempre pronto a receber conselhos ou a ouvir opiniões dos estudiosos, ou dos críticos de arte», muito embora soubesse «lograr opinião própria que defendia tenazmente»⁸¹¹. Luís Reis Santos corroborou esta asserção quando comentou que, não obstante ser um grande conhecedor de mobiliário, tecidos, ourivesaria e cerâmica, procurava sempre quem supunha mais indicado para o aconselhar ou ajudar na realização dos seus projetos⁸¹². Assim sendo, não surpreende, como refere Madalena Lacerda, que, quando ia a Lisboa para os debates na Assembleia Nacional, maior fosse o tempo que passava nos antiquários e em casa de amigos influentes do que nos bancos de São Bento⁸¹³. Criou, assim, um grupo restrito de colaboradores que se consubstanciou numa rede de informadores, de consultores e de *liaisons* unidos por um sentido de missão num esforço coletivo comum: obter obras de arte de valor para figurar no Museu do Caramulo⁸¹⁴. Muitos destes colaboradores integraram os corpos gerentes da FMC.

Na área do colecionismo e do mercado da Arte, relacionava-se com os maiores colecionadores nacionais, como Ernesto Vilhena, Manuel Vinhas, António Medeiros e Almeida e Ricardo Espírito Santo e Silva, com os quais criou amizade e trocou opiniões e dos quais

⁸⁰⁸ *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo, ob. cit.*, p. 5

⁸⁰⁹ LACERDA, João, *art. cit.*, p. 1.

⁸¹⁰ SOROMENHO, Ana, *art. cit.*, p. 30.

⁸¹¹ CORTEZ, Fernando Russel – Abel de Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1699 (21 julho 1957), p. 2.

⁸¹² SANTOS, Luís Reis – Generosa mensagem de bondade e de beleza. *Folha de Tondela*. N.º 1701, suplemento (4 agosto 1957), p. 2.

⁸¹³ SOROMENHO, Ana, *art. cit.*, p. 30.

⁸¹⁴ BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7.

obteve significativas doações⁸¹⁵. Foi, por exemplo, Ricardo Espírito Santo e Silva quem o aconselhou na incorporação das tapeçarias «À Maneira de Portugal e da Índia»⁸¹⁶. Recordemos que ambos partilharam a missão de trazer para o país obras de arte nacionais dispersas pelo estrangeiro⁸¹⁷. Relativamente a Ernesto Vilhena, um dos maiores colecionadores portugueses, Abel conheceu-o no início de 1953, através de amigos comuns, estabelecendo de imediato cordiais relações, com visitas à sua coleção, pedido de pareceres, doações ao Museu do Caramulo e encontros em sua casa com peritos que integraram a rede de informadores que articulou, como George Duff⁸¹⁸. Porém, por questões relacionadas com a «concorrência colecionista» em torno da aquisição de obras comumente cobiçadas, Vilhena achou por bem esfriar a amizade⁸¹⁹.

Lacerda era também próximo de alguns especialistas da História da Arte e da museologia, nomeadamente de Reynaldo dos Santos, Luís Reis Santos, Diogo de Macedo e João Couto⁸²⁰. A intervenção de João Couto, Luís Reis Santos e Diogo de Macedo pode ser analisada à luz da participação como articulistas na revista *Artes & colecções. Arte antiga e moderna, bibliofilia, leilões*, tal a semelhança entre os respetivos objetivos e os do Museu do Caramulo⁸²¹. Pretendia ser «um órgão de esclarecimento e divulgação dos valores artísticos, antigos e modernos, tanto nacionais como estrangeiros», visando assumir, no plano cultural, uma função construtiva⁸²². Reis Santos foi amigo íntimo de Lacerda, o confidente dos seus sonhos e o colaborador nas suas audaciosas iniciativas⁸²³. João de Lacerda confirmou-o, designando-o por «melhor colaborador

⁸¹⁵ ACMAMA, fundo António Medeiros e Almeida: Carta de 8 de agosto de 1957, João de Lacerda a António Medeiros; AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*; *idem*: AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da Fundação Abel de Lacerda*; APFAL, recortes de imprensa, vol. 2; BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: *Separata* [do Museu do Caramulo]. N.º 1 a 35 (22 maio 1953 – 31 maio 1954; *idem*: *Boletim*. N.º 36 a 58 (31 junho 1954 – 31 maio 1956); *idem*, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*; CARVALHO, Maria João Vilhena de, *ob. cit.*, p. 293-297; SILVA, Maria João Bustorff, Ricardo do Espírito Santo Silva: O mecenas, *art. cit.*, p. 57-59. *Vide* entradas «Almeida, António Medeiros e», «Silva, Ricardo Espírito Santo e», «Vilhena, Ernesto» e «Vinhas, Manuel» no dicionário biográfico, em anexo.

⁸¹⁶ SILVA, Maria João Bustorff, Ricardo do Espírito Santo Silva: O mecenas, *art. cit.*, p. 57.

⁸¹⁷ Cf. BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7.

⁸¹⁸ CARVALHO, Maria João Vilhena de, *ob. cit.*, p. 293, 295 e 296, n. 319 e 321. *Vide* entrada «Duff, George Robert» no dicionário biográfico, em anexo.

⁸¹⁹ *Idem*, p. 296. Em 1956, competiram abertamente pela compra de um primitivo catalão que pertenceu à coleção de Ricardo Espírito Santo e Silva. Vilhena adquiriu-o e, no dia seguinte, Lacerda apareceu em sua casa para entregar documentação do Museu do Caramulo, fazendo uma conversa curta e sem tocar no episódio. Segundo Vilhena, estava «furioso» embora aparentemente «calmo e plácido» (*idem*, p. 296-297).

⁸²⁰ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 46: Morreu o deputado Dr. Abel de Lacerda, *art. cit.*; BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 7. *Vide* entradas «Couto, João», «Macedo, Diogo de», «Santos, Luís Reis» e «Santos, Reynaldo dos» no dicionário biográfico, em anexo.

⁸²¹ DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 63. Dirigida por Carlos Queiroz, teve apenas dois números, em junho e julho de 1947 (*ibidem*).

⁸²² Os nossos objetivos. *Artes & colecções. Arte antiga e moderna, bibliofilia, leilões*. Vol. 1, n.º 1 (junho 1947), p. 1 *apud ibidem*.

⁸²³ BAFCG, fundo LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/14: carta de 12 de julho de 1957, Luís Reis Santos a Pablo Picasso.

do sonho do Abel, o seu confidente, aquele que se dizia mais admirador e mais amigo»⁸²⁴. Na imprensa, foi assíduo na escrita sobre a coleção, o projeto museológico e a ação de Abel⁸²⁵, tendo também participado na realização da «Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela» (1951) com consultoria e com a palestra da sessão de inauguração, sobre pintura portuguesa, cujo texto foi inserido no respetivo catálogo. Participou ainda com palestras em vários eventos⁸²⁶ e envolveu-se na organização das atividades culturais do Museu⁸²⁷.

João Couto, para além de ter acompanhado de perto a ação cultural de Lacerda na Assembleia Nacional, colaborou, tal como Reis Santos e Diogo de Macedo, na referida exposição de arte sacra, proferindo a palestra de encerramento, sobre ourivesaria portuguesa, também ela publicada no catálogo. Por correspondência, Lacerda trocou com Couto informações sobre uma custódia existente na igreja do Guardão, no Caramulo, com o primeiro a subscrever-se «creia-me em muito dedicado e grato»⁸²⁸. Numa outra carta, de 22 de junho de 1951, quando decorria a sobredita exposição, falou-lhe dos seus estudos de antiguidades: «Todos os dias estou estudando coisas desde uma cruz peitoral em oiro e esmalte de um bispo que esteve nos Açores (fins século XVII), a campainhas de prata pesadas como sinos»⁸²⁹. Noutra carta, a mês e meio da inauguração do Museu, desculpou-se pelos trabalhos que lhe dava com as frequentes consultas a propósito da compra de obras de arte para a coleção⁸³⁰. Nesse particular, exortava-o a que não se esquecesse que estava interessado em «alguma coisa boa que ao MNAA não interesse ou não possa comprar», dado ter, e sublinhamos, uma «certa facilidade em que alguém a ofereça para aqui, principalmente se forem coisas à volta de 10-20 contos»⁸³¹. Há duas ilações importantes a retirar desta afirmação: a primeira é o manancial de doadores virtuais que tinha em carteira; a segunda é que a possível média do custo das obras doadas andaria por aquela quantia. Refira-se que Couto foi extremamente recetivo, garantindo que tomou «boa nota» do pedido e que ficaria «atento»⁸³².

⁸²⁴ *Idem*, doc. n.º RS 149 /3, carta de 16 de janeiro de 1958, João de Lacerda a Luís Reis Santos, fl. 2.

⁸²⁵ Por exemplo: SANTOS, Luís Reis, O significado e valor da exposição do Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 1; SANTOS, Luís Reis – Garrafas chinesas de Jorge Álvares, *art. cit.*; SANTOS, Luís Reis – A propósito do Museu do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1678 (20 janeiro 1956), p. 3; SANTOS, Luís Reis – Generosa mensagem de bondade e beleza, *art. cit.*, p. 1.

⁸²⁶ Por exemplo, em 1952, participou nas «Tardes Culturais», ciclo de conferências promovido pela JTC, com a comunicação «Arte e Religião», onde refletiu sobre a «arte cristã» na música, na arquitetura e na pintura (Tardes Culturais no Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1446 (14 setembro 1952), p. 3).

⁸²⁷ É o caso da palestra do escultor catalão Josep Cañas, já referida no ponto 6.3.

⁸²⁸ AMNAA, fundo João Couto, cota VI-18-P3, doc. n.º 1, carta sem data, Abel de Lacerda a João Couto. Lacerda referia-se a Couto como «meu prezado» e «meu ilustre» amigo (*idem*, doc. n.º 3, carta de 2 de agosto de 1953, Abel de Lacerda a João Couto; *idem*, doc. n.º 2, carta de 22 de junho de 1951, Abel de Lacerda a João Couto)

⁸²⁹ *Idem*, doc. n.º 2, carta de 22 de junho de 1951, Abel de Lacerda a João Couto.

⁸³⁰ *Idem*, doc. n.º 3, carta de 2 de agosto de 1953, Abel de Lacerda a João Couto.

⁸³¹ *Ibidem*.

⁸³² *Idem*, doc. n.º 4, carta de 6 de agosto de 1953, João Couto a Abel de Lacerda.

Reynaldo dos Santos, médico, crítico e historiador de Arte e presidente do Conselho de Administração da FMC, foi determinante, com a sua influência e contactos, para a conclusão do edifício-sede, uma vez Abel desaparecido⁸³³. Neste particular, encontrou um sólido esteio em Azeredo Perdigão, Presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian⁸³⁴. Dos Santos escreveu também sobre a coleção de arte e sobre o Museu e fez conferências no âmbito das suas atividades⁸³⁵. Sublinhamos ainda que trocou correspondência com muitos nomes do círculo de amigos de Lacerda, como Luís Reis Santos, Fernando dos Santos Costa, Ricardo Espírito Santo Silva e Ernesto Vilhena, sobretudo a propósito das publicações artísticas feitas por aquele e sobre a organização de exposições de arte⁸³⁶.

Ao nível do mercado da arte, Abel de Lacerda possuía importantes conhecimentos entre os antiquários, numa altura em que o contexto internacional era favorável à constituição de boas coleções com contenção de orçamento, porquanto, numa Europa em reconstrução do pós-guerra, a arte circulava com grande facilidade e a preços razoáveis⁸³⁷. Bem informado com conhecimentos privilegiados recolhidos em campo, Lacerda tinha, pois, acesso rápido e eficaz ao mercado. Neste contexto, Merícia de Lemos, uma mulher «esbelta, culta, viva», foi uma coadjuvante importante⁸³⁸. Casada com o antiquário parisiense Jacques Kugel⁸³⁹, possuía excelentes relações nos meios culturais franceses⁸⁴⁰, vivendo entre artistas e galeristas⁸⁴¹. Abel conheceu-a numa das viagens a Paris e foi ela quem o aconselhou a investir em arte moderna⁸⁴². Dizia que os trabalhos produzidos tinham grande qualidade e os artistas grande futuro e que os

⁸³³ Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), fundo António Oliveira Salazar, cota PC-55, cx. 931, pasta 18: Ofício n.º 59/4 de 1 de março de 1958, o Presidente do Conselho de Administração da Fundação Abel de Lacerda ao Presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian; APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 46: Morreu o deputado Dr. Abel de Lacerda, *art. cit.*.

⁸³⁴ Um acontecimento memorável. *Folha de Tondela*. (20 junho 1959). N.º 1800, p. 6.

⁸³⁵ Como exemplo, referimos os artigos publicados no *Diário de Notícias* sobre a garrafa de Pero Álvares, raríssima e «preciosa porcelana chinesa, de 1552, com inscrições portuguesas», e sobre o significado da obra do Fundador, assim como a palestra proferida na cerimónia de inauguração da exposição «Portugal no Oriente» (1957), no Museu de Grão Vasco, em Viseu, depois de ter estado em Lisboa, no SNI. Reynaldo dos Santos discorreu a influência dos portugueses na produção artística feita no Oriente e sobre as imitações europeias da arte oriental (F., *art. cit.*, p. 1; SANTOS, Reynaldo dos, Abel de Lacerda e a significação da sua obra, *art. cit.*, p. 1; O Museu do Caramulo em foco. *Folha de Tondela*. N.º 1649 (5 agosto 1956), p. 3). Sobre a exposição, *vide* ponto 6.3 e sobre a garrafa de Pero Álvares o ponto 7.4.

⁸³⁶ Casa Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó dos Santos, fundo Reynaldo dos Santos, código de referência PT/CMCSC-CRSIQS/RS/F/001-0445, correspondência com Fernando dos Santos Costa; *idem*, código de referência PT/CMCSC-CRSIQS/RS/F/001-1557, correspondência com Luís Reis Santos; *idem*, código de referência PT/CMCSC-CRSIQS/RS/F/001-1613, correspondência com Ricardo Espírito Santo Silva; *idem*, código de referência PT/CMCSC-CRSIQS/RS/F/001-1820: correspondência com Ernesto Vilhena.

⁸³⁷ SOROMENHO, Ana, *art. cit.*, p. 30.

⁸³⁸ *Ibidem*. *Vide* entrada «Lemos, Merícia» no dicionário biográfico, em anexo.

⁸³⁹ *Ibidem*. *Vide* entrada «Kugel, Jacques» no dicionário biográfico, em anexo.

⁸⁴⁰ SOROMENHO, Ana, *art. cit.*, p. 30.

⁸⁴¹ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Miguel de Lacerda, em 24 de março de 2018.

⁸⁴² SOROMENHO, Ana, *art. cit.*, p. 30.

preços eram acessíveis face aos mestres antigos⁸⁴³. Foi assim que Lacerda, homem capaz de escutar conselhos e de discernir acima dos gostos artísticos pessoais, começou a juntar nos últimos anos de vida uma coleção de arte moderna, constituída por pintura, escultura e cerâmica, num gesto de abertura e de renovação muito pouco usual na época e entre a conservadora sociedade portuguesa⁸⁴⁴. Entre os antiquários, destaca-se ainda George Duff, elemento da rede de «espionagem» internacional que Abel fez chegar a «todos os centros de cultura europeia» para ser prontamente informado do surgimento de obras de arte de interesse⁸⁴⁵. Um exemplo bem expressivo são as tapeçarias «À Maneira de Portugal e da Índia», referidas no ponto anterior. Foi Duff quem transmitiu a informação de que iam ser vendidas, permitindo que Lacerda assegurasse a sua compra e doação ao Museu do Caramulo⁸⁴⁶. A rede de contactos foi também fundamental para alcançar Salvador Dalí, cuja obra foi doada pelo próprio no seguimento do encontro com Lacerda, conseguido através de conhecimentos comuns⁸⁴⁷.

Fazemos ainda referência a José Luís Brandão de Carvalho, decorador de interiores de renome, com trabalho reconhecido ao serviço do Estado para as Pousadas de Portugal, e «colaborador desde a primeira hora de Abel de Lacerda»⁸⁴⁸. Por fim, referimos António de Cértima, cunhado de Lacerda por casamento com a irmã, Maria Arminda, em 1948⁸⁴⁹. Foi escritor, jornalista, diplomata e administrador de várias empresas, para além de doador do Museu do Caramulo e um dos seus constantes dirigentes, após a morte de Abel⁸⁵⁰. Pelos contactos que possuía no meio cultural português, não é de excluir que lhe tenha aberto algumas portas na busca de obras de arte, de doadores e de apoios para o projeto museológico.

⁸⁴³ *Ibidem*.

⁸⁴⁴ *Idem*, p. 28; conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018.

⁸⁴⁵ BAFCG, espólio Luís Reis Santos, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 8.

⁸⁴⁶ *Ibidem*.

⁸⁴⁷ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018.

⁸⁴⁸ AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da Fundação Abel Lacerda*, ata n.º 5 de 27 de julho de 1962, fl. 9. Vide entrada «Carvalho, José Luís Brandão de» no dicionário biográfico, em anexo.

⁸⁴⁹ Vide entrada «Cértima, António de» no dicionário biográfico, em anexo.

⁸⁵⁰ SERVIÇOS DE BIBLIOTECA, INFORMAÇÃO DOCUMENTAL E MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO – *António de Cértima. O perfil do homem e do escritor*. [Exposição]. Biblioteca da Universidade de Aveiro – Sala de exposições Hélène de Beauvoir (11 dezembro 2017 a 15 janeiro 2018); MOTA, Arsénio – *António de Cértima: Vida, obra, inéditos*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1994; VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 143 e 150, n. 13.

7.3. Os doadores

A partir de meados do século XX registou-se uma nova tendência no colecionismo privado: colecionar com o propósito de expor os objetos «fora do campo doméstico»⁸⁵¹. Os particulares começaram a assumir uma função – a aquisição de obras de arte para expor publicamente – que competia tradicionalmente ao Estado⁸⁵². Neste contexto, o Museu do Caramulo foi apresentado como um espaço de exibição pública de obras de arte de procedência privada numa «iniciativa desinteressada» e «benemérita» de «autênticos amadores e cultores de belas-artes»⁸⁵³. Foi, por conseguinte, visto como um empreendimento de arrojo que se traduziu «num esforço coletivo de valorização» do património material da Nação⁸⁵⁴. Porque tinha a particularidade de ser constituído por obras de arte doadas, os *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo* determinaram que, a cada uma, ficasse veiculado o nome do doador, inclusive quando fosse reproduzida em publicações⁸⁵⁵. Abel pressupôs que este procedimento teria um «sentido altamente educativo» porque criaria um «estado de espírito» contagiante que ajudaria a manter vivo o movimento de doações⁸⁵⁶. Advogou também que o nome do doador humanizava a obra de arte na medida em que a relacionava com a família, com o colecionador ou com o artista a quem pertencera ou que a criara⁸⁵⁷.

Sendo a contribuição dos particulares essencial à construção da identidade do Museu e da coleção, para além da veiculação onomástica, foi reconhecido a cada doador, no âmbito do art.º 19º dos *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*, um rol de privilégios, nomeadamente «entradas gratuitas no Museu e nas exposições» e descontos nas publicações e trabalhos de beneficiação»⁸⁵⁸. Uma nota para referir que, ainda segundo o art.º 19º, o estatuto de doador não se transmitia aos filhos, devendo estes, enquanto herdeiros, confirmar ou infirmar a permanência do objeto na coleção⁸⁵⁹.

O movimento de angariação de doadores foi extremamente rápido. No espaço de um ano (1953/1954), reuniu 82 doadores, número que caiu abruptamente no ano seguinte (1954/1955)

⁸⁵¹ DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 24.

⁸⁵² *Ibidem*.

⁸⁵³ SANTOS, Luís Reis, O significado e valor da Exposição do Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 1.

⁸⁵⁴ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Inauguração do Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 1; *idem*: O Museu do Caramulo é o museu dos particulares. *Boletim*. N.º 23 (7 novembro 1953), p. 1.

⁸⁵⁵ *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*, *ob. cit.*, p. 1 e 6

⁸⁵⁶ *Apud* BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Inauguração do Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 2.

⁸⁵⁷ *Relação de obras de arte oferecidas em 1953-1954*, *ob. cit.*, p. 4

⁸⁵⁸ *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo*, *ob. cit.*, p. 6

⁸⁵⁹ *Idem*, p. 7

para 25⁸⁶⁰. O decréscimo continuou a verificar-se em 1955/1956, com 22 novos doadores, subindo no ano seguinte, para 23⁸⁶¹. Em junho de 1957, pouco antes do falecimento de Lacerda, o Museu congregava 155 doadores e, em 1959, 170, registando 18 novos doadores entre 1958 e junho de 1959⁸⁶². O rol mais recente a que tivemos acesso data de 1971 e elenca 210 doadores⁸⁶³. Como verificamos, 73,8% destes tornou-se doador em vida de Abel de Lacerda. A concentração da admissão de doadores nos primeiros anos do Museu esteve, sem dúvida, ligada à sua irradiante e sedutora personalidade, atraindo continuamente novos elementos, assunto ao qual já nos referimos no ponto 7.1.

A qualidade e benemerência do projeto museológico também funcionaram como elemento de captação de doadores na medida em que a participação lhes trazia prestígio. Um prestígio que estava diretamente ligado à consagração do Museu e da respetiva missão através de um trabalho de divulgação permanente, feito através da publicação dos vários números da *Relação de Obras de Arte*, do *Boletim* e dos *Relatório e Contas*. De referir que estas publicações destinavam-se a criar a aura de transparência necessária à credibilidade e à fiabilidade do projeto, logo, à doação. A divulgação decorria também através das exposições organizadas fora do Caramulo, como as que decorreram nos salões do SNI em 1956 e 1957, referidas no ponto 6.3, assim como através do próprio Abel de Lacerda nos seus contactos e convivências dentro e fora do país. Tanto assim era que ao Museu eram feitas referências elogiosas nos meios artísticos externos, ouvidas, por exemplo, por António Medeiros e Almeida, presidente da Assembleia-Geral da FMC⁸⁶⁴. Foi o próprio que o afirmou na Assembleia-Geral da FMC, um mês após o falecimento de Lacerda, remarcando que os doadores estavam gratos porque tinha conseguido para eles «um elevado prestígio que ultrapassou fronteiras»⁸⁶⁵. Não esqueçamos que o nome do doador ficava vinculado à obra de arte e, por essa via, a um projeto benemérito e social⁸⁶⁶.

⁸⁶⁰ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS185/1: Museu do Caramulo. *Ecos da Serra: Separata [do Museu do Caramulo]*. N.º 10 (31 julho 1953), p. 1; *Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955*. Caramulo: Museu do Caramulo, 1955, p. 7. Vide tabela 8 e gráfico 2, no anexo IV.

⁸⁶¹ *Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955*, ob. cit., p. 7.

⁸⁶² *Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957*, ob. cit., p. 21-27. *Relação de obras de arte*, ob. cit., p. 9-13. Vide o rol dos doadores até 1959 no documento 7, anexo II.

⁸⁶³ *Relação de obras de arte*. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda - Museu do Caramulo, 1971, p. 9-14.

⁸⁶⁴ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 7 de 14 de agosto de 1957, p. 19.

⁸⁶⁵ *Ibidem*.

⁸⁶⁶ Notemos, todavia, que alguns doadores pretenderam manter o anonimato, sublinhando que doavam desinteressadamente em prol do património e da Arte e para a notoriedade do Museu, não a própria (AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da Fundação Abel de Lacerda*, ata n.º 1 de 14 de agosto de 1958, fl. 2).

Quem foram os doadores do Museu do Caramulo? Pelo número de doações, pela fortuna pessoal aplicada e pelo envolvimento sobressai, evidentemente, Abel Lacerda e a família⁸⁶⁷. De sublinhar que o doador n.º 1, neste caso, a doadora, foi Margarida Lacerda, a mãe⁸⁶⁸. Os restantes doadores, entre os quais se contavam amigos e colaboradores diretos de Abel⁸⁶⁹, podem ser sistematizados nas seguintes categorias: ilustres locais (por exemplo, António Matos de Almeida, investidor e industrial, José Cardoso de Matos, industrial e investidor em Angola, e grandes famílias da Beira, como a Casa de Santar); amigos de Abel e da família Lacerda; elites políticas (Fernando Santos Costa, Joaquim Trigo de Negreiros, Ministro do Interior, ou José Soares da Fonseca⁸⁷⁰); membros da realeza e apoiantes (nomeadamente D. Duarte Nuno, duque de Bragança, e António Luís Gomes⁸⁷¹); artistas nacionais (Eduardo Malta, Leopoldo de Almeida, Henrique Medina⁸⁷², *inter alia*) e internacionais (Salvador Dali, Jean Lurçat, Pablo Picasso, etc.); empresários e capitalistas (Ernesto Vilhena, Manuel Vinhas, António Medeiros e Almeida, Ricardo Espírito Santo e Silva⁸⁷³, etc.); doentes internados na ESC (José Luís Brandão de Carvalho⁸⁷⁴) e antigos sanatorizados (Isabel Fialho de Mendonça, António de Sousa Coutinho⁸⁷⁵, por exemplo); instituições culturais (Fundação Calouste Gulbenkian); empresas (Shell Portuguesa, Sociedade do Caramulo; Companhia Nacional de Navegação, SECLA, etc.); colecionadores (Anastácio Gonçalves⁸⁷⁶, Arturo Linares e os referidos na categoria empresários e capitalistas); antiquários (George Duff, Elena Sarto de Horteiga, Jacques Kugel, Luís de Mello Rêgo⁸⁷⁷); historiadores, críticos de Arte e profissionais de museus (Fernando Mardel; Luís Reis Santos, Reynaldo dos Santos, Diogo de Macedo, Guilherme Possolo⁸⁷⁸); elementos do corpo clínico da ESC (Manuel Tapia, Celso Horta e Vale, Luís Quintela, Manuel Martins Queiroz,

⁸⁶⁷ Considerámos como elementos da família Lacerda a mãe, os irmãos, a esposa e os filhos do fundador.

⁸⁶⁸ *Relação de obras de arte oferecidas em 1953-1954*, *ob. cit.*, p. 31.

⁸⁶⁹ É o caso de Ricardo Espírito Santo, Reynaldo dos Santos, Luís Reis Santos, Azeredo Perdigão, o Conde de Palma e da Anadia, o pintor Eduardo Malta ou Fernando Mardel (BAFCG, espólio LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149/1: VILHENA, Luísa Manuel, *art. cit.*, p. 8).

⁸⁷⁰ *Vide* entradas «Costa, Fernando dos Santos» e «Fonseca, José Soares da» no dicionário biográfico, em anexo.

⁸⁷¹ *Vide* entrada «Gomes, António Luís» no dicionário biográfico, em anexo.

⁸⁷² *Vide* entradas «Almeida, Leopoldo de», «Malta, Eduardo» e «Medina, Henrique» no dicionário biográfico, em anexo.

⁸⁷³ *Vide* entradas «Almeida, António Medeiros e», «Silva, Ricardo Espírito Santo e», «Vinhas, Manuel» e «Vilhena, Ernesto» no dicionário biográfico, em anexo.

⁸⁷⁴ *Vide* entrada «Carvalho, José Luís Brandão de» no dicionário biográfico, em anexo.

⁸⁷⁵ *Vide* entrada «Coutinho, António de Sousa» no dicionário biográfico, em anexo.

⁸⁷⁶ *Vide* entrada «Gonçalves, Anastácio» no dicionário biográfico, em anexo.

⁸⁷⁷ *Vide* entradas «Duff, George Robert», «Kugel, Jacques» e «Sarto de Horteiga, Elena» no dicionário biográfico, em anexo.

⁸⁷⁸ *Vide* entradas «Macedo, Diogo de», «Mardel, Fernando», «Possolo, Guilherme», «Santos, Luís Reis» e «Santos, Reynaldo dos» no dicionário biográfico, em anexo.

etc.) e membros do clero, por exemplo, o Pe. José Simões Pedro, capelão da Estância, e o Papa Pio XII⁸⁷⁹.

A classificação do colecionador é feita dentro das categorias de pequeno, médio e grande atendendo à intensidade do colecionismo praticado, ao impacto da ação exercida no mercado e ao número de obras reunidas⁸⁸⁰. Os grandes colecionadores pertencem geralmente à alta burguesia financeira e industrial e à aristocracia, pois são as classes que dispõem das condições económicas adequadas, a par de valores como os da cultura e da sensibilidade artística, para praticar o alto colecionismo e criar coleções numerosas, na ordem de centenas ou milhares de obras de arte, de elevada qualidade⁸⁸¹. Entre os doadores do Museu do Caramulo há colecionadores que se encaixam neste perfil, nomeadamente, Ricardo Espírito Santo e Silva, Ernesto Vilhena e António Medeiros e Almeida. As categorias representadas em maioria no grupo de doadores do Museu do Caramulo são as de pequeno e médio colecionador. Do ponto de vista sociológico, estes colecionadores provêm da classe média-alta, e são sobretudo advogados, médicos, como Anastácio Gonçalves, e pequenos-médios empreendedores⁸⁸².

Façamos uma análise quantitativa dos doadores. Em 1959, dos 170 doadores, 30 eram mulheres (17,6%) e 12 eram instituições culturais, assistenciais ou industriais (7,05%)⁸⁸³. Analisando o total dos objetos doados até 1959, verificamos que a família Lacerda doou 44 objetos (13,5% do total). De entre eles, o maior doador foi, como expectável, Abel de Lacerda, com 14 objetos, seguido da mãe, Margarida de Lacerda, e do irmão, João de Lacerda, com 9 objetos cada. Os restantes elementos oscilam entre um, dois ou três objetos, como se pode ver no gráfico e tabela em anexo⁸⁸⁴. Quanto à proveniência geográfica dos doadores (estamos a falar de um total de 170 doadores em 1959), 150 provêm de Portugal e 20 de países estrangeiros, maioritariamente europeus, com destaque para a França, onde estavam exilados vários artistas portugueses, com 10 doadores, seguindo-se a Espanha, com 8. Um doador provinha do Chile e outro do Estado do Vaticano, respetivamente o Ministro do Chile em Lisboa e o Papa Pio XII⁸⁸⁵. Analisando os doadores provenientes de Portugal, a maioria residia em Lisboa (69, ou seja 40,5% do total geral e 46% para os doadores residentes no país), seguindo-se o Caramulo (21

⁸⁷⁹ *Relação de obras de arte oferecidas em 1953-1954, ob. cit.; Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955, ob. cit.; Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956, Caramulo: Museu do Caramulo, 1956; Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957, ob. cit.; Relação de obras de arte, ob. cit.; conversa da autora com Miguel de Lacerda, no Museu do Caramulo, em 24 de março de 2018.*

⁸⁸⁰ DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 126.

⁸⁸¹ *Idem*, p. 126-127.

⁸⁸² *Ibidem*.

⁸⁸³ *Relação de obras de arte, ob. cit.*, p. 13.

⁸⁸⁴ *Vide* tabela 14, gráfico 7 e gráfico 8, no anexo IV.

⁸⁸⁵ *Vide* tabela 9 e gráfico 3, no anexo IV.

doadores), o Porto (11 doadores) e Tondela (6 doadores). As restantes localidades apresentam números inferiores a 4 doadores⁸⁸⁶. Sessenta e nove provinham do concelho de Lisboa e 37 do de Tondela, seguindo-se o Porto com 16, estando representados, no total, 24 concelhos⁸⁸⁷. No concelho de Tondela, a maioria dos doadores provinha do Caramulo (21 doadores), seguindo-se a sede político-administrativa com 6⁸⁸⁸. Relativamente ao número de objetos doados por cada doador, a maioria doou 1 objeto (113 doadores, ou seja, 66,5% do total), 28 doadores doaram 2 objetos (16,4%), 14 doaram três (8,2%) e 5 doaram 4 objetos (2,9%). Os restantes (10 no total) doaram 5, 6, 7, 8, 9, 10, 14 ou 18 objetos cada⁸⁸⁹. O maior número de objetos doados pertence ao artista plástico Pino della Selva (1904-1987): 2 desenhos e 16 gravuras da sua autoria⁸⁹⁰.

7.4. *Que coleção foi possível constituir?*

A resposta à questão acima parte da confluência dos três pontos anteriores. Foi a ação de Abel de Lacerda, através da JTC e da FMC, que criou uma disponibilidade de doadores e, estes, de objetos que, conjuntamente, formaram uma coleção *ex novo*. A natureza, tipologia e características desta coleção são, por sua vez, determinadas pelos vetores que se seguem. Ao nível dos doadores, são determinadas pela tendência do colecionismo da época e pelo gosto pessoal enquanto colecionadores. Ao nível da força promotora da iniciativa, são influenciadas, desde logo, pela ação de Abel de Lacerda, angariador de doações e organizador de uma rede de colaboradores, fundamental para a localização de obras de arte, para aconselhamento técnico e para consultoria. Outro vetor é a atuação formal da JTC, cujo presidente era Lacerda, para formalizar institucionalmente a criação do museu e capitalizar, por meio de subsídios próprios, o projeto e a aquisição de obras de arte. O último vetor é a atuação do Conselho de Administração da FMC, responsável, enquanto direção do museu, pela seleção dos objetos a integrar na coleção.

Começamos por analisar estatisticamente o movimento de doações entre 1953 e 1959, portanto, desde a fundação do Museu até à inauguração do edifício-sede. Em 1953/1954, deram

⁸⁸⁶ Vide tabela 10 e gráfico 4, no anexo IV.

⁸⁸⁷ Vide a tabela 11 e o gráfico 5, no anexo IV.

⁸⁸⁸ Vide a tabela 12 e o gráfico 6, no anexo IV.

⁸⁸⁹ Vide a tabela 13, no anexo IV.

⁸⁹⁰ *Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955, ob. cit.*, p. 14-15.

entrada 125 objetos⁸⁹¹, cifra que excedeu as expectativas⁸⁹². No ano seguinte, 1954/1955, entraram 64, o que equivalia a «uma nova oferta de 5 em 5 dias», perfazendo um total de 189 objetos⁸⁹³. Segundo os organizadores, estes números excediam «consideravelmente a média registada em qualquer outro museu português»⁸⁹⁴. Para um termo de comparação, em 1953, o número total de objetos doados aos 73 museus públicos nacionais (Portugal continental e ilhas) foi de 2.813 itens⁸⁹⁵ e de 5.327 em 1954⁸⁹⁶. Em 1955/1956, foram doados 51 objetos, número que, embora representasse um ligeiro decréscimo, traduzia-se numa nova oferta por semana, perfazendo um total de 240 objetos⁸⁹⁷. No ano 1956-1957, foram oferecidos 40⁸⁹⁸, elevando o total a 280⁸⁹⁹. Em meados de 1957, altura da morte de Abel de Lacerda, tínhamos, portanto, 155 doadores para 280 obras de arte. Estes números traduzem-se nas seguintes leituras: cada doador doou, em média, 1,8 objetos; 155 doadores doaram um objeto, sendo os restantes objetos, 125, distribuídos por aqueles doadores de forma assimétrica, oscilando o número de objetos oferecidos por um doador entre um, dois, três ou mais. As doações continuaram a registar-se após o fatídico acontecimento, algumas em ressonância do «poder sugestivo de Abel de Lacerda»⁹⁰⁰. Segundo o *Relatório e Contas*, no ano de 1957-1958, registaram-se 20 novas doações, elevando o total a 300 objetos⁹⁰¹. Na Assembleia-Geral de 14 de agosto de 1958, João de Lacerda disse terem sido doados, no mesmo período, 22 objetos⁹⁰², o que permite deduzir que foram recolhidas 2 doações no mês de julho, após o encerramento dos relatórios e das contas para o ano 1957/1958, com início em julho do ano precedente e encerramento em junho do ano corrente. No *Relatório e Contas* de 1959, refere-se que o Museu recebeu, no ano 1958-1959, mais 20 doações, chegando-se às 320 peças⁹⁰³. Analisámos as relações de obras de arte publicadas até 1959 e verificámos que este número será ligeiramente superior: entre 1957 e 1959, foram recebidas 45 novas doações, ao invés das 42, elevando o total de objetos da coleção

⁸⁹¹ *Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955, ob. cit.*, p. 7.

⁸⁹² BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS 185/1: Um museu que se ergue com o esforço coletivo. *Separata [do Museu do Caramulo]*. N.º 9 (27 julho 1953), p. 1.

⁸⁹³ *Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955, ob. cit.*, p. 7.

⁸⁹⁴ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS 185/1: Os progressos do Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 1.

⁸⁹⁵ *Anuário Estatístico 1953*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1954, p. 120.

⁸⁹⁶ *Anuário Estatístico 1954*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1955, p. 122

⁸⁹⁷ *Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956, ob. cit.*, p. 7.

⁸⁹⁸ *Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957, ob. cit.*, p. 7.

⁸⁹⁹ BAFCG, espólio Diogo Macedo, cx. 330, doc. n.º DM330/52: *Relatório e contas 1956-1957, ob. cit.*, p. 3.

⁹⁰⁰ *Idem*, doc. n.º DM330/44: *Relatório e contas 1957-1958, ob. cit.*, p. 1.

⁹⁰¹ *Ibidem*.

⁹⁰² AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da Fundação Abel de Lacerda*, ata n.º 1 de 14 de agosto de 1958, fl. 2.

⁹⁰³ BAFCG, espólio Diogo Macedo, cx. 330, doc. n.º DM330/39: *Relatório e contas: Exercício findo em 30-junho-1959, ob. cit.*, p. 1

para 325⁹⁰⁴. Notámos que houve imprecisão na inventariação, atribuindo-se repetidamente o mesmo número de inventário a peças diferentes⁹⁰⁵.

Porque apresentámos uma lista com os doadores e correspondentes doações em anexo⁹⁰⁶, faremos aqui uma descrição muito sumária deste núcleo genésico, no contexto da qual identificamos as linhas de força que definem a identidade do Museu e lhe conferem representatividade ao nível da História de Arte nacional e internacional. Atentemos nas categorias representadas: arqueologia, pintura (antiga, contemporânea e moderna), escultura (também antiga, contemporânea e moderna), cerâmica (antiga e moderna), mobiliário, tapeçaria (antiga e moderna), têxteis, ourivesaria, vidraria e utilitários⁹⁰⁷. Relativamente às obras de arte portuguesas, destacam-se as esculturas da Escola de Coimbra (séculos XV-XVI), de Machado Castro (1731-1822), de Salvador Barata Foyo (1899-1990), de Leopoldo de Almeida (1898-1975) e de Ernesto Canto da Maya (1890-1981). Na pintura e no desenho, o destaque vai para Vasco Fernandes (1475-1542), Francisco Vieira Lusitano (1699-1783), Domingos Sequeira (1768-1837), António Silva Porto (1850-1893), António Teixeira Lopes (1866-1942), Eduardo Malta (1900-1967), Henrique Medina (1901-1988), entre outros⁹⁰⁸. No referente às artes decorativas, o Museu integra quatro tapeçarias manuelinas, do 1º quartel do século XVI, feitas em Tournai, ditas «À Maneira de Portugal e da Índia»; vários objetos de ourivesaria produzidos entre os séculos XVI-XVIII; mobiliário nacional em estilo indo-português, do século XVI e XIX, assim como no estilo D. João V e D. Maria; alguns objetos em vidro dos séculos XVIII e XIX e, finalmente, dezenas de porcelanas da Companhia das Índias (século XVI-XVIII) e cerâmica dos séculos XVII a XIX⁹⁰⁹. O núcleo de arqueologia, muito modesto nesta altura, foi constituído por objetos de pedra polida do neolítico e por objetos da época romana⁹¹⁰. Internacionalmente, integra pinturas da Escola Castelhana (século XV), da Escola Italiana (século XV-XVI), de Franz Pourbus (1570-1622), da Escola de Córdova (século XVII), de

⁹⁰⁴ Vide tabela 15 e gráfico 9, no anexo IV, onde estes dados são sistematizados.

⁹⁰⁵ Por exemplo, o n.º 151 foi atribuído, na *Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955*, a um pote inglês tipo Delft e, na *Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957*, a uma cerâmica mexicana pré-colombiana; o n.º 227 foi atribuído, na *Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956*, a um azulejo catalão do século XVII-XVIII e, na *Relação de obras de arte*, publicada em 1959, foi atribuído ao desenho *Nu* de Domenico Pellegrini; o n.º 294 foi atribuído, na *Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957*, à escultura *Bagneuse*, de Leopoldo de Almeida e, na *Relação de obras de arte*, publicada em 1959, a um prato de cerâmica de Jean Lurçat (*Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955, ob. cit.*, p. 18; *Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956, ob. cit.*, p. 20; *Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957, ob. cit.*, p. 11,16; *Relação de obras de arte, ob. cit.*, p. 26, 39).

⁹⁰⁶ Vide documento 8, no anexo II.

⁹⁰⁷ GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord., *ob. cit.*.

⁹⁰⁸ *Relação de obras de arte, ob. cit.*, p. 15-22, 25-26.

⁹⁰⁹ *Idem*, p. 27-48.

⁹¹⁰ *Idem*, p. 49-50.

Adriaen Isebrandt (1490-1591), de Hyacinthe Rigaud (1659-1743), de Luís Paret y Alcazar (1746-1799), de Henry Pickering (1720-1770), de Eduardo Rosales (1836-1873), de Daniel Zuloaga (1852-1921), de Pablo Picasso (1881-1973), de Salvador Dalí (1904-1989), entre outros⁹¹¹. Ao nível da escultura, sobressai Josep Cañas (1905-2001) e, nos têxteis, Jean Lurçat (1892-1966), com a sua tapeçaria modernista⁹¹². Integra ainda mobiliário francês, em estilo Luís XVI, e cerâmicas, cronologicamente situadas entre os séculos XVII e XX e produzidas na Itália, com destaque para a Fábrica de Savona, na Espanha, com predomínio da faiança de Talavera de la Reina, nos Países Baixos, em Delft, sobretudo, e na França, sobressaindo as cerâmicas de autor, nomeadamente de Picasso, Lurçat e Marc Chagall (1887-1985)⁹¹³.

A abrangência cronológica do núcleo genésico da coleção é, portanto, ampla, indo do neolítico a meados dos anos 50 do século XX, assim como a abrangência geográfica: regional, nacional e internacional (Europa e Ásia, sobretudo)⁹¹⁴. Neste sentido, constitui-se como uma «coleção-museu», espécie de antologia da História da Arte, pela amplitude da sua abrangência, distanciando-se da coleção especializada, representativa de uma temática ou tendência artística⁹¹⁵. Quantitativamente, os objetos mais doados enquadram-se na categoria cerâmica, seja no referente a um ano específico, seja no conjunto, perfazendo, até 1959, um total de 125 itens⁹¹⁶. Segue-se a categoria pintura, desenhos e gravuras, com um total de 79 obras doadas até 1959, e a escultura, com 44⁹¹⁷. As restantes categorias (arqueologia, ourivesaria, vidraria, mobiliário, têxteis, tapeçaria e utilitários) estão próximas entre si, oscilando entre 13 e 18 objetos doados de 1953 a 1959⁹¹⁸.

Considerando, como Susan Pearce, que tipologicamente há coleções memória, coleções obsessivas e coleções sistemáticas⁹¹⁹, a do Caramulo é uma coleção sistemática. A coleção memória remete para objetos que adquirem unidade a partir da associação com uma pessoa ou um conjunto de pessoas ligadas por laços familiares e respetivas vidas⁹²⁰. A coleção obsessiva resulta da aquisição cumulativa de objetos do mesmo tipo sem sistematização ou criação de

⁹¹¹ *Idem*, p. 15-22, 25-26

⁹¹² *Idem*, p. 17, 48.

⁹¹³ *Idem*, p. 27-48.

⁹¹⁴ *Ibidem*, p. 15-50.

⁹¹⁵ DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 128.

⁹¹⁶ *Relação de obras de arte oferecidas em 1953-1954, ob. cit.*, p. 9-30; *Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955, ob. cit.*, p. 11-24; *Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956, ob. cit.*, p. 11-22; *Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957, ob. cit.*, p. 11-20; *Relação d obras de arte, ob. cit.*, p. 15-50

⁹¹⁷ *Ibidem*.

⁹¹⁸ *Ibidem*. Vide tabela 16, gráfico 10 e gráfico 11, no anexo IV.

⁹¹⁹ PEARCE, Susan – Collecting reconsidered. In PEARCE, Susan, ed. – *Interpreting objects and collection, ob. cit.*, p. 193- 204.

⁹²⁰ *Idem*, p. 195.

significado a partir da nova recontextualização dada pela coleção⁹²¹. As coleções sistemáticas distinguem-se das anteriores porque a inclusão de um objeto depende da sua avaliação como testemunho mais ou menos significativo do seu contexto inicial do ponto de vista histórico, artístico ou estético⁹²². Estas coleções pressupõem a ideia de completude, na medida em que os objetos são selecionados como exemplos representativos da sua categoria, e são criadas a partir de um ato intelectual ativo que se manifesta na construção de agrupamentos de objetos e de relações entre eles através de uma manipulação implícita destinada a comunicar um modelo de pensamento⁹²³. Esta característica atribui ao curador um papel central, pelo trabalho de seleção e de racionalização da coleção, tornando-a apta para ser exibida publicamente⁹²⁴.

De facto, a ação de Lacerda, enquanto selecionador e criador de significado, e dos seus colaboradores mais diretos, como Luís Reis Santos e João Couto, foi fundamental para definir a personalidade da coleção do Museu do Caramulo, constituída por múltiplos fragmentos de outras coleções articulados entre si, e capacitá-la para ser exibida publicamente num novo discurso de cariz museológico⁹²⁵. Se um conjunto de objetos é considerado coleção quando estes apresentam uma relação entre si, na qual o seu valor predominante é representativo ou representacional⁹²⁶, na coleção do Museu do Caramulo, os objetos representam o gosto burguês da primeira metade do século XX, com objetos cujo valor era socialmente reconhecido. Representa, portanto, as tendências gerais que marcaram o colecionismo, o mercado da arte e as coleções privadas durante o Estado Novo ao nível das preferências tipológicas, sistematizadas como segue: a) pintura figurativa, de paisagem ou retrato produzida entre meados do século XIX e o primeiro terço do século XX; b) mobiliário antigo, especialmente produzido entre os meados do século XVIII e o início do século XIX, no estilo D. João V, D. José, D. Maria e indo-português; c) ourivesaria portuguesa produzida entre o reinado de D. José e o fim da Monarquia; d) porcelana chinesa da dinastia Ming (século XVI) e da dinastia Qing (século XVII-XVIII) e, por fim, e) artes decorativas luso-asiáticas produzidas na região do Índico entre o século XVI e XVIII⁹²⁷. A coleção privada de Abel de Lacerda, de onde provieram vários objetos do espólio do Museu, enquadra-se nesta sistematização⁹²⁸, assim como as de

⁹²¹ *Idem*, p. 197, 200-201.

⁹²² *Idem*, p. 201.

⁹²³ *Idem*, p. 201-202.

⁹²⁴ *Ibidem*.

⁹²⁵ Cf. PEARCE, Susan M. – The urge to collect. In PEARCE, Susan, ed. – *Interpreting objects and collection*, *ob. cit.*, p. 158.

⁹²⁶ *Idem*, p. 157

⁹²⁷ AFONSO, Luís Urbano, *art. cit.*, p. 10.

⁹²⁸ QUILHÓ, Irene, *art. cit.*.

outros colecionadores-doadores de renome, nomeadamente, Ernesto Vilhena, Anastácio Gonçalves, António Medeiros e Almeida e Ricardo Espírito Santo e Silva⁹²⁹.

O núcleo de objetos produzidos no Oriente ou com alusões à presença portuguesa na região é um forte traço identitário da coleção do Caramulo. Lembramos que, em meados dos anos 1950, quando a presença de Portugal no território indiano foi contestada pelo Governo de Jawaharlal Nehru, estes objetos ganharam uma forte conotação política pelo profundo significado nacional que possuíam, dado evocarem as históricas relações entre Portugal e a região. Por essa razão, foi realizada, no SNI, a exposição «Portugal e o Oriente» (1957), onde se apresentava aquele núcleo ao público, então enriquecido com objetos raros e importantes para o estudo das primeiras encomendas europeias de cerâmicas feitas na China⁹³⁰. Entre eles contava-se a garrafa de Jorge Álvares e o prato brasonado dos Melos e Almeidas, dois exemplares de porcelana da Companhia das Índias fabricados no século XVI, sob a dinastia Ming⁹³¹. Com efeito, Portugal é «o único país da Europa capaz de apresentar documentos de arte oriental por ele influenciada ao tempo da histórica dinastia Ming», porquanto foi o primeiro a chegar ao Índico por mar, a estabelecer feitorias no Oriente e a contactar com a milenária civilização chinesa⁹³². Também integradas no núcleo oriental estão as quatro tapeçarias manuelinas produzidas em Tournai, no século XVI, evocativas das primeiras viagens dos portugueses à Índia⁹³³. O *Times* descreveu-as como soberbas⁹³⁴ e, de facto, são-no. Pela sua beleza e por serem um testemunho do «impacto cultural e psicológico causado pela chegada à Índia», simultaneamente de espanto, de apreensão e de integração de novos conhecimentos⁹³⁵.

⁹²⁹ Cf. CARVALHO, Maria João Vilhena de, *ob. cit.*; RIBEIRO, José Alberto, coord. – *Coleccionar para a Res Publica: O legado Dr. Anastácio Gonçalves (1888-1965)*. Lisboa: Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2010; MAYER, Maria de Lima, *ob. cit.*; SILVA, Maria João Bustorff, coord., *ob. cit.*

⁹³⁰ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS 185/1: Porcelana da China com motivos portugueses. *Boletim*. N.º 58 (31 maio 1956), p. 1.

⁹³¹ *Ibidem*. A garrafa ostenta a inscrição em português «Nisto mandou fazer Jorge Alvez Reina a Era de 1552». Este Jorge Álvares foi capitão de navios, comerciante e amigo de São Francisco Xavier. Foi também um dos impulsionadores do contrabando inter-regional aquando da proibição régia do comércio entre Portugal e a China, entre 1522 e 1554, atividade cuja existência a garrafa documenta. Na base, lê-se a divisa, em mandarim, «que infinitas felicidades acompanhem todos os teus negócios». Conhecem-se apenas seis exemplares semelhantes, dispersos por coleções à volta do mundo, um dos quais no Victoria & Albert Museum, em Londres. O prato brasonado dos Melos e Almeidas é um dos três objetos conhecidos do século XVI que ostentam brasões portugueses. Os restantes são uma cafeteira com esfera armilar, que, em 1956, pertencia à coleção do arquiteto José Cortez, e um prato brasonado dos Albuquerque, integrado na coleção do MNAA (*ibidem*; SANTOS, Luís Reis – Garrafas chinesas de Jorge Álvares. *Belas-Artes. Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*. Lisboa. 2ª Série, n.º 18 (1962), p. 59-69; COSTA, Ana Rita Horta e – Prato. In GOUVEIA, Madalena Lacerda, *ob. cit.*, p. 75; COSTA, Ana Rita Horta e – Garrafa. In GOUVEIA, Madalena Lacerda, *ob. cit.*, p. 77).

⁹³² BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS 185/1: Porcelana da China, *ob. cit.*, p. 1.

⁹³³ QUINA, Maria Antónia Gentil, *À maneira de Portugal e da Índia*, *ob. cit.*; QUINA, Mária Antónia Gentil, Tapeçaria «Portugueses na Índia», *art. cit.*, p. 165-169.

⁹³⁴ *Idem*, fl. 50: Museum founder's death in crash. *The Times*. (9 julho 1957).

⁹³⁵ QUINA, Mária Antónia Gentil, Tapeçarias. In GOUVEIA, Madalena Lacerda, *ob. cit.*, p. 164. À imprensa, Abel de Lacerda explicou que foram produzidas sob o fascínio do contacto com mundos estranhos, daí

A coleção do Museu do Caramulo não representa apenas o gosto burguês da primeira metade do século XX. Representa também o pensamento cultural das elites em meados do mesmo século nas suas orientações dicotómicas entre modernidade e tradição ao colocar, lado a lado, obras de arte antiga e de arqueologia com obras de arte contemporâneas e modernas. Abel de Lacerda, ao tentar cobrir a evolução de obras de arte ao longo do tempo, dos clássicos aos coevos, cria uma coleção diferente no panorama dominante. Apresenta, desta forma, um conjunto interrelacionado de objetos diferenciados que lhe conferem simultaneamente um significado de sincretismo, de modernidade e de ineditismo e uma função de divulgação e de educação do sentido estético⁹³⁶. Como está registado num dos boletins do Museu do Caramulo, o seu espólio é um «espelho dos anseios» e das «coleções particulares», dando guarida tanto «à inquietação do presente como à certeza do passado, através de manifestações artísticas sempre definidoras do seu tempo»⁹³⁷. Eis porque a par do anúncio de ofertas de obras de arte de autores «escandalosamente» modernos, como Pablo Picasso, Salvador Dalí, Raoul Dufy, Marc Chagall ou Jean Lurçat, se registou, «com igual prazer», a oferta de obras de arte dos séculos XV ao XIX⁹³⁸, transmitindo os valores legitimados da tradição e adquirindo uma componente de vanguarda, de paradigma emergente. Com efeito, se o Museu alinhou com a Europa, onde o colecionismo de arte moderna, privado e público, teve um grande desenvolvimento após a II Guerra Mundial, em Portugal, o ambiente geral foi de desinteresse, pontuado apenas por alguns casos de exceção⁹³⁹. Neste contexto, ao sincronizar os diferentes tempos, buscando o passado e acompanhando o presente, conquistou para si uma prerrogativa definidora assente na confrontação de realidades através de obras de arte de universos diferenciados no mesmo espaço de exibição⁹⁴⁰.

representarem animais exóticos (camelos, elefantes e pássaros), seres místicos, escravos e figuras enigmáticas que não pareciam nem rajás nem oficiais portugueses (APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 43/v: L. A., *art. cit.*, p. 4).

⁹³⁶ Cf. PEARCE, Susan M., *The urge to collect*, *art. cit.*, p. 158 e 163.

⁹³⁷ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS 185/1: Museu do Caramulo. *Boletim*. N.º 51 (301 outubro 1955), p. 1.

⁹³⁸ BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS 185/1: Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 1.

⁹³⁹ DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 89, 94 e 97. No MNAC, Diogo Macedo, enquanto diretor (1944-1959), introduziu, no imperante gosto naturalista oitocentista da coleção, obras de nomes destacados da modernidade portuguesa, como Abel Manta, Dórdio Gomes, Eduardo Viana e Mário Eloy. Adquiriu ainda obras modernistas nacionais de autores como Júlio Pomar, Vespeira, Vieira da Silva, entre outros, sendo as únicas obras de vanguarda que entraram então em coleções do Estado. Outras exceções, a nível particular na segunda metade de novecentos, foram Augusto de Abreu, Manuel Vinhas e Jorge de Brito. Só, em 1983 surgiu o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, o primeiro grande museu do género em Portugal (*ibidem*, p. 73-74, 145-147; 177; FRANÇA, José-Augusto – *A arte em Portugal no século XX (1911-1961)*. 4ª Ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2009, p. 325-334; PEREIRA, Fernando A. Baptista, *ob. cit.*, p. 197; SANTOS, Armando Vieira – *Coleções particulares*. In CHICÓ, Mário Tavares; SANTOS, Armando Vieira; FRANÇA, José-Augusto, *ob. cit.*, p. 90).

⁹⁴⁰ Cf. MOREIRA, Isabel M. Martins, *ob. cit.*, p. 34.

Assim sendo, a coleção de arte contemporânea, em especial o núcleo de arte moderna, produzido até meados dos anos 50 do século XX e revelador do cubismo, do fauvismo, do surrealismo, do modernismo, do expressionismo, do abstracionismo e da *arte déco*, expressa as complexas vias artísticas da contemporaneidade e enfatiza a orientação sincrética e vanguardista do Museu do Caramulo⁹⁴¹. É constituído por obras que abarcam não só a pintura e a escultura, géneros mais correntes, mas também a tapeçaria e a cerâmica. É um núcleo com valor histórico e artístico pelos nomes representados, nacionais e internacionais, e é, surpreendentemente, numeroso se considerado o gosto conservador que imperava na sociedade portuguesa: 81 obras de arte, o que corresponde a 24,9% do total dos objetos incorporados até meados de 1959, sobressaindo a categoria pintura e desenho, com 48 objetos, seguindo-se a cerâmica, com 18, e a escultura, com 14⁹⁴². Na pintura, no desenho e na gravura, indicamos como exemplos: a *Natureza Morta* (1947), de Pablo Picasso; o *Cavaleiro Romano na Ibéria* (1954), de Salvador Dalí; o *Modelo no atelier* (1942), de Raoul Dufy; a *Cidade das Torres* (1956) e *Paliçada* (1956), de Maria Helena Vieira da Silva; o guache *Cabeça de Galo* (1956), de Jean Lurçat; a *Catedral* (s. d.), de Bosco; a *Morte do Cavalo* (s. d.), de Francisco Arias; *As duas irmãs* (1914), de Eduardo Viana; o *Pierrot* (1944), de António Soares, ou a *Aliança Luso-Britânica* (1953), de Graham Sutherland⁹⁴³. Na escultura, exemplificamos com a *Cabeça de Tarahumana*, de Josep Cañas, a *Maternidade* (1955) e *Meditação* (1955), de José Clara⁹⁴⁴. Na cerâmica, mencionamos a jarra de Hansi Stäel, peça única; o prato de Theodora Zuloaga; a jarra *Forma de Mulher* (1948), de Pablo Picasso; a jarra de cerâmica de Hein Semke; as duas jarras de Lores Artigas, de 1952 e 1953; a travessa *Leda e o Cisne* (1950), de Marc Chagall; as cerâmicas e a placa toponímica com o nome Jean Lurçat (1957)⁹⁴⁵, da sua autoria; o pote de faiança de Maurice de Vlaminck ou a travessa de Júlio Pomar (1956)⁹⁴⁶. Referimos ainda a tapeçaria de Jean Lurçat, intitulada *La Mare aux Étoiles* (1955)⁹⁴⁷. Olhando os doadores deste núcleo, verificamos que constituem três grupos: a) empresas, propensas a atos de arrojo com

⁹⁴¹ Cf. SANTOS, Rui Afonso – Arte contemporânea (Séculos XIX-XX). In GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord., *ob. cit.*, p. 202-203.

⁹⁴² Vide tabela 17 e gráfico 12, no anexo IV.

⁹⁴³ *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 19-26. Vide também GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord., *ob. cit.*, p. 202-245.

⁹⁴⁴ *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 17.

⁹⁴⁵ A placa destinava-se a dar cumprimento ao projeto de Abel de Lacerda de dar nomes de artistas vivos às ruas próximas do museu. Leopoldo de Almeida, Georges Braque e Josep Cañas também fizeram as suas (GOUVEIA, Madalena Lacerda, *ob. cit.*, p. 204-205)

⁹⁴⁶ *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 29-40. Vide também GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord., *ob. cit.*, p. 216, 227, 234, 236, 242.

⁹⁴⁷ *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 48; GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord., *ob. cit.*, p. 246.

contenção financeira (lembramos que os artistas emergentes eram mais acessíveis)⁹⁴⁸; b) colecionadores particulares de gostos irreverentes, entre os quais se conta João de Lacerda, dono de um gosto moderno também expressado no automobilismo⁹⁴⁹, e c) artistas que doaram as próprias obras, como Picasso ou Dalí.

⁹⁴⁸ Por exemplo, a Sociedade do Caramulo doou uma jarra de cerâmica de Hein Semke, duas jarras de Lores Artigas e a travessa «Leda e o Cisne» de Marc Chagall. A SONAP doou a tapeçaria «La Mare aux Étoiles», de Jean Lurçat, a SECLA a jarra de Hansi Stäel e a Shell Portuguesa a escultura «Cabeça de Tarahumana», de Josep Cañas. Luís Reis Santos, a propósito da doação desta obra de arte, premiada na Bienal de Barcelona de 1956, sublinhou a missão social que as empresas portuguesas deviam assumir através do mecenato cultural (*Relação de obras de arte, ob. cit.*, p. 17, 29, 31, 36, 38, 48; SANTOS, Luís Reis, A propósito do Museu do Caramulo, *art. cit.*, p. 1).

⁹⁴⁹ João Lacerda doou a tela «Modelo no atelier» (1942), de Raoul Dufy; a escultura «Maternidade» (1955), de José Clará; a jarra de cerâmica «Forma de Mulher» (1948), de Pablo Picasso, e o pote de faiança de Maurice de Vlaminck (*Relação de obras de arte, ob. cit.*, p. 17, 22, 38, 39).

8. A continuidade: um museu de arte e do automóvel

A visão de Abel de Lacerda para o Caramulo e para o Museu está intimamente ligada com a ideia de continuidade e esta com a noção de validade e de reconhecimento na medida em que foi prosseguida não pelo próprio, devido à sua «morte cruel e prematura», para citar Azeredo Perdigão⁹⁵⁰, mas pelos prossecutores, à frente dos quais se posicionou o irmão, João de Lacerda, e a família. Foi, contudo, uma continuidade evolutiva para acomodar os gostos e a visão de João de Lacerda, sob cuja orientação o âmbito inicial da coleção foi alargado para acolher um património industrial constituído por automóveis, velocípedes e motociclos antigos, procedente da sua coleção particular e da de terceiros. Este núcleo esteve em exibição nas galerias do rés-do-chão do edifício-sede do Museu até 1970, altura em que foi instalado num edifício próprio. Também neste sector, a instituição revelou ineditismo no contexto museológico nacional.

O «brutal desaparecimento» de Abel ocorreu num acidente de viação, a 7 de julho de 1957⁹⁵¹. Pela idade com que partiu (36 anos), pela forma como aconteceu⁹⁵², pela obra que desenvolveu na ESC, pela ação na Assembleia Nacional, pela sua gesta em prol do património e das Artes, pela sua personalidade amável e gentil e pela posição de relevo que alcançou, prometendo grandes feitos, a notícia do falecimento causou profunda consternação geral⁹⁵³. O acontecimento foi noticiado na Emissora Nacional e na imprensa nacional, ultramarina e internacional⁹⁵⁴. Disse-se na altura, que, pela «projeção que estavam a ter a sua vida e a sua carreira», a sua perda tinha um «caráter nacional»⁹⁵⁵. No funeral estiveram presentes altas individualidades políticas, civis, militares, religiosas, do sector económico e do mundo das artes e da cultura, a par de várias dezenas de populares⁹⁵⁶.

⁹⁵⁰ AFCG, fundo FCG, cota FCG-SBA00547: carta de 22 de junho de 1959, José de Azeredo Perdigão a Maria Margarida de Lacerda.

⁹⁵¹ APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 46: Morreu o deputado Dr. Abel de Lacerda, *art. cit.*

⁹⁵² O automóvel em que seguia com o irmão foi abalroado por uma automotora, numa passagem de nível sem guarda, perto de Águeda (*ibidem*).

⁹⁵³ *Ibidem; idem*, fl. 47/v: C. – Num impressionante desastre de viação perdeu ontem a vida o Sr. Dr. Abel Lacerda. *Diário de Coimbra* (8 julho 1957), p. 1; *idem*, fl. 48: Uma automotora colheu violentamente um automóvel morrendo no brutal desastre o Dr. Abel de Lacerda. *Jornal de Notícias*. (8 julho 1957), p. 2.

⁹⁵⁴ *Idem*, fl. 53: Na morte do Dr. Abel de Lacerda. *Correio dos Açores*. (10 julho 1957).

⁹⁵⁵ *Idem*, fl. 46/v: Morreu do Dr. Abel de Lacerda. *Diário Popular*. (8 julho 1957).

⁹⁵⁶ Mais de 300 carros e camionetas, vindos de todo o país, trouxeram centenas de homenageantes, facto impressionante porque o funeral aconteceu no dia seguinte ao falecimento. Para além dos funcionários da ESC e da população local, estiveram presentes os ministros do Interior, da Presidência e da Defesa Nacional, vários deputados, o presidente da Assembleia Nacional, os presidentes das câmaras dos concelhos circundantes, os governadores civis de Viseu, do Porto e de Aveiro, o diretor-geral do IANT, o presidente do Grémio Nacional da Imprensa Diária, representantes de grandes empresas e bancos, como a Companhia Nacional de Navegação ou o Banco Espírito Santo, Bissaya Barreto, Azeredo Perdigão, Reynaldo dos Santos, Luís Reis Santos, Guilherme Possolo, os pintores Artur Portela Júnior e Eduardo Malta, *inter alia*. A presença de figuras ilustres verificou-se

O momento marcante da cerimónia foi a declaração solene de Azeredo Perdigão, feita em nome dos presentes, no momento em que o cortejo fúnebre se deteve defronte do edifício do museu em construção, com a qual se assumiu o compromisso de dar continuidade à obra de Lacerda⁹⁵⁷. Julgamos não errar quando afirmamos que terá sido uma forma de pressão destinada a mobilizar a colaboração geral. Segundo Manuel Vinhas, Abel falecido, a ideia geral foi que o projeto museológico morrera com ele porque ninguém tinha a combinação das suas qualidades: um «entusiasmo ardente», «o conhecimento perfeito dos fins», a «alegria comunicativa», a «generosidade no doar», o «espírito de colecionador», a «definição rígida de princípios» e, muito importante, um «ritmo acelerado»⁹⁵⁸. Contudo, se o sonho era demasiado grande para ser continuado por outros, era, simultaneamente, demasiado elevado para se deixar cair, facto que mobilizou a família, os amigos e os doadores para continuar a obra do Museu, considerada como a melhor homenagem à memória do Fundador⁹⁵⁹. João de Lacerda tomou o lugar do irmão como Administrador-Delegado da FMC⁹⁶⁰. O próprio admitiu que nunca vivera «o sonho do Museu do Caramulo» até ao momento em que sentiu ser «imperativo de consciência emprestar à obra do Abel aquele entusiasmo que ele já não podia dar»⁹⁶¹.

Como Administrador-Delegado, a sua ação centrou-se na revisão dos estatutos da Fundação Museu do Caramulo a fim de dar-lhe uma maior amplitude legal de atuação e uma nova designação – Fundação Abel de Lacerda (FAL) –, em homenagem ao Fundador. Os novos estatutos foram aprovados pelo Ministro da Educação, a 17 de fevereiro de 1958, sendo a FAL oficialmente reconhecida pelo Estado português como uma entidade particular de utilidade pública com fins artísticos e educativos⁹⁶². Simultaneamente, João de Lacerda limitou a amplitude do projeto museológico e os empréstimos financeiros contraídos por Abel para a sua

também nas missas de sufrágio encomendadas pela família e por um grupo de antiquários amigos, em Lisboa (*idem*, fl. 52/v: C. – Mais de 10 mil pessoas incorporaram-se no préstito do Dr. Abel de Lacerda. *Diário de Coimbra*. (9 julho 1957); *idem*, fl. 50: Centenas de pessoas foram ao Caramulo tomar parte no funeral do Dr. Abel de Lacerda. *Diário de Lisboa* (8 julho 1957); *idem*, fl. 66: Homenagem à memória do Dr. Abel de Lacerda. *Diário de Notícias*. (8 agosto 1957); *idem*: Sufrágios. *Diário de Notícias*. (6 agosto 1957).

⁹⁵⁷ Transcreve-se a declaração de Azeredo Perdigão: «Estão aqui os despojos mortais do amigo. É só a matéria. Mas seria bem pouco se não víssemos mais alguma coisa. Paire aqui o imponderável mais alto, o espírito, a alma humana – espírito que enforma o que os nossos olhos podem contemplar e cuja obra-prima é o Museu do Caramulo, obra de um poeta. Os despojos de Abel de Lacerda dentro de pouco tempo ficarão no cemitério desta terra tão linda do Caramulo, mas alguma coisa há-de ficar dele. Que todos nós façamos aqui como que o juramento para contribuirmos para que esta obra continue e se complete. Nós prometemos que esta obra de espírito, esta obra de beleza há-de acabar-se, por nossa fé» (*idem*, fl. 50/v: *apud* No funeral do Dr. Abel de Lacerda incorporaram-se milhares de pessoas. *Diário de Notícias*. (9 julho 1957)).

⁹⁵⁸ VINHAS, Manuel – O sonho de um homem, *art. cit.*, p. 1

⁹⁵⁹ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 6, de 6 de agosto de 1957, p. 14.

⁹⁶⁰ *Idem*, p. 17.

⁹⁶¹ BAFCG, fundo LRS, cx. 149, doc. n.º RS 149 /3, carta de 16 de janeiro de 1958, João de Lacerda a Luís Reis Santos, fl. 1.

⁹⁶² *Estatutos da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda, 1963, p. 1, 2 e 9.

concretização, como já referimos no ponto 6.3 e 6.4, com o intuito de equilibrar as finanças da Fundação⁹⁶³. Não obstante, a maior parte das ideias de Abel, conhecidas dos seus familiares e amigos mais próximos, foram executadas⁹⁶⁴.

Relativamente à coleção, a ação de João de Lacerda centrou-se no aumento do número de objetos, mantendo o nível de qualidade estabelecido pelo irmão, e de doadores⁹⁶⁵. Nas artes plásticas, incorporaram-se trabalhos de diversos artistas, modernos e antigos, como Frei Carlos (?-1540), Quinten Metsys (1466-1530), Fernand Léger (1881-1955), Amadeo de Souza Cardoso (1887-1918), Jean Miró (1893-1983), Eduardo Nery (1938-2013), entre outros⁹⁶⁶. O núcleo de arqueologia teve um grande crescimento com as doações de Sam Levy⁹⁶⁷. Dos novos doadores, e para além deste, destacamos o rei deposto de Itália, Humberto de Saboia, exilado em Portugal desde a implantação da República em Itália (1946)⁹⁶⁸, o Presidente do Conselho António de Oliveira Salazar⁹⁶⁹, Maria Amélia Vilhena, esposa de Ernesto Vilhena⁹⁷⁰, António Champalimaud⁹⁷¹, *inter alia*.

O Museu do Caramulo conseguiu manter vivo o interesse pela sua coleção, dentro e fora de fronteiras. Pouco depois da inauguração do edifício-sede, em 1959, a revista *Connaissance des Arts*, editada em Paris desde 1952, fez uma reportagem sobre a instituição, mandando ao Caramulo um repórter fotográfico, e, no início dos anos 1990, a Rádio Televisão Portuguesa e a Televisão Belga de Língua Francesa incluíram-na na série de documentários sobre o património português, produzida conjuntamente e emitida em Portugal e na Bélgica⁹⁷². O Museu manteve ainda uma política de empréstimos com diversas instituições nacionais e

⁹⁶³ VELOSO, José Barros, *ob. cit.*, p. 125.

⁹⁶⁴ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 10 de novembro de 2018.

⁹⁶⁵ AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da FAL*, ata n.º 3 de 22 de julho de 1960, fl. 6.

⁹⁶⁶ GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord., *ob. cit.*, p. 202-245.

⁹⁶⁷ Sam Levy doou um conjunto numeroso de estatuária em terracota e de cerâmica da Grécia Antiga (século IV a I a.C.), unguentários romanos em vidro (século I-II) e cerâmicas romanas e objetos egípcios e do Médio Oriente (*idem*, p. 10-23).

⁹⁶⁸ Humberto de Saboia visitou o museu em 1960, a convite de João de Lacerda, tendo ainda presidido honorariamente à reunião da Assembleia-Geral da FAL de 28 de julho de 1961. Doou um pote de faiança de Castel-Durante (século XVI) e uma taça esmaltada de origem veneziana (século XV) (C. – Museu do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1854 (10 julho 1960), p. 2; AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da FAL*, ata n.º 4 de 28 de julho de 1961, fl. 7; *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, 1971, p. 40, 55).

⁹⁶⁹ Em 1970, Oliveira Salazar doou o quadro *São Bernardino de Siena*, de Quinten Metsijs, cumprindo a promessa feita a Abel de Lacerda. O quadro foi-lhe oferecido por Ricardo Espírito Santo Silva (*idem*, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 18, de 4 de julho de 1970, p. 51).

⁹⁷⁰ Maria Amélia Vilhena doou as esculturas em madeira *Nossa Senhora do Calvário* e *São João Evangelista*, ambas do século XII-XIII, e uma placa de alabastro inglesa, representando o Calvário (século XIV) (*Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, 1971, p. 19).

⁹⁷¹ Champalimaud doou a pintura *São Jerónimo*, de Frei Carlos, considerada a melhor obra do autor e uma das mais belas da sua época (C. – Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1903 (18 junho 1961), p. 2).

⁹⁷² AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da FAL*, ata n.º 2 de 28 de julho de 1959, fl. 4; *idem*, ata n.º 126 de 1 de julho de 1991, fl. 35/v

internacionais, sobretudo articulada em torno do núcleo de arte moderna e do espólio representativo da presença portuguesa no Oriente, aos quais já aludimos no ponto 7.4. Foi o caso, por exemplo, das tapeçarias «À Maneira de Portugal e da Índia» cedidas à exposição «Henri le Navigateur», realizada em Bruxelas, por iniciativa do grupo Les Amis du Portugal, no âmbito das Comemorações Henriquinas (1960)⁹⁷³, assim como um cofre indo-português para a Exposição de Osaka, no Japão, em 1970⁹⁷⁴. Participou ainda na «XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura» (Lisboa, 7 de maio a 7 de Outubro de 1983), dedicada ao tema «Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento»⁹⁷⁵. No referente ao núcleo de arte moderna, cedeu obras para a exposição promovida pela Alliance Française, em Lisboa, inaugurada a 17 de janeiro de 1984⁹⁷⁶.

Neste contexto de reconhecimento da coleção de arte, a inclusão do núcleo de veículos antigos representa a marca de João de Lacerda enquanto gosto pessoal e a área de manifestação dos seus conhecimentos especializados. A inserção aconteceu após a inauguração do edifício-sede, 1959, em cujas galerias do rés-do-chão expôs alguns automóveis da sua coleção privada⁹⁷⁷. Esta situação manteve-se até 1970, altura em que a mesma foi instalada num edifício construído de raiz para funcionar como museu de transportes rodoviários, dotado com áreas amplas para albergar bens culturais de grande dimensão e com entradas circuláveis ao nível do rés-do-chão para a saída/entrada dos veículos, essencial para efetuar os percursos de manutenção da mecânica. Notemos que Lacerda optou por separar juridicamente a coleção de arte da coleção de veículos, designando-a por Museu do Automóvel do Caramulo (1970), o primeiro criado em Portugal⁹⁷⁸. Com efeito, considerando ilógico mesclar as duas coleções, devido à diferente tipologia, optou por instituir o Museu do Automóvel sob a tutela da JTC, proprietária igualmente do novo edifício⁹⁷⁹. Julgamos, no entanto, que há proximidade entre ambas, opinião que partilhamos com Salvador Patrício Gouveia, neto de João Lacerda. A mecânica é a «alma de um automóvel» e, neste sentido, a sua conceção e funcionamento podem

⁹⁷³ Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1819 (8 novembro 1959), 1819, p. 2.

⁹⁷⁴ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 13, de 22 de março de 1969, p. 37.

⁹⁷⁵ *Idem*, *Livro de Atas do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal da FAL*, ata n.º 45 de 16 de fevereiro de 1983, fl. 4; *idem*, ata n.º 46 de 24 de agosto de 1983, fl. 6/v.

⁹⁷⁶ *Idem*, ata n.º 53 de 21 de janeiro de 1984, fl. 11, *idem*: ata n.º 59 de 10 de julho de 1984, fl. 16/v.

⁹⁷⁷ BARROS, Pedro Corrêa de, *art. cit.*, p. 4. Vide fotografia 46, no anexo V.

⁹⁷⁸ VELOSO, José Barros, *ob. cit.*, p. 125. No início dos anos 1970, existiam pouco mais de 60 museus no mundo (GAUDIOSO, Júlio César – *De Carros, Motores & Emoções: Museu do Automobilismo Brasileiro, Passo Fundo, RS*. [Em linha]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Trabalho de final de graduação. [Consult. 21 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10183/116230>>, p. 30).

⁹⁷⁹ Cf. *Museu do Automóvel*. Caramulo: [Museu do Caramulo], s. d., p. 1.

ser considerados como uma forma de arte⁹⁸⁰. Aliás, em vários museus do automóvel, em especial nos das marcas fabricantes, como no da Alfa Romeo ou da BMW, o objeto é trabalhado expositivamente como uma obra de arte numa cenografia apelativa e reveladora dos seus atributos estéticos e traços vanguardistas para o seu tempo⁹⁸¹. Hoje, a coleção de veículos está inserida na Fundação Abel e João de Lacerda, designação atual da FAL⁹⁸², e veículos de cronologias diversas até ao tempo presente estão expostos nas galerias do rés-do-chão do edifício da coleção de arte, muito embora sem interligação.

O Museu do Automóvel do Caramulo assumiu como missão preservar o património motorizado nacional, posicionamento que lhe granjeou o apoio de várias entidades, designadamente, do Ministério das Obras Públicas, da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, do Grémio Nacional dos Industriais de Montagem e Fabricação de Veículos Automóveis, da BP/Companhia Portuguesa de Petróleos, da Shell Portuguesa, da SONAP, da Mobil Oil Portuguesa, da Sociedade do Caramulo, da Elétrica do Caramulo, da GAPOL, da SOMERCAL, da família Lacerda e de outros particulares⁹⁸³. Para além dos itens da coleção de Lacerda⁹⁸⁴, o acervo foi constituído por depósitos de particulares, abrangendo mais de 120 anos da história automóvel⁹⁸⁵. Devido a este «carácter patrimonial», a coleção foi considerada desde o início como uma das melhores do mundo⁹⁸⁶. A direção do museu coube a Lacerda e a supervisão técnica da coleção a Harry Rugeroni⁹⁸⁷. O quadro de pessoal integrou ainda um bibliotecário, responsável pela biblioteca especializada em automobilismo, e três assistentes mecânicos, conhecedores das tecnologias antigas, cuja função foi manter os veículos em funcionamento, facto que distingue, ainda hoje, o Museu do Caramulo de outros congéneres que possuem veículos incompletos e imóveis⁹⁸⁸. João de Lacerda foi frequentemente convidado para participar com os seus automóveis nas prestigiadas provas para clássicos, como o London-

⁹⁸⁰ GOUVEIA, Salvador Patrício – Automóveis, motociclos e velocípedes. In Gouveia, Madalena Patrício (coord.), *ob. cit.*, p. 248.

⁹⁸¹ Cf. GAUDIOSO, Júlio César, *ob. cit.*, p. 18.

⁹⁸² Estatutos da Fundação Abel e João de Lacerda. *Museu do Caramulo*. [Em linha]. [Consult. 15 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: https://www.museu-caramulo.net/downloads/Estatutos_FAJL.pdf>.

⁹⁸³ *Museu do Automóvel*, *ob. cit.*, p. 2-3.

⁹⁸⁴ João de Lacerda iniciou a coleção em 1955, quando interrompeu a carreira de piloto. O primeiro veículo foi um Ford T de 1925, enferrujado, que viu à beira da estrada e que adquiriu para restaurar (*idem*, p. 3).

⁹⁸⁵ *Idem*, p. 5-39; GOUVEIA, Madalena Patrício, coord., *ob. cit.*, p. 249-265.

⁹⁸⁶ SILVA, Leonor – Museu do Caramulo: O automóvel como património. *Pedra & Cal*. Lisboa. N.º 19 (julho, agosto, setembro 2013), p. 30. Exemplifiquemos: o carro mais antigo é um Benz de 1886; o Peugeot de 1889 é o mais antigo automóvel em funcionamento em Portugal; a viatura do estadista João Franco, um Renault, integra a coleção, assim como o Mercedes blindado e o Bugatti que estiveram ao serviço de António de Oliveira Salazar e o Rolls Royce utilizado pela Rainha Isabel II, pelo Presidente Eisenhower e pelo Papa João Paulo II durante a visita a Portugal; existe ainda o Bugatti com o qual foi atingido, em 1931, o *record* de velocidade superior a 200km/h, entre outros exemplos (*ibidem*).

⁹⁸⁷ *Museu do Automóvel*, *ob. cit.*, p. 1.

⁹⁸⁸ *Idem*, p. 1 e 3.

Brighton, a Louis Vuitton China Run, o Bourdeaux-Paris, as *Mille Miglia* ou o Rally de Montecarlo, o que fez crescer a fama e o prestígio da coleção pelo ótimo estado de conservação⁹⁸⁹.

Existem museus do automóvel desde o início dos anos 1930, criados a partir de coleções particulares⁹⁹⁰. O automóvel, objeto de utilidade, surgido durante a II Revolução Industrial (1870-1914) por mão de Karl Benz e Gottlieb Daimler, inventores das carruagens motorizadas (1885-1886), ganhou um significado histórico, cultural e artístico, tornando-se num bem colecionável⁹⁹¹. A criação de um museu especializado foi sugerida por Sir John H.A. Macdonald, um dos primeiros condutores britânicos, em 1902, ideia concretizada dez anos depois com a criação do efémero British Motor Museum, por Edmund Dangerfield, editor da revista *The Motor* e um aficionado pelo automobilismo⁹⁹². A musealização do automóvel iniciou-se efetivamente com os museus de ciência e da técnica, a partir da segunda década do século XX, sendo exibidos como máquinas pioneiras que testemunhavam o desenvolvimento científico⁹⁹³. O museu do automóvel mais antigo é o Museu de Louwman (Haia, 1934), na Holanda, de tutela privada, cuja coleção supera hoje os 250 veículos⁹⁹⁴.

Foi após a II Guerra Mundial que esta tipologia de museus se difundiu⁹⁹⁵. Muitos automóveis de gama alta, colocados nos mercados por proprietários necessitados de capital, foram então valorizados como objetos de colecionismo por representarem uma época e técnicas de produção centradas no luxo, na personalização e na alta qualidade, ultrapassadas nos anos 1950 pela produção em massa⁹⁹⁶. Vejamos alguns museus criados a partir de então. O Beaulieu National Motor Museum (Londres, 1952) foi criado por Edward Montagu a partir da sua coleção e na sua propriedade, contabilizando o acervo 250 automóveis, repartidos pelas categorias históricos, clássicos, protótipos, bólides e veículos fabricados para o cinema⁹⁹⁷. A Cité de l'Automobile (Mulhouse, 1982), em França, foi criada com base na coleção dos irmãos

⁹⁸⁹ BARROS, Pedro Corrêa de, *art. cit.*, p. 4. A título de curiosidade, referimos que Ralph Engelstad, proprietário do maior museu automóvel do mundo na altura, em Las Vegas, veio, em 1986, a Portugal apenas para visitar o Museu do Caramulo (AFAJL, *Livro de Atas do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal da FAL*, ata n.º 84 de 1 de julho de 1986, fl. 7).

⁹⁹⁰ GAUDIOSO, Júlio César, *ob. cit.*, p. 30.

⁹⁹¹ *Idem*, p. 17; NÉGYESI, Pál – *How the motor museum saw the automobile: Curating the automobile as commodity, as design and as social history in Germany and Austria in the 20th century*. [Em linha]. Leicester: University of Leicester, 2018. Tese de doutoramento. [Consult. 18 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/2381/43055>>, p. 79 e 81.

⁹⁹² NÉGYESI, Pál, *ob. cit.*, p. 82.

⁹⁹³ *Idem*, p. 84-85. Foi o caso, por exemplo do Deutsches Museum (1912), na Alemanha, país pioneiro no automobilismo com Karl Benz (*ibidem*).

⁹⁹⁴ GAUDIOSO, Júlio César, *ob. cit.*, p. 35.

⁹⁹⁵ NÉGYESI, Pál, *ob. cit.*, p. 96.

⁹⁹⁶ *Ibidem*.

⁹⁹⁷ GAUDIOSO, Júlio César, *ob. cit.*, p. 40; NÉGYESI, Pál, *ob. cit.*, p. 98-99.

Schlumpf⁹⁹⁸. Está integrado num parque temático com 225 mil m² e é atualmente o maior museu de automóveis do mundo, exibindo veículos do século XIX ao século XXI, nas várias categorias (clássicos, desportivos, micro-carros, etc.)⁹⁹⁹. Em Itália, há a referir o Museo dell'Automobile di Torino (1960), criado sob proposta de Roberto Biscaretti di Ruffia, um dos fundadores da FIAT¹⁰⁰⁰. Reestruturado entre 2008 e 2011, apresenta uma coleção com 200 automóveis de 85 marcas diferentes, produzidos entre 1769 e a atualidade¹⁰⁰¹. O Museo de Historia de la Automoción de Salamanca (2002) foi o primeiro museu do género criado em Espanha, contando com mais de 100 veículos¹⁰⁰². Ainda em Espanha, referimos o Museo Automovilístico y de la Moda de Málaga (2010), fundado pelo português João Magalhães, empresário no ramo têxtil, criado com base na sua coleção, então com 80 automóveis antigos¹⁰⁰³. Um ponto original, e que o aproxima do Museu do Caramulo pelo ecletismo, é possuir uma coleção de vestuário *vintage*, numa ligação ao seu ramo de negócio, cuja abrangência cronológica vai de 1920 a 1980¹⁰⁰⁴.

A par dos museus criados na base de coleções privadas heterogéneas posicionam-se os museus criados pelos fabricantes de automóveis, cujo espólio, centrado numa marca e abrangendo os modelos desenvolvidos ao longo do tempo, contribuem para a respetiva publicitação e valorização através do enfoque na perenidade, na qualidade e no prestígio, ao mesmo tempo que reforçam um sentido de identidade¹⁰⁰⁵. Como exemplos referimos o Henry Ford Museum (Detroit, 1929), o BMW Welt (Munique, 1973), o Museo Storico Alfa Romeo (Arese, 1976), o Mercedes-Benz Museum (Estugarda, 2006), o Toyota Commemorative Museum of Industry and Technology (Nagoya, 1994), entre muitos outros¹⁰⁰⁶. Há ainda os

⁹⁹⁸ GAUDIOSO, Júlio César, *ob. cit.*, p. 30; Le musée d'hier à aujourd'hui. *Cité de l'Automobile*. [Em linha]. [Consult. 19 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.citedelautomobile.com/fr/musee-dhier-aujourd'hui>>.

⁹⁹⁹ GAUDIOSO, Júlio César, *ob. cit.*, p. 31, 33 e 35 ; Le musée d'hier à aujourd'hui, *art. cit.*

¹⁰⁰⁰ BARTALETTI, Jacopo – Museo Nazionale dell'Automobile di Torino. *Revista Internacional de Investigación y Desarrollo en Diseño*. Málaga. Vol. 7, ano 5 (abril 2012), p. 1.

¹⁰⁰¹ *Idem*, p. 1-2.

¹⁰⁰² Presentación. *Museo de Historia de la Automoción de Salamanca*. [Em linha]. [Consult. 24 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://museoautomocion.com/pt/>>.

¹⁰⁰³ AMARO, Carla – Um português e o seu sonho em Málaga. *Diário de Notícias*. [Em linha]. (26 maio 2013). [Consult. 18 maio 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.dn.pt/revistas/nm/interior/um-portugues-e-o-seu-sonho-em-malaga-3240205.html>>. João Magalhães introduziu o *franchising* da Benetton em Portugal e fundou a marca Kookai, internacionalmente famosa, que acabou por vender. A intenção inicial foi criar o museu em Vila Nova de Famalicão, ideia que abandonou porque a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional Norte não autorizou a construção do edifício, necessariamente amplo, na zona industrial sob o argumento de que o museu não era uma indústria. Magalhães apresentou em seguida o projeto ao Governo espanhol que o acolheu ciente dos benefícios turísticos, económicos e culturais que representava (*ibidem*).

¹⁰⁰⁴ *Ibidem*. Há criações da Chanel, da Dior, de Yves Saint Laurent, de John Galiano, entre muitas outras casas de moda (*ibidem*).

¹⁰⁰⁵ GAUDIOSO, Júlio César, *ob. cit.*, p. 41.

¹⁰⁰⁶ *Idem*, p. 42-50; NÉGYESI, Pál, *ob. cit.*, p. 100.

museus dedicados apenas a automóveis de competição, como o Indianapolis Motot Speedway Hall of Fame Museum (1975) ou o Museu do Automobilismo Brasileiro (Passo Fundo, 1996)¹⁰⁰⁷.

Em Portugal, para além do Museu do Caramulo, existe o Museu Automóvel de Vila Nova de Famalicão (2013), fundado pelo Clube Automóvel Antigo e Clássico da cidade, com um acervo constituído por mais de 100 automóveis, bicicletas e motociclos do século XX, a maior parte pertencente aos sócios do referido Club e da Associação dos Clubes de Automóveis Antigos do Norte¹⁰⁰⁸. Existe ainda, em Oeiras, o Museu do Automóvel Antigo, centrado na história do automóvel ao longo do século XX até aos anos 1960, também conhecido por Exposição Permanente do Clube Português de Automóveis Antigos por ter sido criado por esta instituição¹⁰⁰⁹.

Uma nota final para sublinhar que o Museu do Caramulo viveu tempos difíceis nos anos 1970 e 1980, no decorrer dos quais se questionou a continuidade da instituição. No pós-25 de abril, período descrito nas atas como «triste e angustiante presente e futuro do país», as doações suspenderam-se em 1977, em 1978 e em 1979¹⁰¹⁰. A 17 de novembro de 1981, aconteceu o evento mais negro na sua história desde a morte de Abel de Lacerda, provocando um grande escândalo. Falamos do furto de 4 obras de arte: os quadros *Natureza Morta* (1947), de Pablo Picasso, *Cavaleiro Romano na Ibéria* (1954), de Salvador Dalí, e *Natividade* (1864), de Rafael Romero, e a taça de Vermeil, em prata, doada pela FCG¹⁰¹¹. O Museu atravessava a pior crise financeira e, por falta de verbas, a Direção reduziu os serviços de vigilância, vulnerabilizando o edifício¹⁰¹². O roubo foi investigado pela Polícia Judiciária, pela Guarda Nacional Republicana e pela Interpol e as obras foram recuperadas, com exceção da peça de

¹⁰⁰⁷ GAUDIOSO, Júlio César, *ob. cit.*, p. 70, 72 e 81.

¹⁰⁰⁸ Sobre Nós. *Museu do Automóvel de Vila Nova de Famalicão*. [Em linha]. [Consult. 24 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: https://www.facebook.com/pg/museudoautomovelfamalicao/about/?ref=page_internal>.

¹⁰⁰⁹ Museu do Automóvel Antigo de Oeiras. *Visit Portugal*. [Em linha]. [Consult. 18 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/museu-do-autom%C3%B3vel-antigo-de-oeiras>>.

¹⁰¹⁰ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 38 de 2 de julho de 1979, p. 79; *idem*, ata n.º 36 de 3 de julho de 1978, p. 77; *idem*, ata n.º 34 de 4 de julho de 1977, p. 76.

¹⁰¹¹ *Idem*, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 42 de 24 de novembro de 1981, p. 85; ANTT, fundo Secretaria de Estado da Cultura, cota Gabinete 1, cx. 316, n.º 1: Ofício de 5 de julho de 1982, os administradores da Fundação Abel de Lacerda ao Ministro da Cultura e Investigação Científica, fl. 2.

¹⁰¹² AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 42 de 24 de novembro de 1981, p. 85. A crise financeira despoletou com a revolução de 25 de Abril de 1974 e resultou da combinação da quebra das receitas, geradas pelas entradas dos visitantes, pela loja do museu e pelas dádivas de mecenas, e do aumento das despesas com os salários e a conservação da coleção. A busca de um equilíbrio financeiro fez-se através do racionamento do aquecimento central, da iluminação das salas e da suspensão dos gastos com a manutenção do edifício e o pessoal de segurança. Depois do roubo, foi instalado um sistema de alarmes por radar (ANTT, fundo Secretaria de Estado da Cultura, cota Gabinete 1, cx. 316, n.º 1: Ofício de 5 de julho de 1982, a FAL ao Ministro da Cultura e Investigação Científica, fl.1-2).

ourivesaria¹⁰¹³. Simultaneamente, o edifício necessitava de reparações urgentes na cobertura, devido à infiltração de águas das chuvas, e de outras manutenções¹⁰¹⁴, situação regularizada com o subsídio atribuído pelo Fundo de Fomento da Cultura, em 1982, no valor de 750 contos¹⁰¹⁵. Houve também situações de tensão entre a Direção e os poderes políticos democraticamente eleitos, decorrentes de incompatibilidades ideológicas e dos projetos para o Caramulo, as quais resultaram no encerramento do Museu durante quase dois anos, entre outubro de 1986 e julho de 1988¹⁰¹⁶. João de Lacerda não aceitou a extinção da JTC, instituição através da qual atuava em larga escala no Caramulo e sob a qual tinha colocado a tutela da coleção de automóveis¹⁰¹⁷. Acusava também o Governo e o poder local de desinteresse pelo trabalho do museu, e de perseguição até, sendo o encerramento a forma de pressionar Lisboa para a instalação no Caramulo de uma delegação da Região de Turismo de Lafões, então criada, e para a celebração de protocolos entre a FAL e o Governo condizentes com a política governamental de apoio ao mecenato cultural então lançada¹⁰¹⁸. Depois de inúmeras reuniões com a Secretaria de Estado da Cultura e com a Comissão Regional de Turismo Dão-Lafões, a concordância foi reencontrada e o museu reabriu¹⁰¹⁹.

¹⁰¹³ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 42 de 24 de novembro de 1981, fl. 86; *idem*, *Livro de Atas do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal da FAL*, ata n.º 43 de 5 de julho de 1982, fl. 1.

¹⁰¹⁴ *Idem*, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 42 de 24 de novembro de 1981, p. 86.

¹⁰¹⁵ *Ibidem*; *idem*, *Livro de Atas do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal da FAL*, ata n.º 43 de 5 de julho de 1982, fl. 2/v; ANTT, fundo Secretaria de Estado da Cultura, cota Gabinete 1, cx. 316, n.º 1: Ofício n.º 15491 de 11 de novembro de 1962, o Presidente o Instituto Português do Património Cultural ao Chefe do Gabinete do Secretariado de Estado da Cultura.

¹⁰¹⁶ AFAJL, *Livro de Atas do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal da FAL*, ata n.º 96 de 1 de julho de 1987; *idem*: ata n.º 103 de 2 de julho de 1988.

¹⁰¹⁷ PORTUGAL. Assembleia da República – IV Legislatura: Reunião Plenária de 24 de outubro de 1986. *Diário da Assembleia da República*. [Em linha]. Lisboa. I Série, n.º 4 (25 outubro 1986). [Consult. 21 maio 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r3/dar/01/04/02/004/1986-10-24>>, p. 80-81.

¹⁰¹⁸ *Ibidem*; AFAJL, *Livro de Atas do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal da FAL*, ata n.º 96 de 1 de julho de 1987; *idem*: ata n.º 103 de 2 de julho de 1988.

¹⁰¹⁹ *Idem*, ata n.º 103 de 2 de julho de 1988.

Conclusão

Com esta dissertação, pretendemos analisar a constituição do núcleo genésico da coleção do Museu do Caramulo e identificar os vários canais através dos quais este processo decorreu, sob a supervisão de Abel de Lacerda. Seguidamente, depois de refletirmos sobre a pertinência deste estudo, faremos uma súpula dos principais argumentos que desenvolvemos ao longo da dissertação, enfatizando aqueles que consideramos como os eixos estruturais do conhecimento que foi produzido sobre o tema em análise. Por fim, indicaremos as limitações do trabalho e faremos algumas recomendações para pesquisas ulteriores.

Por núcleo genésico da coleção entendemos o conjunto de objetos reunidos por ação de Abel de Lacerda e a análise empreendida situa-se cronologicamente entre 1953, ano da inauguração do Museu, e 1959, ano da inauguração do edifício-sede. A pertinência desta dissertação advém do facto de rever não só um conjunto de afirmações avulsas e ciclicamente repetidas sobre Abel de Lacerda, o Museu, o acervo e os motivos inerentes à fundação, sobretudo em artigos jornalísticos e de divulgação geral, mas também porque posiciona a análise destas vertentes num nível científico e documental. Trata-se, assim, de um trabalho que procura lançar um olhar aprofundado, primeiro, sobre a ação de Abel de Lacerda como fundador do Museu do Caramulo, segundo, sobre o projeto museológico, os doadores e a coleção, terceiro, sobre os motivos da sua implantação na ESC, situada na serra do Caramulo, e vocacionada para o tratamento da tuberculose pulmonar, e, quarto, sobre os propósitos de descentralização cultural e de reconversão deste complexo médico numa estância de turismo. Adicionalmente, a dissertação sustenta que a forma como o núcleo genésico foi constituído, assente em critérios de qualidade, e exibido, dentro dos modernos princípios museológicos, permitiu que a visão de Abel de Lacerda se perenizasse e o museu, de tutela privada, se tornasse numa referência nacional e num importante polo de dinamização turística e cultural da região centro.

O grande objetivo que traçámos à partida foi compreender como foi possível criar de raiz, nos anos 1950, um museu com elevados padrões museológicos e com um espólio de grande valor artístico e histórico, inclusive de obras de arte moderna, numa região interior de difícil acesso e distante dos centros culturais. Para o efeito, alicerçámos a investigação em três eixos estruturais, designadamente, a) a ação de Abel de Lacerda, analisando-se o meio em que nasceu e se movimentou, salientando os recursos materiais (capital, objetos, espaço físico) e imateriais (conhecimentos técnicos, contactos e cargos de influência) que tinha disponíveis; b) a concretização e definição teórica do projeto museológico, e c) a receção deste pela sociedade,

isto é, pelos doadores, pelos visitantes e pelo público local, patente nas doações, nas dádivas pecuniárias e nas visitas ao museu.

Estando Abel de Lacerda intimamente ligado à fundação do museu e à constituição da coleção procurámos identificar até que ponto ambos patenteavam traços da sua biografia e personalidade. É, de facto, a sua visão que ali se materializou e é por causa dela que o museu existe hoje, sendo ela muito visível na secção de arte moderna, em dissonância com o paradigma vigente, centrado num gosto naturalista, bem como no claustro integrado no edifício-sede, lembrando a preocupação com a salvaguarda do património. Notemos que a sua presença é mais evidente nas especificidades, dado que o grosso da coleção patenteia o conservadorismo que dominou então no colecionismo português. O museu existe também devido ao excelente posicionamento político e social de Lacerda e aos contactos daí decorrentes, em parte herdados do pai, Jerónimo de Lacerda, o principal obreiro da ESC, em parte construídos por si, não só através da direção administrativa da Estância, mas também dos diversos cargos políticos que exerceu: vice e presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, presidente da JTC, presidente da CMT e deputado à Assembleia Nacional. Conseguiu, assim, uma forte mobilização de doadores e a canalização de financiamentos sem os quais o museu não teria sido criado. Neste particular, foi essencial o apoio de quatro entidades: de um lado, da JTC, que concedeu subsídios desde 1953, destinados ao financiamento do funcionamento corrente e a gastos com obras de arte (restauros e aquisição), e, do outro lado, da FCG, do Ministério do Interior e do Ministério das Obras Públicas, cuja contribuição foi determinante para a construção do edifício-sede do museu. A ESC também subsidiou o museu, assim como diversos beneméritos, porém, em menor grau.

Temos, portanto, um conjunto de coadjuvantes, entre pessoas singulares e entidades coletivas, privadas e públicas, razão pela qual Lacerda não quis que o museu se sobre-identificasse com a sua pessoa e ter insistido publicamente no facto de que era uma instituição resultante da generosidade e da boa vontade de um conjunto de amantes das Belas-Artes. Falava, pois, na terceira pessoa e não na primeira, não existindo, da sua parte, uma visão monopolizadora. Ademais, procurou o aconselhamento de especialistas em história da arte e em museologia, demonstrando, também aqui, o grau de qualidade e de seriedade que queria atribuir ao projeto e o esforço conjunto inerente e que ele coordenava. Destacaram-se neste particular Luís Reis Santos, João Couto, Reynaldo dos Santos, Ricardo Espírito Santo e Silva, entre outros. Tiveram também importância central os contatos e as relações de amizade feitos com antiquários com um campo de atuação nacional e internacional, como foi o caso de George Duff ou Elena Sarto Hortega.

O projeto museológico teve impacto nos meios culturais coevos. Por um lado, devido ao arrojo patenteado em termos de amplitude e resultados a alcançar, dos princípios descentralizadores que propalava e do elevado valor histórico e artístico de âmbito nacional e não meramente regional, como espectável num museu de interior, que a coleção ia adquirindo. Por outro lado, devido aos preceitos museológicos aplicados, coincidentes com os modernos ditames da época, como sejam a conservação preventiva, uma cenografia de bom gosto, iluminação controlada, a climatização adequada das salas, sistemas de segurança, a catalogação sistemática e uma ação cultural processada através da seleção dos objetos expostos em inter-relação e com atividades paralelas de educação informal, como exposições temporárias, conferências e palestras. Em suma, entre os especialistas da museologia e das artes, o Museu do Caramulo era visto como um modelo.

A orientação museológica a seguir pelo Museu do Caramulo ficou evidente nas intervenções de Abel de Lacerda na Assembleia Nacional. Um ponto estruturante foi a defesa de uma verdadeira «política de Belas-Artes» para desenvolver a museologia portuguesa. É importante distinguirmos aqui duas vertentes. Uma a realizar ao nível do Estado, através da criação de uma Direção-Geral das Belas-Artes que centralizasse a tutela dos museus, palácios e monumentos nacionais, dispersa por vários ministérios, tornando a gestão mais eficaz, e da promulgação de um Estatuto Nacional de Belas Artes, documento único que condensaria o grande rol avulso da legislação vigente sobre o património. A segunda vertente destinava-se a ser realizada no Museu do Caramulo. Neste caso, o eixo de atuação privilegiou a construção de um museu vivo e ativo, em diálogo com a comunidade através da sua coleção elegantemente disposta e acompanhada de atividades culturais paralelas, de complemento à coleção, em oposição ao museu mausoléu, estático.

Assim sendo, consideramos que o Museu do Caramulo se distingue por três características: 1) pela localização descentralizada face aos grandes centros culturais; 2) pela multiplicidade de doadores e 3) pelo ecletismo da coleção. A localização num espaço descentralizado – na Estância Sanatorial do Caramulo –, acentua a exemplaridade do Museu no contexto museológico em que foi criado e, por conseguinte, a qualidade da sua coleção e as instalações modelares para a altura. Esta característica vai, de resto, ao encontro da posição de Abel de Lacerda no referente à distribuição do acesso à cultura artística no país, para quem um museu não podia ser um privilégio só de alguns. Subjacente a esta posição está a atuação do Museu do Caramulo, enquanto centro de arte e de cultura, como um polo de atração turística na ESC, preparando a transição desta para uma estância de turismo. Notemos que, do ponto de vista sanitário, a ESC atuava como um espaço de profilaxia, no âmbito do qual a doença era, para

além de tratada, controlada. Com efeito, em meados dos anos 1950, com o advento de medicamentos eficazes no tratamento da tísica, a proliferação do agente infeccioso, por perda de resistência, diminuiu. Ademais, os doentes sanatorizados mais graves estavam sujeitos a estritas ordens de resguardo, o que contribuiu para o controlo da doença e a existência de uma vida social e cultural no espaço extra sanatório. Notemos ainda que a instalação do Museu na ESC foi precedida de um estudo prévio de viabilização, porquanto foi o sucesso alcançado pela «Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela» (1951), em termos de visitantes e da participação de particulares com o empréstimo de obras de arte, que incentivou Lacerda a avançar com a criação de uma exposição de arte com carácter permanente no local.

Relativamente à segunda característica, uma multiplicidade de doadores, é importante sublinhar que estes, ao cederem objetos de valor, demonstraram compreender os objetivos de Lacerda e a missão do Museu. A par de doadores colecionadores, temos doadores de ocasião, isto é, aqueles que doaram porque tinham algo de valor em casa ou que adquiriram algo para o efeito, assim como doadores institucionais (empresas, por exemplo) e artistas, nacionais e internacionais. Esta característica ganha maior expressividade quando ligada à terceira que identificámos: o ecletismo do núcleo original e da coleção no geral. A rapidez com que aquele foi constituído por múltiplos doadores, cada um doando uma micro-fração do total, transformou-o num núcleo com uma proveniência e tipologias heterogéneas. Facto revelador é a conjugação do número de doadores e de doações durante o primeiro ano de existência do museu: 82 doadores e 125 objetos doados, um padrão que se repete, em menor escala, nos anos procedentes. A esta heterogeneidade numérica corresponde uma heterogeneidade qualitativa, no sentido em que os objetos reunidos se repartem por diversas tipologias (arqueologia, pintura, escultura, cerâmica, têxteis, mobiliário, ourivesaria), por diversos locais de produção (Europa, África, América do Sul e Ásia) e por diversas cronologias, desde o neolítico até ao tempo presente de Abel de Lacerda. Neste caso, esta característica concede à coleção uma profunda marca de modernidade na medida em que integra objetos produzidos quer nos séculos passados, mais ao gosto colecionista da burguesia conservadora, quer pelas vanguardas artísticas, ao gosto de minorias. O Museu do Caramulo foi, durante largo tempo, o único em Portugal a exhibir objetos de arqueologia, tapeçarias quinhentistas, porcelanas da China, mobiliário indo-português, escultura medieval e contemporânea, quadros de artistas nacionais e internacionais e testemunhos da arte moderna. O ecletismo foi posteriormente acentuado com a inclusão do núcleo de veículos antigos por João de Lacerda, irmão de Abel de Lacerda e o continuador da sua obra no Museu, inserindo assim a sua marca pessoal.

Terão os propósitos de Abel de Lacerda sido atingidos? Sem dúvida que o Museu do Caramulo foi e é um polo de atração de visitantes/turistas. Contudo, ao nível da conversão turística da Estância Sanatorial, os objetivos não foram atingidos por escolhas incompatíveis com aquele desígnio. João de Lacerda, sucessor de Abel também na direção administrativa da ESC e na presidência JTC, ao impulsionar a instalação da indústria avícola nos arrabaldes, como alternativa económica aos sanatórios que iam encerrando, comprometeu a harmonia da paisagem natural e os «bons ares», *slogan* usado para publicitar as virtudes do Caramulo, foram destruídos por cheiros nauseabundos. Perdendo-se assim investidores, a Estância encerrou definitivamente em 1986, seguindo-se posteriormente as unidades avícolas. O Museu do Caramulo permanece e atrai centenas de visitantes, provando como a visão de Abel era acertada e robusta. A atual Direção tem vindo a organizar múltiplas exposições de artes plásticas e eventos sazonais, como é o caso do Motor Festival e da Rampa do Caramulo, através dos quais vem construindo para o Museu uma imagem e identidade baseada na arte contemporânea e no automobilismo.

No tocante ao conjunto dos assuntos abordados, muito ainda há que gostaríamos de ter feito, um «muito» que entendemos como as limitações deste trabalho. Gostaríamos de ter analisado com maior profundidade o estabelecimento da rede de colaboradores de Abel de Lacerda, assim como o seu pensamento e ideias através dos seus escritos, dos livros e publicações que lia, porventura adquiridos para a sua biblioteca, ou de relatos e testemunhos redigidos por pessoas que com ele conviveram. Localizámos, é certo, testemunhos publicados na imprensa, contudo, por serem obituários, evidenciam grande emotividade, nem sempre correspondente à total objetividade. Em todo o caso, consideramos que Abel de Lacerda foi uma pessoa extraordinária: pelas suas concretizações e do ponto de vista humano. As referências à sua memória são, ainda hoje, de lamento por ter desaparecido tão cedo, tal é a aceitação do seu trabalho e a recordação do seu fino trato. Ademais, tendo Lacerda feito várias viagens ao estrangeiro por conta das obras do edifício-sede do Museu, gostaríamos de ter reconstruído os seus périplos e identificado as instituições que seguiu como modelo.

Não obstante, consideramos que a dissertação vem dar um contributo importante ao conhecimento da ação de Abel de Lacerda, do processo de desenvolvimento do projeto museológico e da constituição da sua coleção. Para o efeito, recolhemos o testemunho do seu filho mais velho, Miguel de Lacerda, um documento de primeira importância pela proximidade ao objeto de estudo. Localizámos correspondência trocada entre Abel e alguns expoentes da vida cultural nacional, nomeadamente João Couto, Luís Reis Santos e António Medeiros e Almeida. Localizámos e analisámos os boletins informativos publicados pelo Museu, entre

1953 e 1956, essenciais para perceber a dinâmica da comunicação com o exterior. Apurámos os financiamentos atribuídos, o que permitiu demonstrar como o posicionamento político e social de Abel de Lacerda foi essencial para a concretização do projeto, sem o qual, muito certamente, não teria sido possível. Apresentámos uma perspetiva de análise nova ao enquadrar o Museu no panorama museológico nacional e internacional, evidenciando semelhanças e particularidades, e ao analisar estatisticamente os doadores e as doações efetuadas, o que permitiu ter um novo ângulo de perceção sobre a materialização da ação de Abel de Lacerda. Por fim, apresentámos um dicionário biográfico onde elencámos as personalidades que tiveram uma participação significativa no desenrolar do processo de implementação, clarificando a importância e o gabarito dos envolvidos.

Terminamos sugerindo três linhas de investigação. A primeira centra-se na biografia de Abel de Lacerda, por ser um amplo campo de exploração, sobretudo do ponto de vista das relações com a alta sociedade e as esferas governamentais. A segunda refere-se à coleção do museu, pois seria importante fazer uma análise detalhada dos objetos que integraram o núcleo inicial da coleção, correlacionando o doador, com a proveniência, as exposições em que figuraram e as coleções que integraram previamente. A terceira é um estudo comparativo da coleção e dos doadores antes e após o falecimento de Abel de Lacerda, identificando-se semelhanças e diferenças ao nível dos doadores (número, proveniência, posição social e interesses colecionistas) e dos objetos doados (tipologia, cronologia, autores, número e proveniência).

O Museu do Caramulo foi, efetivamente, uma obra de grande mobilização societária, participativa, para utilizar um conceito atual, desempenhando Abel de Lacerda um papel fundamental enquanto coordenador e impulsionador da multiplicidade e da heterogeneidade inerente às doações e à coleção, cujo valor histórico e artístico projetaram a instituição dentro e fora das fronteiras nacionais.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

A) FONTES

1. Arquivos, bibliotecas e casas-museu

Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa (ANTT)

Fundo António Oliveira Salazar

Fundo Secretaria de Estado da Cultura

Arquivo do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa (AMNAA)

Fundo João Couto – Correspondência recebida

Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (AFCG)

Fundo Fundação Calouste Gulbenkian – Processo do Museu do Caramulo

Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (BAFCG)

Espólio Diogo de Macedo

Espólio Luís Reis Santos

Arquivo Distrital de Viseu, Viseu (ADV)

Fundo Governo Civil de Viseu – Junta de Turismo do Caramulo: Orçamento e plano de atividade turística (1952-1969)

Biblioteca Municipal Tomaz Ribeiro, Tondela (BMTR)

Ecos da Serra, 1949, 1 setembro – 1953, 26 dezembro

Folha de Tondela, 1929, junho 9 – 1961, junho 18

Casa Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó dos Santos, Cascais (CRSIQS)

Fundo Reynaldo dos Santos – Correspondência recebida

Arquivo da Casa-Museu Anastácio Gonçalves, Lisboa (ACMAG)

Fundo Anastácio Gonçalves – Arrolamento das obras de arte adquiridas

Arquivo da Casa-Museu António Medeiros de Almeida, Lisboa (ACMAMA)

Fundo António Medeiros e Almeida – Correspondência recebida e expedida

Arquivo da Fundação Abel e João de Lacerda, Caramulo (AFAJL, Caramulo)

Livro de Atas dos Corpos Gerentes da Fundação Museu do Caramulo, 1956-1981

Livro de Atas da Fundação Abel de Lacerda, 1958-1971

Arquivo Particular da Família de Abel de Lacerda, Caramulo (APFAL)

Recortes de Imprensa, Vol. I, 1938-1953

Recortes de Imprensa, Vol. II, 1953-1960

2. Entrevistas

Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018.

Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 10 de novembro de 2018.

Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 10 de março de 2019.

E-mail de Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, enviado à autora, em 3 de abril de 2018.

E-mail de Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, enviado à autora, em 28 de maio de 2019.

3. Artigos de imprensa

Sem autor identificado

43 Anos de vida. *Folha de Tondela*. N.º 1261 (12 fevereiro 1949), p. 3.

A Associação Beneficente do Caramulo entregou ao IANT o Sanatório Infantil. *Ecos da Serra*. N.º 12 (17 fevereiro 1950), p. 8.

A Estância Sanatorial concedeu ao Ministro da Defesa Nacional a Medalha de Ouro do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 26, suplemento (23 setembro 1950), p. 3-4.

A I Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 44 (15 junho 1951), p. 1 e 4.

A I Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 45 (1 julho 1951), p. 1 e 4.

A I Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 44 suplemento (23 junho 1951), p. 2.

A Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 43 (1 junho 1951), p. 1 e 6.

A inauguração da Estalagem de S. Jerónimo no Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 2013 (28 julho 1963), p. 1 e 6.

A inauguração da I Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela. *Folha de Tondela*. N.º 1386 (1 julho 1951), p. 2.

A propósito do Museu do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1673 (20 janeiro 1957), p. 1.

A visita do Sr. Ministro das Obras Públicas. *Folha de Tondela*. N.º 1180 (13 julho 1947), p. 1.

A visita do Sr. Subsecretário da Assistência Social em Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 12 (17 fevereiro 1950), p. 3.

Ainda a inauguração da Casa da Criança. *Folha de Tondela*. N.º 1350 (12 novembro 1950), p. 1.

Allô! Allô! Atenção... *Folha de Tondela*. N.º 1258 (23 janeiro 1949), p. 1.

As festas no Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 444 (2 setembro 1932), p. 1.

Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1819 (8 novembro 1959), 1819, p. 2.

Casas económicas. *Folha de Tondela*. N.º 494 (1 outubro 1933), p. 2.

Cineteatro Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 43 (1 junho 1951), p. 6.

Comissões da União Nacional no concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 74 (8 agosto 1952), p. 3.

Concurso fotográfico. *Folha de Tondela*. N.º 427 (8 maio 1932), p. 2.

Concurso Literário do Natal. *Ecos da Serra*. N.º 29 (1 de novembro 1950), p. 2 e 7.

Conferência Interparlamentar Internacional de Comércio. *A Capital*. N.º 3793 (28 maio 1921), p. 1.

Conselho Nacional de Turismo: O Dr. Abel de Lacerda foi eleito representante das Juntas de Turismo. *Folha de Tondela*. N.º 1648 (29 julho 1956), p. 3.

Dar ao próximo por Amor de Deus. *Folha de Tondela*. N.º 1452 (26 Outubro 1952), p. 1-2.

De regresso. *Folha de Tondela*. N.º 267 (22 março 1925), p. 2

Dias Médicos. A visita dos médicos portugueses ao Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 720 (17 abril 1938), p. 1.

Do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1241 (26 setembro 1948), p. 2.

Dr. Abel de Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1296 (30 outubro 1949), p. 1.

Dr. Albano Castelo Branco. *Ecos da Serra*. N.º 39 (1 março 1951), p. 2.

Dr. Gustav Maurer. *Folha de Tondela*. N.º 578 (26 maio 1935), p. 1.

Dr. Jerónimo de Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 498 (29 outubro 1933), p. 1.

Dr. Jerónimo Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 519 (25 março 1934), p. 1.

Dr. Jerónimo Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 563 (3 fevereiro 1935), p. 1.

Dr. Jerónimo Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 612 (16 fevereiro 1936), p. 3.

- Dr. Jerónimo Maria de Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1087 (23 setembro 1945), p. 3.
- Dr. João Moreira. *Ecos da Serra*. N.º 38 (15 março 1951), p. 2.
- Dr. Oliveira Salazar. *Folha de Tondela*. N.º 472 (28 abril 1933), p. 1.
- Dr. Oliveira Salazar. *Folha de Tondela*. N.º 473 (6 maio 1933), p. 2.
- Dr. Oliveira Salazar. *Folha de Tondela*. N.º 491 (10 setembro 1933), p. 2.
- Dr. Oliveira Salazar. *Folha de Tondela*. N.º 543 (9 setembro 1934), p. 1.
- Dr. António de Oliveira Salazar. *Folha de Tondela*. N.º 887 (21 setembro 1941), p. 1.
- Dr. Valentim Marques: O falecimento do presidente da UN de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 52 (15 outubro 1951), p. 1.
- Duas visitas ao Sanatório do Hospital. *Folha de Tondela*. N.º 1430 (25 maio 1952), p. 1.
- Eleições de deputados: São candidatos à Assembleia Nacional dois filhos de Tondela. *Folha de Tondela*. N.º 1296 (30 Outubro 1949), p.1.
- Em Lobão da Beira, revestiu-se de grande brilhantismo a inauguração da nova escola do sexo feminino. *Folha de Tondela*. N.º 1324 (14 maio 1950), p. 2-3.
- Em Sabugosa na inauguração da Casa da Criança. *Folha de Tondela*. N.º 1349 (5 novembro 1950), p. 1.
- Entrevista. *Ecos do Caramulo*. N.º 9 (9 junho 1929), p. 2.
- Esta palavra Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1373 (22 abril 1951), p. 2
- [Estância Sanatorial do Caramulo]. *Ecos da Serra*. N.º 116 (29 maio 1953), p. 1-2.
- Exposição de Arte Religiosa. *Ecos da Serra*. N.º 38 (15 março 1951), p. 1.
- Exposição de Arte Religiosa no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 37 (1 março 1951), p. 1.
- Exposição de Arte Sacra. *Ecos da Serra*. N.º 47 (1 agosto 1951), p. 1.
- Exposição de Arte Sacra: visita do subsecretário de Estradas e Obras Públicas. *Ecos da Serra*. N.º 46 (15 julho 1951), p. 2.
- Exposição de caricaturas. *Ecos da Serra*. N.º 43 (1 junho 1951), p. 6.
- Exposição de caricaturas. *Ecos da Serra*. N.º 44 (15 junho 1951), p. 4.
- Exposição de fotografia. *Ecos da Serra*. N.º 18 (20 maio 1950), p. 2.
- Exposição de fotografia. *Ecos da Serra*. N.º 52 (15 outubro 1951), p. 6.
- Exposição de fotografias. *Ecos da Serra*. N.º 62 (15 março 1952), p. 3.

- Exposição de fotografias de arte na Junta de Turismo. *Ecos da Serra*. N.º 19 (1 junho 1950), p. 3.
- Exposição de pintura e desenho. *Ecos da Serra*. N.º 4 (15 outubro 1949), p. 1.
- Exposição de pintura e desenho na Junta de Turismo do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 5 (31 outubro 1949), p. 2.
- Exposições de arte. *Ecos da Serra*. N.º 14 (15 março 1950), p. 5.
- Exposições fotográficas. *Ecos da Serra*. N.º 16 (15 abril 1950), p. 1.
- Falecimentos: D. Berta Lacerda Pinheiro. *Folha de Tondela*. N.º 1945 (8 abril 1962), p. 2.
- Festas do parque. *Ecos da Serra*. N.º 128 (28 agosto 1953), p. 4.
- Grande Hotel das Paredes. *Folha de Tondela*. N.º 165 (12 março 1922), p. 1.
- Grupo Os Modestos. *Ecos da Serra*. N.º 18 (15 maio 1950), p. 4.
- Henrique Medina, doador do Museu do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 137 (31 Outubro 1953), p. 1.
- Importantes melhoramentos no concelho. *Folha de Tondela*. N.º 1294 (16 outubro 1949), p. 1.
- Impressões do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 78 (5 setembro 1952), p. 5.
- Interesses do concelho de Tondela. *Folha de Tondela*. N.º 407 (1 novembro 1931), p. 1.
- Jogos Florais de 1950 na Estância Sanatorial do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 21 (1 julho 1950), p. 5.
- Medalha de Prata do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 98 (23 janeiro 1953), p. 1.
- Mensagem do Sr. Dr. João Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1713 (27 outubro 1957), p. 1.
- Merecida homenagem. *Folha de Tondela*. N.º 378 (14 abril 1929), p. 1.
- Ministro das Corporações. *Ecos da Serra*. N.º 129 (4 setembro 1953), p. 1.
- Museu no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 116 (29 maio 1953), p. 1.
- Museu do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1596 (31 julho 1955), p. 4.
- Museu do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1669 (8 dezembro 1956), p. 3.
- Museu do Caramulo: A última obra de arte oferecida a Abel de Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1699 (21 julho 1957), p. 4.
- Museu do Caramulo. Um belo quadro oferecido por Rodrigo de Albuquerque. *Ecos da Serra*. N.º 124 (31 julho 1953), p. 1.
- Na Lajeosa foi inaugurado o novo edifício escolar. *Folha de Tondela*. N.º 1299 (20 novembro 1949), p. 1.

No Caramulo. *Folha de Tondela*. (19 agosto 1932). N.º 442, p. 2.

No Caramulo: A inauguração de melhoramentos de grande interesse público. *Ecos da Serra*. N.º 23, suplemento (6 agosto 1950), p. 5.

No Caramulo foi inaugurado o Sanatório do Hospital de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 65 (1 maio 1952), p. 1, 3-4.

No Caramulo, o Comandante Henrique Tenreiro deu posse às comissões da União Nacional do Concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 73 (1 agosto 1952), p. 1 e 5-6.

No Caramulo prestou-se justa homenagem ao Reverendo Pe. José Simões Pedro. *Ecos da Serra*. N.º 99 (30 janeiro 1953), p. 4.

No Tourigo, brilhante inauguração da Escola do sexo masculino. *Folha de Tondela*. N.º 1322 (30 abril 1950), p. 2-3.

Notícias da Região: Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1245 (24 outubro 1948), p. 2.

O ato da posse da Comissão Concelhia da União Nacional e dos delegados das freguesias. *Folha de Tondela*. N.º 1676 (10 fevereiro 1957), p. 1-3.

O Brigadeiro Buceta Martins de visita ao Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 133 (3 outubro 1953), p. 4.

O Caramulo atribuiu ao Dr. Trigo Negreiros a sua Medalha de Ouro. *Ecos da Serra*. N.º 12 (12 fevereiro 1950), p. 1, 5 e 7.

O Caramulo: Estância de Turismo e Centro de Arte. *Folha de Tondela*. N.º 1628 (11 março 1956), p. 1.

O Caramulo vai realizar uma ideia que não interessou à vila de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 18 (20 maio 1950), p. 1-2.

O discurso do Senhor Dr. Abel de Lacerda na sessão de propaganda de Viseu. *Folha de Tondela*. N.º 1298 (13 novembro 1949), p. 2-3.

O discurso do Sr. Ministro do Interior. *Folha de Tondela*. N.º 1288 (4 setembro 1949), p. 1.

O General Afonso Botelho visitou o Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 71 (18 julho 1952), p. 1.

O Hospital de Santa Maria vai sanatorizar, no Caramulo, todos os doentes pobres do concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 55 (1 dezembro 1951), p. 1.

O Ministro da Defesa de visita ao Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 67 (1 junho 1952), p. 1.

O Ministro da Defesa Nacional inaugura amanhã o Museu do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 132 (26 setembro 1953), p. 1-2.

O Ministro da Guerra no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 2 (15 setembro 1949), p. 1.

- O Ministro da Justiça visita Tondela. *Folha de Tondela*. N.º 1604 (25 setembro 1955), p. 1-2.
- O Ministro da Justiça visitou o Museu. *Folha de Tondela*. N.º 1606 (9 outubro 1955), p. 2.
- O Ministro da Marinha de visita ao Caramulo recebe a medalha de ouro da Estância. *Ecos da Serra*. N.º 70 (11 julho 1952), p. 1, 3-4.
- O Ministro da Marinha no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 120 (25 junho 1953), p. 1.
- O Ministro das Corporações visitou Santa Comba Dão e o Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 120 (25 junho 1953), p. 1.
- O Ministro das Obras Públicas visitou Sabugosa e o Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 29 (1 novembro 1950), p. 1.
- O Ministro do Interior inaugurou a Casa da Criança Eng.º A. Cancela de Abreu. *Ecos da Serra*. N.º 29 (1 novembro 1950), p. 1, 4-5, 8.
- O Museu do Caramulo em foco. *Folha de Tondela*. N.º 1649 (5 agosto 1956), p. 3.
- O Museu do Caramulo será inaugurado no dia 27 pelo Ministro da Defesa. *Ecos da Serra*. N.º 129 (4 setembro 1953), p. 1.
- O Presidente do Conselho de visita ao Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 82 (3 Outubro 1952), p. 1.
- O Presidente do Conselho esteve no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 64 (15 abril 1952), p. 1.
- O Presidente do Conselho visitou o Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 26, suplemento (23 setembro 1950), p. 1.
- O Presidente do Conselho visitou o Museu do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 133 (3 outubro 1953), p. 1.
- O Sanatório Salazar foi inaugurado com a presença dos ministros da Defesa Nacional e do Exército. *Ecos da Serra*. N.º 26, suplemento (23 setembro 1950), p. 1-2 e 4-6.
- O Sr. Doutor Oliveira Salazar visitou no último domingo o Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 39 (1 abril 1951), p. 1.
- O Sr. Dr. Oliveira Salazar esteve, no passado dia 5, no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 52 (15 outubro 1951) p. 1.
- O Sr. Subsecretário da Assistência Social visitou o concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 12 (17 fevereiro 1950), p. 1, 3-4.
- O Sr. Subsecretário de Estado das Obras Públicas no Concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 23, suplemento (6 agosto 1950), p. 1 e 5.
- O Subsecretário da Assistência visita o Hospital desta vila e o Sanatório dos Pobres, no Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1446 (14 setembro 1952), p. 1 e 3.

O Subsecretário de Estado do Exército visitou o Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 31 (1 dezembro 1950), p. 1.

O Subsecretário do Comércio e Indústria em visita ao distrito de Viseu. *Ecos da Serra*. N.º 68 (15 junho 1952), p. 1.

Orfeão de Viseu no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 25 (1 setembro 1950), p. 1 e 6.

Pequenas notas de reportagem. *Ecos da Serra*. N.º 26, suplemento (23 setembro 1950), p. 2.

Plano de obras. *Ecos da Serra*. N.º 60 (15 fevereiro 1952), p. 1.

Poderá o Caramulo passar a sede de concelho num futuro próximo? *Folha de Tondela*. N.º 1731 (2 março 1958), p. 1 e 6.

Política do futuro. *Folha de Tondela*. N.º 1595 (24 julho 1955), p. 1.

Presidência da Câmara. *Folha de Tondela*. N.º 1242 (3 outubro 1948), p. 1.

Presidência da Câmara. *Folha de Tondela*. N.º 1289 (11 setembro 1949), p. 1.

Presidência da Câmara. *Folha de Tondela*. N.º 1332 (9 julho 1950), p. 1.

Presidência do Município de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 20 (15 maio 1950), p. 1.

Rádio Oceano. *Folha de Tondela*. N.º 1557 (31 outubro 1954), p. 1.

Realiza-se hoje em Sabugosa a inauguração da Casa da Criança Eng.º A. Cancela de Abreu. *Folha de Tondela*. N.º 1348 (29 outubro 1950), p. 1.

Regulamento dos Jogos Florais. *Ecos da Serra*. N.º 28 (15 outubro 1950), p. 3

Resultou um acontecimento extraordinário na vida de Tondela a inauguração do seu novo Hospital. *Folha de Tondela*. N.º 1602 (11 setembro 1955), p. 1-3.

Sabugosa em festa: A inauguração de um monumento. *Folha de Tondela*. N.º 1288 (4 setembro 1949), p. 2.

Sabugosa recebeu a visita do Sr. Ministro da Defesa Nacional. *Folha de Tondela*. N.º 1383 (1 julho 1951), p. 2.

Sanatório do Hospital de Santa Maria. *Folha de Tondela*. N.º 1406 (9 dezembro 1951), p. 1.

Serra do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 5 (18 junho 1918), p. 1-2.

Sociedade de Propaganda do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 68 (19 outubro 1919), p. 2.

Sociedade de Propaganda do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 69 (26 Outubro 1919), p. 1.

Sociedade de Propaganda do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 78 (11 janeiro 1920), p. 1.

Sociedade de Propaganda do Caramulo. *Folha de Tondela* 1920. N.º 79 (25 Janeiro 1920), p. 2.

Sociedade do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1113 (24 março 1946), p. 3.

Subsecretário das Obras Públicas. *Ecos da Serra*. (22 agosto 1952). N.º 75, p. 1.

Tardes Culturais no Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1446 (14 setembro 1952), p. 3

Tondela recebe hoje festivamente o Senhor Subsecretário de Estado da Assistência. *Folha de Tondela*. N.º 1311 (12 fevereiro 1950), p. 1.

Toponímia do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 24 (15 agosto 1950), p. 4.

Um acontecimento memorável. *Folha de Tondela*. N.º 1800 (20 junho 1959), p. 1, 5 e 6.

Um grupo de congressistas no Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 136 (5 junho 1921), p. 1.

Um museu que se ergue com o esforço coletivo. *Ecos da Serra*. N.º 123 (24 julho 1953), p. 1.

Uma entrevista. *Folha de Tondela*. N.º 135 (29 maio 1921), p. 2.

Uma exposição de arte sacra do Concelho. *Folha de Tondela*. N.º 1380 (10 junho 1951), p. 1.

Uma festa de arte no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 6 (16 novembro 1949), p. 1-2.

União Nacional. *Folha de Tondela*. N.º 1219 (18 abril 1948), p. 1.

União Nacional. *Folha de Tondela*. N.º 1256 (9 janeiro 1949), p. 1.

Visita ao Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 27 (1 outubro 1950), p. 5.

Visita ministerial. *Ecos da Serra*. N.º 18 (15 maio 1950), p. 1.

Visitas ministeriais ao Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1592 (3 julho 1955), p. 1-2.

Visitantes ilustres. *Ecos da Serra*. N.º 24 (15 agosto 1950), p. 4.

Com autor ou pseudónimo identificado

AMORIM, Pessoa de – O Caramulo e o concelho de Tondela. *Folha de Tondela*. N.º 1731 (2 março 1958), p. 1 e 6.

ARAÚJO, Norberto – Impressões do Caramulo III. *Folha de Tondela*. N.º 1167 (13 abril 1947), p. 1

BARATA, Delduque Ferreira – O turismo e o Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1739 (27 abril 1958), p. 1.

BARRETO, Bissaya – O Dr. Jerónimo tinha de vencer e venceu. *Folha de Tondela*. N.º 1191 (5 outubro 1947), p. 1.

C. – Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1903 (18 junho 1961), p. 2.

C. – Museu do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1739 (27 abril 1958), p. 6.

C. – Museu do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1854 (10 julho 1960).

C. – Notícias da região: Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1875 (1 dezembro 1960), p. 2.

C. – Paredes do Guardão. *Folha de Tondela*. N.º 974 (20 junho 1943), p. 2.

CABRAL, Júlio de Melo – Abel Maria de Lacerda: Ligeiras notas biográficas. *Folha de Tondela*. N.º 378 (14 abril 1929), p. 1-2.

CARVALHO, Gilberto de – Abel de Lacerda, artista-político. *Folha de Tondela*. N.º 1699 (21 julho 1957), p. 2

CÉSAR, José Júlio – A Serra do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 210 (3 junho 1923), p. 1.

CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura (IX). *Folha de Tondela*. N.º 732 (10 julho 1938), p. 1.

CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura (VI). *Folha de Tondela*. N.º 729 (19 junho 1938), p. 2.

CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura (VII). *Folha de Tondela*. N.º 730 (26 junho 1938), p. 2.

CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura (VIII). *Folha de Tondela*. N.º 731 (3 julho 1938), p. 1.

CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura. Dr. António Brêda. Dr. Casimiro de Vasconcelos. *Folha de Tondela*. N.º 725 (22 maio 1938), p. 1.

CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura. Dr. Daniel de Matos. Dr. António Felício. *Folha de Tondela*. N.º 726 (29 maio 1938), p. 1.

CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura. Dr. J. Melo Ferrari. Joaquim Pereira da Silva. *Folha de Tondela*. N.º 724 (15 maio 1938), p. 1.

CÉSAR, José Júlio – Terras da Beira: Caramulo, Estância de Cura. Dr. Tiago de Almeida. Dr. M. Lourenço Torres. *Folha de Tondela*. N.º 727 (5 junho 1938), p. 1.

CORTEZ, Fernando Russell – Abel de Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1699 (21 julho 1957), p. 2.

F. – Em Viseu foi inaugurada no Museu de Grão Vasco uma exposição de arte oriental, com peças raras oferecidas ao Museu do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1692 (2 junho 1957), p. 1.

FIGUEIRA, A. – Museu do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1661 (28 outubro 1956), p. 2.

FIGUEIREDO, Fernando de – Jerónimo Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1141 (13 outubro 1946), p. 1.

FIGUEIREDO, Fernando F. – Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 414 (10 janeiro 1932), p. 2.

PINTO, António Rosa Fernandes – Hospital de Santa Maria de Tondela. *Folha de Tondela*. N.º 1409 (30 dezembro 1951), p. 1.

RODRIGUES, José Maria – Já está concluída e aberta ao público a Estalagem de Turismo do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 2011 (14 julho 1963), p. 1-2.

SANTOS, Luís Reis – A propósito do Museu do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1678 (20 janeiro 1956), p. 3.

SANTOS, Luís Reis – Duas obras-primas do Grão Vasco. *Ecos da Serra*. N.º 2 (15 setembro 1949), p. 1-2.

SANTOS, Luís Reis – O significado e valor da Exposição do Museu do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1629 (18 março 1956), p. 1.

SANTOS, Luís Reis – Generosa mensagem de bondade e beleza. *Folha de Tondela*. N.º 1701, suplemento (4 agosto 1957), p. 1.

SANTOS, Reynaldo dos – Abel de Lacerda e a significação da sua obra. *Folha de Tondela*. N.º 1704 (25 agosto 1957), p. 1.

Serra do Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 5 (18 junho 1918), p. 1

SILVA, António Júdice Bustorff da – Abel de Lacerda e a obra do Museu. *Folha de Tondela*. N.º 1699 (21 julho 1957), p. 1.

SOCIEDADE DO CARAMULO – Relatório do Conselho de Administração. *Folha de Tondela*. N.º 150 (20 novembro 1921), p. 3-4.

TAPADA, Caetano de Matos H. – Carta aberta ao Senhor Presidente da Câmara de Tondela. *Folha de Tondela*. N.º 1291 (25 setembro 1949), p. 1.

TAPIA, Manuel – O sentido humano de Abel de Lacerda. *Folha de Tondela*. N.º 1699 (21 julho 1957), p. 2.

TEIXEIRA, M. Marques – A minha saudade. *Folha de Tondela*. N.º 1699 (21 julho 1957), p. 1.

VINHAS, Manuel – O sonho de um homem. *Folha de Tondela*, N.º 1800 (20 junho 1959), p. 1 e 6.

X. – Tiro aos pratos. *Folha de Tondela*. N.º 382 (19 maio 1929), p. 3.

4. Legislação

DECRETO-LEI n.º 20.985. *Diário do Governo*. [Em linha]. I Série. N.º 56 (7 março 1932), p. 431-436. [Consult. 3 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://dre.pt/application/conteudo/523016>>.

DECRETO-LEI n.º 38.906. *Diário do Governo*. [Em linha]. I Série. N.º 201 (10 setembro 1952), p. 906. [Consult. 12 maio 2018]. Disponível em WWW: <URL: <https://dre.tretas.org/dre/223311/decreto-lei-38906-de-10-de-setembro>>.

DECRETO-LEI n.º 46.758. *Diário do Governo*. [Em linha]. I Série. N.º 286 (18 dezembro 1965), p. 1696-1705. [Consult. 3 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://dre.pt/application/conteudo/508223>>.

LEI n.º 2.032. *Diário do Governo*. [Em linha]. I Série. N.º 125 (11 junho 1949), p. 1. [Consult. 4 julho 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://dre.tretas.org/dre/70201/lei-2032-de-11-de-junho>>.

LEI n.º 2.065. *Diário do Governo*. [Em linha]. I Série. N.º 133 (25 junho 1953), p. 1. [Consult. 4 julho 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://dre.tretas.org/dre/298971/lei-2065-de-25-de-junho#anexos>>.

5. Publicações impressas

Anuário Estatístico 1953. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1954.

Anuário Estatístico 1954. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1955.

Anuário Estatístico 1955. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1956.

Boletim. [Caramulo]: [Museu do Caramulo], 31 junho 1954 – 31 junho 1956.

CÉSAR, José Júlio – *A mais linda serra (artigo publicado no Comércio de Viseu em 10-1-915)*. [Viseu]: Tipografia Central, 1915.

COUTO, João – Relatório enviado ao Exmo. Senhor Diretor do Ensino Superior e das Belas-arts [I Reunião dos conservadores dos museus, palácios e monumentos nacionais]. *Viriatis: Boletim do Museu de Grão Vasco*. [Em linha]. Viseu. Vol. 4, n.º 9 (setembro 1960). [Consult. 23 janeiro 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://visoeu.blogspot.com/2005/09/viriatis-vol-iv-ano-de-1960-99.html>>.

COUTO, João – Aspetos do panorama museológico português. *Ocidente*. Lisboa. ISSN 08705267. Vol. 63, n.º 296 (dezembro 1962), p. 309-311.

COUTO, João – A vida ativa dos museus. *Ocidente*. Lisboa. ISSN 08705267. Vol. 63, n.º 296 (dezembro 1962), p. 314-315.

COUTO, João – Abel de Lacerda e a estagnação em que vivem as artes plásticas em Portugal. *Ocidente*. Lisboa. ISSN 08705267. Vol. 54, n.º 299 (março 1963), p. 182-183.

Estatutos da Fundação Museu do Caramulo. Caramulo: Fundação Museu do Caramulo, 1956.

Estatutos da Fundação Abel de Lacerda. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda, 1963.

Estatutos da Fundação Abel e João de Lacerda. *Museu do Caramulo*. [Em linha]. [Consult. 15 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: https://www.museu-caramulo.net/downloads/Estatutos_FAJL.pdf>.

Exposição de Arte Sacra: Subsídios para o inventário artístico do concelho de Tondela. Caramulo: Junta de Turismo do Caramulo, 1952.

FERRO, António – *Salazar, o homem e a sua obra*. [s. l.]: Empresa Nacional de Publicidade, 1935.

LACERDA, Jerónimo – *Estância Climatérica do Caramulo: estatística de 1935*. Lisboa: Tipografia Henrique Torres, 1936.

LACERDA, Abel – *Uma legislatura (1949-1953)*. Lisboa: Portugália, 1953.

Museu do Automóvel. Caramulo: [Museu do Caramulo], s. d..

PORTUGAL. Assembleia da República – IV Legislatura: Reunião Plenária de 24 de outubro de 1986. *Diário da Assembleia da República*. [Em linha]. Lisboa. I Série, n.º 4 (25 outubro 1986). [Consult. 21 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r3/dar/01/04/02/004/1986-10-24>>.

PORTUGAL. Assembleia Nacional – V Legislatura: Sessão n.º 54 em 28 de abril. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 54 (29 abril 1950). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/05/01/054/1950-04-28>>.

PORTUGAL. Assembleia Nacional – V Legislatura: Sessão n.º 60 em 7 de dezembro. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 60 (9 dezembro 1950). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/05/02/060/1950-12-07>>.

PORTUGAL. Assembleia Nacional – V Legislatura: Sessão n.º 179 em 11 de dezembro. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 179 (12 dezembro 1952). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/05/04/179/1952-12-11>>.

PORTUGAL. Assembleia Nacional – V Legislatura: Sessão n.º 216 em 12 de março. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 216 (13 março 1953). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/05/04/216/1953-03-12>>.

PORTUGAL. Assembleia Nacional – V Legislatura: Sessão n.º 228 em 24 de março. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 228 (25 março 1953). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/05/04/228/1953-03-24>>.

PORTUGAL. Assembleia Nacional – VI Legislatura: Sessão n.º 7 em 12 de dezembro. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 7 (14 dezembro 1953). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/06/01/007/1953-12-12>>.

PORTUGAL. Assembleia Nacional – VI Legislatura: Sessão n.º 121 em 1 de fevereiro. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 121 (2 fevereiro 1956). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/06/03/121/1956-02-01>>.

PORTUGAL. Assembleia Nacional – VI Legislatura: Sessão n.º 123 em 3 de fevereiro. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 123 (4 fevereiro 1956). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/06/03/123/1956-02-03>>.

PORTUGAL. Assembleia Nacional – VI Legislatura: Sessão n.º 125 em 8 de fevereiro. *Diário das Sessões*. [Em linha]. Lisboa. N.º 125 (9 fevereiro 1956). [Consult. 8 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/06/03/125/1956-02-08>>.

Relação de obras de arte oferecidas em 1953-1954. Caramulo: Museu do Caramulo, 1954.

Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955. Caramulo: Museu do Caramulo, 1955.

Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956. Caramulo: Museu do Caramulo, 1956.

Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957. Caramulo: Museu do Caramulo, 1957.

Relação de obras de arte. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda - Museu do Caramulo, 1959.

Relação de obras de arte. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda - Museu do Caramulo, 1971.

Relação de obras de arte. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda - Museu do Caramulo, 1985.

Relação do património artístico. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda, 1992.

Relatório e Contas. Caramulo: Fundação Museu do Caramulo / Fundação Abel de Lacerda, 1956-1973.

SALAZAR, António de Oliveira – Era de restauração, era de engrandecimento. In *Discursos e notas políticas (1935-1936)*. 2ª Edição. Vol. 2. Coimbra: Coimbra Editora Lda., 1946.

SANTOS, Luís Reis – Garrafas chinesas de Jorge Álvares. *Belas-Artes. Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*. Lisboa. 2ª Série, n.º 18 (1962), p. 59-69.

SANTOS, Reynaldo dos – Inventário artístico de Portugal. *Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*. Lisboa. Vol. 6 (1940), p. 5-11.

B) BIBLIOGRAFIA

ACCIAIUOLI, Margarida – *António Ferro: A vertigem da palavra*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2013. ISBN: 9789725305348.

ACCIAIUOLI, Margarida – *Os anos 40 em Portugal. O país, o regime e as artes. «Restauração» e «celebração»*. [Em linha]. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1991. Tese de doutoramento. [Consult. 15 janeiro 2019]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10362/14822>>.

AMARO, Carla – Um português e o seu sonho em Málaga. *Diário de Notícias*. [Em linha]. (26 maio 2013). [Consult. 18 maio 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.dn.pt/revistas/nm/interior/um-portugues-e-o-seu-sonho-em-malaga-3240205.html>>.

António Luís Gomes (filho). In *Docentes e Estudantes da Primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. [Em linha]. [Consult. 13 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=docentes%20e%20estudantes%20da%20primeira%20flup%20-%20ant%c3%b3nio%20lu%c3%ads%20gomes>.

ARAÚJO, Luís Manuel – A coleção egípcia do Museu do Caramulo. *Cadmo: Revista do Instituto Oriental*. Lisboa. ISSN 08719527. N.º 11 (2001), p. 55-63.

AFONSO, Luís Urbano – Características e tendências do mercado leiloeiro português nos últimos anos. In FERNANDES, Alexandra, AFONSO, Luís Urbano, coord. – *Os leilões e o mercado da arte em Portugal. Estrutura, história, tendências*. Lisboa: Scribe, 2012. ISBN 978-989-8410-26-9. p. 7-31.

ALONSO FERNÁNDEZ, Luis – *Museología. Introducción a la teoría y práctica del museo*. Madrid: Ediciones Istmo, 1993. ISBN 8470902784.

BAEKELAND, Frederick – Psychological aspects of art collecting. In PEARCE, Susan, ed. – *Interpreting objects and collection*. London – New York: Routledge, 1994. ISBN 0415112885. p. 205-219.

BÄNI, Walter – Davos: From high-altitude sanatorium to world-renowned holiday destination and economic capital. *Aspetar. Sports Medicine Journal*. [Em linha]. Vol. 5, n.º 1 (maio 2016), p. 194-200. [Consult. 5 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.aspetar.com/journal/upload/PDF/2016523102735.pdf>>.

BABO, Maria João; GAGO, Maria João – *O último banqueiro. Ascensão e queda de Ricardo Salgado*. Alfragide: Lua de Papel, 2014. ISBN 9789892328089. p. 8.

BARATA, Paulo Martins – Caramulo: O museu canónico. In GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord. – *Coleção da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, 2003. ISBN 9729523223. p. 5-7.

BARROS, Pedro Corrêa de – João Lacerda: O continuador da obra. In GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord. – *Coleção da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, 2003. ISBN 9729523223. p. 3-4.

BARTALETTI, Jacopo – Museo Nazionale dell’Automobile di Torino. *Revista Internacional de Investigación y Desarrollo en Diseño*. Málaga. ISSN 1889433X. Vol. 7, ano 5 (abril 2012), p. 1-9.

BARTOLO, Carlos – A campanha do bom gosto ou análise de uma tentativa de doutrina estética num país autoritário. In PAIVA, Francisco; MOURA, Catarina – *Designa 2011: A esperança projectual*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2012. ISBN 9789896540975.

BRIGOLA, João – Perspetiva histórica da evolução do conceito de museu em Portugal. In LOPES, M.; HEIZER, A., coord. – *Coleccionismos, práticas de campo e representações*. [Em linha]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. [Consult. 15 janeiro 2019]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10174/8327>>. ISBN 9788578790790. p. 43-48.

CABRAL, R. – Culto, religião. In *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 6. Lisboa: Editorial Verbo, 1988, col. 571.

CASTILHO, J. M. Tavares – Fonseca, José Soares da. In *Os deputados à Assembleia Nacional (1935-1974). Biografia e carreira parlamentar*. [Em linha]. [Consult. 13 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/DeputadosAN_1935-1974/html/pdf/f/fonseca_jose_soares_da.pdf>.

CASTILHO, J. M. Tavares – Lacerda, Abel Maria Castro de. In *Os deputados à Assembleia Nacional (1935-1974). Biografia e carreira parlamentar*. [Em linha]. [Consult. 18 abril 2018]. Disponível em WWW: <URL: http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/DeputadosAN_1935-1974/html/index.html>.

CASTILHO, J. M. Tavares – Silva, António Júdice Bustorff da. In *Os deputados à Assembleia Nacional (1935-1974). Biografia e carreira parlamentar*. [Em linha]. [Consult. 13 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/DeputadosAN_1935-1974/html/pdf/s/silva_antonio_judice_bustorff_da.pdf>.

CASTILHO, J. M. Tavares – Sousa, António Russel de. In *Os deputados à Assembleia Nacional (1935-1974). Biografia e carreira parlamentar*. [Em linha]. [Consult. 13 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/DeputadosAN_1935-1974/html/pdf/s/sousa_antonio_russel_de.pdf>.

CARVALHAIS, José – *80 Anos na educação: 1912-1992*. Caldas da Saúde: Instituto Nun’Alvares, 1992.

CARVALHAIS, José – *Arte no Instituto Nun’Alvares*. Caldas da Saúde: Instituto Nun’Alvares, 1999.

CARVALHO, Maria João Vilhena de – *As esculturas de Ernesto Jardim de Vilhena. A constituição de uma coleção nacional*. [Em linha]. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2014. Tese de doutoramento. [Consult. 20 dezembro 2018]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10362/13889>>.

CASTRO, Marisa Pascoal de – *Estância sanatorial do Caramulo: da génese ao plano de urbanização de Januário Godinho*. Porto: Universidade do Porto, 2007. Dissertação de Mestrado.

COIMBRA, Catarina Antunes – *Dinâmicas de uma Arquitetura Heliotrópica. Reabilitação e Reconversão do Santório Dr. Jerónimo Lacerda em Casa d'Artes do Caramulo*. [Em linha]. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2014. Dissertação de mestrado. [Consult. 25 abril 2019]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10400.5/7765>>.

CONLIN, Jonathan – Philanthropy without borders: Calouste Gulbenkian's founding vision for the Gulbenkian Foundation. *Análise Social*. Lisboa. ISSN 0032573. Vol. XLV, n.º 195 (2010), p. 277-306.

Conrado Wissman e o Grande Hotel Guadiana. *Blog Turismo do Algarve*. [Em Linha]. (9 novembro 2011). [Consult. 2 maio 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://blog.turismoalgarve.pt/2011/11/conrado-wissman-e-o-grande-hotel.html>>.

COSTA, Ana Rita Horta e – Prato. In GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord. – *Coleção da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, 2003. ISBN 9729523223. p. 75.

COSTA, Ana Rita Horta e – Garrafa. In GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord. – *Coleção da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, 2003. ISBN 9729523223. p. 77.

COSTA, António Manuel Ribeiro Pereira da – *Museologia da arte sacra em Portugal (1820-2010). Espaços, momentos, museografia*. [Em linha]. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011. Tese de doutoramento. [Consult. 16 janeiro 2019]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10316/18833>>.

COSTA, Luís Manuel; NOGUEIRA, Cristina – Sanatório das Penhas da Saúde: Entre a História e a memória (1913-1969). *Revista Portuguesa de História*. Coimbra. ISSN 08704147. Vol. 46 (2015), p. 433-459.

COSTA, Madalena Cardoso da – João Rodrigues da Silva Couto e a «inovação museológica» em Portugal no século XX (1938-1964). In ASENSIO, Mikel *et al.*, eds. – *Historia de las colecciones e historia de los museos*. [Em linha]. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 2012. [Consult. 7 junho 2018]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10486/11575>>. ISBN 9788469566688. p. 137-142.

DAMASCENO, Joana – *Museus para o povo português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. ISBN 9789898074942.

DANET, Brenda & KATRIEL, Tamar – No two alike: play and aesthetics in collecting. In PEARCE, Susan, ed. – *Interpreting objects and collection*. London – New York: Routledge, 1994. ISBN 0415112885. p. 220-239.

DIAS, Geraldo Coelho – *Quando os monges eram uma civilização... Beneditinos: Espírito, alma e corpo*. Porto: Edições Afrontamento – CITCEM, 2011. ISBN 9789723612196

DIAS, Pedro – *Á maneira de Portugal e da Índia: Uma tapeçaria inédita*. Porto: V.O.C. Antiguidades, 2007.

Diogo de Macedo. In *Antigos estudantes ilustres da Universidade do Porto*. [Em linha]. [Consult. 5 maio 2019]. Disponível em WWW: <URL: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20diogo%20de%20macedo>.

DUARTE, Adelaide – *Da coleção ao museu. O colecionismo privado de arte moderna e contemporânea em Portugal na segunda metade do século XX. Contributos para a história da museologia*. [Em linha]. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2012. Tese de doutoramento. [Consult. 30 novembro 2018]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10316/21153>>.

DUNCAN, Carol – Art museums and the ritual of citizenship. In PEARCE, Susan, ed. – *Interpreting objects and collection*. London – New York: Routledge, 1994. ISBN 0415112885. p. 279-286.

FAURE, Olivier – La recherche en histoire de la santé : Axe de recherche santé et assistance. *Cahiers d'Histoire*. [Em linha]. Vol. 43, n.º 1 (1998), p. 1-9. [Consult. 23 junho 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://journals.openedition.org/ch/44>>.

FIGUEIREDO, Rute – *Arquitetura e discurso crítico em Portugal (1893-1918)*. Lisboa: Colibri – Instituto de História da Arte – Nova/FCSH, 2007. ISBN 9789727727087.

FIOLHAIS, Carlos; MARTINS Décio, coord. – Lacerda, Jerónimo Maria de (1889-1945). In *História da Ciência na UC*. [Em linha]. Coimbra: Universidade de Coimbra, [s. d.]. [Consult. 17 maio 2018]. Disponível em WWW: <URL:http://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores/LACERDA_jeronimomariade/>.

FRANÇA, José-Augusto – *A arte em Portugal no século XX (1911-1961)*. 4ª Ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2009. ISBN 9789722415835.

FRANÇA, José-Augusto – Picasso, dias depois. In *Quinhentos Folhetins*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. Vol. 2, p. 341-343.

FRANCO, Anísio – Pietà e deposição de Cristo no túmulo. In GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord. – *Coleção da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, 2003. ISBN 9729523223. p. 104-106.

GAUDIOSO, Júlio César – *De Carros, Motores & Emoções: Museu do Automobilismo Brasileiro, Passo Fundo, RS*. [Em linha]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Trabalho de final de graduação. [Consult. 21 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10183/116230>>.

GONÇALVES, Armando Manuel – Para a reforma dos museus e da orgânica do património artístico. *Ocidente*. Lisboa. ISSN 08705267. Vol. 51, n.º 221 (setembro 1956), p. 75-78.

GONÇALVES, A. M. – Museu. In AA. VV. *Enciclopédia Luso-brasileira de cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, 1995. Vol. 13, cols. 1581-1592.

GOUVEIA, Henrique Coutinho – Acerca do conceito e evolução dos museus regionais portugueses desde finais do século XIX ao regime do Estado Novo. *Bibliotecas, arquivos e museus*. Lisboa. ISSN 08700974. Vol. 1, n.º 1 (janeiro/junho 1985), p. 147-184.

GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord. – *Coleção da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, 2003. ISBN 9729523223.

GOUVEIA, Salvador Patrício – Automóveis, motociclos e velocípedes. In Gouveia, Madalena Patrício (coord.) – *Coleção da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, 2003. ISBN 9729523223. p. 248.

Henrique Medina. *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto*. [Em linha]. [Consult. 13 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20henrique%20medina>.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca – *Planteamientos teórico de la museología*. Gijón: Ediciones Trea, 2006. ISBN 8497042255.

HENRIQUES, Ana de Castro, coord. – *Colecionar em Portugal. Doação Castro Pina*. Lisboa: IMC/MNAA – SCML, 2011. ISBN 9789727764327.

HUYLEBROUCK, Rosa – Portugal e as tapeçarias flamengas. *Revista da Faculdade de Letras: História*. Porto. ISSN 0871164X. Série II, vol. 3 (1986), p. 165-198.

Insulana. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada. ISSN 08726035. Vol. 65 (2009).

JIMÉNEZ-BLANCO, María Dolores; MACK, Cindy – *Buscadores de belleza. Historias de los grandes coleccionistas de arte*. Barcelona: Editorial Ariel, 2007. ISBN 9788434453463.

KARL, Barbara – Vénus e Marte «à indiana»: a colcha do Museu do Caramulo. *Oriente: Revista quadrimestral da Fundação Oriente*. Lisboa. ISSN 16452704. N.º 9 (agosto 2004), p. 3-17.

LACERDA, João – Abel de Lacerda: Fundador do Museu do Caramulo. In GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord. – *Coleção da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, 2003. ISBN 9729523223. p. 1-2.

Le musée d’hier à aujourd’hui. *Cité de l’Automobile*. [Em linha]. [Consult. 19 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.citedelautomobile.com/fr/musee-dhier-aujourd'hui>>.

LIRA, Sérgio – *Museums ant temporary exhibitions as means of propaganda: the Portuguese case during the Estado Novo*. [Em linha]. Leicester: University of Leicester, 2002. Tese de doutoramento. [Consult. 15 janeiro 2019]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/2381/31140>>.

LIRA, Sérgio – O Estado novo de 1945 a 1974. A ditadura nacionalista e a prática legislativa relativa aos museus: cristalização e mudança. In CABRAL, Alcinda, ed. – (Re)Visão das ditaduras europeias da segunda metade do séc. XX. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2002. ISBN 9728184913. p. 57-64.

LIRA, Sérgio – Museus no Estado Novo: Continuidade ou mudança? In CUSTÓDIO, Jorge, coord. – *100 Anos de património. Memória e identidade*. Lisboa: IGESPAR, 2010. ISBN 9789898052209. p. 187-197.

LÜTHI, Dave – L’influence du bon air sur l’architecture. Une «guérison formelle»? Apparition du sanatorium alpin en Suisse (1880-1914). *Revue de géographie alpine*. [Em linha]. Vol. 93, n.º1 (2005), p. 43-52. [Consult. 1 junho 2019]. Disponível em WWW: <DOI: 10.3406/rga.2005.2331>. ISSN 17607426.

MÂNTUA, Ana Anjos – As proveniências da coleção e o mercado de arte em Portugal 1925 a 1965. In RIBEIRO, José Alberto, coord. – *Colecionar para a Res Publica: o legado Dr. Anastácio Gonçalves (1888-1965)*. Lisboa: Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2010. ISBN 9789727764150. p. 72-87.

Mapas. *Sapo Mapas*. [Em linha]. [Consult. 2 maio 2019]. Disponível em WWW: <URL: mapas.sapo.pt>.

Mário Reis de Figueiredo Carmona. *Ordem dos Médicos: Região do Sul*. [Em linha]. [Consult. 13 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.omsul.pt/membros/galeria-de-presidentes-do-crs>>.

MATOS, Vera – *O núcleo original da coleção do Museu de Arte do Caramulo*. 2018. Acessível na Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal.

MAYER, Maria de Lima – *Casa-museu Medeiros e Almeida: o projeto de um homem. De coleção privada a acervo público*. [Em linha]. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2016. Dissertação de mestrado. [Consult. 20 dezembro 2018]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10362/19663>>.

MEDINA, João – *Salazar, Hitler e Franco. Estudos sobre Salazar e a ditadura*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000. ISBN 9722410741.

MENDES, José Amado – O papel educativo dos museus: Evolução histórica e tendências atuais. *Didaskália*. Lisboa. ISSN 02531674. Vol. XXIX (1999), p. 667-692.

MESQUITA, Mário – José Bruno Carreiro: Açoriano Universal. *Público*. [Em linha]. (28 janeiro 2007). [Consult. 13 maio 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.publico.pt/2007/01/28/jornal/jose-bruno-carreiro-acoriano-universal-118753>>.

MOREIRA, Isabel M. Martins – *Museus e monumento em Portugal (1772-1974)*. Lisboa: Universidade Aberta, 1989. ISBN 9726740134.

MOTA, Arsénio – *António de Cértima: Vida, obra, inéditos*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1994.

Museu do Automóvel Antigo de Oeiras. *Visit Portugal*. [Em linha]. [Consult. 18 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/museu-do-autom%C3%B3vel-antigo-de-oeiras>>.

NABAIS, António José C. Maia – Museus de Região. In ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, coord. – *Introdução à museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993. ISBN 9726741041. p. 257-266.

NÉGYESI, Pál – *How the motor museum saw the automobile: Curating the automobile as commodity, as design and as social history in Germany and Austria in the 20th century*. [Em linha]. Leicester: University of Leicester, 2018. Tese de doutoramento. [Consult. 18 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/2381/43055>>.

NETO, Maria João – Restaurar os monumentos da Nação entre 1932 e 1964. In CUSTÓDIO, Jorge, coord. – *100 Anos de património. Memória e identidade*. Lisboa: IGESPAR, 2010. ISBN 9789898052209. p. 157-166.

NETO, Vítor – Lei da separação do Estado das igrejas. In ROLLO, Maria Fernanda (coord.) – *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*. Lisboa: Assembleia da República, 2014. ISBN 9789725565582. Vol. 2, p. 630-639.

Ó, Jorge Ramos do – *Os anos de Ferro. O dispositivo cultural durante a «política do espírito» 1933-1949*. Lisboa: Editorial Presença, 1999. ISBN 9723314924.

O'REILLY, Patrick – Coleções Privadas. In POIRIER, Jean – *História dos costumes*. Lisboa: Estampa, 2006. ISBN 9723320983. Vol. 10, p. 149-167.

OLIVEIRA, A. de – Coleção. In *Enciclopédia luso-brasileira de cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, 1993. ISBN 972-22-0014-3. Vol. 5, cols. 904-905.

OLIVEIRA, Manuel Alves de – Almeida, Leopoldo Neves de. In *O Grande Livro dos Portugueses*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990. ISBN 9724201430. p. 29

OLIVEIRA, Manuel Alves de – Costa, Fernando dos Santos. In *O Grande Livro dos Portugueses*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990. ISBN 9724201430. p. 169-170.

OLIVEIRA, Manuel Alves de – Malta, Eduardo. In *O Grande Livro dos Portugueses*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990. ISBN 9724201430. p. 326-327.

OLIVEIRA, Manuel Alves de – Medina, Henrique. In *O Grande Livro dos Portugueses*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990. ISBN 9724201430. p. 346.

OLIVEIRA, Manuel Alves de – Perdigão, José de Azeredo. In *O Grande Livro dos Portugueses*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990. ISBN 9724201430. p. 403.

OLIVEIRA, Manuel Alves de. – Santos, Reynaldo dos. In *O Grande Livro dos Portugueses*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990. ISBN 9724201430. p. 457-458.

PASSINHO, Cristiane Domingues – *Estância Sanatorial do Caramulo: A aculturação experimental da expressão moderna*. 2005. Acessível na Biblioteca do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Portugal.

PEARCE, Susan – *Museums objects and collections. A cultural study*. Leicester: Leicester University Press, 1992. ISBN 0718513200.

PEARCE, Susan – Collecting reconsidered. In PEARCE, Susan, ed. – *Interpreting objects and collection*. London – New York: Routledge, 1994. ISBN 0415112885. p. 193- 204.

PEARCE, Susan – The urge to collect. In PEARCE, Susan, ed. – *Interpreting objects and collection*. London – New York: Routledge, 1994. ISBN 0415112885. p. 157-159.

PEQUET, Sandrine – *Médicalisation de la société. Une question de limites?* Bruxelles: Question Santé, 2010.

PERDIGÃO, Azeredo – *Calouste Gulbenkian colecionador*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006. ISBN 9729774846.

PEREIRA, Fernando A. Baptista – Museus de Arte. In ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, coord. – *Introdução à museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993. ISBN 9726741041. p. 191-199.

PEREIRA, Iolanda Cristina Barreira – *Portugal e a questão dos bens culturais deslocados durante a II Guerra Mundial. Conjunturas, factos, protagonistas e o atual estado da arte*. [Em linha]. 2 Vols. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2014. Dissertação de mestrado. [Consult. 6 março 2018]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10451/20596>>.

PEREIRA, J. V. Silva – *A Serra do Caramulo. Desintegração de um espaço rural*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1988. Tese de doutoramento.

PIMENTEL, Cristina – *O sistema museológico português (1833-1991). Em direção a um novo modelo teórico para o seu estudo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2005. ISBN 9723111004.

PIMENTEL, Irene – O voto das mulheres em Portugal. *Jugular*. [Em linha]. (29 setembro 2013). [Consult. 29 junho 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://jugular.blogs.sapo.pt/3620156.html>>

PIMENTEL, Irene Flunser – A assistência social e familiar do Estado Novo nos anos 30 e 40. *Análise Social*. Lisboa. ISSN 00032573. Vol. XXXIX, n.º 151-152 (1999), p. 477-508.

PINHEIRO, Trajano – Nascimento, apogeu e ocaso de uma grande obra. In ARAÚJO, A. Teles de, coord. – *História da pneumologia portuguesa*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Pneumologia, 1994, p. 273-279.

PINTO, Evaristo João de Jesus – *O Museu Municipal Manuel Soares de Albergaria, Carregal do Sal. Das origens à sua formação*. Carregal do Sal: Câmara Municipal, 2008.

POMIAN, Krzysztof – The collection: between the visible and the invisible. In PEARCE, Susan, ed. – *Interpreting objects and collection*. London – New York: Routledge, 1994. ISBN 0415112885. p. 160-174.

POMIAN, Krzysztof – De la collection en général, et de l'œil du collectionneur en particulier [entretien par Philippe Piguet]. *L'œil. Magazine internationaux d'art*. Lausanne. ISSN 0029862X. N.º 468 (janvier-février 1995), p. 50-51.

PORTELA, Artur – *Salazarismo e artes plásticas*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

Presentación. *Museo de Historia de la Automoción de Salamanca*. [Em linha]. [Consult. 24 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://museoautomocion.com/pt/>>

QUILHÓ, Irene – A coleção de arte de Abel Lacerda. *Colóquio: Revista de Artes e Letras*. Lisboa. ISSN 08715807. N.º 4 (julho 1959), p. 20-25.

QUINA, Maria Antónia Gentil – *À maneira de Portugal e da Índia: Uma série de tapeçaria quinhentista*. Lisboa: Meribérica – Liber, 1998. ISBN 9724513831.

QUINA, Mária Antónia Gentil, Tapeçarias. In GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord. – *Coleção da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, 2003. ISBN 9729523223. p. 164.

QUINA, Mária Antónia Gentil – Tapeçaria «Portugueses na Índia». In GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord. – *Coleção da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, 2003. ISBN 9729523223. p. 165-169.

RAMALHO, Margarida de Magalhães; VILAÇA, Teresa, comissariado científico – *O triunfo de uma vida, 1895-1986: António Medeiros e Almeida*. Lisboa: Casa-Museu Medeiros e Almeida, 2011. ISBN 9789729890727.

RAMOS, Paulo Oliveira – Breve história do museu em Portugal. In ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, coord. – *Introdução à museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993. ISBN 9726741041. p. 19-62.

RIBEIRO, Carla – A educação estética da Nação e a «Campanha do Bom Gosto de António Ferro (1940-1949)». *Estudos Ibero-Americanos*. [Em linha]. Vol. 43, n.º 3 (maio-agosto 2017), p. 289-302. [Consult. 7 abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-864X.2017.2.24663>>. ISSN 19980864X.

RIBEIRO, José Alberto, coord. – *Colecionar para a Res Publica: O legado Dr. Anastácio Gonçalves (1888-1965)*. Lisboa: Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2010. ISBN 9789727764150.

RIBEIRO, Nelson – A Emissora Nacional: das emissões experimentais à oficialização (1933-1936). *Comunicação & Cultura*. Lisboa. ISSN 16464877. N.º 3 (2007), p. 175-199.

ROSAS, Fernando – *O Estado Novo (1926-1974)*. Vol. 7. MATTOSO, José, dir. – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. ISBN 9724209164

SANTOS, Armando Vieira – Coleções eclesiásticas. In CHICÓ, Mário Tavares; SANTOS, Armando Vieira; FRANÇA, José-Augusto – *Dicionário de Pintura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1973, p. 87-88.

SANTOS, Armando Vieira – Coleções particulares. In CHICÓ, Mário Tavares; SANTOS, Armando Vieira; FRANÇA, José-Augusto – *Dicionário de Pintura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1973, p. 88-90.

SANTOS, Armando Vieira; FRANÇA, José Augusto – Museus. In CHICÓ, Mário Tavares; SANTOS, Armando Vieira; FRANÇA, José-Augusto – *Dicionário de Pintura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1973, p. 285-286

SANTOS, Isabel Costa – *Jerónimo Lacerda e o Caramulo*. s. l.: Sociedade do Caramulo, 1989.

SANTOS, Rui Afonso – Arte contemporânea (Séculos XIX-XX). In GOUVEIA, Madalena Lacerda, coord. – *Coleção da Fundação Abel de Lacerda*. Caramulo: Museu do Caramulo – Fundação Abel de Lacerda, 2003. ISBN 9729523223. p. 202-203.

SEQUEIRA, Hélder – *Os sons do tempo na cidade da saúde: Rádio Alitude, um património da Guarda*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2001. Dissertação de mestrado.

SERVIÇOS DE BIBLIOTECA, INFORMAÇÃO DOCUMENTAL E MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO – *António de Cértima. O perfil do homem e do escritor*. [Exposição]. Biblioteca da Universidade de Aveiro – Sala de exposições Hélène de Beauvoir (11 dezembro 2017 a 15 janeiro 2018).

SILVA, Leonor – Museu do Caramulo: O automóvel como património. *Pedra & Cal*. Lisboa. ISSN 16454863. N.º 19 (julho, agosto, setembro 2013), p. 30.

SILVA, Maria João Bustorff – Ricardo do Espírito Santo Silva: O mecenas. In SILVA, Maria João Bustorff, coord. – *Ricardo Espírito Santo Silva: Colecionador e mecenas*. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo, 2003. ISBN 9728253397. p. 51-65.

SILVA, Maria João Bustorff, coord. – *Ricardo Espírito Santo Silva: Colecionador e mecenas*. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo, 2003. ISBN 9728253397.

SILVA, Raquel Henriques da – Lacerda, Abel de. In FERREIRA, Emília; MONTEIRO, Joana d’Oliva; SILVA, Raquel Henriques da, coord. – *Dicionário Quem é quem na museologia portuguesa*. [Em linha]. Lisboa: Instituto de História da Arte – Nova/FCSH, 2019. [Consult. 1

abril 2019]. Disponível em WWW: <URL: https://institutedehistoriadaarte.files.wordpress.com/2019/03/dicionario_quemquem.pdf>. ISSN 9789895440504. p. 171-173.

SILVA, Ricardo Jerónimo – *Arquitetura hospitalar e assistencial promovida por Bissaya Barreto*. [Em linha]. Vol. I. Lisboa: Universidade de Coimbra, 2013. Tese de doutoramento. [Consult. 15 maio 2019]. Disponível em WWW: <URI: <http://hdl.handle.net/10316/24754>>.

Sobre Nós. *Museu do Automóvel de Vila Nova de Famalicão*. [Em linha]. [Consult. 24 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: https://www.facebook.com/pg/museudoautomovelfamalicao/about/?ref=page_internal>.

SOUSA, Maria Reynolds de – In CRUZ, Manuel Braga da, PINTO, António Costa – *Dicionário Biográfico Parlamentar (1935-1974)*. Lisboa: Universidade de Lisboa – Assembleia da República, 2005. ISBN 9726711355. Vol. I, p. 274-277.

SOROMENHO, Ana – Caramulo: A vontade de um sonhador. *Expresso: Revista Única*. Lisboa. N.º 1622 (29 novembro 2003), p. 28-31.

TAVARES, André – *Arquitectura antituberculose. Trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e a Suíça*. Porto: FAUP, 2005.

TOBÉ, Anne – *Passy, Plateau d'Assy. Montagne magique: L'art inspiré*. [Em linha]. Paris : Reflex Graphic, 2007. [Consult. 31 novembro 2018]. Disponível em WWW: <URL: <http://passy-culture.com/wp-content/uploads/2009/10/PASSY-ASSY-MMAI-TOBE1.pdf>>.

TORGAL, Luís Reis; HOMEM, Amadeu de Carvalho – Ideologia salazarista e «cultura popular»: análise da biblioteca de uma casa do povo. *Análise Social*. Lisboa. ISSN 0032573. Vol. XVIII, n.º 72-73-74 (1982), p. 1437-1464.

Um gosto privado, um olhar público: Doações D. Luís Bramão, Bustorff Silva, Barros e Sá. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1995.

VELOSO, António Barros – Descobertas simultâneas na Medicina do século XX (3º parte): Os primeiros tuberculostáticos. *Medicina Interna. Revista da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna*. Lisboa. ISSN 2183990. Vol. 15, n.º 1 (2008), p. 68-76.

VELOSO, António Barros – *Caramulo. Ascensão e queda de uma estância de tuberculosos*. Lisboa: By the Book, 2009. ISBN 9789899640900.

VIEIRA, Ismael – *Conhecer, tratar e combater a «peste branca». A tisiologia e a luta contra a tuberculose em Portugal (1853-1975)*. [Em linha]. Porto: Universidade do Porto, 2012. Tese de doutoramento. [Consult. 14 março 2019]. Disponível em WWW: <URL: https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=28047>.

ZUBIAUR CARREÑO, Francisco Javier – *Curso de museología*. Somonte-Cenero: Ediciones Trea, 2004. ISBN 8497041321.

ANEXOS

ANEXO I – DICIONÁRIO BIOGRÁFICO

ALMEIDA, ANTÓNIO MEDEIROS E (1895-1986)

Amigo de Abel Lacerda, António Medeiros de Almeida apoia o museu nascente não só pela via da doação de objetos (doador n.º 106), mas também assumindo a presidência da Assembleia-Geral da Fundação Museu do Caramulo entre 1955 e 1957. Provinha de uma família de colecionadores e possuía excelentes competências enquanto administrador, estando ligado a várias empresas, desde refinarias à indústria automóvel e de aviação, passando pela produção de fibras naturais, como linho e cânhamo. Sem descendência, em 1972 funda a Fundação Medeiros e Almeida, à qual doa a sua coleção de arte e a residência em Lisboa, criando a Casa-museu Medeiros e Almeida¹⁰²⁰.

ALMEIDA, LEOPOLDO DE (1898-1975)

Escultor formado na Escola de Belas-Artes de Lisboa, a sua matriz clássica impôs-se aos ímpetus modernistas de início de carreira. Teve um longo percurso como artista oficial do Estado Novo. Participou na Exposição do Mundo Português e na elaboração do Padrão dos Descobrimentos e está largamente presente no espaço exterior das cidades portuguesas. Foi presidente do Conselho de Administração da Fundação Abel de Lacerda em 1958/1959 e o doador n.º 32, com obras da sua autoria¹⁰²¹.

CARVALHO, JOSÉ LUÍS BRANDÃO DE (1900-1961)

Designer de interiores, foi decorador das Pousadas de Portugal e, em meados dos anos 50, esteve internado no Sanatório Dr. Jerónimo Lacerda, no Caramulo. Foi colaborador de Lacerda desde o início e um dos seus confidentes aquando das prospeções por obras de arte a incorporar no Museu do Caramulo. Foi o doador n.º 90 do Museu do Caramulo. Casou com Maria Amélia Brandão de Carvalho, também ela doadora¹⁰²².

CARMONA, MÁRIO (1895-1970)

Médico, com especialidade em Cirurgia Geral, professor universitário de Medicina, Enfermeiro-mor nos Hospitais civis de Lisboa e Presidente do Conselho Regional do Sul da Ordem dos Médicos, foi também ensaísta e colecionador, Foi o doador n.º 31 do Museu do Caramulo¹⁰²³.

¹⁰²⁰ RAMALHO, Margarida de Magalhães; VILAÇA, Teresa, comissariado científico – *O triunfo de uma vida, 1895-1986: António Medeiros e Almeida*. Lisboa: Casa-Museu Medeiros e Almeida, 2011; *Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956*, ob. cit., p. 7; *Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957*, ob. cit., p. 7; *Relação de obras de arte*, ob. cit., p. 12.

¹⁰²¹ AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da FAL*: ata n.º 2 de 28 de julho de 1959, fl. 5; *Relação de Obras de Arte*, ob. cit., p. 10, 16-17; OLIVEIRA, Manuel Alves de – Almeida, Leopoldo Neves de. In *O Grande Livro dos Portugueses*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990, p. 29.

¹⁰²² APFAL, recortes de imprensa, vol. 2, fl. 54; MACHADO, A. Pinto, *art. cit.*; *Relação de obras de arte*, ob. cit., p. 11; AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da FAL*, ata n.º 5 de 27 de julho de 1962, fl. 9.

¹⁰²³ Mário Reis de Figueiredo Carmona. *Ordem dos Médicos: Região do Sul*. [Em linha]. [Consult. 13 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://www.omsul.pt/membros/galeria-de-presidentes-do-crs>>; *Relação de obras de arte*, ob. cit., p. 10.

CÉRTIMA, ANTÓNIO DE (1894-1983)

Casou com Maria Arminda Castro de Lacerda, irmã de Abel, em 1948. Foi escritor, jornalista, cônsul de Portugal em Dacar (1927-1932) e em Sevilha (1932-1949) e administrador em várias empresas, como a SACOR ou a Sociedade de Rádio e Retransmissão. Muito bem relacionado com a *intelligentsia* do seu tempo, escreveu crónicas literárias no *Primeiro de Janeiro* e no *Diário Popular*, assim como na revista sevilhana *Archivo Hispalense*, e publicou várias obras com grande sucesso, como a *Epopéia Maldita* (1924), *Discurso à Geração Lusitana* (1935), *Escandalosamente Pura* (1966) ou *Soldado, volta!* (1970). Foi condecorado várias vezes pela sua ação cultural, destacando-se a comenda da Ordem Civil de Afonso X, o Sábio (1951); a comenda da Ordem da Coroa Real da Roménia (1952), o grau de Cavaleiro da Ordem de Cristo (1963), *inter alia*. Cértima foi o doador n.º 51 do Museu do Caramulo e integrou os seus corpos gerentes após a morte de Abel de Lacerda¹⁰²⁴.

COSTA, FERNANDO DOS SANTOS (1899-1982)

Militar, progrediu na carreira até obter a patente de general (1961). Foi nomeado Subsecretário de Estado da Guerra (1936), Ministro da Guerra (1944-1950) e Ministro da Defesa Nacional (1950-1958). Foi o responsável pelo planeamento e direção da remodelação do Exército e das Forças Armadas portuguesas sob o Estado Novo, ao longo de 22 anos consecutivos. Foi diretor do Instituto de Altos Estudos Militares (1964-1967). Amigo próximo de Abel de Lacerda, tornou-se no doador n.º 28 do Museu do Caramulo e foi presidente da Assembleia-Geral da Fundação Abel de Lacerda em 1959/1960¹⁰²⁵.

COUTINHO, ANTÓNIO DE SOUSA

Casado com Isabel Fialho de Mendonça, foi proprietário de fábricas de sardinhas no Algarve. Com a esposa, fez tratamento na Estância Sanatorial do Caramulo, local onde regressaram todos os anos, uma vez curados, pelo verão. Localmente, era conhecido pelo método como subia a serra: num Rolls Royce apitando em todas as curvas. Foi o doador o n.º 95 do Museu do Caramulo¹⁰²⁶.

COUTO, JOÃO (1892-1968)

Conservador e museólogo, começou a carreira, em 1915, no Museu Machado Castro, em Coimbra, cidade onde nasceu, ingressando no MNAA em 1924, como conservador. Em 1938, tornou-se diretor do mesmo museu, sucedendo a José de Figueiredo, falecido em 1937. Como teórico da museologia, construiu uma bibliografia importantíssima, dispersa por jornais e revistas nacionais. Teve grande impacto na altura em que foi produzida pelos novos horizontes

¹⁰²⁴ MOTA, Arsénio – *António de Cértima: Vida, obra, inéditos*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1994; *Relação de obras de arte, ob. cit.*, p. 10; SERVIÇOS DE BIBLIOTECA, INFORMAÇÃO DOCUMENTAL E MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO, *ob. cit.*; VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 143 e 150, n. 13.

¹⁰²⁵ AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da FAL*, ata n.º 2 de 28 de julho de 1959, fl. 5; *Relação de Obras de Arte, ob. cit.*, p. 10; OLIVEIRA, Manuel Alves de – Costa, Fernando dos Santos. In *O Grande Livro dos Portugueses, ob. cit.*, p. 169-170.

¹⁰²⁶ Conversa com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018; *Relação de obras de arte, ob. cit.*, p. 10.

e pela (r)evolução que pretendia instituir, pois clamava por um museu que conservasse, que salvaguardasse, que exhibisse e que divulgasse o seu acervo de forma ativa e aberta à sociedade, em oposição ao imobilismo e ao hermetismo que então caracterizava este tipo de instituição¹⁰²⁷.

DUFF, GEORGE ROBERT

Cidadão britânico expatriado em Portugal, George Duff trabalhava em Lisboa como antiquário, tendo sido, para além de amigo, parceiro de negócios de António Campos, seletor antiquário na capital portuguesa, conhecido pela qualidade das peças internacionais que vendia. Estas eram obtidas por intermédio de Duff, devido à facilidade que tinha em deslocar-se ao e no estrangeiro devido à sua cidadania britânica. Foi o doador n.º 136 do Museu do Caramulo e eleito secretário da Assembleia-Geral da FMC em 1957¹⁰²⁸.

FONSECA, JOSÉ SOARES DA (1908-1969)

Advogado, político, administrador de empresas e deputado à Assembleia Nacional (1942-1969) foi um ativo defensor do Estado Novo e dos seus valores, embora patenteasse um perfil político-ideológico de cariz monárquico. Entre 1928 e 1930, foi diretor do CADC e da respetiva revista *Estudos* (1928-1931). Desempenhou altos cargos no Estado, tendo sido, entre 1950 e 1955, Ministro das Corporações e Previdência Social e vice-presidente (1964-1965) e presidente (1966) das conferências parlamentares dos países da NATO. Entre 1956 e 1968 foi também Presidente do Conselho de Administração da Companhia Colonial de Navegação, doadora de uma das tapeçarias «À Maneira de Portugal e da Índia». Foi Presidente do Conselho Fiscal da FMC em 1955/1956 e 1956/1957 e o doador n.º 85¹⁰²⁹.

GALVÃO, FERNANDO ESPÍRITO SANTO MONIZ (1905-1975)

Engenheiro de formação e descendente de uma família de colecionadores – era sobrinho de Ricardo Espírito Santo e Silva – e de poderosos capitalistas, Moniz Galvão fundou as empresas de retalho automóvel Mocar e Santomar. Doou vários objetos ao Museu do Caramulo, já depois do falecimento de Abel de Lacerda, tornando-se no doador n.º 158. Foi presidente do Conselho Fiscal da Fundação Abel de Lacerda (1959-1960). Era irmão de Maria Cristina Espírito Santo Moniz Galvão, doadora n.º 157¹⁰³⁰.

¹⁰²⁷ PIMENTEL, Cristina, *ob. cit.*, p. 144, n. 119.

¹⁰²⁸ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 7 de 14 de agosto de 1957, p. 23; MÂNTUA, Ana Anjos, *ob. cit.*, p. 76-77; *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 12.

¹⁰²⁹ CASTILHO, J. M. Tavares – Fonseca, José Soares da. In *Os deputados à Assembleia Nacional (1935-1974). Biografia e carreira parlamentar*. [Em linha]. [Consult. 13 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/DeputadosAN_1935-1974/html/pdf/f/fonseca_jose_soares_da.pdf>; *Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956*, *ob. cit.*, p. 7; *Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957*, *ob. cit.*, p. 7; *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 11.

¹⁰³⁰ AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da FAL*: ata n.º 2 de 28 de julho de 1959, fl. 5; *Relação de obras de ardo Salgado*. Alfragide: Lua de Papel, 2014, p. 8; GALVÃO, Francisco – A mulher mais rica de Portugal: A vida de Maria do Carmo Moniz Galvão. *A Família Galvão*. [Em linha]. (27 Outubro 2011). [Consult. 13 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://galvaodorn.blogspot.com/2011/10/mulher-mais-rica-de-portugal.html>>.

GOMES, ANTÓNIO LUÍS (1898-1981)

Filho de António Luís Gomes, ministro da I República e Reitor da Universidade de Coimbra, obteve o bacharelato em Direito nesta instituição. Fundada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1919), integrou o grupo dos primeiros professores, lecionando *Literatura Portuguesa* e *Geografia Política e Económica*. Ingressado na carreira de magistrado no Ministério Público (1923), assumiu por convite do Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar, os cargos de Secretário-Geral do Ministério das Finanças (1933-1940) e de Diretor-Geral da Fazenda Pública. Neste contexto, promoveu a criação do Arquivo Histórico do Ministério das Finanças e da Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra, bem como a reorganização da Direção dos Palácios Nacionais. Em 1945, foi nomeado presidente do Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança, tendo tido um papel notável no incentivo à produção científica e artística da mesma. Foi o doador n.º 88 do Museu do Caramulo¹⁰³¹.

GONÇALVES, ANASTÁCIO (1888-1965)

Médico oftalmologista, com consultório na Avenida da Liberdade, em Lisboa, Anastácio Gonçalves foi um ativo colecionador de arte entre os anos 30 e 60 do século XX, sobretudo de pintura, porcelana e mobiliário. Em 1932, comprou a casa que pertencera ao pintor José Malhoa para residência particular, com a intenção de aí ser criada uma casa-museu, após a sua morte, com base na coleção de arte que reunira. Foi vogal do Conselho de Administração do Museu do Caramulo em 1954-1955 e o doador n.º 73¹⁰³².

KUGEL, JACQUES (1912-1985)

Antiquário, nascido numa família de relojoeiros, colecionadores e negociantes de antiguidades estabelecida em São Petersburgo, na Rússia. Emigrou para Paris em 1924, especializando-se na venda de caixas de prata e ouro. Com a II Guerra Mundial, refugiou-se em Lisboa, mantendo aqui a sua atividade. Com a poetisa Merícia de Lemos, com quem casou, fundou a Galeria Calendas, especializada na comercialização de antiguidades de altíssimo valor e qualidade, muitas das quais obtidas por Kugel no mercado de arte internacional e entre os bens saqueados pela Alemanha nazi e governos colaboracionistas. Foi, não obstante, fornecedor, quer através da Galeria Calendas, quer individualmente, dos principais museus nacionais e de grande colecionadores. Enquanto filantropo e mecenas, doou várias peças a museus portugueses, entre os quais o do Caramulo. Regressou a Paris após a II Guerra Mundial, continuando o negócio de antiguidades. Foi o doador n.º 115 do Museu do Caramulo¹⁰³³.

¹⁰³¹ António Luís Gomes (filho). In *Docentes e Estudantes da Primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. [Em linha]. [Consult. 13 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=docentes%20e%20estudantes%20da%20primeira%20flup%20-%20ant%c3%b3nio%20lu%c3%ads%20gomes>; *Relação de obras de arte, ob. cit.*, p. 11.

¹⁰³² *Relação de obras de arte, ob. cit.*, p. 11; RIBEIRO, José Alberto, coord., *ob. cit.*; *Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955, ob. cit.*, p. 7.

¹⁰³³ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018; PEREIRA, Iolanda Cristina Barreira, *ob. cit.*, pp. 69-71; *Relação de obras de arte, ob. cit.*, p. 12.

LEMONS, MERÍCIA (1913-1996)

Nascida na Beira, em Moçambique, veio posteriormente para a metrópole onde estudou na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Poetisa, escreveu e publicou várias obras até ao final da vida. Casou com o antiquário Jacques Kugel, russo de nascimento, emigrado em Paris e refugiado em Lisboa com a II Guerra Mundial. Com ele fundou a Galeria Calendas, especializada no comércio de antiguidades e outros bens artísticos de altíssimo nível. Finda a guerra, partiu com o marido para Paris, continuando com o negócio desenvolvido em Lisboa. Foi amiga de Abel de Lacerda, tendo sido por sua influência que começou a interessar-se e a investir em arte contemporânea¹⁰³⁴.

MACEDO, DIOGO DE (1889-1959)

Escultor e, a partir de 1944 e até ao fim da vida, diretor do Museu de Arte Contemporânea, atual Museu do Chiado, em Lisboa, promovendo o enriquecimento da exposição com obras de artistas da vanguarda portuguesa. Escreveu prolificamente sobre artistas portugueses e sobre arte moderna e contemporânea, tendo ainda participado, enquanto museólogo, na produção de várias exposições. Foi o doador n.º 111 do Museu do Caramulo, assim como a sua segunda esposa, Eva Arruda de Macedo, colecionadora. Esta acompanhou de perto as atividades da instituição, como demonstra a compilação de recortes de imprensa que fez, à guarda da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian¹⁰³⁵.

MALTA, EDUARDO (1900-1967)

Pintor retratista formado na Escola de Belas-Artes do Porto, sempre se opôs à arte moderna por considerá-la servil dos interesses do *marchant* de arte. Ganhou grande fama em Portugal, onde era protegido pelo poder político, em Espanha e no Brasil, recebendo sistemáticas encomendas das elites políticas e financeiras. Foi o autor do primeiro e único retrato de Oliveira Salazar pintado ao vivo, na casa de Jerónimo Lacerda, pai de Abel de Lacerda, no Caramulo, onde o Presidente do Conselho estanciava com recorrência. O quadro encontra-se hoje no Museu do Caramulo, instituição à qual o artista doou o *Retrato de Maria Luísa*, da sua autoria. Foi o doador n.º 113 e vogal do Conselho Fiscal da FMC em 1957/1958. Em 1959, foi nomeado diretor do Museu Nacional de Arte Contemporânea, por falecimento de Diogo de Macedo¹⁰³⁶

MARDEL, FERNANDO (1884-1960)

Pintor-restaurador, especialista em pintura e diretor da Oficina de Restauro do MNAA. Colaborou com a antiquária Elena Hortega no após II Guerra Mundial no âmbito da importação

¹⁰³⁴ Conversa da autora com Miguel de Lacerda, filho de Abel de Lacerda, em 24 de março de 2018; PEREIRA, Iolanda Cristina Barreira, *ob. cit.*, pp. 69-71.

¹⁰³⁵ Diogo de Macedo. In *Antigos estudantes ilustres da Universidade do Porto*. [Em linha]. [Consult. 5 maio 2019]. Disponível em WWW: <URL: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20diogo%20de%20macedo>; BAFCG, fundo Diogo de Macedo, cx. 330; *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 12.

¹⁰³⁶ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 7 de 14 de agosto de 1957, p. 23; *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 21; OLIVEIRA, Manuel Alves de – Malta, Eduardo. In *O Grande Livro dos Portugueses*, *ob. cit.*, p. 326-327; *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 12.

de quadros de grande qualidade para Portugal. Foi o doador n.º 53 do Museu do Caramulo e vogal do Conselho de Administração da FMC entre 1955 e 1957¹⁰³⁷.

MEDINA, HENRIQUE (1901-1988)

Pintor realista, afastado das correntes de vanguarda, é reconhecido como o maior retratista português do século XX, tendo alcançado fama nacional e internacional. Revelando um talento precoce para artes, iniciou a sua educação artística muito cedo, passando pela Escola Superior de Belas-Artes e, em Paris, pela École des Beaux-Arts. Fez sucessivas exposições e foi premiado, tanto em Portugal como no estrangeiro, nomeadamente na Europa e na América. Instalando-se semi-permanentemente nas cidades por onde passava, como Paris, Roma, Madrid, Nova Iorque, Hollywood, Rio de Janeiro e Lisboa, ganhou uma clientela de ilustres ao mais alto nível. Retratou chefes de Governo, altas patentes militares, políticos, vedetas da Sétima Arte, realeza, aristocracia. Entre os retratados contam-se António de Oliveira Salazar, Benito Mussolini, Charlie Chaplin, Mary Pickford, Galli Curci, os príncipes Domenico Orsini e Giovanni Torlonia e o Papa João Paulo II. As suas obras foram adquiridas por importantes museus mundiais, como o *Metropolitan Museum* de Nova Iorque, o Museu-Coleção Metro Goldwin Mayer, em Hollywood, ou a *Galerie Nationale du Jeu de Paume*, em Paris. Foi o doador n.º 54 do Museu do Caramulo e vogal da Assembleia-Geral da FMC (1954/1955)¹⁰³⁸

PERDIGÃO, JOSÉ DE AZEREDO (1896-1993)

Nascido em Viseu e licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi advogado, gestor e professor universitário na área jurídica e económica em Portugal e no Brasil. Em 1956, tornou-se presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo então desenvolvido uma pródiga atividade em prol do fortalecimento da instituição e do cumprimento dos seus princípios estatutários ao nível da cultura e das artes, no país e no estrangeiro. Em 1969, publicou o livro *Calouste Gulbenkian Colecionador*. Entre 1957 e 1959, foi presidente da Assembleia-Geral da FMC, tendo tido um papel determinante, através da concessão de subsídios da instituição a que presidia, na conclusão das obras do edifício-sede do Museu do Caramulo, fazendo-o em nome de Abel de Lacerda e da missão partilhada entre a FCG e a FMC ao nível da promoção da cultura e das artes no país¹⁰³⁹.

¹⁰³⁷ MÂNTUA, Ana Anjos, *ob. cit.*, p. 75; *Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956*, *ob. cit.*, p. 7; *Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957*, *ob. cit.*, p. 7; *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 10.

¹⁰³⁸ OLIVEIRA, Manuel Alves de – Medina, Henrique. In *O Grande Livro dos Portugueses*, *ob. cit.*, p. 346; Henrique Medina. *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto*. [Em linha]. [Consult. 13 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20henrique%20medina>; *Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955*, *ob. cit.*, p. 7; *Relação de Obras de Arte*, *ob. cit.*, p. 10

¹⁰³⁹ AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 3 de 28 de julho de 1956, p. 6; *idem*: ata n.º 7, de 14 de agosto de 1957, p. 23; *idem*: *Livro de Atas da Assembleia-Geral da FAL*, ata n.º 1 de 14 de agosto de 1958, fl. 2/v-3; *idem*: ata n.º 2 de 28 de julho de 1959, fl. 5; AFCG, fundo FCG, cota FCG-SBA00547, carta de 17 de março de 1958, Manuel Tapia a José de Azeredo Perdigão; OLIVEIRA, Manuel Alves de – Perdigão, José de Azeredo. In *O Grande Livro dos Portugueses*, *ob. cit.*, p. 403.

POSSOLO, GUILHERME

Especialista em mobiliário português antigo e diretor da Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva. Nos anos 20, construiu um chalé em estilo suíço na Estância do Caramulo, onde a esposa estava internada, sendo conhecido localmente por Casa das Lousas. Era amigo próximo da família Lacerda. Doador n.º 153 do Museu do Caramulo, foi eleito vogal do Conselho de Administração da FMC em 1957¹⁰⁴⁰.

SANTOS, LUÍS REIS (1898-1967)

Historiador e crítico de arte, para além de colecionador e comissário de exposições. Foi também diretor do Museu Machado Castro entre 1951 e 1967. Representou vários colecionadores em leilões e prestou serviços de consultoria artística. Conhecia Abel de Lacerda, de quem era grande amigo, pelo menos desde o final dos anos 40, altura em que escreveu sobre os quadros de Grão Vasco que aquele possuía na sua coleção privada. Foi casado com Maria Emília Reis Santos, sendo ambos doadores do Museu do Caramulo, com os n.ºs, respetivamente, 40 e 41¹⁰⁴¹.

SANTOS, REYNALDO DOS (1880-1970)

Doador n.º 121 do Museu do Caramulo, foi Presidente da Assembleia-Geral da FMC em 1956/1957 e 1957/1958 e da Fundação Abel de Lacerda a partir de 1958. Médico de profissão, com uma carreira notável, foi também historiador e crítico de arte, tendo produzido uma vasta obra literária neste campo, repartida entre monografias, ensaios e artigos. Era próximo de Abel de Lacerda¹⁰⁴².

SARTO DE HORTEGA, ELENA

Antiquária residente em Lisboa, onde era conhecida por Madame Hortega, tinha lojas nas ruas Camões e D. Pedro V. Oriunda do País Basco, refugiou-se em Portugal com a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), tendo-se iniciado no negócio da compra e venda de antiguidades depois de ter trabalhado como modista de chapéus. No pós II Guerra Mundial, Fernando Mardel, restaurador especialista em pintura, tornou-se seu colaborador, acompanhando-a numa viagem à Europa com o objetivo de importar para Portugal quadros de grande qualidade. Foi a doadora n.º 10 do Museu do Caramulo¹⁰⁴³.

SILVA, ANTÓNIO JÚDICE BUSTORFF DA (1895-1979)

Advogado, empresário, deputado à Assembleia Nacional (1945-1957) e amigo pessoal de António de Oliveira Salazar, foi presidente da primeira Assembleia-Geral da FMC (1954). Foi

¹⁰⁴⁰ FAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 7, 14 de agosto de 1957, p. 23; *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 13; SILVA, Maria João Bustorff, Ricardo do Espírito Santo Silva: O mecenas, *art. cit.*, p. 28-29, 35; Veloso, José Barros, *ob. cit.*, p. 60.

¹⁰⁴¹ A I Exposição de Arte Sacra do concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 44 suplemento (23 junho 1951), p. 2; PEREIRA, Iolanda Cristina Barreira, *ob. cit.*, p. 52; *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 10; SANTOS, Luís Reis – Duas obras-primas do Grão Vasco. *Ecos da Serra*. N.º 2 (15 setembro 1949), p. 1-2.

¹⁰⁴² AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 7 de 14 de agosto de 1957, p. 23; *Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957*, *ob. cit.*, p. 7; OLIVEIRA, Manuel Alves de – Santos, Reynaldo dos. In *O Grande Livro dos Portugueses*, *ob. cit.*, p. 457-458; *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 12.

¹⁰⁴³ MÂNTUA, Ana Anjos, *ob. cit.*, p. 75; *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 9.

membro do Conselho Geral da Ordem dos Advogados e do Tribunal Permanente de Arbitragem de Haia, assim como presidente das Assembleias-Gerais da CP, dos Caminhos-de-Ferro de Cabinda, da Fábrica de Cerâmicas Lusitana, da Companhia Colonial de Navegação, da Companhia Portuguesa Rádio Marconi e da Companhia Industrial Portugal e Colónias. Foi ainda Presidente do Conselho de Administração da Companhia de Cazengo e da Shell Portuguesa. Enquanto colecionador, foi doador do Museu do Caramulo, com o n.º 76, e do Museu Nacional de Arqueologia¹⁰⁴⁴.

SILVA, RICARDO ESPÍRITO SANTO E (1900-1955)

Banqueiro e proveniente de uma família de banqueiros de Lisboa, Ricardo Espírito Santo e Silva foi um dos maiores e mais importantes colecionadores e mecenas portugueses, tendo doado objetos a vários museus, entre os quais o Museu do Caramulo. A 28 de abril de 1953, em Lisboa, fundou o Museu-Escola de Artes Decorativas Portuguesas com base na sua coleção particular com o objetivo de o doar ao Estado, sendo o seu património gerido pela Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva, então instituída. Para além de protetor das artes e do património, patrocinou a publicação de diversas obras nestas áreas. Foi do doador n.º 81 do Museu do Caramulo e Presidente do Conselho Fiscal da FMC em 1954/1955¹⁰⁴⁵.

SOUSA, ANTÓNIO RUSSEL DE (1897-?)

Enquanto industrial do sector gráfico, foi sócio-gerente da Litografia Nacional. Desempenhou as funções de vereador na Câmara Municipal do Porto e foi procurador à Câmara Corporativa (1916-1917), deputado à Assembleia Nacional (1953-1957) e presidente da Comissão Concelhia do Porto da União Nacional, assim como do Grémio Nacional dos Industriais de Litografia e Rotogravura. Na II Sessão Legislativa da VI Legislatura (1954-1955), sugeriu ao Governo que adquirisse a Casa do Infante, tida pela tradição como o local do nascimento do Infante D. Henrique, para oferecê-la à cidade do Porto. O edifício, um dos mais antigos da urbe, funciona atualmente como Arquivo Municipal e como espaço polivalente de exposições. Foi o doador n.º 79 do Museu do Caramulo¹⁰⁴⁶.

VILHENA, ERNESTO (1876-1967)

Foi um dos maiores colecionadores de arte da 1ª metade do século XX em Portugal, especializando-se em bens artísticos portugueses ou de proveniência portuguesa. Fez fortuna com o comércio de diamantes, estando associado à Companhia de Diamantes de Angola

¹⁰⁴⁴ CASTILHO, J. M. Tavares – Silva, António Júdice Bustorff da. In *Os deputados à Assembleia Nacional (1935-1974). Biografia e carreira parlamentar*. [Em linha]. [Consult. 13 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/DeputadosAN_1935-1974/html/pdf/s/silva_antonio_judice_bustorff_da.pdf>; *Relação de obras de arte, ob. cit.*, p. 11; *Um gosto privado, um olhar público: Doações D. Luís Bramão, Bustorff Silva, Barros e Sá*. Lisboa: Instituto Português de Museus – Museu Nacional de Arqueologia, 1995, p. 55-149.

¹⁰⁴⁵ *Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955, ob. cit.*, p. 7; SILVA, Maria João Bustorff, coord., *Ricardo Espírito Santo Silva, ob. cit.*; *Relação de obras de arte, ob. cit.*, p. 11.

¹⁰⁴⁶ CASTILHO, J. M. Tavares – Sousa, António Russel de. In *Os deputados à Assembleia Nacional (1935-1974). Biografia e carreira parlamentar*. [Em linha]. [Consult. 13 agosto 2019]. Disponível em WWW: <URL: http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/DeputadosAN_1935-1974/html/pdf/s/sousa_antonio_russel_de.pdf>; *Relação de obras de arte, ob. cit.*, p. 11.

(Diamang). Doou objetos ao Museu do Caramulo (foi o doador n.º 18), assim como a outros museus portugueses, nomeadamente ao MNAA. Ernesto Vilhena foi casado com Maria Amélia Vasconcelos Porto de Vilhena, doadora n.º 201 e vogal do Conselho de Administração da Fundação Abel de Lacerda em 1970/1971 e em 1971/1972¹⁰⁴⁷.

VINHAS, MANUEL (1920-1977)

Famoso industrial e administrador da Companhia União de Cervejas Angolana Cuca. Esteve desde o início ligado ao Museu do Caramulo. Doador n.º 68, foi, a partir de 1955, vogal da Assembleia-Geral da FMC, vogal do Conselho de Administração da FMC e vogal do Conselho de Administração da FAL. Quando faleceu, em 1977, era considerado o maior colecionador português de arte contemporânea e moderna, tendo reunido 1000 obras e participado, com as mesmas, em várias exposições públicas, contribuindo para a dinamização deste sector do mercado em Portugal. Em Luanda, apoiou a realização de duas exposições de arte moderna, em 1955 e 1960¹⁰⁴⁸.

¹⁰⁴⁷ AFAJL, Livro de Atas da Assembleia-Geral da FAL, ata n.º 13 de 11 de julho de 1970, fl. 19/v; *idem*, ata n.º 14 de 10 de julho de 1971, fl. 20/v; CARVALHO, Maria João Vilhena de, *ob. cit.*; *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 9.

¹⁰⁴⁸ AFAJL, Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC, ata n.º 3 de 28 de julho de 1956, p. 6; *idem*, ata n.º 7, de 14 de agosto de 1957, p. 23; *idem*, Livro de Atas da Assembleia-Geral da FAL, ata n.º 1 de 14 de agosto de 1958, fl. 3; DUARTE, Adelaide, *ob. cit.*, p. 64-66, 69 e 178; *Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956*, *ob. cit.*, p. 7; *Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957*, *ob. cit.*, p. 7; *Relação de obras de arte*, *ob. cit.*, p. 11.

ANEXO 2 – DOCUMENTOS*Documento 1 – Sanatórios e casas de saúde da ESC (1922-1952)*

Sanatórios	Casas de Saúde	Pensões sanatório¹⁰⁴⁹
Grande Sanatório/ Sanatório Jerónimo Lacerda	Serra	Pensão do Alto / de Nossa Senhora da Conceição
Monteiro de Carvalho	Parque	Pensão Caramulo
Boa Esperança		Batalha
Sameiro		
Pedras Soltas		
Central		
Salazar		
Infantil Dr. Manuel Tapia		
Palma		
Lusitano		
Novo Sanatório/ Pavilhão de Cirurgia		
Santa Maria		
Montanha		
Bela Vista		
Senhora da Saúde		
Sanatório do Hospital de Santa Maria de Tondela		

Elaborado pela autora. FONTES: PEREIRA, J. V. Silva, *ob. cit.*, p. 546, 551 e VELOSO, António Barros, *ob. cit.*, p. 114, n. 12.

¹⁰⁴⁹ Pensões que funcionaram em algum momento como sanatórios.

Documento 2 – Cronologia das visitas governamentais ao concelho de Tondela (1945-1957)

DATA	MEMBRO DO GOVERNO	LOCALIDADE	MOTIVO
1947-07-13	. Ministro das Obras Públicas, José Frederico Ulrich	Caramulo Tondela	Visita às obras em curso na ESC. Conhecimento das obras públicas a realizar em Tondela com os subsídios estatais. Veio acompanhado por técnicos especializados da Direção-Geral de Urbanização, Águas e Saneamento, da Direção-Geral dos Edifícios Nacionais, da Direção de Estradas de Viseu e das construções hospitalares ¹⁰⁵⁰ .
1947-07-30	. Ministro da Guerra, Fernando Santos Costa	Caramulo	Inauguração do Sanatório Pedras Soltas, construído pela Sociedade do Caramulo para doentes pobres, e visita às obras do sanatório do exército, em construção ¹⁰⁵¹ .
1948-10	. Ministro da Justiça	Caramulo ¹⁰⁵²	
1948-10	. Diretor do IANT, Albano Castelo Branco	Caramulo ¹⁰⁵³	
1948-10-30	. Ministro da Guerra, Fernando Santos Costa . Subsecretário de Estado da Educação Nacional, Leite Pinto	Caramulo ¹⁰⁵⁴	Cerimónia de homenagem ao fisiologista espanhol Manuel Tapia, diretor científico da ESC, na sua despedida. Trabalhou durante 20 anos no Caramulo, regressando a Madrid naquela altura. O sanatório foi rebatizado Sanatório Infantil Dr. Manuel Tapia em reconhecimento do seu trabalho na Estância e do empenho que colocou na concretização deste projeto. Pelo mérito demonstrado e serviços prestados ao país foi

¹⁰⁵⁰ A visita do Sr. Ministro das Obras Públicas. *Folha de Tondela*. N.º 1180 (13 julho 1947), p. 1.

¹⁰⁵¹ APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl. 10/v: O Sanatório das Pedras Soltas no Caramulo destinado a pobres e indigentes foi ontem inaugurado pelo Sr. Ministro da Guerra. *O Século*. (31 julho 1947).

¹⁰⁵² Notícias da Região: Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1245 (24 outubro 1948), p. 2.

¹⁰⁵³ *Ibidem*.

¹⁰⁵⁴ *Ibidem*.

	. Subsecretário de Estado da Assistência Social, Trigo Negreiros		então condecorado pelo Governo português com as insígnias da Ordem de Santiago ¹⁰⁵⁵ .
1949-08-28	. Ministro do Interior, Augusto Cancela de Abreu	Sabugosa	Inauguração do monumento a Óscar Carmona.
1949-09-12	. Ministro da Guerra, Fernando Santos Costa	Caramulo	Acompanhamento da construção do sanatório do exército, a cargo da Assistência aos Tuberculosos do Exército ¹⁰⁵⁶ .
1950-02-12	. Subsecretário de Estado da Assistência Social, Trigo Negreiros	Tondela Caramulo	Integrada na visita realizada ao distrito de Viseu para observar o desenvolvimento das organizações assistenciais, no Caramulo, Trigo Negreiros recebia, em nome do IANT, o Sanatório Infantil Manuel Tapia, marcando-se assim os fortes laços de amizade e mútua confiança existentes entre o Estado e a Estância. Ao próprio, ser-lhe-ia ainda entregue, pela Direção da ESC, a Medalha de Ouro da Estância Sanatorial do Caramulo, distinção atribuída pela primeira vez e que se destinava a consagrar os altos serviços prestados ao Caramulo. Em Tondela, visitou o hospital e condecorou a Corporação dos Bombeiros Voluntários ¹⁰⁵⁷ .
1950-05-07	. Ministro da Guerra, Fernando Santos Costa	Caramulo	Visita ao sanatório do exército, batizado Sanatório Salazar, prestes a ser inaugurado, e aos melhoramentos feitos no Sanatório Jerónimo Lacerda ¹⁰⁵⁸ .

¹⁰⁵⁵ APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl. 14: Na Estância do Caramulo foi prestada homenagem ao eminente tisiólogo, Prof. Dr. Manuel Tapia. *O Século*. (31 outubro 1948).

¹⁰⁵⁶ O Ministro da Guerra no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 2 (15 setembro 1949), p. 1.

¹⁰⁵⁷ A Associação Beneficente do Caramulo entregou ao IANT o Sanatório Infantil. *Ecos da Serra*. N.º 12 (17 fevereiro 1950), p. 8; A visita do Sr. Subsecretário da Assistência Social em Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 12 (17 fevereiro 1950), p. 3; O Caramulo atribuiu ao Dr. Trigo de Negreiros a sua Medalha de Ouro. *Ecos da Serra*. N.º 12 (12 fevereiro 1950), p. 5 e 7; O Sr. Subsecretário da Assistência Social visitou o concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 12 (17 fevereiro 1950), p. 1 e 3; Tondela recebe hoje festivamente o Senhor Subsecretário de Estado da Assistência. *Folha de Tondela*. N.º 1311 (12 fevereiro 1950), p. 1.

¹⁰⁵⁸ Visita ministerial. *Ecos da Serra*. N.º 18 (15 maio 1950), p. 1.

1950-07-30	. Subsecretário de Estado das Obras Públicas, Alberto Saraiva e Sousa	Caramulo Barreiro de Besteiros Molelos Tondela Tourigo Valverde	Inauguração de vários melhoramentos locais (estradas, escolas e bibliotecas da casa do povo). Na Estância do Caramulo, inauguração do forno de inceneração de lixos e do matadouro, obras realizadas pela Junta de Turismo com a participação do Estado. Abel de Lacerda dizia-se regozijado com o «período áureo» que o concelho estava a atravessar ¹⁰⁵⁹ .
1950-08-09	. Ministro das Colónias, Sarmiento Rodrigues	Caramulo	Visita particular ¹⁰⁶⁰ .
1950-09-14	. Ministro da Defesa Nacional e do Exército, Fernando Santos Costa	Caramulo	Inauguração do Sanatório Salazar, com uma cerimónia magna e esplendorosa. Abel de Lacerda era agraciado com a comenda da Ordem de Cristo pela sua atividade em prol do país. Os médicos da Estância Celso Horta e Vale e Lucena Sampaio eram agraciados com o grau de oficial da mesma Ordem ¹⁰⁶¹ .
1950-09-17	. Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar	Caramulo	Visita sem carácter oficial, no decorrer da qual visitou os recém-inaugurados Sanatório Salazar, forno de incineração de lixos e matadouro, assim como os novos arruamentos da Estância, batizados com o nome das freguesias do concelho ¹⁰⁶² .
1950-09-20	. Ministro das Colónias, Sarmiento Rodrigues	Caramulo	Visita ao Sanatório Salazar e a outros melhoramentos da Estância ¹⁰⁶³ .

¹⁰⁵⁹ O Sr. Subsecretário de Estado das Obras Públicas no Concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 23, suplemento (6 agosto 1950), p. 1 e 5.

¹⁰⁶⁰ Visitantes ilustres. *Ecos da Serra*. N.º 24 (15 agosto 1950), p. 4.

¹⁰⁶¹ O Sanatório Salazar foi inaugurado com a presença dos ministros da Defesa Nacional e do Exército. *Ecos da Serra*. N.º 26, suplemento (23 setembro 1950), p. 1-2 e 4-6; A Estância Sanatorial concedeu ao Ministro da Defesa Nacional a Medalha de Ouro do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 26, suplemento (23 setembro 1950), p. 3-4.

¹⁰⁶² O Presidente do Conselho visitou o Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 26, suplemento (23 setembro 1950), p. 1.

¹⁰⁶³ APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl.. 38: O Sr. Ministro das Colónias visitou a Estância Sanatorial do Caramulo. *O Século*. (21 setembro 1950).

1950-09 ¹⁰⁶⁴	. Presidente da Federação das Caixas de Previdência, João Moreira	Caramulo	Visita pormenorizada à Estância, nomeadamente, ao Sanatório Salazar, ao Pavilhão de Cirurgia, ao forno de incineração de lixos, ao novo matadouro e à estação de tratamento de esgotos» ¹⁰⁶⁵ .
1950-10-17	. Subsecretário de Estado do Exército, Sá Viana Rebelo	Caramulo	Visita às instalações sanatoriais da Assistência aos Tuberculosos do Exército ¹⁰⁶⁶ .
1950-10-29	. Ministro do Interior, Trigo Negreiros	Sabugosa	Inauguração da Casa da Criança Eng.º Cancela de Abreu. Seguiu-se uma visita privada ao Caramulo ¹⁰⁶⁷ .
1950-10-30	. Ministro das Obras Públicas, José Frederico Ulrich	Caramulo Sabugosa	Visita à Casa da Criança Eng.º Cancela de Abreu. No Caramulo, visitou o matadouro e o forno de incineração de lixos, o sanatório Salazar, o local onde seria construído o bairro de casas económicas, a nova escola e a estrada para o Cadraço ¹⁰⁶⁸ .
1950-11-18	. Subsecretário de Estado do Exército, Sá Viana Rebelo	Caramulo	Visita particular a várias dependências sanatoriais, incluindo o Sanatório Salazar ¹⁰⁶⁹ .
1951-03-02	. Presidente da Federação das Caixas de Previdência, João Moreira	Caramulo	Visita às instalações da Estância ¹⁰⁷⁰ .
1951-03-25	. Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar	Caramulo	Visita particular à Estância, tendo visitado o Pavilhão de Cirurgia e assistido à missa dominical na Capela de Nossa Senhora da Esperança ¹⁰⁷¹ .

¹⁰⁶⁴ Última semana de setembro.

¹⁰⁶⁵ Visita ao Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 27 (1 outubro 1950), p. 5.

¹⁰⁶⁶ APFAL, recortes de imprensa, vol. I, fl. 41/v: E. – O Subsecretário do Exército visitou, ontem a Estância Sanatorial do Caramulo. *Comércio do Porto*. (19 novembro 1950).

¹⁰⁶⁷ Em Sabugosa na inauguração da Casa da Criança. *Folha de Tondela*. N.º 1349 (5 novembro 1950), p. 1-2.

¹⁰⁶⁸ *Idem*, p. 1; O Ministro das Obras Públicas visitou Sabugosa e o Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 29 (1 novembro 1950), p. 1.

¹⁰⁶⁹ O Subsecretário de Estado do Exército visitou o Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 31 (1 dezembro 1950), p. 1.

¹⁰⁷⁰ Dr. João Moreira. *Ecos da Serra*. N.º 38 (15 março 1951), p. 2.

¹⁰⁷¹ O Sr. Doutor Oliveira Salazar visitou no último domingo o Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 39 (1 abril 1951), p. 1.

1951-03 ¹⁰⁷²	. Diretor do IANT, Albano Castelo Branco	Caramulo	Visitou aos Sanatórios Jerónimo de Lacerda, Infantil Dr. Manuel Tapia e Salazar e ao Pavilhão de Cirurgia ¹⁰⁷³ .
1951-06-11	. Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar	Caramulo	Visita à Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela, na Junta do Turismo de Caramulo, prestes a ser inaugurada ¹⁰⁷⁴ .
1951-06-24	. Ministro da Defesa Nacional, Fernando Santos Costa	Caramulo Sabugosa	Visita à Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela, patente na Junta de Turismo do Caramulo, e à Casa da Criança Eng.º Cancela de Abreu ¹⁰⁷⁵ .
1951-07-11	. Subsecretário de Estado das Obras Públicas, Saraiva e Sousa . Presidente da Comissão Administrativa das Novas Instalações para o Exército, Sequeira Varejão . Deputado Tito de Arantes	Caramulo	Visita à Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela ¹⁰⁷⁶ .
1951-10-05	. Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar	Caramulo	Visita particular ¹⁰⁷⁷ .
1952-04-13	Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar	Caramulo	Visita particular ¹⁰⁷⁸ .

¹⁰⁷² Última semana de março.

¹⁰⁷³ Dr. Albano Castelo Branco. *Ecos da Serra*. N.º 39 (1 março 1951), p. 2.

¹⁰⁷⁴ A I Exposição de Arte Sacra. *Ecos da Serra*. N.º 44 (15 junho 1951), p. 4.

¹⁰⁷⁵ Sabugosa recebeu a visita do Sr. Ministro da Defesa Nacional. *Folha de Tondela*. N.º 1383 (1 julho 1951), p. 2.

¹⁰⁷⁶ Exposição de Arte Sacra: visita do subsecretário de Estradas e Obras Públicas. *Ecos da Serra*. N.º 46 (15 julho 1951), p. 2.

¹⁰⁷⁷ O Sr. Dr. Oliveira Salazar esteve, no passado dia 5, no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 52 (15 outubro 1951) p. 1.

¹⁰⁷⁸ O Presidente do Conselho esteve no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 64 (15 abril 1952), p. 1.

1952-05-17	. Ministro da Defesa Nacional, Fernando Santos Costa . Comandante-Geral da aeronáutica, Alfredo Sintra	Caramulo	Visita ao Sanatório Salazar, precedida de almoço na sala dos oficiais, ao Sanatório do Hospital de Tondela, a algumas obras em curso na Estância e aos pontos panorâmicos da serra do Caramulo ¹⁰⁷⁹ .
1952-06-07	. Subsecretário do Comércio e da Indústria, António de Magalhães Ramalho	Caramulo Sabugosa	Visita particular à Estância Sanatorial do Caramulo, nomeadamente ao Sanatório Jerónimo de Lacerda, Sanatório Salazar, ao Pavilhão de Cirurgia, ao Sanatório Infantil, à capela de Nossa Senhora da Esperança, ao bairro social e à Junta de Turismo. Visita à Casa da Criança Eng.º Cancela de Abreu ¹⁰⁸⁰ .
1952-07-06	. Ministro da Marinha, Américo Tomás	Caramulo	Acontece no seguimento do convite de Abel de Lacerda, sendo o primeiro ministro da Marinha a visitar a Estância, local de internamento de dezenas de marinheiros tuberculosos (o Sanatório da Bela Vista era informalmente conhecido como o sanatório dos marinheiros). Foi galardoado pela direção da ESC com a Medalha de Ouro da Estância Sanatorial do Caramulo. Refere-se a Abel de Lacerda como o «digno continuador do trabalho iniciado por seu pai», Jerónimo Lacerda ¹⁰⁸¹ .
1952-07-11	. Comandante-Geral da GNR, Afonso Botelho . Comandante do Batalhão n.º 5 de Coimbra, Aníbal Vaz	Caramulo	Visita particular, tendo inspecionado o subposto da GNR (criado recentemente) e visitado os doentes internados, a maior parte das instalações sanatoriais da Estância e alguns pontos turísticos do Caramulo ¹⁰⁸² .
1952-07-27	. Vogal da Comissão Executiva da União Nacional, Henrique Tenreiro	Caramulo	Preside à cerimónia de tomada de posse das comissões políticas da União Nacional do concelho de Tondela, que decorreu no cineteatro do Sanatório Jerónimo Lacerda.

¹⁰⁷⁹ O Ministro da Defesa de visita ao Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 67 (1 junho 1952), p. 1.

¹⁰⁸⁰ O Subsecretário do Comércio e Indústria em visita ao distrito de Viseu. *Ecos da Serra*. N.º 68 (15 junho 1952), p. 1.

¹⁰⁸¹ O Ministro da Marinha de visita ao Caramulo recebe a medalha de ouro da Estância. *Ecos da Serra*. N.º 70 (11 julho 1952), p. 1, 3-4.

¹⁰⁸² O General Afonso Botelho visitou o Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 71 (18 julho 1952), p. 1.

			Visitou ainda alguns sanatórios da Estância e foi saudado, no Sanatório Bela Vista, por todos os doentes da Armada ali internados ¹⁰⁸³ .
1952-08-16	. Subsecretário de Estado das Obras Públicas, Alberto Saraiva e Sousa	Caramulo	Visita às obras urbanísticas em curso na Estância ao longo da EN 230, o principal eixo viário que a atravessava ¹⁰⁸⁴ .
1952-09-06	. Subsecretário da Assistência Social, Ribeiro Queirós	Caramulo Tondela	Na Estância, visita os sanatórios Jerónimo Lacerda, Infantil, Salazar, Pedras Soltas, Pavilhão de Cirurgia e o Sanatório do Hospital de Tondela. Em Tondela, visita as obras do novo edifício do hospital ¹⁰⁸⁵ .
1952-09-28	. Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar	Caramulo	Visita particular a algumas obras em curso ¹⁰⁸⁶ .
1952-10-19	. Subsecretário de Estado da Assistência Social, Ribeiro Queirós	Tondela	Presidir ao Cortejo de Oferendas, realizado para colher fundos para a construção do novo edifício do Hospital Santa Maria de Tondela, tutelado pela Santa Casa da Misericórdia de Tondela ¹⁰⁸⁷ .
1953-06-24	. Ministro das Corporações, Soares da Fonseca	Caramulo	Visita particular a alguns sanatórios, seguida de almoço oferecido pela direção da Estância ¹⁰⁸⁸ .

¹⁰⁸³ No Caramulo, o Comandante Henrique Tenreiro deu posse às comissões da União Nacional do Concelho de Tondela. *Ecos da Serra*. N.º 73 (1 agosto 1952), p. 1 e 5-6.

¹⁰⁸⁴ Subsecretário das Obras Públicas. *Ecos da Serra*. (22 agosto 1952). N.º 75, p. 1.

¹⁰⁸⁵ O Subsecretário da Assistência visita o Hospital desta vila e o Sanatório dos Pobres, no Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1446 (14 setembro 1952), p. 1 e 3.

¹⁰⁸⁶ O Presidente do Conselho de visita ao Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 82 (3 Outubro 1952), p. 1.

¹⁰⁸⁷ Dar ao próximo por Amor de Deus. *Folha de Tondela*. N.º 1452 (26 Outubro 1952), p. 1-2.

¹⁰⁸⁸ O Ministro das Corporações visitou Santa Comba Dão e o Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 120 (25 junho 1953), p. 1.

1953-06-24	. Ministro da Marinha, Américo Tomás	Caramulo	Visita particular, com uma curta digressão pela Estância, seguida de jantar em casa da família Lacerda ¹⁰⁸⁹ . Foi a segunda visita de um ministro naquele dia, sinal claro do valor da ESC, pelas suas instalações e método de trabalho, e da consideração votada à sua direção.
1953-09-02	. Ministro das Corporações, José Soares da Fonseca	Caramulo ¹⁰⁹⁰	
1953-09-27	. Ministro da Defesa, Fernando Santos Costa	Caramulo	Inauguração do Museu do Caramulo ¹⁰⁹¹ .
1953-09-28	. Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar	Caramulo	Visitar ao Museu do Caramulo, inaugurado no dia anterior ¹⁰⁹² .
1953-10-01	. Comandante da 2ª Região Militar, Buceta Martins	Caramulo	Visita a algumas instalações da Estância, precedida de um almoço no Sanatório Salazar ¹⁰⁹³ .
1955-06-25	. Ministro das Obras públicas, Eduardo de Arantes e Oliveira Subsecretário de Estado da Assistência Social, Melo e Castro	Caramulo	Visita à Estância e às obras do edifício-sede do Museu do Caramulo ¹⁰⁹⁴ .

¹⁰⁸⁹ O Ministro da Marinha no Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 120 (25 junho 1953), p. 1.

¹⁰⁹⁰ Ministro das Corporações. *Ecos da Serra*. N.º 129 (4 setembro 1953), p. 1.

¹⁰⁹¹ O Museu do Caramulo será inaugurado no dia 27 pelo Ministro da Defesa. *Ecos da Serra*. N.º 129 (4 setembro 1953), p. 1.

¹⁰⁹² O Presidente do Conselho visitou o Museu do Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 133 (3 outubro 1953), p. 1.

¹⁰⁹³ O Brigadeiro Buceta Martins de visita ao Caramulo. *Ecos da Serra*. N.º 133 (3 outubro 1953), p. 4.

¹⁰⁹⁴ Visitas ministeriais ao Caramulo. *Folha de Tondela*. N.º 1592 (3 julho 1955), p. 1-2.

1955-09-04	. Ministro do Interior, Joaquim Trigo de Negreiros . Subsecretário de Estado das Obras Públicas	Tondela	Inauguração do edifício do Hospital de Tondela ¹⁰⁹⁵
1955-09-19	. Ministro da Justiça, João Varela	Caramulo Tondela	Visita à Estância e às obras do Museu do Caramulo, seguida da visita a Tondela para avaliar a necessidade da construção de um novo edifício do tribunal e da cadeia comarcã ¹⁰⁹⁶ .

¹⁰⁹⁵ Resultou um acontecimento extraordinário na vida de Tondela a inauguração do seu novo Hospital. *Folha de Tondela*. N.º 1602 (11 setembro 1955), p. 1-3.

¹⁰⁹⁶ O Ministro da Justiça visita Tondela. *Folha de Tondela*. N.º 1604 (25 setembro 1955), pp. 1-2; O Ministro da Justiça visitou o Museu. *Folha de Tondela*. N.º 1606 (9 outubro 1955), p. 2.

Documento 3 – Corpo do art.º 5º, do Decreto-lei n.º 38.906 à Lei n. 2.065

ART.º 5º - DECRETO-LEI N.º 38.906 DE 20 DE SETEMBRO DE 1952
«Sempre que o entender necessário, poderá o Ministro da Educação Nacional determinar que os móveis inventariados ou em via de inventariação sejam transferidos para a guarda de bibliotecas, arquivos ou museus do Estado».
ART.º 5º - PROJETO DE LEI APRESENTADO POR ABEL DE LACERDA
«Sempre que os móveis inventariados ou em vias de inventariação se encontrem em perigo manifesto de extravio, perda ou deterioração, deverá o Ministro da Educação Nacional determinar, como em cada caso couber, as providências cautelares ou as medidas conservatórias indispensáveis. Se as medidas conservatórias importarem para o respetivo proprietário a obrigação de praticar determinados atos, deverão ser fixados o prazo e as condições da sua execução; e sempre que as providências cautelares prescritas se revelem ineficazes ou as medidas conservatórias não sejam acatadas ou executadas no prazo e condições impostas, o Ministro da Educação Nacional poderá determinar que os referidos móveis sejam transferidos para a guarda de bibliotecas, arquivos ou museus do Estado».
ART.º 5º - LEI N.º 2065 DE 25 JUNHO DE 1953
«Sempre que os móveis inventariados ou em via de o serem corram perigo manifesto de extravio, perda ou deterioração, deverá o Ministro da Educação Nacional determinar as providências cautelares ou as medidas conservatórias indispensáveis, como em cada caso couber. Se as medidas conservatórias importarem para o respetivo proprietário a obrigação de praticar determinados atos, deverão ser fixados o prazo e as condições da sua execução. Sempre que quaisquer providências cautelares forem julgadas insuficientes ou as medidas conservatórias não forem acatadas ou executadas no prazo e condições impostos, poderá o Ministro da Educação Nacional ordenar que os referidos móveis sejam transferidos para a guarda de bibliotecas, arquivos ou museus do Estado».

Elaborado pela autora. FONTES: DECRETO-LEI n.º 38.906. *Diário do Governo*, *ob. cit.*, p. 906; PORTUGAL. Assembleia Nacional, V Legislatura: Sessão n.º 228, *ob. cit.*, p. 1107-1108; LEI n.º 2.065. *Diário do Governo*, *ob. cit.*, p. 1.

Documento 4 – Moção aprovada pela Assembleia Nacional sobre o debate sobre o «Aviso Prévio sobre a Situação dos Museus, Palácios e monumentos Nacionais»¹⁰⁹⁷

«A Assembleia Nacional, considerado o debate sobre o aviso prévio relativo ao nosso património artístico, representado pelos museus, palácios e monumentos nacionais, reconhece:

1.º Que muito se tem feito em favor do mesmo;

2.º Que os males apontados são, principalmente, consequência da dispersão de competências por vários departamentos do Estado ou da impossibilidade prática da sua eficiente coordenação.

Nestas condições, emite o voto de que, na medida do possível, aquelas competências se integrem num único departamento do Estado, ou, no caso em que isso não puder fazer-se, a orientação superior das obras de que o referido património careça e de quanto seja necessário ou útil à sua valorização pertença também no mesmo departamento.

Sala das Sessões, 8 de Fevereiro de 1956.

Abel de Lacerda

António Bartolomeu Gromicho

António Augusto Esteves Mendes Correia

António Júdice Bustorff da Silva

Américo Cortês Pinto

Augusto Duarte Henrique Simões¹⁰⁹⁸».

¹⁰⁹⁷ PORTUGAL. Assembleia Nacional, VI Legislatura: Sessão n.º 125, ob. cit., p. 471-472.

¹⁰⁹⁸ A moção foi assinada pelos deputados que participaram na discussão do aviso prévio.

*Documento 5 – Estatutos da Fundação Museu do Caramulo (1956)*¹⁰⁹⁹

Capítulo I Criação, constituição e fins

Art.º 1º

É criado no Caramulo, distrito de Viseu, um instituto particular de utilidade pública, dotado de personalidade jurídica, denominado «Fundação Museu do Caramulo».

Art.º 2º

A Fundação será constituída por todas as obras de arte que os seus fundadores e quaisquer outras pessoas ou entidades já doaram ou venham a doar para a formação do «Museu do Caramulo», o qual terá sempre o carácter de um museu de particulares, onde as obras expostas estarão vinculadas ao nome dos respetivos doadores.

Art.º 3º

A Fundação tem por objeto o culto das belas-artes, estimulado pelo interesse e pela conjugação de esforços particulares, como complemento da ação do Estado.

Art.º 4º

Para a realização dos fins previstos, a Fundação procurará dispor de instalações, tais como edifício-sede do Museu, oficinas de beneficiação de obras de arte, casas para instalar artistas nacionais ou estrangeiros a convite da Fundação e outras que forem julgadas convenientes:

O edifício-sede do Museu é constituído por salas de exposição permanente, de exposição temporária, de conferências e projeções, biblioteca e arquivo, etc.

As oficinas de beneficiação de obras de arte admitem as secções de pintura, escultura, mobiliário, tapeçaria, cerâmica, etc., todas elas facultadas à utilização do público.

Capítulo II Do património e das receitas

Art.º 5º

Os bens da «Fundação Museu do Caramulo» constam dos valores a seguir enunciados e que já lhe estão legalmente afetos:

Obras de arqueologia e belas-artes;

Capital constituído por ações de companhias diversas;

Edifício-sede do Museu;

Biblioteca e arquivo

Móveis e utensílios

¹⁰⁹⁹ *Estatutos da Fundação Museu do Caramulo, ob. cit.*

Art.º 6º

Além dos bens referidos no artigo anterior, poderá a Fundação adquirir outros, designadamente os bens imobiliários que forem necessários à execução dos seus fins.

Art.º 7º

É expressamente proibido à Fundação alienar os bens constantes das alíneas a) b) e d) do artigo 5º e bem assim hipotecá-los ou penhorá-los como garantia de qualquer empréstimo.

Art.º 8º

Constituem receitas da Fundação:

O rendimento de bens próprios;

O produto das entradas no Museu e o rendimento de atividades exercidas;

A venda de catálogos, publicações e reproduções;

Os donativos eventuais;

Os subsídios ou donativos do Estado e os de quaisquer outras entidades.

Art.º 9º

As doações, legados e heranças instituídos a favor da Fundação só podem ser aceites mediante resolução da respetiva Direção, e as heranças sê-lo-ão sempre a benefício de inventário.

Capítulo III Assembleia-Geral

Art.º 10º

A Assembleia-Geral dos doadores da Fundação realizar-se-á anualmente no mês de Julho a fim de:

Proceder às eleições da Mesa da Assembleia-Geral, da Direção e do Conselho Fiscal para o exercício respetivo;

Apreciar e aprovar as contas do exercício anterior e deliberar sobre a aplicação dos fundos sociais;

Discutir e deliberar acerca de quaisquer outros assuntos que a Direção faça mencionar nos avisos convocatórios.

Art.º 11º

A Mesa da Assembleia-Geral é constituída por um presidente e dois secretários. O presidente dirigirá os trabalhos e assinará as atas, que se considerarão aprovadas após essa assinatura.

Art.º 12º

Os avisos convocatórios serão feitos com a antecedência mínima de 15 dias, mediante escrito dirigido a cada doador.

Capítulo IV Direção

Art.º 13º

A gerência da Fundação é exercida por uma Direção, composta por um presidente e dois vogais, eleitos pela Assembleia-Geral pelo prazo de um ano, sendo permitida uma reeleição.

Art.º 14º

A Direção escolherá de entre os seus membros ou de entre os doadores um administrador-delegado, (que deverá residir no Caramulo), e poderá delegar, no todo ou em parte, os poderes necessários para fins determinados.

Art.º 15º

Compete à Direção:

Instalar e organizar os serviços da Fundação;

Elaborar os respetivos regulamentos;

Administrar o património da Fundação e preparar os seus orçamentos e as contas de gerência, submetendo estas ao parecer do Conselho Fiscal e à aprovação da Assembleia-Geral;

Ter rigorosamente em dia e devidamente organizado o inventário dos bens da Fundação e, bem assim, as cotas, que serão escrituradas em livros próprios, com termo de abertura e encerramento;

Promover o seguro das instalações e respetivos recheios, mantendo-o devidamente atualizado;

Deliberar acerca da aquisição de bens mobiliários e imobiliários, incluindo os que possam interessar ao Museu, à biblioteca e às oficinas, e bem assim sobre a aceitação de objetos de arte;

Adquirir obras de arqueologia e belas-artes que interessem ao Museu, não podendo, porém, despender, para tal fim, mais de 20% da receita anual, salvo autorização, especial para cada caso, da Assembleia-Geral;

Fixar o quadro do pessoal necessário e proceder às nomeações por contrato ou assalariamento;

Representar a Fundação em juízo e fora dele, delegando, para tanto, os poderes necessários;

Promover a realização de exposições, conferência e cursos; conceder bolsas de estudo e prémios; patrocinar edições de histórica e crítica de arte; contribuir para a beneficiação de núcleos arqueológicos e artísticos; enfim, procurar levar a efeito todas as medidas consideradas necessárias para a mais ampla satisfação dos fins da Fundação.

Capítulo V Conselho Fiscal

Art.º 16º

O Conselho Fiscal é constituído por um presidente e dois vogais, eleitos pela Assembleia-Geral nos termos do precedente art.º 13º.

Art.º 17º

Ao Conselho Fiscal cabe exercer todas as funções que lhe são atribuídas na lei e, ainda, prestar à Direção, sempre que lhe for solicitado, o auxílio e colaboração que aquele julgar conveniente.

Capítulo VI Disposições gerais

Art.º 18º

Toda a obra de arqueologia ou belas-artes pertencente à Fundação fica obrigatoriamente associada ao nome do respetivo doador; a Direção da Fundação diligenciará no sentido de tal princípio ser mantido sempre que a obra for reproduzida, mesmo em publicações estranhas à Fundação.

Art.º 19º

Os doadores terão direito a tratamento especial relativamente a todas as atividades da Fundação: entradas gratuitas no Museu e nas exposições; descontos nas publicações e trabalhos de beneficiação, etc.

§ 1º - Consideram-se doadores marido e mulher, mas só um deles tem voto na Assembleia-Geral.

§ 2º - A situação de doador não se transmite a filhos.

Art.º 20º

No caso de a Fundação se extinguir ou desviar dos seus fins, todos os bens doados reverterão à propriedade dos doadores, ou, sendo estes falecidos, a favor dos respetivos herdeiros.

Art.º 21º

Os exercícios sociais principiarão em 1 de julho de cada ano.

Documento 6 – Corpos gerentes da Fundação Museu do Caramulo (1954-1960)

ANO	ASSEMBLEIA-GERAL		CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO		CONSELHO FISCAL	
	Presidente	Vogais	Presidente	Vogais	Presidente	Vogais
FUNDAÇÃO MUSEU DO CARAMULO						
1954-1955	. António Luís Gomes	. Henrique Medina . Luís de Melo do Rego	. António Bustorff Silva	. Anastácio Gonçalves . Abel de Lacerda	. Ricardo Espírito Santo	. António Russel de Sousa . Mário Carmona
1955-1956	. António Medeiros e Almeida	. Manuel Vinhas . Pedro Barbosa	. António Bustorff Silva	. Fernando Mardel . Abel de Lacerda	. José Soares da Fonseca	. Afonso Araújo de Sommer . Conde de Palma
1956-1957	. António Medeiros e Almeida	. Pedro Barbosa . Conde de Anadia	. Reynaldo dos Santos	. Fernando Mardel . Manuel Vinhas	. José Soares da Fonseca	. Afonso Araújo de Sommer . Conde de Palma
1957-1958	. José de Azeredo Perdigão	. António Carvalho e Silva . George Duff	. Reynaldo dos Santos	. Guilherme Possolo . Manuel Vinhas	. António Medeiros e Almeida	. Eduardo Malta . José Manuel Martins
FUNDAÇÃO ABEL DE LACERDA						
1958-1959	. José de Azeredo Perdigão	. António Carvalho e Silva . George Duff	. Reynaldo dos Santos	. Guilherme Possolo . Manuel Vinhas	. António Medeiros e Almeida	. Eduardo Malta . José Manuel Martins
1959-1960	. Fernando dos Santos Costa	. José de Campos Costa . António de Cértima	. Leopoldo de Almeida	. Henrique Medina . Luís de Melo do Rego	. Fernando Moniz Galvão	. João Lencastre de Freitas . Caetano Beirão da Veiga

Elaborado pela autora. FONTES: *Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955*, ob. cit., p. 7; *Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956*, ob. cit., p. 7; *Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957*, ob. cit., p. 7; AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 3 de 28 de julho de 1956, p. 6; *idem*, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 7, de 14 de agosto de 1957, p. 23; *idem*, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da Fundação Abel Lacerda*, ata n.º 1 de 14 de agosto de 1958, fl. 3; *idem*, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da Fundação Abel Lacerda*, ata n.º 2 de 28 de julho de 1959, fl. 5.

Documento 7 – Relação dos doadores do Museu do Caramulo (1953-1959)

1953-1954
1 – Margarida Lacerda, Caramulo
2 – Pe. António Maria Cardoso, Castelões de Besteiros
3 – Pe. Francisco Firmino Madeira, Bobadela
4 – Abel de Lacerda, Caramulo
5 – Fábrica SECLA, Caldas da Rainha
6 – Pe. Albertino da Silva Loureiro, Arcozelo das Maias
7 – António Madeira, Viseu
8 – José de Sousa Menezes e Vasconcelos, Casa do Sameiro, Campo de Besteiros
9 – Beatriz de Sousa Tudela de Lemos e Nápoles, Quinta da Cruz, Castelões de Besteiros
10 – Elena Sarto de Hortega, Lisboa
11 – João Caetano de Sousa e Nápoles de Almeida Viana, Campo de Besteiros
12 – Daniel Zuloaga, filhos, Segóvia
13 – Rodrigo de Albuquerque, Tondela
14 – José Cardoso de Matos, Tondela
15 – Pedro Silva, Lisboa
16 – Pe. António Alves dos Santos, Couto do Mosteiro
17 – Arturo Linares, Madrid
18 – Ernesto de Vilhena, Lisboa
19 – Mário de Oliveira, Lisboa
20 – António Pedro Nolasco, Lisboa
21 – Maria Amélia Lopes Garcia Mascarenhas, Travanca de S. Tomé
22 – António de Matos Almeida, Campo de Besteiros
23 – Alberto Cardoso do Matos, Tondela
24 – João Dias Gaspar, Foz do Douro
25 – Victor Hugo de Magalhães, Lisboa
26 – Manuel Martins de Queirós, Guarda
27 – Maria Madalena de Lacerda, Caramulo
28 – Fernando dos Santos Costa, Lisboa
29 – Joaquim Pinto Nunes, Porto
30 – Luís Filipe Quintela, Lisboa
31 – Mário Carmona, Lisboa
32 – Leopoldo de Almeida, Lisboa
33 – Eduardo Coimbra, Tondela
34 – Custódio Pereira, Castelões de Besteiros
35 – João de Castilho de Morais Sarmiento, Castendo
36 – João de Lacerda, Caramulo
37 – Bernardo de Serpa Pimentel, Casa da Guarita, S. João de Areias
38 – José da Silva Lico, Alpiarça
39 – Maria Teresa Moreira de Castro Alves, Caramulo
40 – Luís Reis Santos, Coimbra
41 – Maria Emília Reis-Santos, Coimbra
42 – Viscondessa de Taveiro e Condes de Palma, Santar

- 43 – Luís de Melo do Rego, Lisboa
- 44 – Manuel de Sousa Vieira, Lisboa
- 45 – Maria Arminda Lacerda de Cértima, Caramulo
- 46 – Arménio Maia, Oliveira de Frades
- 47 – Sociedade do Caramulo SARL, Caramulo
- 48 – Casimiro de Vasconcelos, Viseu
- 49 – Maria José Castro Alves, Caramulo
- 50 – Mário Pereira, Lisboa
- 51 – António de Cértima, Lisboa
- 52 – Cármen de Loureiro da Silva Mendes, Lisboa
- 53 – Fernando Mardel, Lisboa
- 54 – Henrique Medina, Lisboa
- 55 – Adelaide Luísa Kennedy Falcão de Vasconcelos Lebre, Mealhada
- 56 – Antónia de Sousa Menezes, Canas de Sabugosa
- 57 – Santa Casa da Misericórdia, Tondela
- 58 – Manuel Taveira da Gama, Caramulo
- 59 – Maria Luísa da Nóbrega Araújo, Lisboa
- 60 – António Alberto de Abreu Madeira, Canas de Senhorim
- 61 – José Júlio César, herdeiros, S. João do Monte
- 62 – Augusto Antunes Gomes, Caramulo
- 63 – Maria Zulmira de Lima Henriques de Melo e Castro, Porto
- 64 – Edmundo de Oliveira, Belas
- 65 – Severo Portela Júnior, Lisboa
- 66 – José Carlos Vieira Guedes, Lisboa
- 67 – Manuel Tapia, Madrid
- 68 – Manuel Vinhas, Estoril
- 69 – Maria José de Almeida Barbosa, Foz do Douro
- 70 – Pedro Ribeiro de Sousa Barbosa, Foz do Douro
- 71 – José Aires de Mira Mendes, Lisboa
- 72 – Afonso Araújo de Sommer, Lisboa
- 73 – Anastácio Gonçalves, Lisboa
- 74 – Gonçalo Ribeiro dos Santos, S. Miguel do Outeiro
- 75 – Pedro de Castro de Lacerda, Caramulo
- 76 – António Júdice Bustorff da Silva, Lisboa
- 77 – Rodolfo Urbano da Silva, Porto
- 78 – Augusto Lopes Joly, Lisboa
- 79 – António Russel de Sousa, Porto
- 80 – Miguel Castro de Lacerda, Caramulo
- 81 – Ricardo R. do Espírito Santo Silva, Lisboa
- 82 – Condes de Anadia, Mangualde

1954-1955

- 83 – Salvador Barata Foyo, Porto
- 84 – Pino della Selva, Paris
- 85 – José Soares da Fonseca, Lisboa

- 86 – Maria Torres de Gouveia Beltrão, Lisboa
87 – Rita Castro de Lacerda, Caramulo
88 – António Luís Gomes, Lisboa
89 – Noémia Macedo Silva, Foz do Douro
90 – José Luís Brandão de Carvalho, Porto
91 – António Garrido, Coimbra
92 – Manuel Campos Costa, Caxias
93 – D. Duarte, Duque de Bragança, Vila Nova de Gaia
94 – Maria Luísa da Costa Cerveira do Amaral Soares de Albergaria, Santa Comba Dão
95 – Justina Fialho de Sousa Coutinho, António de Sousa Coutinho e Isabel Fialho de Mendonça, Faro
96 – Maria Irene Dias Gaspar, Foz do Douro
97 – Eutiquiano Garcia Calles, Madrid
98 – Canto da Maya, Paris
99 – António de Almeida Lousa, Caramulo
100 – Maria José Dias de Almeida Russel de Sousa, Porto
101 – Henrique Soares, Lisboa
102 – Maria Amélia Brandão de Carvalho, Porto
103 – Maria Borges Nunes da Fonseca, Porto
104 – Maria Helena Caiado de Sousa, Porto
105 – Celso Horta e Vale, Caramulo
106 – António Medeiros e Almeida, Lisboa
107 – Luís Ferreira, Porto

1955-1956

- 108 – Maria Elisa Marques Varela, Caramulo
109 – Salvador Dalí, Cadaquès, Catalunya
110 – Eva Arruda de Macedo, Lisboa
111 – Diogo de Macedo, Lisboa
112 – Joaquim de Carvalho e Silva, Valada do Ribatejo
113 – Eduardo Malta, Lisboa
114 – José Manuel Leitão, Sacavém
115 – Jacques Kugel, Paris
116 – Pe. José Simões Pedro, Caramulo
117 – Afonso de Melo Pinto Veloso, Lisboa
118 – Alfonso Grosso, Sevilha
119 – José Cañas, Barcelona
120 – Maria Clímaco, Caramulo
121 – Reynaldo dos Santos, Lisboa
122 – Arturo Ramón Garriga, Barcelona
123 – Maria Helena Vieira da Silva, Paris
124 – António Cardoso dos Santos, Paris
125 – Mary Cohen do Espírito Santo Silva, Lisboa
126 – António de Carvalho e Silva, Lisboa
127 – João Filipe da Silva Nascimento, Lisboa

<p>128 – Marino Guandalini, Lisboa 129 – Shell Portuguesa, SARL, Lisboa</p>
1956-1957
<p>130 – José Manuel Martins, Lisboa 131 – Vasco Parreira, Lisboa 132 – Papa Pio XII, Cidade do Vaticano 133 – José de Azeredo Perdigão, Lisboa 134 – Marina S. Neves e Castro de Almeida, Lisboa 135 – Jean Lurçat, Paris 136 – George Robert Duff, Lisboa 137 – Michel Beurdeley, Paris 138 – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 139 – Sociedade Geral de Comércio, indústria e Transportes, Lisboa 140 – Companhia Nacional de Navegação, Lisboa 141 – Sociedade Portuguesa de Navios Tanques, Lisboa 142 – Companhia Colonial de Navegação, Lisboa 143 – MABOR, Lisboa 144 – Nourban Manoukian, Paris 145 – António João Mendes, Lisboa 146 – Antiquália Limitada, Lisboa 147 – João Almiro de Menezes e Castro, Campo de Besteiros 148 – Adriano de Almeida Cardoso, Tondela 149 – Maria Cristina Merêa Pizarro Beleza, Caramulo 150 – Francisco Higinio Craveiro Lopes, Lisboa 151 – Emílio Saavedra, Santiago do Chile 152 – António Lopes Ribeiro, Lisboa</p>
1958-1959
<p>153 – Guilherme Possolo, Lisboa 154 – Alex Maguy, Paris 155 – Pablo Picasso, Cannes 156 – João Lancastre de Freitas, Lisboa 157 – Maria Nazaré Centeno de Freitas, Lisboa 158 – Maria Cristina Espírito Santo Moniz Galvão, Lisboa 159 – Fernando Espírito Santo Moniz Galvão, Lisboa 160 – Joaquim Trigo de Negreiros, Lisboa 161 – SONAP, Lisboa 162 – Anna Hatherly, Lisboa 163 – Caetano F. Beirão da Veiga, Lisboa 164 – Jorge Figueiredo Faria, Vila do Conde 165 – Trajano da Costa Pinheiro, Caramulo 166 – Luísa Carvalho Vinhas, Lisboa 167 – Maria Helena da Costa Pinheiro, Caramulo</p>

168 – Maria de Fátima Lacerda de Cértima, Lisboa
169 – Manuela Moraes Araújo, Lisboa
170 – Martins Correia, Lisboa

FONTES: *Relação de obras de arte oferecidas em 1953-1954, ob. cit., p. 31-34; Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955, ob. cit., p. 25-29; Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956, ob. cit., p. 23-28; Relação das obras de arte oferecidas em 1956-1957, ob. cit., p. 21-27; Relação das obras de arte, ob. cit., p. 9-13.*

Documento 8 – Relação dos doadores do Museu do Caramulo com as obras de arte doadas (1953-1959)

Doador	Concelho	N.º de Doador	Doação
Margarida Lacerda	Tondela	1	Prato tipo aranhões (1649), faiança portuguesa Prato com motivos holandeses (início do séc. XVII), porcelana japonesa <i>Retrato de Lord Byron quando adolescente</i> , Sir John Waston Gordon (1790-1864), óleo s/ tela <i>Catarina de Aragão e Santa Catarina</i> , Adriaen Ysembrandt (?-1551), pintura primitiva flamenga Prato hispano-árabe (séc. XVI), Aragão Frasco de farmácia (séc. XVI, final), Talavera de la Reina, faiança Casula (séc. XVI), trabalho indo-português Báculo (1810), trabalho português Par de tocheiros, trabalho português em talha prateada, reinado D. Maria I
Pe. António Maria Cardoso	Tondela	2	Mesa de jogo hexagonal com embutidos (séc. XVIII), estilo D. Maria Contador (séc. XVII), trabalho indo-português
Pe. Francisco Firmino Madeira	Oliveira do Hospital	3	Mó romana 5 Fragmentos de telha romana
Abel de Lacerda	Tondela	4	<i>S. Sebastião</i> (séc. XV), escultura, pedra de Ançã Coroa para imagem de santa (séc. XVI), prata lavrada Fragmento de estatueta românica <i>Martírio de S. Sebastião</i> (séc. XV, final), escola castelhana, óleo s/ madeira <i>Retrato de Amália Rodrigues</i> (1949), Eduardo Malta, óleo s/ tela <i>Santo Agostinho e Santa Úrsula</i> (séc. XVI, final), Pierre Neuailher, esmaltes de Limoges <i>A Virgem e o Menino</i> (séc. XV), Oficina de Malines, escultura em madeira <i>A Virgem, o Menino e o Livro</i> (séc. XIII), escultura peninsular Placa de barro cozido, Socarrat de Paterna, Valência, (séc. XV, início) <i>A Virgem, o Menino e a Pomba</i> (séc. XV), escultura portuguesa <i>Retrato de Senhora</i> (1834), Vicente Lopez Portaña, escola espanhola <i>São João Batista</i> , Vasco Fernandes (1506-1620), óleo s/ madeira <i>A Luta do Bem e do Mal</i> (séc. X), Granada, baixo-relevo árabe

			<i>Portugueses na Índia</i> (séc. XVI, 1º quartel), Tournai, tapeçaria, lã e seda
Fábrica SECLA	Caldas da Rainha	5	Jarrão, Hansi Stael
Pe. Albertino da Silva Loureiro	Oliveira de Frades	6	Cadeira com braços (séc. XVIII)
António Madeira	Viseu	7	Boião (séc. XVIII), vidro coalhado
José de Sousa Menezes e Vasconcelos	Tondela	8	Prato do serviço da Companhia das Índias (séc. XVIII)
Beatriz de Sousa Tudela de Lemos e Nápoles	Tondela	9	<i>Deposição no túmulo</i> (séc. XVI, 2ª metade), baixo-relevo de alabastro Cabaça chinesa Kis-Tsing (1522-1566), porcelana <i>Par de cães de Fõ</i> (séc. XVIII), porcelana chinesa branca
Elena Sarto de Hortega	Lisboa	10	<i>Presépio</i> (século XIX, início), óleo s/ tela, início século XIX <i>Santa Face</i> (séc. XVII), escola portuguesa, pintura s/ cobre
João Caetano de Sousa e Nápoles de Almeida Viana	Tondela	11	Prato tipo aranhões, com a inscrição VALLE (séc. XVIII), faiança portuguesa Covilhete da época Kang- Shi (séc. XVII), porcelana chinesa
Daniel Zuloaga, filhos	Segóvia	12	<i>Rapariga</i> , Daniel Zuloaga, aguarela
Rodrigo de Albuquerque	Tondela	13	<i>Retrato de um magistrado britânico ostentando a Cruz de Cristo</i> (1731), pintura a óleo Comoda (séc. XVIII), trabalho português, estilo Luís XV
José Cardoso de Matos	Tondela	14	Hostiário (séc. XVI), prata <i>Ester e Asuero</i> , Luís Paret y Alcázar (1746-1799), óleo s/ tela <i>Cristo crucificado</i> (séc. XVI), escultura, madeira policromada Chávena e pires com motivos europeus (séc. XVIII), Companhia das Índias
Pedro Silva	Lisboa	15	Pote (séc. XVII), faiança portuguesa
Pe. António Alves dos Santos	Santa Comba Dão	16	Pote (séc. XVII), faiança portuguesa
Arturo Linares	Madrid	17	<i>Anunciação do Anjo à Virgem</i> , prato de esmola
Ernesto de Vilhena	Lisboa	18	<i>Cristo ressuscitado</i> (séc. XVI), Coimbra, fragmento de sacrário com alto-relevo, pedra de Anã Banco de sacristia de três cadeiras e sobrecéu entalhado, séc. XVIII Prato com motivos europeus (séc. XVIII), Companhia das Índias Prato com motivos europeus (séc. XVIII), Companhia das Índias Armário-oratório (séc. XVII), trabalho português <i>Santíssima Trindade</i> (séc. XVIII), painel retabular barroco

			<i>Adoração dos Magos</i> (séc. XVII), madeira, painel em relevo policromado
Mário de Oliveira	Lisboa	19	Cão de porcelana branca chinesa (séc. XVII)
António Pedro Nolasco	Lisboa	20	Tinteiro (séc. XVIII), Talavera de la Reina, faiança
Maria Amélia Lopes Garcia Mascarenhas	Carregal do Sal	21	Caneca (séc. XVIII, final), Porto, faiança
António de Matos Almeida	Tondela	22	Prato (séc. XVII), Delft, faiança
Alberto Cardoso do Matos	Tondela	23	<i>Senhora do Carmo</i> (séc. XVIII, final), escultura, marfim, trabalho italiano
João Dias Gaspar	Porto	24	<i>S. Sebastião</i> , escultura em pedra de Ançã, (séc. XV)
Victor Hugo de Magalhães	Lisboa	25	Prato, Savona, faiança
Manuel Martins de Queirós	Guarda	26	Gomil (séc. XVIII), Viana do Castelo, faiança
Maria Madalena de Lacerda	Tondela	27	<i>Investidura de Santo Ildefonso</i> (séc. XV) pintura da escola castelhana final <i>Investidura de Santo Ildefonso</i> (séc. XVI), placa redonda de faiança de Toledo fins Joia (séc. XVII), Espanha, ouro com 3 esmeraldas
Fernando dos Santos Costa	Lisboa	28	Prato (séc. XVI), dinastia Ming, China, porcelana
Joaquim Pinto Nunes	Porto	29	<i>Santa Úrsula</i> (séc. XVI), escola castelhana, pintura s/ madeira
Luís Filipe Quintela	Lisboa	30	Gomil (séc. XVIII, Portugal, prata
Mário Carmona	Lisboa	31	<i>Descimento da Cruz</i> , Maurício José do Carmo Sendim (1786-1870, óleo s/ tela <i>Costumes da Nazaré</i> , Salvador Barata Feyo, escultura <i>Cabeça</i> , Salvador Barata Feyo, escultura <i>Desenho</i> , Salvador Barata Feyo, carvão s/ papel
Leopoldo de Almeida	Lisboa	32	<i>A filha do rei guardando patos</i> (1951), Leopoldo de Almeida, esboço em barro <i>Despertar</i> , Leopoldo de Almeida, esboço de barro cozido
Eduardo Coimbra	Tondela	33	Prato com motivos portugueses (séc. XIX, início), China, Companhia das Índias
Custódio Pereira	Tondela	34	Copo (séc. XVIII), vidro
João de Castilho de Morais Sarmento	Penalva do Castelo	35	Arreios (séc. XVIII)
João de Lacerda	Tondela	36	<i>Santa Luzia</i> (séc. XV), escultura, trabalho português, pedra de Ançã <i>S. João Batista</i> (séc. XVII), escola de Óbidos, óleo s/ tela Painel de 32 azulejos hispano-árabes (séc. XVI) <i>Maternidade</i> (1955), José Clará, escultura, pedra <i>Modelo no atelier</i> (1942), Raoul Dufy (1877-1953), óleo s/ cartão

			Tigela e pires Kang-Shi (1566-1622) <i>Mulher garrafa</i> (1948), Pablo Picasso, faiança Pote, Maurice de Vlaminck, faiança Ladrilho paleocristão (séc. IV)
Bernardo de Serpa Pimentel	Santa Comba Dão	37	<i>Retrato de D. Manuel de Serpa Machado</i> (1821), Domingos Sequeira
José da Silva Lico	Alpiarça	38	Prato com motivos europeus (século XVIII), China, Companhia das Índias
Maria Teresa Moreira de Castro Alves	Tondela	39	Castiçal (séc. XVIII), vidro coalhado Fruteiro (século XVII, final), Catalunha, vidro catalão Travessa, Maria Luísa Fragoso, faiança Travessa (1956), Júlio Pomar Lucerna árabe, faiança Gomil e lavanda, Viana do Castelo, faiança
Luís Reis Santos	Coimbra	40	<i>Cabeça de Velho</i> , Mestre Luciano Freire, óleo s/ tela; Frasco (séc. XVIII), Alemanha Capitel muçulmano (c. 1500)
Maria Emília Reis-Santos	Coimbra	41	<i>A menina triste</i> , Canto da Maia, escultura, barro
Viscondessa de Taveiro e Condes de Palma	Nelas	42	<i>O sonho de Jacob</i> (séc. XVII), Salvador Rosa, óleo s/ tela, escola italiana do
Luís de Melo do Rego	Lisboa	43	Prato com europeus (séc. XVIII), China, Companhia das Índias Prato com motivos europeus (séc. XVIII), China, Companhia Das Índias Prato (Idade Média), madeira com incrustações de madreperola
Manuel de Sousa Vieira	Lisboa	44	Prato, Theodora Zuloaga, cerâmica Barril para licores (séc. XVIII), Portugal, vidro
Maria Arminda Lacerda de Cértima	Tondela	45	<i>S. Miguel</i> (séc. XVIII), escultura, alabastro, trabalho italiano Turibulo (séc. XVII), Portugal, prata <i>Isis e Horus Menino</i> (c. 1580 a.C.), estatueta egípcia Bronze da XVIII dinastia
Arménio Maia	Oliveira de Frades	46	Pote (séc. XVI), Delft, faiança
Sociedade do Caramulo SARL	Tondela	47	Jarra, Hein Semke, cerâmica <i>Leda e o Cisne</i> (1950), Marc Chagall, travessa, faiança
Casimiro de Vasconcelos	Viseu	48	<i>A virgem, o menino e os anjos</i> (séc. XVII), baixo-relevo indo-português, marfim

			<i>Jarra</i> (1952), Josep Llorens i Artiga <i>Jarra</i> (1954), Josep Llorens i Artiga
Maria José Castro Alves	Tondela	49	Prato (séc. XVII), China, porcelana <i>Jarra</i> (séc. XVIII, final), Rocha Sousa Painel de 32 azulejos hispano-árabes (século XVI)
Mário Pereira	Lisboa	50	Casula e duas dalmáticas (séc. XVII)
António de Cértima	Lisboa	51	<i>Santa Face</i> (séc. XVII), escola de Córdova, óleo s/ couro <i>Cegos</i> , Mário de Oliveira, aguarela
Cármem de Loureiro da Silva Mendes	Lisboa	52	<i>Retrato de fidalgo ostentando as insígnias da Ordem de Cristo</i> , José de Almeida Furtado, o Gata (1778-1831), óleo s/ tela
Fernando Mardel	Lisboa	53	<i>Cristo em Glória, S. Domingos e S. Francisco</i> , Francisco Vieira Lusitano (1699-1783), esboço para altar <i>Retrato do Mestre Luciano Freire</i> (1913), Luís de Ortigão Burnay, óleo s/ tela <i>As duas irmãs</i> (1914), Eduardo Viana, óleo s/ cartão
Henrique Medina	Lisboa	54	<i>Fé e Império</i> (1931), Henrique Medina
Adelaide Luísa Kennedy Falcão de Vasconcelos Lebre	Mealhada	55	Prato (séc. XVIII), China, época Chien-lung (1736-1795), porcelana, família rosa
Antónia de Sousa Menezes	Tondela	56	Molheira (séc. XVIII), China. porcelana
Santa Casa da Misericórdia	Tondela	57	Casula, com manípulo e estola (séc. XVIII)
Manuel Taveira da Gama	Tondela	58	Mó (Época Romana), granito Guilho (Época Romana), ferro Machado (Neolítico) Faca (Neolítico) Prato (2ª metade séc. XVI), Talavera de la Reina, faiança Bilha (séc. XVIII), Catalunha, vidro
Maria Luísa da Nóbrega Araújo	Lisboa	59	Gomil (séc. XVIII), faiança Copo (séc. XVIII), vidro policromado
António Alberto de Abreu Madeira	Nelas	60	Trio de cadeiras (séc. XVII), madeira e couro
José Júlio César, herdeiros	Tondela	61	<i>Padre Eterno</i> (séc. XVI), escultura, oficina de Coimbra, pedra de Ançã, fragmento
Augusto Antunes Gomes	Tondela	62	Prato, Real Fábrica do Rato, autoria de Tomás Brunetto (1767-1771) Prato (c. de 1600), Puente del Arzobispo, faiança

Maria Zulmira de Lima Henriques de Melo e Castro	Porto	63	Cabaça (séc. XVI), China, dinastia Ming
Edmundo de Oliveira	Sintra	64	<i>Natal</i> , Francisco Costa, escultura, barro bronzeado <i>São João Batista</i> , Carlos de Bragança, escultura, gesso bronzeado
Severo Portela Júnior	Lisboa	65	<i>Fiel à sua Crença</i> , Severo Portela Júnior, pintura s/ cartão
José Carlos Vieira Guedes	Lisboa	66	Prato coberto (séc. XVIII, final), China, Companhia das Índias
Manuel Tapia	Madrid	67	Romeu e Julieta (1870), Eduardo Rosales (1836-1873), desenho aguarelado
Manuel Vinhas	Cascais	68	Molheira com travessa (séc. XVIII), China, Companhia das Índias, porcelana Lucerna romana (séc. II d.C.), barro Prato (1756), China, Companhia das Índias, porcelana. Apresenta a inscrição «Fabricado em 1756, barco VRYBÜRG comandado pelo capitão Jacob Rysik. O pavilhão português flutua no mastro»
Maria José de Almeida Barbosa	Porto	69	Copo (séc. XIX, 2º quartel), Vista Alegre, vidro, decoração efígie D. Maria II
Pedro Ribeiro de Sousa Barbosa	Porto	70	Copo (séc. XIX, 2º quartel), Vista Alegre, vidro, decoração efígie D. Pedro, duque de Bragança
José Aires de Mira Mendes	Lisboa	71	Compoteira (séc. XVIII), La Granja, vidro
Afonso Araújo de Sommer	Lisboa	72	Prato, época Kien-Lung (1736-1795), China, porcelana
Anastácio Gonçalves	Lisboa	73	<i>Casa</i> , Silva Porto (1850-1893), pintura s/ folha-da-flandres ¹¹⁰⁰ .
Gonçalo Ribeiro dos Santos	Tondela	74	Prato (séc. XVII), Portugal, faiança
Pedro de Castro de Lacerda	Tondela	75	Prato (séc. XVIII, meados), Espanha, fábrica Alcora, faiança Terrina (séc. XVIII), Vila Nova de Gaia, faiança
António Júdice Bustorff da Silva	Lisboa	76	<i>Invocação</i> , Domingos António de Sequeira (1768-1867) Cafeteira (séc. XVIII), Itália, prata, pertenceu à coleção Bulgari de Roma Gremial (século XVII), ouro e seda
Rodolfo Urbano da Silva	Porto	77	Covilhete (séc. XVIII-XIX), Portugal, vidro Par de copos (séc. XVIII-XIX), Portugal, vidro

¹¹⁰⁰ Trata-se do primeiro quadro a óleo que se conhece do artista. Cita-se a ficha de inventário redigida pelo doador Anastácio Gonçalves, onde fez uma pequena biografia do objeto: «O quadro foi pintado por Silva Porto quando estudante em pedaço de lata, tirado da oficina do pai. Foi oferecido ao condiscípulo Marques Guimarães que mais tarde foi professor de escultura nas Belas-Artes do Porto, a suprir a vaga do seu mestre Soares dos Reis [...]. Esteve presente em Novembro de 1930, com o número 26 e o título *Casa* (*Pintura em folha de Flandres, feita pelo artista aos 14 anos*) na Exposição Comemorativa dos Centenário de Silva Porto (Arquivo da Casa-museu Anastácio Gonçalves, fundo Anastácio Gonçalves, ficha de inventário n.º 232, «Quadro a óleo sobre folha-da-flandres, da autoria de Silva Porto, oferecido ao Dr. Abel de Lacerda para o Museu do Caramulo, em 20/1/1954»).

Augusto Lopes Joly	Lisboa	78	Par de potes (séc. XVIII), Japão, porcelana Tapete arraiolos (séc. XVII), Portugal
António Russel de Sousa	Porto	79	<i>Pátria</i> , Teixeira Lopes, desenho a sépia Malga (séc. XVII), Pérsia, grés
Miguel Castro de Lacerda	Tondela	80	Pia de água (séc. XVIII), Barcelona, vidro Placa (séc. XV, 2ª metade), Socarrat de Paterna (Valência), barro cozido Alizar de Corda Seca (séc. XVI, início), Toledo
Ricardo do Espírito Santo Silva	Lisboa	81	<i>Retrato de Maria de Médicis</i> , Franz Pourbous O Jovem (1570-1622)
Condes de Anadia	Mangualde	82	Contador (séc. XVII)
Salvador Barata Feyo	Porto	83	<i>Busto de Antero de Quental</i> , Salvador Barata Feyo, barro cozido e patinado
Pino della Selva	Paris	84	<i>Cabeça de Rapariga</i> (1943), desenho <i>Danseuses</i> (1950), desenho <i>Paysanne assise</i> , gravura sobre madeira <i>La Chute d'Icare</i> (1945), gravura sobre metal <i>Valée de la Chevreuse</i> (1945), gravura sobre metal <i>Mardi gras</i> (1945), gravura sobre metal <i>Inondation</i> (1945), gravura sobre metal <i>Échafaudage</i> (1946), gravura sobre metal <i>Luganar</i> (1946), gravura sobre metal <i>Berlioz</i> (1946), gravura sobre metal, <i>Vincenzo Bellini</i> (1946), gravura sobre metal <i>L'étrainte de l'aigle</i> (1947), gravura sobre metal <i>Les vagues</i> (1947), gravura sobre metal <i>La Rose</i> (1950), gravura sobre metal <i>L'averse</i> (1952), gravura sobre metal, <i>Petit-Chéri</i> (1954), gravura sobre metal <i>Filósofo</i> (1954), gravura sobre metal <i>A Virgem</i> (1954), gravura sobre metal
José Soares da Fonseca	Lisboa	85	Frasco (séc. XVII), Delft, faiança
Maria Torres de Gouveia Beltrão	Lisboa	86	Molheira (séc. XVIII), China, Companhia das Índias, porcelana Travessa, Portugal, Real Fábrica do Rato, assinatura de Sebastião de Almeida (1771-1778), faiança

Rita Castro de Lacerda	Tondela	87	Saleiro (c. 1600), Espanha, Talavera de la Reina
António Luís Gomes	Lisboa	88	<i>Cabeça de homem</i> (1910), António Pinto do Couto, esboçeto, barro cozido
Noémia Macedo Silva	Porto	89	Par de frascos de farmácia (séc. XVIII, final), Viana do Castelo, faiança
José Luís Brandão de Carvalho	Porto	90	Pote (séc. XVII), Delft, faiança
António Garrido	Coimbra	91	Terrina (séc. XVIII, 3º quartel), Espanha, Alcora, faiança Prato época Kien-Lung (1736-1795), China, porcelana
Major Manuel Campos Costa	Oeiras	92	Boião (séc. XVII), Portugal
D. Duarte, Duque de Bragança	Vila Nova de Gaia	93	<i>Natal (S. José, a Virgem e o Menino)</i> (séc. XVIII), Portugal, escultura, barro e prata
Maria Luísa da Costa Cerveira do Amaral Soares de Albergaria	Santa Comba Dão	94	Salva (séc. XVII), Portugal, prata
Justina Fialho de Sousa Coutinho António de Sousa Coutinho Isabel Fialho de Mendonça	Faro	95	<i>Retrato de Luís XIV</i> , Hyacinthe Rigaud (1659-1743)
Maria Irene Dias Gaspar	Porto	96	Prato tipo aranhões (séc. XVI), Portugal, faiança
Eutiquiano Garcia Calles	Madrid	97	Painel de azulejos hispano-árabes (1575) Caneca (séc. XIV e XV), Paterna (Valencia), faiança Azulejo (séc. XVIII), Pérsia
Canto da Maia	Paris	98	<i>Virgem ajoelhada</i> , Canto da Maia, barro <i>Virgem de Fátima</i> (1946), Canto da Maia, barro
Rev. António de Almeida Lousa	Tondela	99	Contador indo-português (séc. XVII) Prato (séc. XVII), Aragão, faiança
Maria José Dias de Almeida Russel de Sousa	Porto	100	Bilha de segredo (séc. XIX, início), Massarelos, faiança
Henrique Soares	Lisboa	101	Contador de mesa indo-português (séc. XVII)
Maria Amélia Brandão de Carvalho	Porto	102	Prato (séc. XVIII, final), Porto, Rocha Soares, faiança
Maria Borges Nunes da Fonseca	Porto	103	<i>Ria de Aveiro</i> , Fausto Gonçalves, óleo s/ tela
Maria Helena Caiado de Sousa	Porto	104	<i>Costurando ao sol</i> (s. d.), Aurélia de Sousa, óleo s/ tela
Celso Horta e Vale	Tondela	105	Chávena e pires com figuras europeias (séc. XVIII), China, Companhia das Índias
António Medeiros e Almeida	Lisboa	106	<i>Descimento da Cruz</i> (século XVI, 1º terço), Garcia Fernandes, óleo s/ madeira

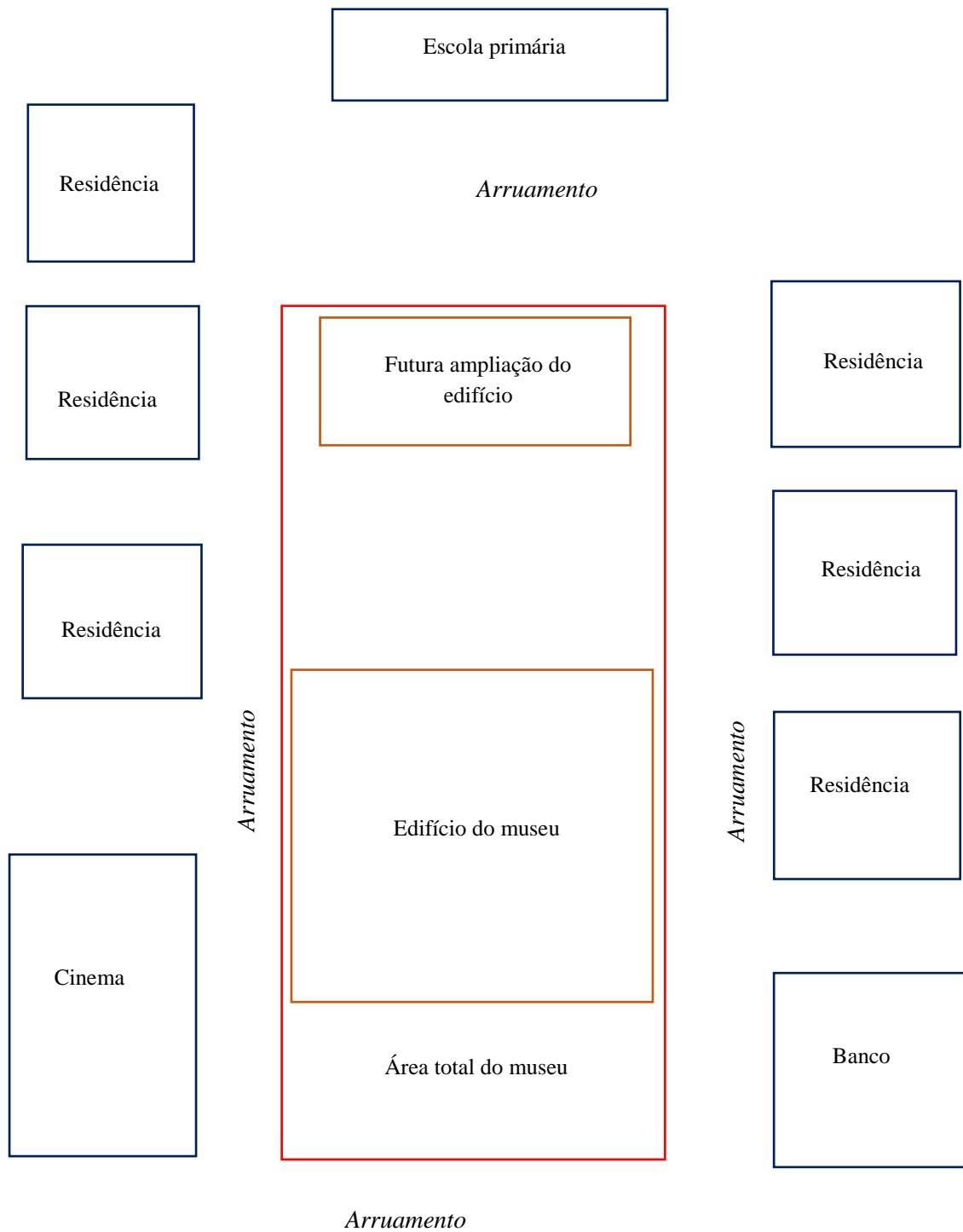
Luís Ferreira	Porto	107	Taça (séc. XVII), Portugal, prata
Maria Elisa Marques Varela	Tondela	108	Prato (séc. XVII, início), Barcelona, faiança Prato (séc. XVII, início), Barcelona, faiança Floreira, Fábrica do Rato, faiança Floreira, Fábrica do Rato, faiança <i>Meditação</i> (1955), José Clará, barro <i>Cidade das Torres</i> (1956), Maria Helena Vieira da Silva, óleo s/ tela Prato (séc. XVIII, início), Valencia Casula (séc. XVI, final)
Salvador Dalí	Cadaquès	109	<i>Cavaleiro Romano na Ibéria</i> (1954), Salvador Dalí, aguarela
Eva Arruda de Macedo	Lisboa	110	<i>Descimento da Cruz</i> , Domingos Sequeira (1778-1831), desenho a sépia, estudo
Diogo de Macedo	Lisboa	111	<i>A Matança do porco</i> (séc. XVIII), escultura, escola portuguesa, barro
Joaquim de Carvalho e Silva	Cartaxo	112	Cofre indo-português (séc. XVI, final), marfim
Eduardo Malta	Lisboa	113	<i>Retrato de Luísa Maria</i> (1953), Eduardo Malta, óleo s/ tela
José Manuel Leitão	Loures	114	Painel de 52 azulejos holandeses (c. 1680), coleção «Triunfos de Davis»
Jacques Kugel	Paris	115	<i>Minerva</i> , Joaquim Machado de Castro (1731?-1822), gesso Travessa, (séc. XVIII), Estocolmo, faiança
Pe. José Simões Pedro	Tondela	116	Ampulíae de S. Menas (séc. IV), cerâmica romano-egípcia Ampulíae de S. Menas (séc. IV), cerâmica romano-egípcia
Afonso de Melo Pinto Veloso	Lisboa	117	<i>Quem dá aos pobres empresta a Deus</i> , Francisco Vieira Lusitano (1699-1783), desenho a sanguínea <i>Estábulo com vitelos</i> , Tomás da Anunciação (1818-1879), aguarela
Alfonso Grosso	Sevilha	118	<i>Interior do hospital da Caridade, Sevilha</i> (1955), Alfonso Grosso, óleo s/ madeira
Josep Cañas	Barcelona	119	<i>Mulher de Oaxaca</i> (1953), Josep Cañas, desenho a guache <i>Paredes do Guardão</i> (1956), Josep Cañas, desenho
Maria Clímaco	Tondela	120	Frasco de farmácia (séc. XVII, final), Catalunha, vidro Frasco de farmácia (séc. XVII, final), Catalunha, vidro Caneca de farmácia (c. 1595), Veneza, faiança Caneca de farmácia (c. 1610), Faenza, faiança
Reynaldo dos Santos	Lisboa	121	<i>Cristo no horto</i> (séc. XVI), Florença, baixo-relevo, alabastro
Arturo Ramón Garriga	Barcelona	122	Azulejo (séc. XVII-XVIII), Catalunha, série dos ofícios da época «de la Margarita»

			Azulejo (séc. XVII-XVIII), Catalunha, série dos ofícios da época «de la Margarita»
Maria Helena Vieira da Silva	Paris	123	<i>Paliçada</i> (1956), Vieira da Silva, óleo s/ tela
António Cardoso dos Santos	Paris	124	<i>Barco encalhado</i> (s. d.), Jules Noël (1815-1881), aguarela <i>Aldeia de Pescadores</i> (s. d.), Jules Noël (1815-1881), aguarela
Mary Cohen do Espírito Santo Silva	Lisboa	125	Malga e pires (séc. XVIII), China, Companhia das Índias, porcelana, decoração Paixão de Cristo
António de Carvalho e Silva	Lisboa	126	Garrafa piriforme de Jorge Alvares (1552), China, dinastia Ming, porcelana
João Filipe da Silva Nascimento	Lisboa	127	Prato com motivo português (séc. XVI), China, dinastia Ming, porcelana
Marino Guandalini	Lisboa	128	<i>Rossio de Lisboa</i> (1956), Marino Guandalini, óleo s/ tela
Shell Portuguesa	Lisboa	129	<i>Cabeça de Tarahumara</i> (1955), Josep Cañas, escultura, pedra
José Manuel Martins	Lisboa	130	Par de cómodas floreiras (séc. XVIII), China, Companhia das Índias, porcelana
Vasco Parreira	Lisboa	131	Tapete como motivos indo-portugueses (séc. XVIII, início), Pérsia
Papa Pio XII	Cidade do Vaticano	132	Medalha comemorativa do 80º aniversário do Papa Pio XII, prata
José de Azeredo Perdigão	Lisboa	133	<i>Santa Bárbara</i> (séc. XVII), trabalho peninsular, pintura a óleo, moldura de prata Caixa (séc. XIX) Suíça, esmaltes, prata e ouro
Marina S. Neves e Castro de Almeida	Lisboa	134	<i>Baigneuse</i> (1952), Leopoldo de Almeida, barro, esboceto
Jean Lurçat	Paris	135	<i>Cabeça de gallo</i> (1956), Jean Lurçat, guache Placa toponímica para a Rua de Jean Lurçat (1957), Jean Lurçat, cerâmica Prato, Jean Lurçat, faiança Prato, Jean Lurçat, faiança Prato, Jean Lurçat, faiança Travessa, Jean Lurçat, faiança Caneca, Jean Lurçat, faiança
George Robert Duff	Lisboa	136	Saladeira (1787), Nevers, faiança <i>Figura de Cristo</i> (séc. XVIII), China, pedra saponácea Prato (1778), Nevers, faiança Contador indo-português (séc. XVII)
Michel Beurdeley	Paris	137	Prato (séc. XVIII, meados), China, Companhia das Índias
Fundação Calouste Gulbenkian	Lisboa	138	Taça Vermeil, estilo renascentista, Alemanha

Sociedade Geral de Comércio, indústria e Transportes	Lisboa	139	<i>Portugueses na Índia</i> (séc. XVI, 1º quartel), Tournai, tapeçaria, lã e seda
Companhia Nacional de Navegação	Lisboa	140	<i>Portugueses na Índia</i> (séc. XVI, 1º quartel), Tournai, tapeçaria, lã e seda
Sociedade Portuguesa de Navios Tanques (SAPONATA)	Lisboa	141	<i>Portugueses na Índia</i> (séc. XVI, 1º quartel), Tournai, tapeçaria, lã e seda
Companhia Colonial de Navegação	Lisboa	142	Mesa indo-portuguesa (séc. XVII), ébano, pau preto e marfim
MABOR	Lisboa	143	Contador indo-português brasonado com as armas dos Sousa Sampaio (séc. XVI)
Nourban Manoukian	Paris	144	<i>Couple</i> , Auguste Rodin (1840-1917), desenho
António João Mendes	Lisboa	145	Prato (séc. XVIII), China, Companhia das Índias, porcelana
Antiquália Limitada	Lisboa	146	Colcha (séc. XVII), trabalho indo-português
João Almiro de Menezes e Castro	Tondela	147	Bule (séc. XVIII, 3º quartel), China, Companhia das Índias
Adriano de Almeida Cardoso	Tondela	148	Punho de espada (séc. XVI, final), Japão
Maria Cristina Merêa Pizarro Beleza	Tondela	149	Leque (séc. XVIII, final), Inglaterra
Francisco Higino Craveiro Lopes	Lisboa	150	<i>Aliança Luso-Britânica</i> (1957), Graham Sutherland, óleo s/ tela
Emílio Saavedra	Santiago do Chile	151	Malga (séc. XII), Columbia, cerâmica mexicana pré-columbiana
António Lopes Ribeiro	Lisboa	152	<i>Pierrot</i> (1944), António Soares, óleo s/ tela
Guilherme Possolo	Lisboa	153	<i>Nu</i> , Domenico Pellegrini (1759-1840), desenho s/ papel
Alex Maguy	Paris	154	<i>Catedral</i> , Bosco, óleo s/ tela
Pablo Picasso	Cannes	155	Natureza morta (1947), Pablo Picasso, óleo s/ tela
João Lancastre de Freitas	Lisboa	156	Baú indo-português (séc. XVII)
Maria Nazaré Centeno de Freitas	Lisboa	157	<i>Morte do Cavalo</i> (s. d.), Francisco Arias, óleo s/ tela
Maria Cristina Espírito Santo Moniz Galvão	Lisboa	158	Buda, época Chia-Ching (1796-1810), China, porcelana da China
Fernando Espírito Santo Moniz Galvão	Lisboa	159	Par de estatuetas de guardas tumulares, dinastia Wei, China, grés Divindade budista com coroa, dinastia Sung (960-1280), China, basalto Jarra, dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.), China, cerâmica Prato (séc. XVIII), Savona, faiança Prato oitavado, faiança majólica italiana; Par de pratos (séc. XVIII), faiança europeia Par de pratos (1759-1765), Delft, faiança de Delft

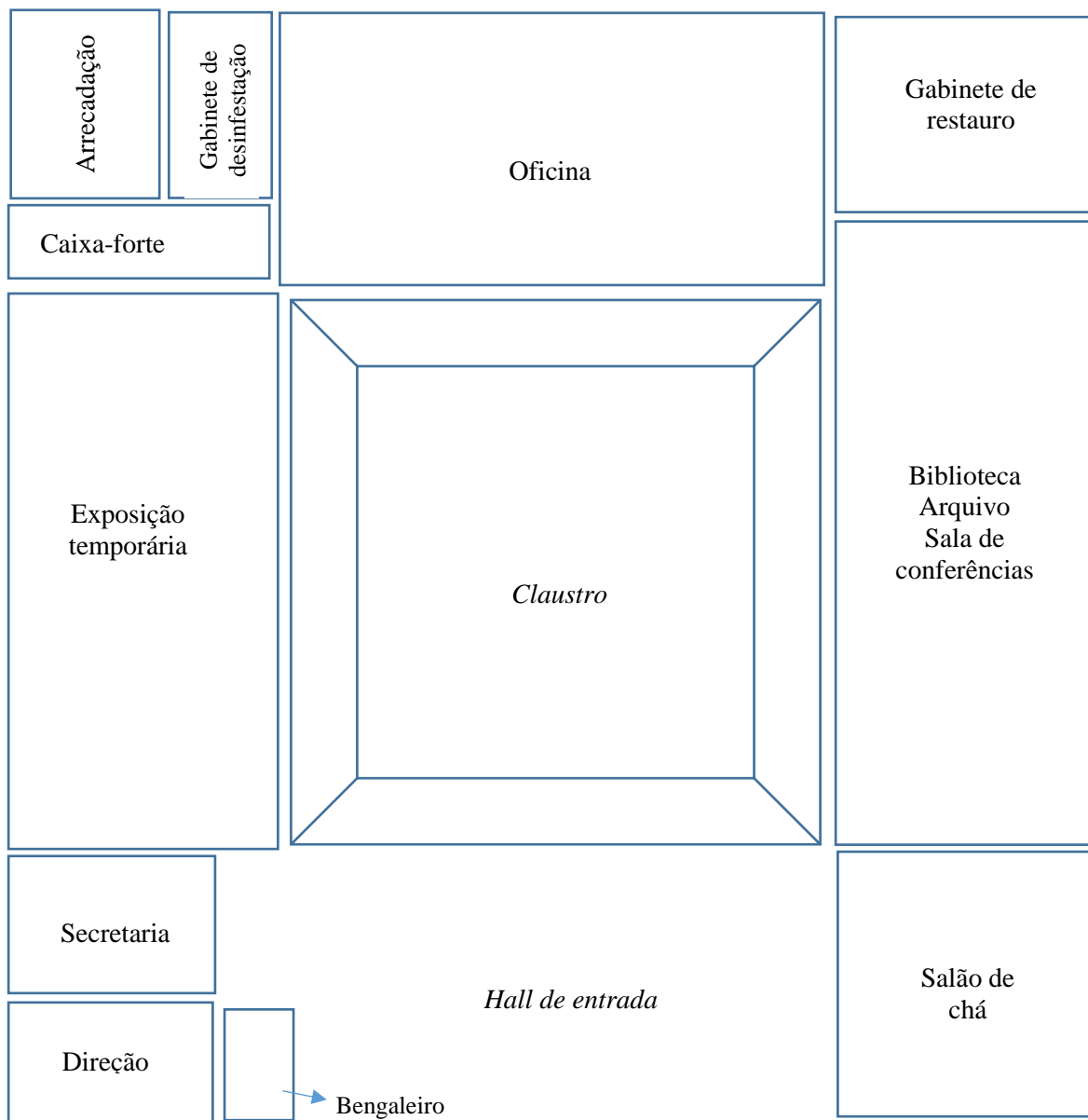
			Saleiro (séc. XVIII), Savona, faiança majólica Par de leiteiras (séc. XVIII), Savona, faiança majólica Covilhete (Séc. XVIII), Savona, faiança majólica
Joaquim Trigo de Negreiros	Lisboa	160	<i>Cabeça de Cristo</i> , Martins Correia, guache
SONAP	Lisboa	161	<i>La Mare aux Étoiles</i> , de Jean Lurçat, tapeçaria
Anna Hatherly	Lisboa	162	<i>Cabeça de Navegador</i> (1946), António Duarte, bronze
Caetano F. Beirão da Veiga	Lisboa	163	<i>Sagrada Família</i> (séc. XVIII), alabastro
Jorge Figueiredo Faria	Vila do Conde	164	Garrafa (séc. XVI), Catalunha, vidro
Trajano da Costa Pinheiro	Tondela	165	Cristo Crucificado (séc. XIII-XIV), escola portuguesa, madeira policromada
Luísa Carvalho Vinhas	Lisboa	166	Prato (séc. XVIII, 1º quartel), China, porcelana
Maria Helena da Costa Pinheiro	Tondela	167	Jarra (séc. XVIII), Valencia, faiança Bilha (séc. XVIII), Catalunha, vidro
Maria de Fátima Lacerda de Cértima	Lisboa	168	Travessa (séc. XVIII), Faenza, faiança
Manuela Morais Araújo	Lisboa	169	Prato coberto (séc. XVIII), China, Companhia das Índias, porcelana
Martins Correia	Lisboa	170	<i>Mulher de Castela</i> (1945), Martins Correia, desenho a sanguínea
<i>Doadores do Museu</i>	-	-	<i>A Virgem e o Menino</i> , Luís Morales, dito El Divino (1509-1586), óleo s/ madeira

FONTE: *Relação das obras de arte, ob. cit.*, p. 9-50.

ANEXO III – FIGURAS*Figura 1 – Esquema do local de implantação do Museu do Caramulo*

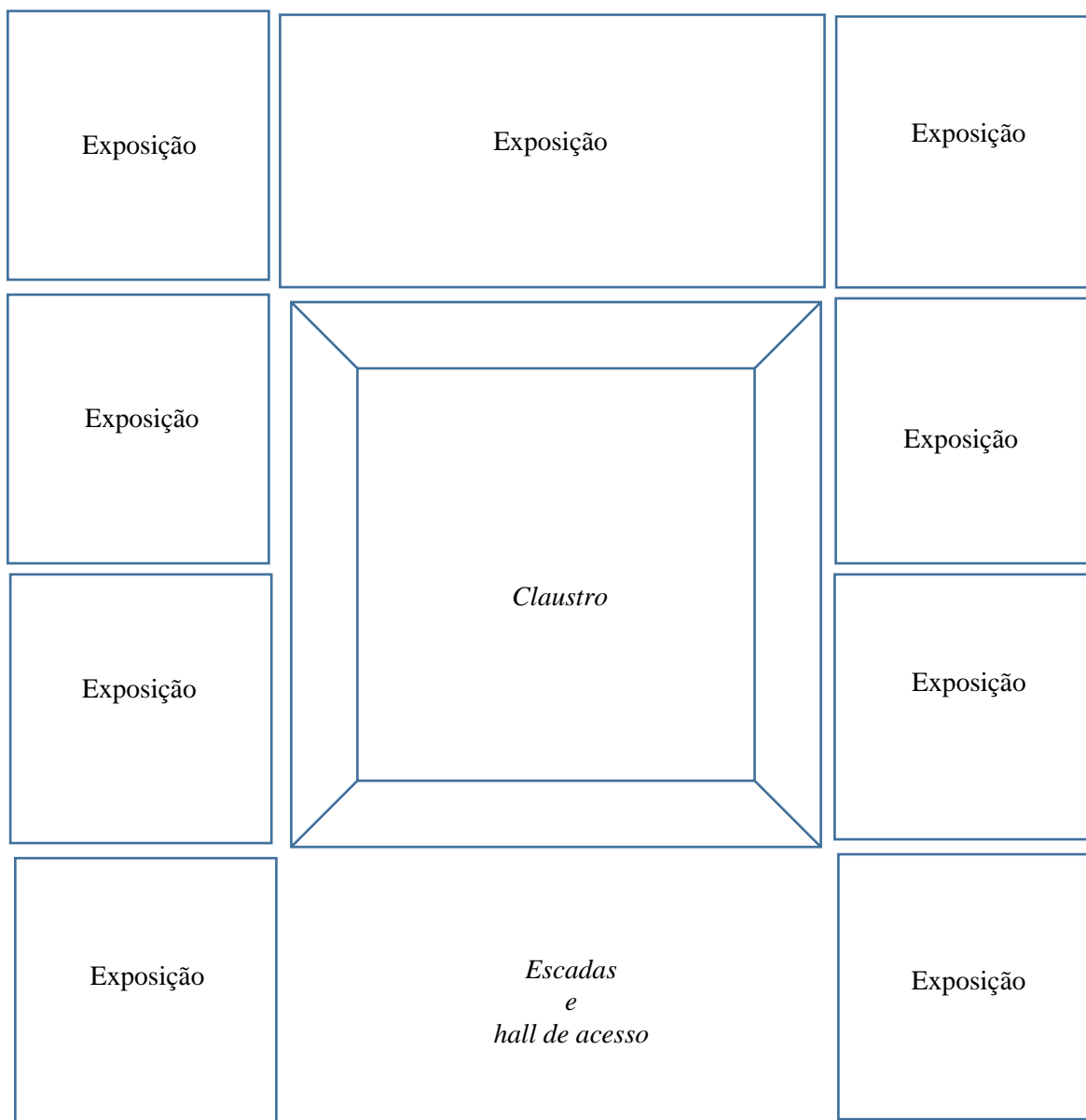
Elaborado pela autora. FONTE: AFCG, Fundo FCG, cota FCG-SPO01594: «Implantação do Museu do Caramulo e arranjo do local», mapa.

Figura 2 – Esquema da planta do R/C do edifício do Museu do Caramulo: anteprojeto



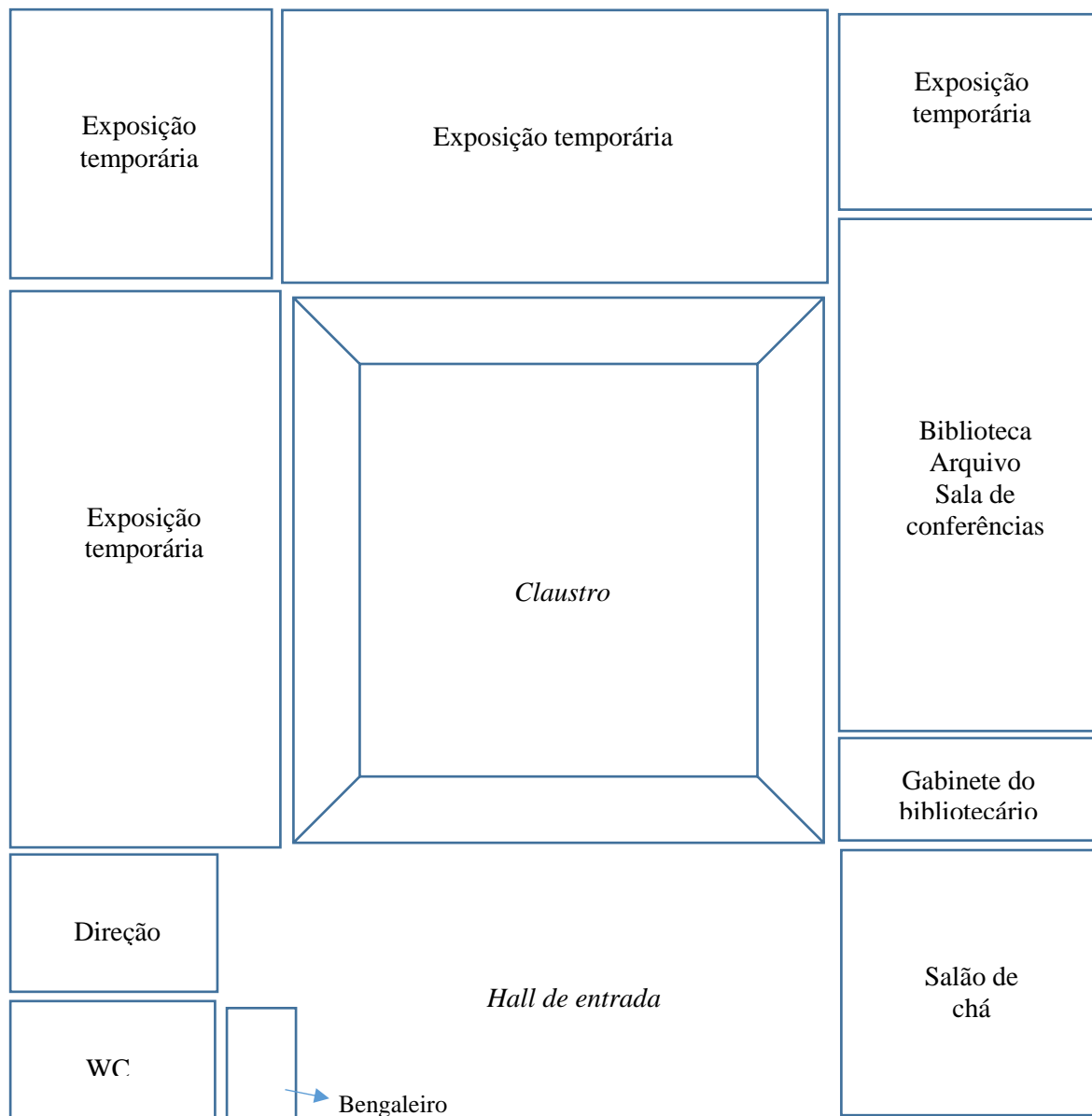
Elaborado pela autora. FONTE: AFCG, fundo FCG, cota FCG-SPO00780: Planta do edifício do Museu do Caramulo, rés-do-chão, anteprojeto.

Figura 3 – Esquema da planta do 1º andar do edifício do Museu do Caramulo: anteprojecto



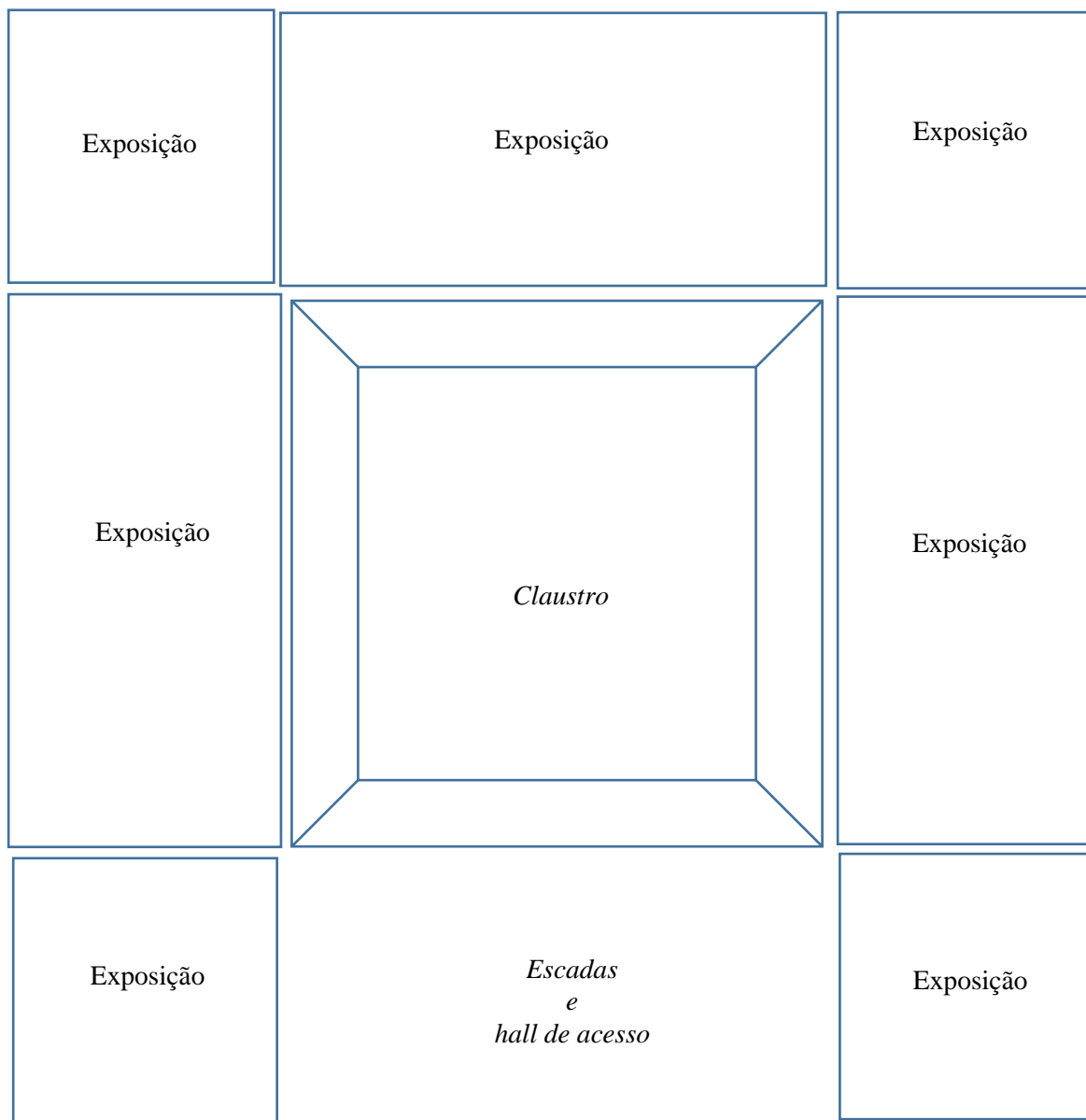
Elaborado pela autora. FONTE: AFCG, fundo FCG, cota FCG-SPO00780: Planta do edifício do Museu do Caramulo, 1º andar, anteprojecto.

Figura 4 – Esquema da planta do R/C do edifício do Museu do Caramulo: projeto



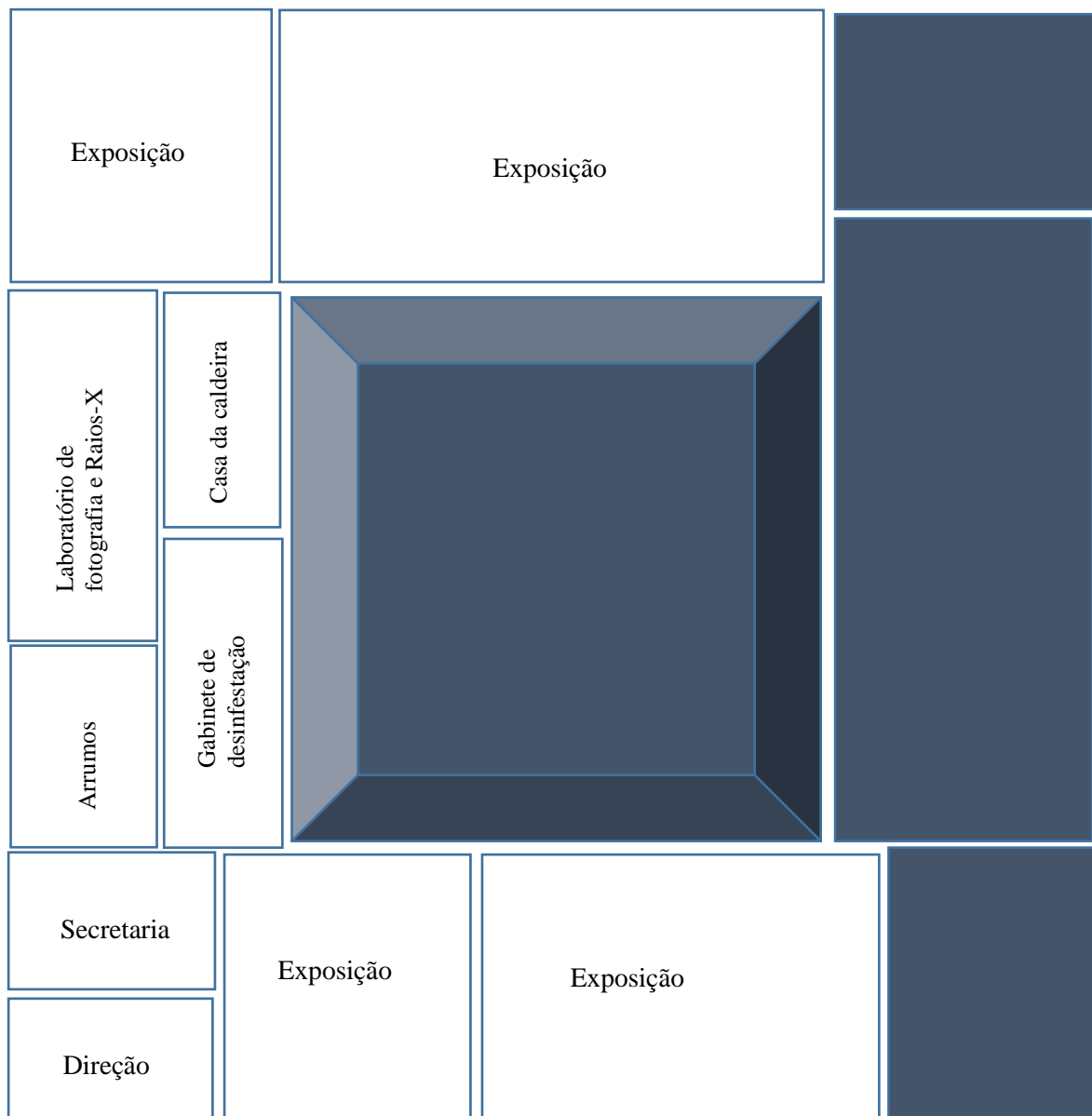
Elaborado pela autora. FONTE: AFCG, fundo FCG, cota FCG-SBA15974: Planta do edifício do Museu do Caramulo, rés-do-chão, projeto.

Figura 5 – Esquema da planta do 1º andar do edifício do Museu do Caramulo: projeto



Elaborado pela autora. FONTE: AFCG, fundo FCG, cota FCG-SBA15974: Planta do edifício do Museu do Caramulo, 1º andar, projeto.

Figura 6 – Esquema da planta da cave do edifício do Museu do Caramulo: projeto



Elaborado pela autora. FONTE: AFCG, fundo FCG, cota FCG-SBA15974: Planta do edifício do Museu do Caramulo, cave, projeto.

ANEXO IV – TABELAS E GRÁFICOS*Tabela 1 – Despesas da JTC por categoria e por ano com o Museu do Caramulo (1953-1956)*

<i>Anos</i>	<i>Montante (em contos)</i>		
	<i>Obras de arte</i>	<i>Subsídios</i>	<i>Total</i>
1953	23	0	23
1954	3	60	63
1955	7	60	67
1956	4	60	64
<i>Total</i>	37	180	217

Elaborado pela autora. FONTE: ADV, fundo Governo Civil de Viseu, cota CX3599 N°4: orçamentos ordinários e suplementares da JTC, anos 1953-1956.

Tabela 2 – Cômputo geral das despesas da JTC e percentagem dos dispêndios com o Museu do Caramulo (1953-1956)

<i>Cômputo geral das despesas</i>	<i>Montante (em contos)</i>			
	1953	1954	1955	1956
Pessoal	96	92	90	90
Material (edifícios, bens móveis, ferramentas, etc.)	203	120	109	126
Serviços (higiene, comunicações, melhoramentos, obras, etc.)	489	292	416	353
Diversos (impostos, rendas, seguros, obras de arte, festas, subsídios, etc.)	188	193	214	227
<i>Total</i>	976	697	829	796
<i>Despesas com o Museu do Caramulo</i>				
Total das despesas com o Museu do Caramulo	23	63	67	64
Percentagem no cômputo geral	2,35%	9,03%	8,08%	8,04%

Elaborado pela autora. FONTE: ADV, fundo Governo Civil de Viseu, cota CX3599 N°4: orçamentos ordinários e suplementares da JTC, anos 1953-1956.

Tabela 3 – Despesas da JTC, por categoria e por ano, com o Museu do Caramulo (1953-1959)

Anos	Montante (em contos)		
	Obras de arte	Subsídios	Total
1953	23	0	23
1954	3	60	63
1955	7	60	67
1956	4	60	64
1957/1958	0	60	60
1959	0	60	60
<i>Total</i>	37	300	337

Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*; BAFCG, espólio Diogo Macedo, cx. 330, doc. n.º DM330/44: *Relatório e contas 1957-1958, ob. cit., p. 2*; *idem*, DM330/39: *Relatório e contas: Exercício findo em 30-junho-1959, ob. cit., p. 2*; *Idem*, doc. n.º DM330/33: *Relatório e contas: Exercício findo em 30-junho-1960, ob. cit., p. 2*

Tabela 4 – Despesas da JTC com o Museu do Caramulo (1953-1969)

Anos	Montante (em contos)
1953	23
1954	63
1955	67
1956	64
1957/1958	60
1959	60
1960	80
1961	80
1962	90
1963	60
1964	60
1965	60
1966	60
1967	60
1968	60
1969	60
<i>Total</i>	1007

Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*; ADV, fundo Governo Civil de Viseu, cota CX3599 N.º5: orçamentos ordinários da JTC, anos 1961-1969.

Tabela 5 – Subsídios atribuídos para a construção do edifício-sede do Museu do Caramulo

<i>Entidade financiadora</i>	<i>Montante (em contos)</i>
Fundação Calouste Gulbenkian	2279
Fundo de Desemprego	1400
Ministério das Obras Públicas	1560
<i>Total</i>	5239

Elaborado pela autora. FONTE: AFAJL: *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*, ata n.º 4 de 13 de novembro de 1956, fl. 9; *idem*, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da FAL*, ata n.º 1 de 14 de agosto de 1958, fl. 1/v.

Tabela 6 – Subsídios recolhidos pelo Museu do Caramulo (1953-1959)

<i>Entidade financiadora</i>	<i>Montante (em contos)</i>
Fundação Calouste Gulbenkian	2279
Fundo de Desemprego	1400
Ministério das Obras Públicas	1560
Junta de Turismo do Caramulo	180
Estância Sanatorial do Caramulo	67
Subscrição pública (1955-1956)	221
Agência Magno	6
<i>Total</i>	5713

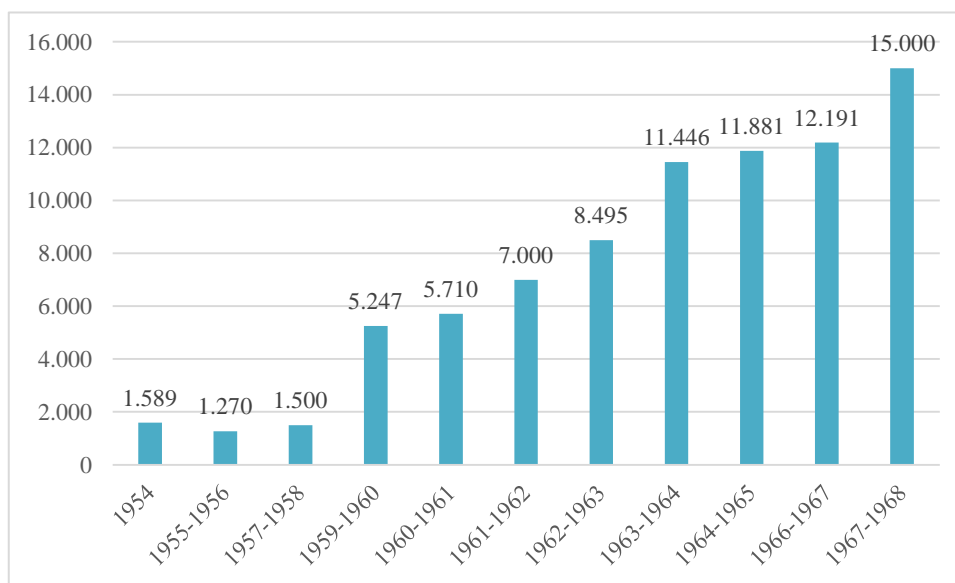
Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*; ADV, fundo Governo Civil de Viseu, cota CX3599 N.º4: orçamentos ordinários e suplementares da JTC, anos 1953-1956; BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS 185/1: *Boletim*. N.º 44 (3 abril 1955); *idem*: *Boletim*. N.º 45 (8 maio 1955); *idem*: *Boletim*. N.º 46 (16 junho 1955); *idem*: *Boletim*. N.º 47 (23 julho 1955); *idem*: *Boletim*. N.º 49 (31 agosto 1955); *idem*: *Boletim*. N.º 52 (30 novembro 1955); *idem*: *Boletim*. N.º 54 (31 janeiro 1956); *idem*: *Boletim*. N.º 57 (30 abril 1956); BAFCG, espólio Diogo Macedo, cx. 330, doc. n.º DM330/56: *Relatório e contas 1955-1956*, *ob. cit.*, p. 2; *idem*, doc. n.º DM330/52: *Relatório e contas 1956-1957*, *ob. cit.*, p. 2.

Tabela 7 – N.º de visitantes (1953-1968)

Ano	N.º de visitantes
1954	1.589
1955-1956	1.270
1957-1958	1.500
1959-1960	5.247
1960-1961	5.710
1961-1962	7.000
1962-1963	8.495
1963-1964	11.446
1964-1965	11.881
1966-1967	12.191
1967-1968	15.000
<i>Total</i>	79740

Elaborado pela autora. FONTE: AFAJL, *Livro de Atas dos Corpos Gerentes da FMC*; AFAJL, *Livro de Atas da Assembleia-Geral da Fundação Abel de Lacerda*; BAFCG, espólio LRS, cx. 185, doc. n.º RS 185/1: *Boletim*. (31 dezembro 1954 a 31 maio 1956); BAFCG, espólio Diogo de Macedo, cx. 330: *Relatório e contas*. (30 junho 1960 a 30 junho 1968), *ob. cit.*.

Gráfico 1 – N.º de visitantes (1953-1968)



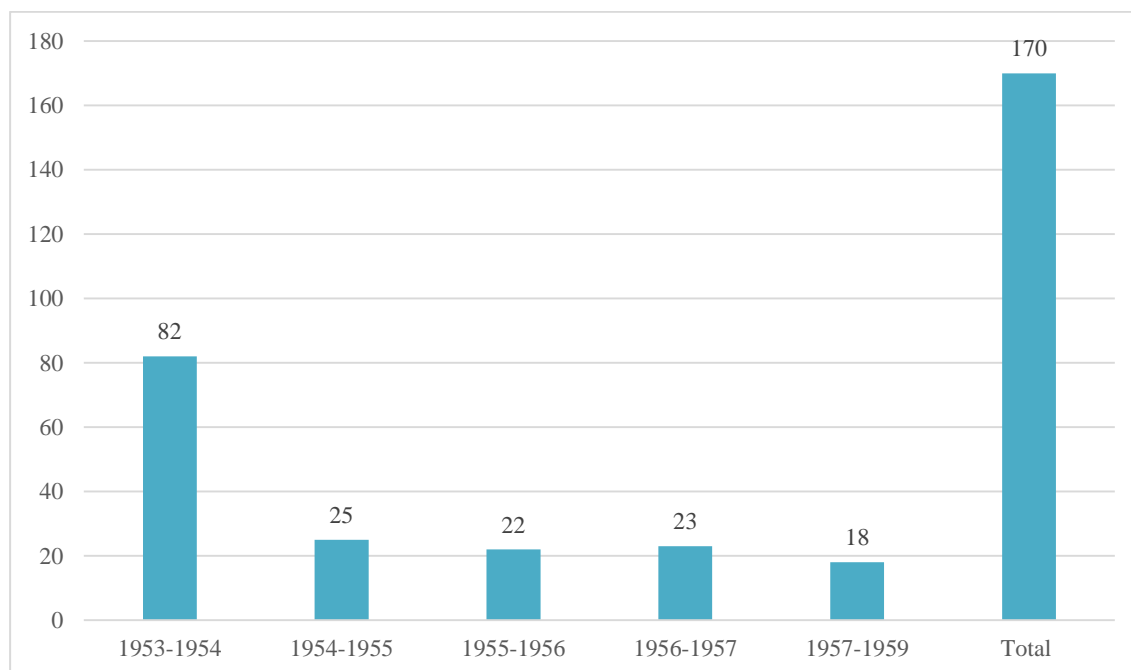
Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Tabela 8 – Evolução do n.º de doadores por anos (1953-1959)

Anos	N.º de doadores	%
1953-1954	82	48,24
1954-1955	25	14,7
1955-1956	22	12,94
1956-1957	23	13,53
1957-1959	18	10,59
<i>Total</i>	170	100

Elaborado pela autora. FONTE: *Relação de obras de arte oferecidas em 1953-1954*, ob. cit., p. 30-34; *Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955*, ob. cit., p. 25-29; *Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956*, ob. cit., p. 23-28; *Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957*, ob. cit., p. 21-27; *Relação d obras de arte*, ob. cit., p. 9-13.

Gráfico 2 – Evolução do n.º de doadores por anos (1953-1959)



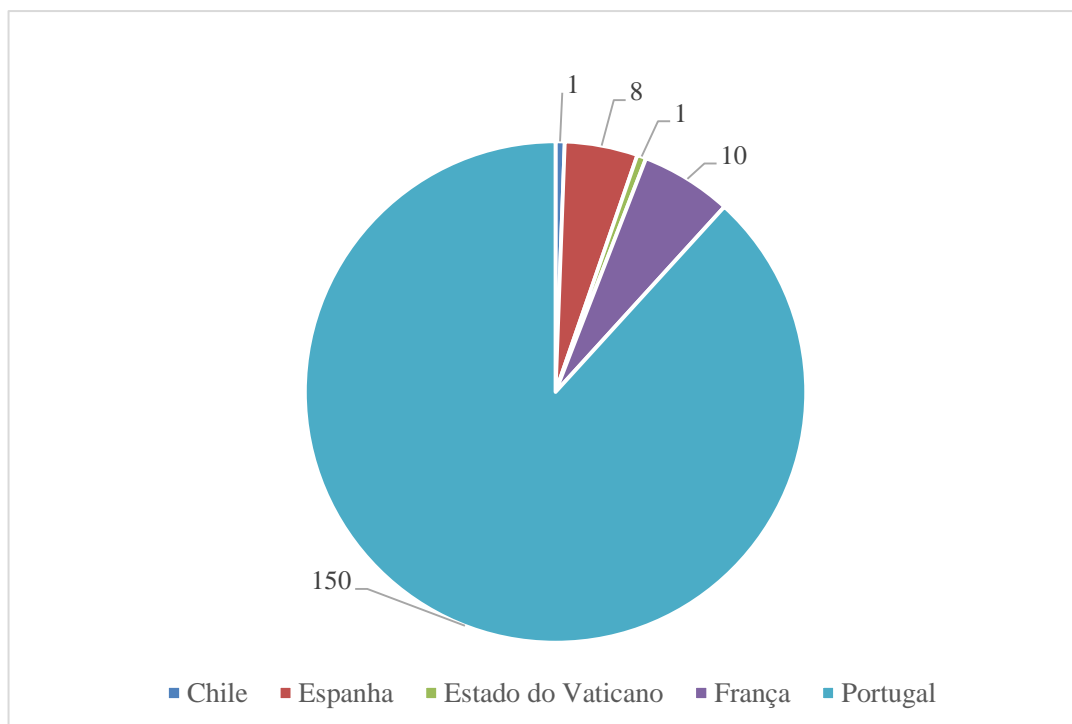
Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Tabela 9 – N.º de doadores por país (1953-1959)

<i>País</i>	<i>N.º de doadores</i>	<i>%</i>
Chile	1	0,59
Espanha	8	4,71
Estado do Vaticano	1	0,59
França	10	5,88
Portugal	150	88,23
<i>Total</i>	170	100

Elaborado pela autora. FONTE: *Relação de obras de arte oferecidas em 1953-1954, ob. cit., p. 31-34; Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955, ob. cit., p. 25-29; Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956, ob. cit., p. 23-28; Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957, ob. cit., p. 21-27; Relação d obras de arte, ob. cit., p. 9-13.*

Gráfico 3 – N.º de doadores por país (1953-1959)



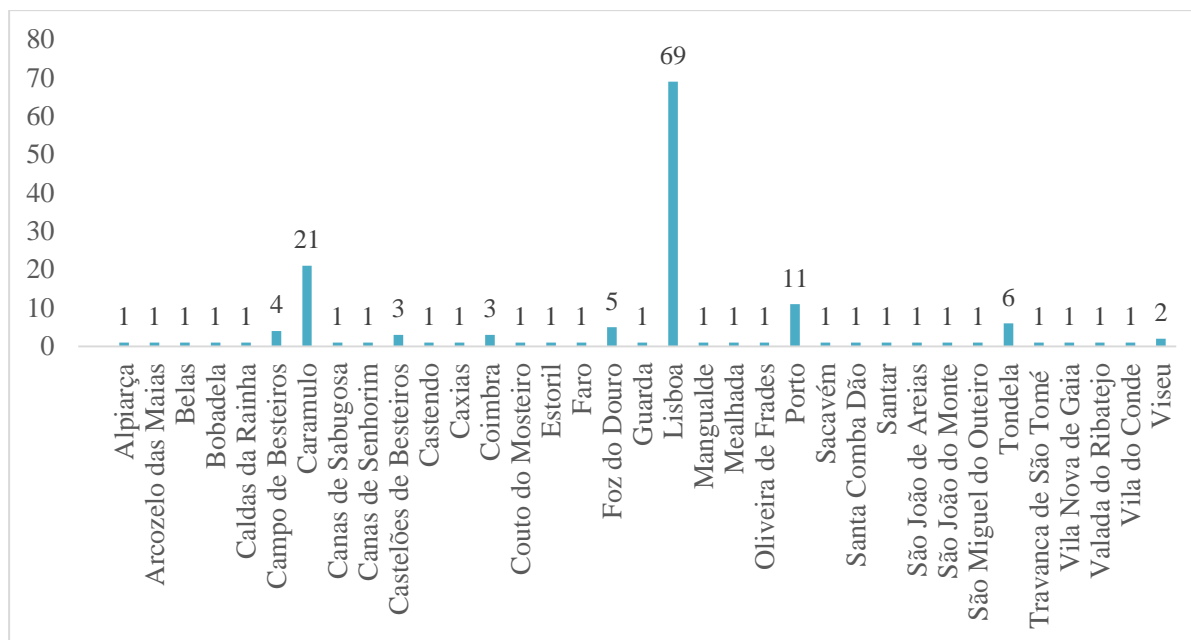
Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem.*

Tabela 10 – N.º de doadores residentes em Portugal por localidade (1953-1959)

<i>Localidades</i>	<i>N.º de doadores</i>	<i>%</i>
Alpiarça	1	0,67
Arcozelo das Maias	1	0,67
Belas	1	0,67
Bobadela	1	0,67
Caldas da Rainha	1	0,67
Campo de Besteiros	4	2,67
Caramulo	21	14
Canas de Sabugosa	1	0,67
Canas de Senhorim	1	0,67
Castelões de Besteiros	3	2
Castendo	1	0,67
Caxias	1	0,67
Coimbra	3	2
Couto do Mosteiro	1	0,67
Estoril	1	0,67
Faro	1	0,67
Foz do Douro	5	3,3
Guarda	1	0,67
Lisboa	69	46
Mangualde	1	0,67
Mealhada	1	0,67
Oliveira de Frades	1	0,67
Porto	11	7,3
Sacavém	1	0,67
Santa Comba Dão	1	0,67
Santar	1	0,67
São João de Areias	1	0,67
São João do Monte	1	0,67
São Miguel do Outeiro	1	0,67
Tondela	6	4
Travanca de São Tomé	1	0,67
Vila Nova de Gaia	1	0,67
Valada do Ribatejo	1	0,67
Vila do Conde	1	0,67
Viseu	2	1,3
<i>Total</i>	150	100

Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Gráfico 4 – N.º de doadores residentes em Portugal por localidade (1953-1959)

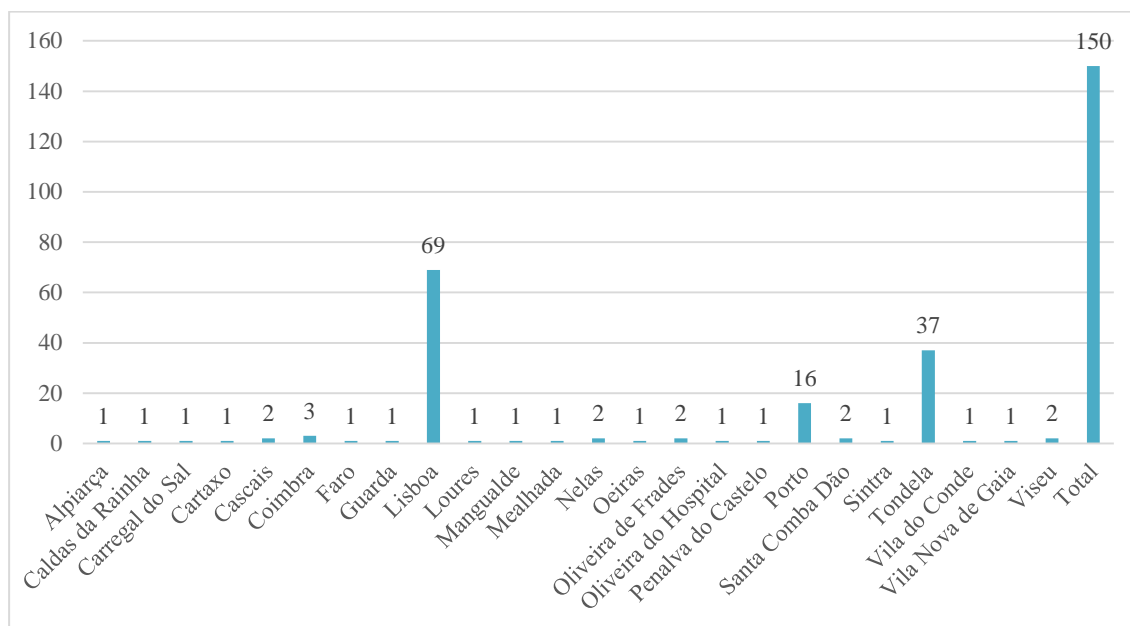


Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Tabela 11 – Doadores residentes em Portugal por concelho (1953-1959)

<i>Concelho</i>	<i>N.º de doadores</i>	<i>%</i>
Alpiarça	1	0,67
Caldas da Rainha	1	0,67
Carregal do Sal	1	0,67
Cartaxo	1	0,67
Cascais	2	1,33
Coimbra	3	2
Faro	1	0,67
Guarda	1	0,67
Lisboa	69	46
Loures	1	0,67
Mangualde	1	0,67
Mealhada	1	0,67
Nelas	2	1,33
Oeiras	1	0,67
Oliveira de Frades	2	1,33
Oliveira do Hospital	1	0,67
Penalva do Castelo	1	0,67
Porto	16	10,7
Santa Comba Dão	2	1,33
Sintra	1	0,67
Tondela	37	24,6
Vila do Conde	1	0,67
Vila Nova de Gaia	1	0,67
Viseu	2	1,33
<i>Total</i>	150	100

Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Gráfico 5 – Doadores residentes em Portugal por concelho (1953-1959)

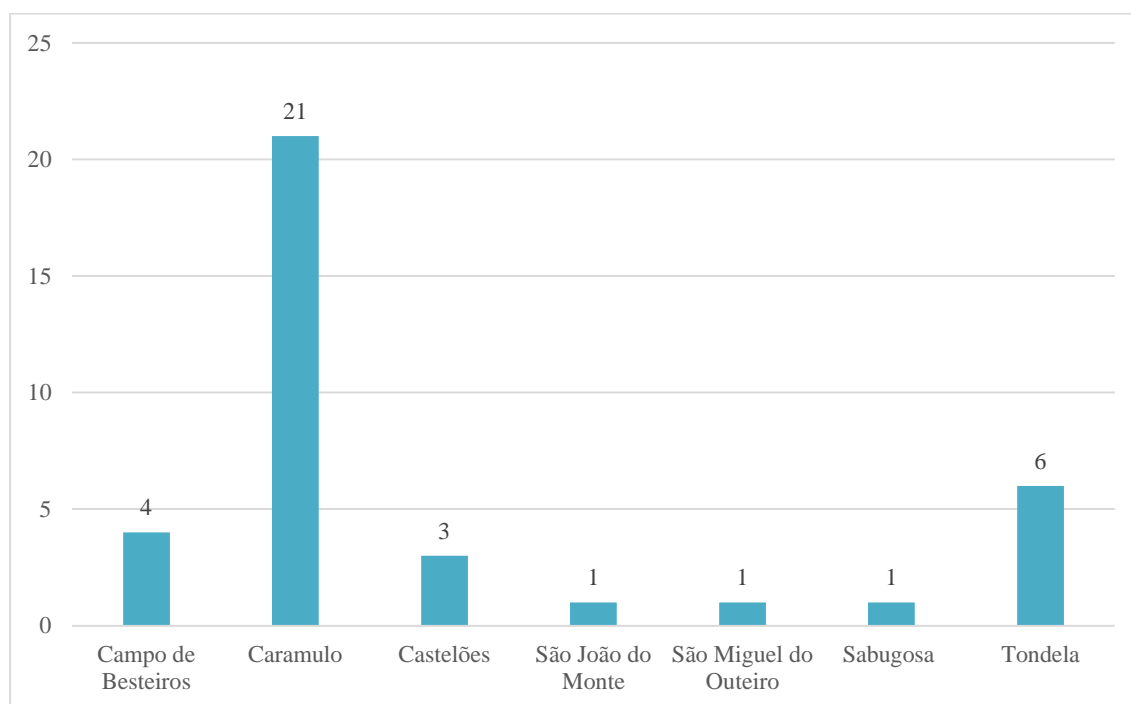
Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Tabela 12 – Doadores provenientes do concelho de Tondela por localidade (1953-1959)

<i>Localidade</i>	<i>N.º de doadores</i>
Campo de Besteiros	4
Caramulo	21
Castelões	3
São João do Monte	1
São Miguel do Outeiro	1
Sabugosa	1
Tondela	6
<i>Total</i>	<i>37</i>

Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Gráfico 6 – Doadores provenientes do concelho de Tondela por localidade (1953-1959)



Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Tabela 13 – Distribuição do número total de objetos doados pelo conjunto dos doadores

<i>N.º de objetos doados por um doador</i>	<i>N.º de doadores que doaram esse n.º de objetos</i>	<i>N.º total de objetos doados em 1953-1959</i>
1	113	113
2	29	58
3	12	36
4	6	24
5	1	5
6	1	6
7	2	14
8	1	8
9	1	9
10	2	20
11	0	0
12	0	0
13	0	0
14	1	14
15	0	0
16	0	0
17	0	0
18	1	18
<i>Total</i>	170	325

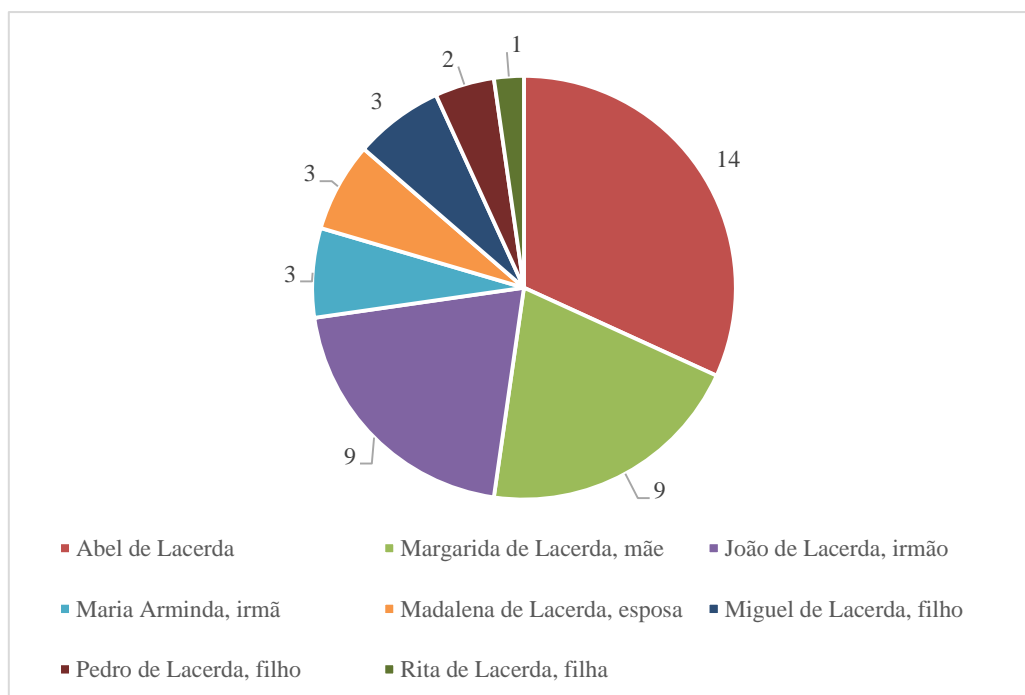
Elaborado pela autora. FONTE: *Relação de obras de arte oferecidas em 1953-1954, ob. cit., p. 9-30; Relação de obras de arte oferecidas em 1954-1955, ob. cit., p. 11-24; Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956, ob. cit., p. 11-22; Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957, ob. cit., p. 11-20; Relação d obras de arte, ob. cit., p. 15-50.*

Tabela 14 – Objetos doados pela família Lacerda por anos (1953-1959)

<i>Elementos da família</i>	<i>Total</i>	<i>1953-1954</i>	<i>1954-1955</i>	<i>1955-1956</i>	<i>1956-1957</i>	<i>1957-1959</i>
Abel de Lacerda	14	6	5	2	0	1
Margarida de Lacerda, mãe	9	4	2	0	1	2
João de Lacerda, irmão	9	2	1	2	2	2
Maria Arminda, irmã	3	1	1	1	0	0
Madalena de Lacerda, esposa	3	1	1	1	0	0
Miguel de Lacerda, filho	3	2	1	0	0	0
Pedro de Lacerda, filho	2	1	1	0	0	0
Rita de Lacerda, filha	1	0	1	0	0	0
TOTAL	44	17	13	6	3	5

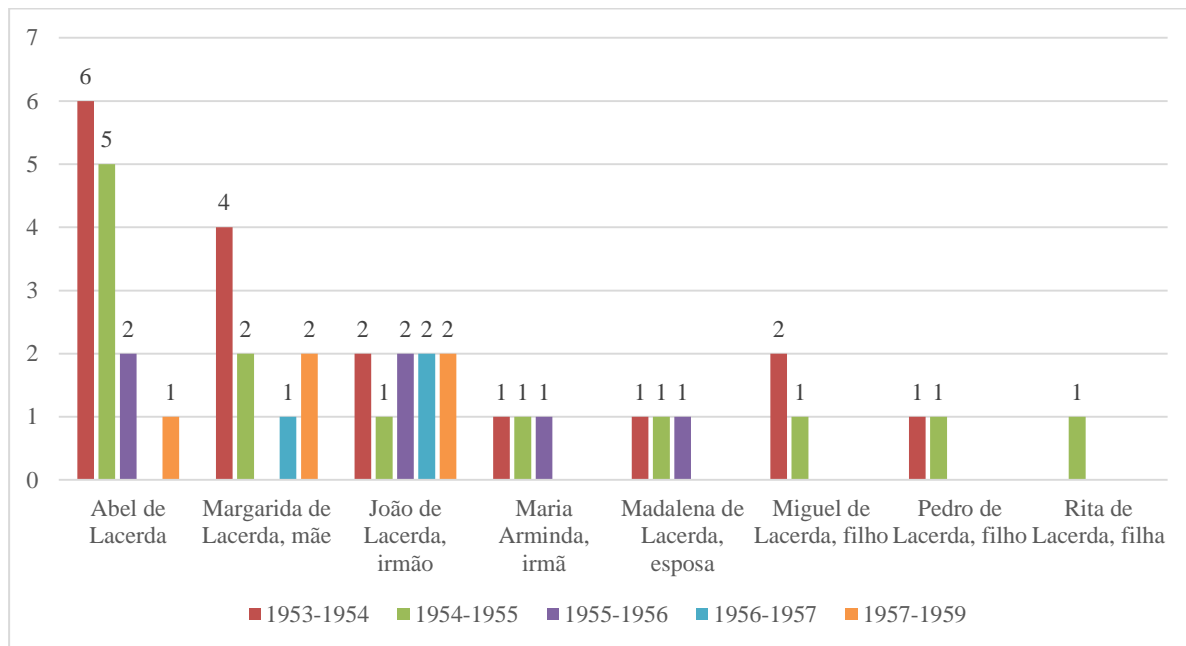
Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Gráfico 7 – Número de objetos doados pela família Lacerda (1953-1959)



Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Gráfico 8 – Número de objetos doados pela família Lacerda por anos (1953-1959)



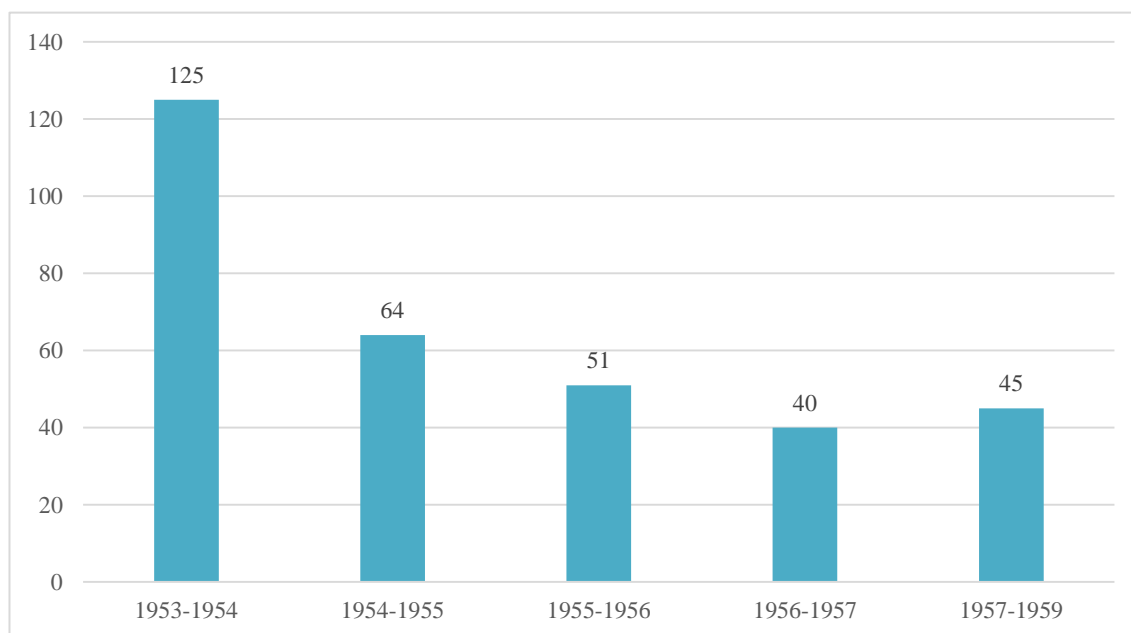
Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Tabela 15 – N.º de objetos doados por anos (1953-1959)

Anos	N.º de objetos doados	%
1953-1954	125	38,4
1954-1955	64	19,7
1955-1956	51	15,7
1956-1957	40	12,3
1957-1959	45	13,9
<i>Total</i>	325	100

Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Gráfico 9 – N.º de objetos doados por anos (1953-1959)



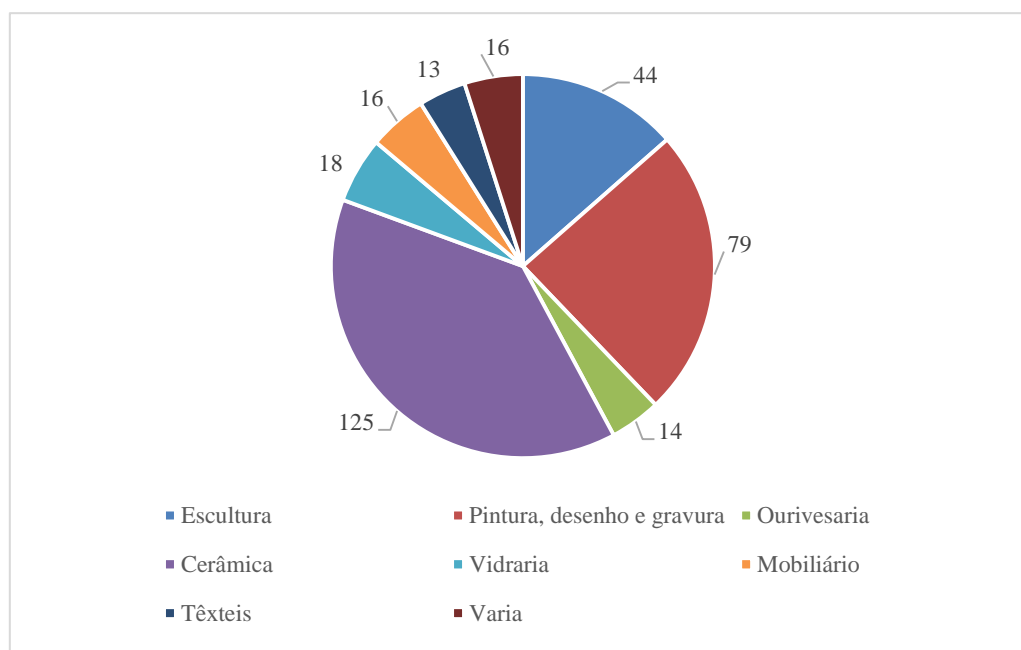
Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Tabela 16 – N.º de objetos doados por categoria e anos (1953-1959)

Categorias	1953-1954		1954-1955		1955-1956		1956-1957		1957-1959		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Escultura	18	14,4	8	12,5	7	13,7	4	10	7	15,5	44	13,5
Pintura, desenho e gravura	28	22,4	24	37,5	13	25,5	9	22,5	5	11,1	79	24,3
Ourivesaria	4	3,2	3	4,7	2	3,9	4	10	1	2,2	14	4,3
Cerâmica	43	34,4	25	39	20	39,2	11	27,5	26	58	125	38,5
Vidraria	11	8,8	1	1,6	4	7,9	-	-	2	4,4	18	5,6
Mobiliário	9	7,2	2	3,1	-	-	3	7,5	2	4,4	16	4,9
Têxteis (paramentos, tapeçarias e tapetes)	3	2,4	1	1,6	-	-	7	17,5	2	4,4	13	4
Varia (objetos litúrgicos, do quotidiano e arqueológicos)	9	7,2	-	-	5	9,8	2	5	-	-	16	4,9
TOTAL	125	100	64	100	51	100	40	100	45	100	325	100
%	38,4	-	19,7	-	15,7	-	12,3	-	13,9	-	-	100

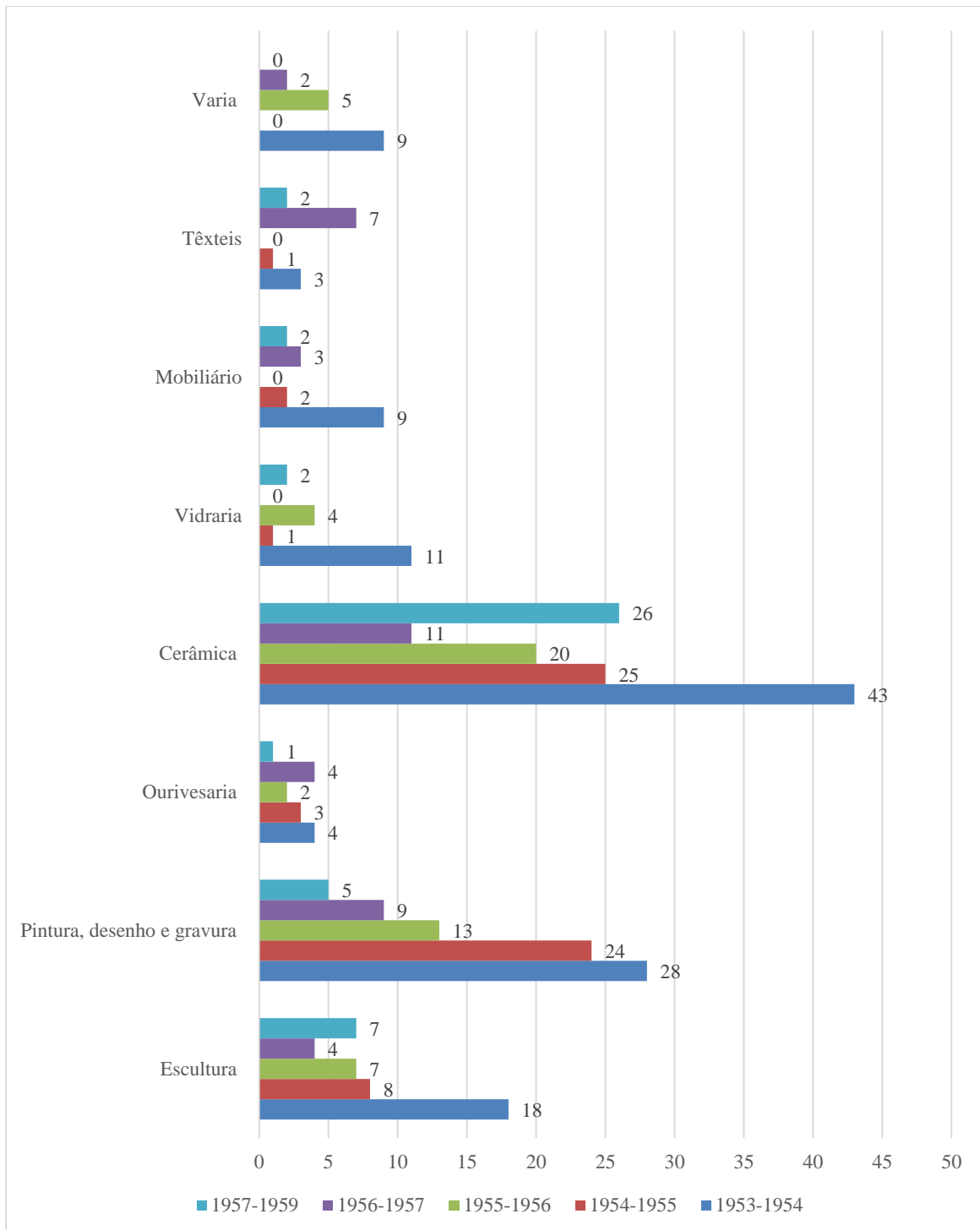
Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Gráfico 10 – N.º de objetos doados por categoria (1953-1959)



Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Gráfico 11 – N.º de objetos doados por categoria e anos (1953-1959)



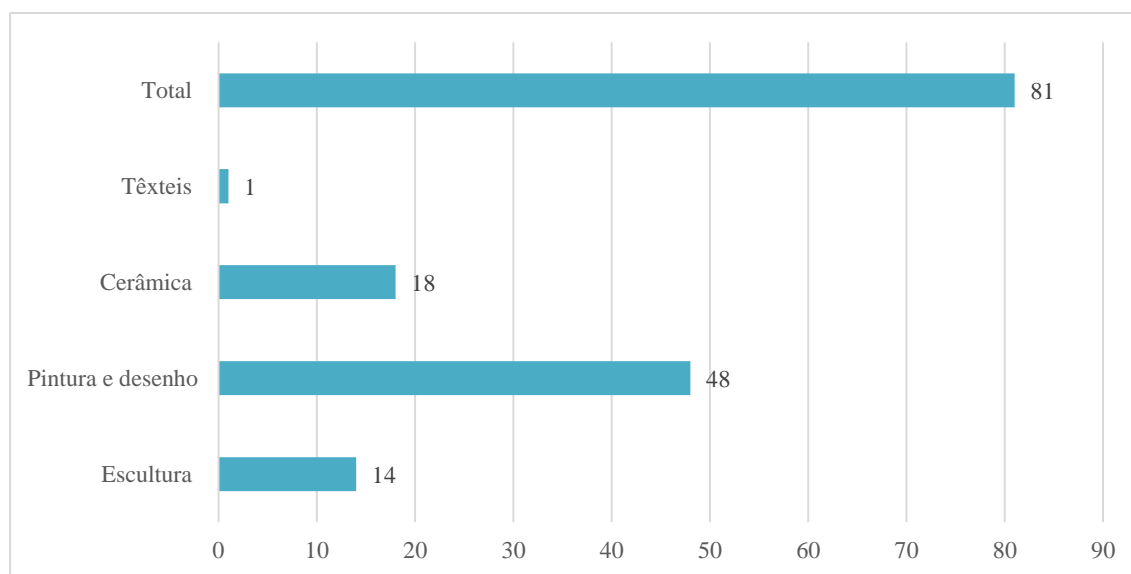
Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Tabela 17 – Obras de arte contemporânea e moderna, doadas por categoria (1953-1959)

<i>Categorias</i>	<i>N.º de obras de arte doadas</i>	<i>%</i>
Escultura	14	17,3
Pintura e desenho	48	59,3
Cerâmica	18	22,2
Têxteis	1	1,2
<i>Total</i>	81	100

Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

Gráfico 12 – Obras de arte contemporânea e moderna, doadas por categoria (1953-1959)



Elaborado pela autora. FONTE: *ibidem*.

ANEXO V – IMAGENS

Foto 1 – Jerónimo de Lacerda e Margarida de Lacerda, pais de Abel de Lacerda, após o casamento, em março de 1919. FONTE: fotografia (1919), coleção particular. Reprodução de Pe. António Júlio Trigueiros SJ.



Foto 2 – Abel de Lacerda, anos 1950. FONTE: LACERDA, Abel, *ob. cit.*, p. 1.

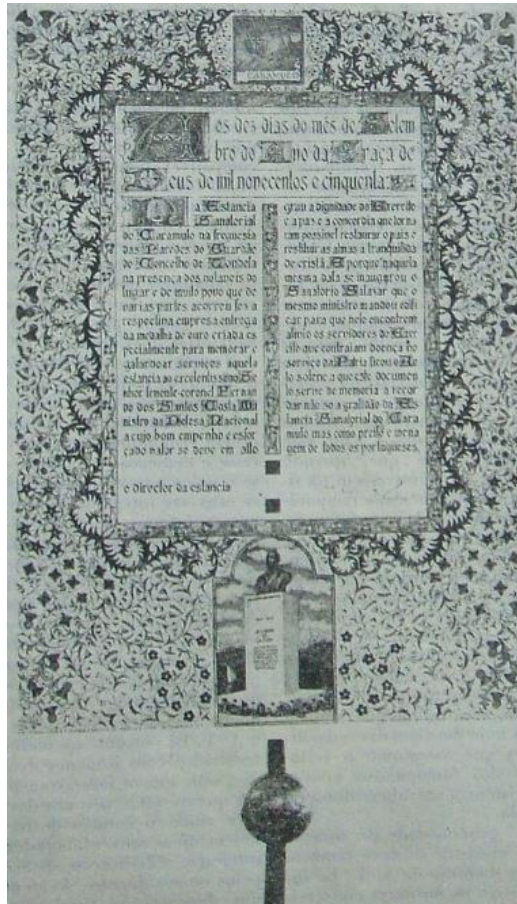


Foto 3 – Pergaminho-mensagem que acompanhava a Medalha de Ouro da ESC. FONTE: A Estância Sanatorial concedeu ao Ministro da Defesa Nacional a Medalha de Ouro do Caramulo, *art. cit.*, p. 3.

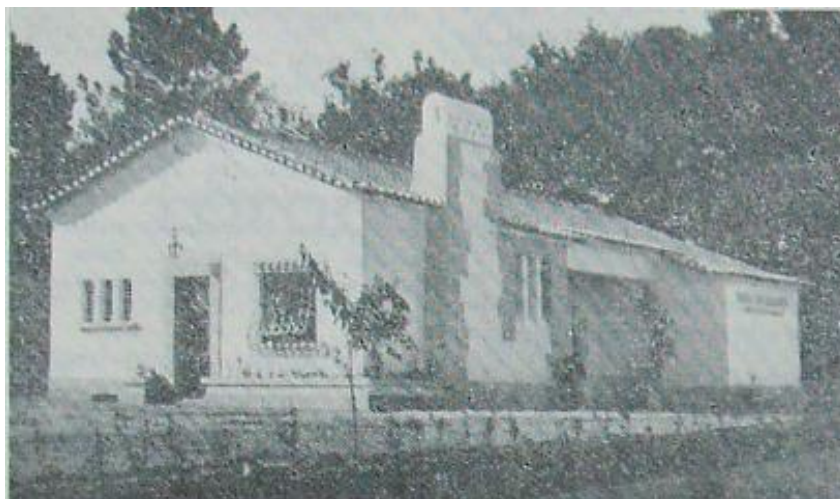


Foto 4 – Casa da Criança Eng.º Cancela de Abreu, em Sabugosa. FONTE: O Ministro do Interior inaugurou a Casa da Criança Eng.º A. Cancela de Abreu. *Ecos da Serra*. N.º 29 (1 novembro 1950), p. 1.



Foto 5 e foto 6 – Monumento ao General Carmona, em Sabugosa. FONTE: fotografia da autora.

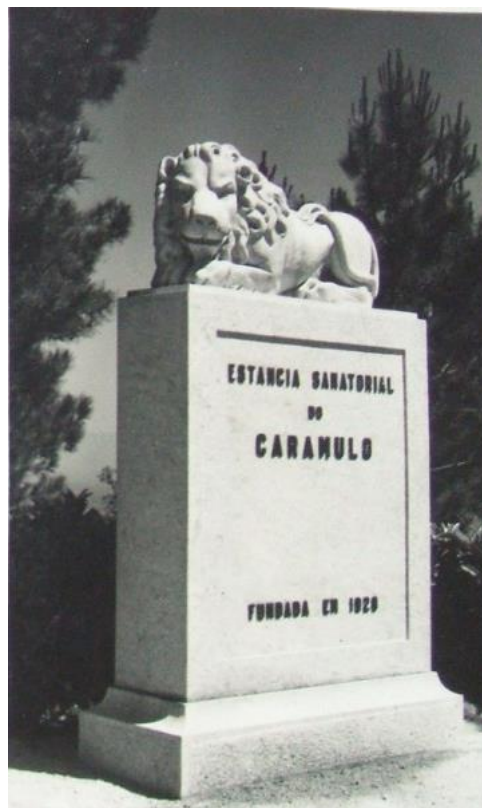


Foto 7 – Uma das duas placas que assinalaram os limites da ESC, ambas posicionadas na EN 230 que atravessava a Estância. Estão, ainda hoje, *in loco*. FONTE: fotografia (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.

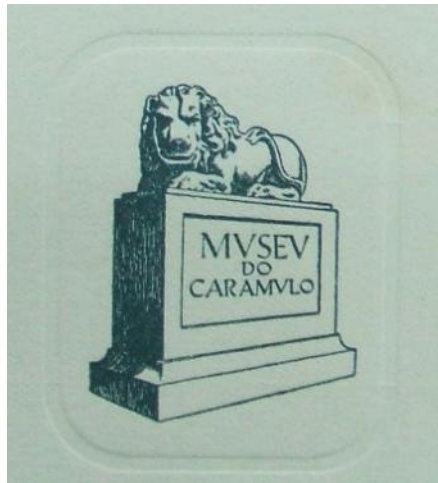


Foto 8 – Ex-libris do Museu do Caramulo. FONTE: Relação de obras de arte oferecidas, ob. cit..



Foto 9 – O primeiro objeto da coleção de Abel de Lacerda, comprado com a sua mesada, quando jovem: uma chávena da Vista Alegre. FONTE: Coleção particular. Fotografia de Miguel de Lacerda.



Foto 10 – Parte da coleção particular de Abel de Lacerda, exposta nas divisões da sua residência, no Caramulo. FONTE: QUILHÓ, Irene, *ob. cit.*, p. 20.



Foto 11 – Parte da coleção particular de Abel de Lacerda, exposta nas divisões da sua residência, no Caramulo. FONTE: *idem*, p. 22.



Foto 12 – Parte da coleção particular de Abel de Lacerda, exposta nas divisões da sua residência, no Caramulo. FONTE: QUILHÓ, Irene, *ob. cit.*, p. 24.



Foto 13 – Panorâmica das Paredes do Guardão. FONTE: fotografia (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 14 – Panorâmica das Paredes do Guardão antes da ESC, com a Pensão Caramulo em segundo plano. FONTE: bilhete-postal (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 15 – Panorâmica das Paredes do Guardão antes da ESC, com o Grande Hotel Montanha. FONTE: bilhete-postal (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 16 – Panorâmica aérea parcial da ESC, anos 1950. FONTE: fotografia (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 17 – Um dos bairros residenciais da ESC. FONTE: bilhete-postal (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 18 – Um dos bairros residenciais da ESC. FONTE: fotografia (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 19 – Uma das ruas da ESC. FONTE: fotografia (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 20 – Parque Jerónimo Lacerda, na ESC. FONTE: bilhete-postal (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 21 – Avenida Jerónimo Lacerda, na ESC. FONTE: fotografia (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 22 – Grande Hotel do Caramulo em meados dos anos 1920. FONTE: fotografia (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 23 – Galeria de cura no Grande Sanatório. FONTE: fotografia (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 24 – Galeria de cura no Grande Sanatório, com o ecrã de cinema no fundo, anos 1930. FONTE: fotografia (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 25 – Sanatório Montanha. FONTE: fotografia (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 26 – Sanatório Santa Maria. FONTE: fotografia (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 27 – Sanatório Dr. Monteiro Carvalho. FONTE: Veloso, José Barros, *ob. cit.*, p. 61.



Foto 28 – Sanatório Salazar. FONTE: O Sanatório Salazar foi ontem inaugurado, *art. cit.*, p. 1.



Foto 29 – Sanatório Infantil Dr. Manuel Tapia. FONTE: *idem*, p. 92.



Foto 30 – Pavilhão de Cirurgia. FONTE: fotografia (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 31 – Capela de Nossa Senhora da Esperança. FONTE: bilhete-postal (s. d.), coleção particular. Reprodução da autora.



Foto 32 – Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela, na JTC. FONTE: *Exposição de Arte Sacra, ob. cit.*, p. 64.



Foto 33 – Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela, na JTC. FONTE: *idem*, p. 63.



Foto 34 – Exposição de Arte Sacra do Concelho de Tondela, na JTC. FONTE: *idem*, p. 61.



Foto 35 – Edifício onde o Museu do Caramulo ficou instalado provisoriamente, entre 1953 e 1959. FONTE: fotografia da autora.



Foto 36 – Sala de exposição no edifício provisório do Museu do Caramulo. FONTE: BAFCG, Fundo Estúdio Mário Novais, doc. n.º CFT003.121397. [Em linha]. [Consult. 2 setembro 2019]. Disponível em WWW: <URL: www.bibartepac.gulbenkian.pt/ipac20/ipac.jsp?session=X519139M31990.2107&profile=ba&source=~!fcgbga&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!185648~!39&ri=1&aspect=basic_search&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=caramulo&index=.GW&uindex=&aspect=basic_search&menu=search&ri=1>



Foto 37 – Sala de exposição no edifício provisório do Museu do Caramulo. FONTE: *idem*, doc. n.º CFT003.121764, *ibidem*.



Foto 38 – Sala de exposição no edifício provisório do Museu do Caramulo. FONTE: *idem*, doc. n.º CFT003.121796, *ibidem*.



Foto 39 – «Exposição das obras de arte do Museu do Caramulo» (1956), no SNI, em Lisboa. FONTE: Relação de obras de arte oferecidas em 1955-1956, ob. cit., p. 60.



Foto 40 – Exposição «Portugal no Oriente» (1957), no SNI, em Lisboa. FONTE: Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957, ob. cit., p. 66.

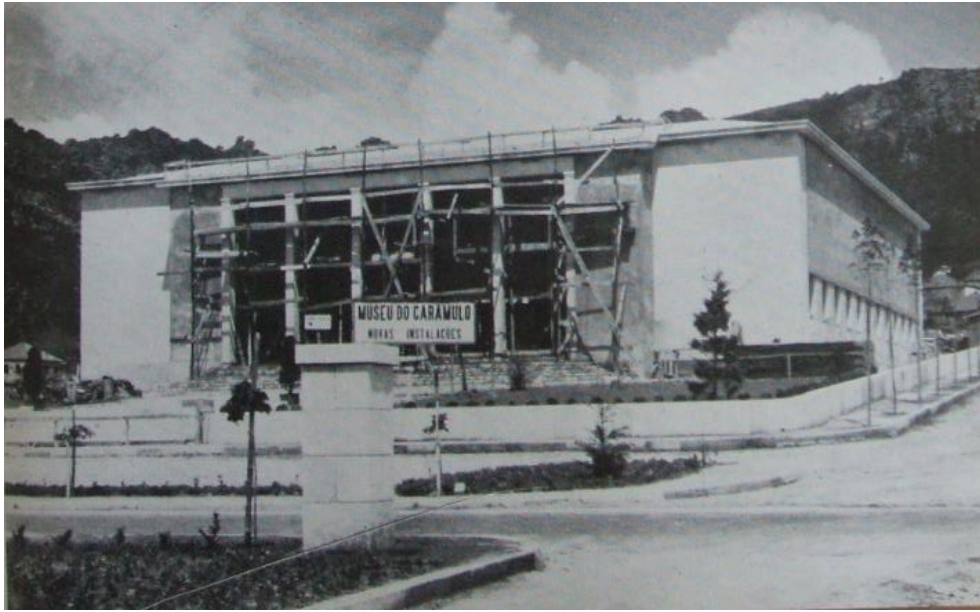


Foto 41 – Construção do edifício-sede do Museu do Caramulo. FONTE: Relação de obras de arte oferecidas em 1956-1957, ob. cit., p. 73.



Foto 42 – Claustro do Convento da Fraga (século XVIII), em Satão, integrado no edifício-sede do Museu do Caramulo. FONTE: Relação do património artístico. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda, 1992, p. 121.



Foto 43 – Hall de entrada do edifício-sede do Museu do Caramulo (1959). FONTE: *Relação de obras de arte*. Caramulo: Fundação Abel de Lacerda – Museu do Caramulo, 1985, p. 118.



Foto 44 – Uma das salas de exposição permanente no edifício-sede do Museu do Caramulo. FONTE: *idem*, p. 120.



Foto 45 – Uma das salas de exposição permanente no edifício-sede do Museu do Caramulo (1959). FONTE: *idem*, p. 121.



Foto 46 – Galerias do edifício-sede do Museu do Caramulo com a exposição de automóveis antigos. FONTE: *Relação do património artístico, ob. cit.*, p. 124.



Foto 47 – Inauguração do edifício-sede do Museu do Caramulo com a presença do Presidente da República, Américo Tomás. FONTE: AFAJL, Recordação da inauguração do Museu do Caramulo por Sua Ex.^a o Presidente da República.



Foto 48 – Abel de Lacerda e Salvador Dalí, com a aguarela doada pelo pintor em segundo plano, selando a doação com um cumprimento. FONTE: fotografia [1955], coleção particular. Reprodução de Pe. António Júlio Trigueiros SJ.



Foto 49 – Abel de Lacerda com Pablo Picasso assinando o quadro que doou ao Museu do Caramulo. FONTE: fotografia [1957], coleção particular. Reprodução de Pe. António Júlio Trigueiros SJ.

